Breve História do Mundo Muçulmano

Volume I

De Rafi Ahmed Fidai

Tradução: Mônica Muniz

BREVE HISTÓRIA DO MUNDO MUÇULMANO

Volume I

Índice

Introdução 8

Capítulo I – O mundo no advento do Islam 11

Arábia 12

Capítulo II – Muhammad – O Último Profeta (s.a.w) 17

A vida em Meca 17

A Revelação 19
A Oposição do Coraix 20
O Boicote a Bani Hashim 24
Uma viagem a Ta'if 25
Yatrib, ou Medina 26
A Hégira 27
A Primeira Oração de Jum'a 30

Capítulo III – Muhammad – O último Profeta (s.a.w.) 32

A vida em Medina 32

A Construção da Mesquita do Profeta 32
Azan ou o Chamamento 33
O Sistema de Fraternidade 34
A primeira Constituição Escrita do Mundo 35

As Batalhas de Badr, Uhud e Ahzab 36

O Tratado de Hudaibiya 39
Conflitos com os Judeus 41

Batalha de Mauta 42
Conquista de Meca 43
Batalha de Hunain 45
Batalha de Tabuk 46
A Última Peregrinação 47
A Morte 49
O Caráter do Profeta (s.a.w.) 50
Família e Filhos 53
As Fontes dos Ensinamentos Islâmicos 56
1) O Alcorão 56
2) A Sunnah 58

Alguns Acontecimentos Importantes na Vida do Profeta 59

Em Meca 59
Em Medina 60

Capítulo IV – Os Ensinamentos Eternos 63

Pilares do Islam 66

1) Testemunho de Fé 66
2) Salat ou Oração 67
3) Saum ou Jejum 68
4) Zakat ou Imposto dos Pobres 68
5) Hajj ou Peregrinação à Caaba 69

O Estado Islâmico Ideal de Medina 70

Capítulo V – Abu Bakr Siddiq, o Primeiro Califa 74

O Primeiro Califa 74
Lealdade a Abu Bakr em Saqeefa Bani Sa'ida 76
'Ali e Outros 79
Desobediência e Caos 80
O Conflito de Mauta 81
Erradicação dos Falsos Profetas 82
Represália contra Tribos Apóstatas e Rebeladas 84
Advertência aos Transgressores do Sistema de Zakat 85
Irã e Síria 86

Situação Política da Pérsia 88
Invasão do Iraque e a Vitória 89
Os árabes e os Romanos 92
Invasão da Síria 93
A Morte do Primeiro Califa 94
Sua Última Vontade 95
Algumas Palavras sobre Abu Bakr Siddiq 95
Conselho Consultivo ou Shura 96
Formação das Províncias 97
Finanças 98
Exército 99
Alcorão sob a Forma de Livro 100
Tratamento dos Não-Muçulmanos 102
A Defesa da Fé 103
Posição Exaltada 103

Capítulo VI – Omar Ibn Al Khattab, o Segundo Califa 107

O Segundo Califa 107
Guerra em Duas Frentes 110
Batalha de Buwaib 111
Missão de Paz 113
Batalha de Qad'sia 115
A Captura de Madain 117
Jalula 119
Halwan 119
Jazira (Mesopotâmia) 120
Batalha de Nahawand 122
Guerra Total contra a Pérsia 125
Makran 127
Fars 128
Conquista do Corassã e o Destino de Yazdgard 128
Conquistas na Síria 130
Jerusalém ou Baitul Maqdis 133
Um Exemplo Raro 134
Ação contra Khalid bin Walid 137
A Praga 140
A Conquista do Egito 141
Trípoli 143
Martírio de Omar 143
A Sucessão 144

A Morte 146
Conquistas e Reformas 147
Shura 149
Divisão do Estado em Províncias 150
Judiciário 152
Exército 153
Polícia 154
Finanças e Receitas 154
Baitul Mal 155
Educação 156
Construção de Mesquitas 158
Serviços de Bem-Estar Público 158
O Cuidado com as Pessoas 159
Igualdade Islâmica 160
Tratamento dos Não-Muçulmanos 161
A Pregação do Islam 162
Iniciativas de Omar 163
Méritos Pessoas e Excelência 164
Caráter e Temperamento 165

Capítulo VII – Osman bin Affan – O Terceiro Califa 170

Conquistas 173
Força Naval 178
Revolta e Caos 179
Abdullah bin Saba 181
Martírio de Osman 189
Esposas e Descendência 192
Caráter e Qualidades 192
Revisão da Administração de Osman 195
Shura 195
As Províncias 195
Impostos e Receitas 196
Exército 197
Harmonia na Recitação do Alcorão 197
Algumas Afirmações Tendenciosas 198

Capítulo VIII – ‘Ali Ibn Abi Talib – O Quarto Califa 203

Introdução 203

O Califado 205
Conquistas 206
As Origens da Guerra Civil 207
Demissão de Amir Muawiya 208
Preparativos para Enfrentar Amir Muawiya 209
Aysha Apóia Movimento pela
Vingança do Sangue de Osman 210
Os Preparativos de ‘Ali 213
Esforços pela Paz 215
O Equívoco 217
A Batalha do Camelo 217
A Separação de Zubair e o Martírio 217
O Martírio de Talha 218
Mudança da Capital 220
A Batalha de Siffin 224
Começo do Banho de Sangue 224
Laitul Hareer 225
O Plano de ‘Amr bin A’as 226
Os Mandatários 228
A Proclamação 231
A Insurreição dos Carijitas 233
Convocação aos Carijitas pela Unidade 234
A Batalha de Nahrwan 236
O Egito é Ocupado por Amir Muawiya 237
Esforços para Ocupar outras Regiões 239
O Acordo 239
O Martírio 239
Uma Revisão do Califado de ‘Ali 242
A Administração do Califado 244
Exército 244
Finanças e Receitas 245
Fiscalização Rigorosa dos Funcionários 246
Assuntos do Mercado 246
Equidade e Igualdade 246
Tratamento das Minorias 247
O Erudito ‘Ali 247
O Homem ‘Ali 249

Capítulo IX – Hasan bin ‘Ali 252

A Agressão de Amir Muawiya 253
Uma Vida Recolhida 256

A Morte 256
Esposas e Filhos 258
Caráter 258

Capítulo X – A Importância do Califado Justo 260

Os Califas Justos 269
Batalhas Importantes 269

INTRODUÇÃO

De um modo geral, as pessoas pensam que o Islam é uma religião que começou com Muhammad (*sal-lal-lahu Allaihe Wasallam*)[1] e que foi transmitida por ele há quatorze séculos atrás. No entanto, nada mais equivocado. Na verdade, o Islam é a religião da humanidade e teve seu início no dia em que o homem chegou para viver neste planeta. O primeiro homem, Adão (*Alai-his-Salam*)[2], foi o primeiro Profeta. Portanto, o Islam começou no dia em que o homem começou a viver neste mundo e foi completado com o Sagrado Alcorão, quando Allah declarou: "Hoje completei vossa Religião para vós."

De acordo com o Sagrado Alcorão, Allah, o Criador de todas as coisas, orientou a humanidade através de mensageiros ou profetas escolhidos por Ele para esse fim. Ainda que não se saiba o número exato deles, é fato que, no período que vai de Adão a Muhammad, Allah enviou Seus profetas a todas as partes do mundo e às diferentes nações. Alguns deles são conhecidos, como, por exemplo, Jonas, Noé, Hud, Jacó, José, Abraão, Isaac, Moisés, Aarão, Ismael, Jesus Cristo, etc. Todos foram profetas verazes de Allah, pregaram a mesma religião e ensinaram aos homens a mesma lição. A essência de seus ensinamentos foi:

"O homem deve se submeter a Allah somente e suplicar a Ele e a ninguém mais, e deve seguir o Caminho de Allah para que não se desvie."

Se algumas diferenças existem entre os ensinamentos dos vários profetas, elas não são fundamentais. Isto se deve em razão das diversas épocas em que surgiram e das diferentes necessidades e exigências

---

[1] Que a paz e as bênçãos de Allah estejam sobre ele. Daqui em diante, será abreviado como s.a.w. (N.T)

[2] Sobre ele a Paz. Daqui em diante, será abreviado como a.s. (N.T)

de cada povo. Portanto, tais diferenças não alteram os ensinamentos básicos. Os grandes profetas ensinaram aos seus respectivos povos segundo as necessidades e exigências de suas épocas e por isso tais diferenças não são importantes. Os ensinamentos dos profetas desde Adão até Jesus Cristo foram partes de uma mesma mensagem e foram reveladas de acordo com as necessidades e exigências imediatas de suas respectivas nações. Mas o que Muhammad (*s.a.w.*) pregou e ensinou foi a religião ou código de vida pronto e acabado para toda a humanidade. E este código de vida perfeito e completo tem o nome de Islam. O Islam não pertence a uma nação, ou a uma determinada região, ou a uma época em particular, e sim ao mundo todo e até ao final dos tempos. Com o advento do Islam, nenhuma outra religião, ou crença, ou modo de vida professados ou praticados no passado, no presente ou no futuro poderão existir.

Nenhum historiador nega o fato de que o Islam trouxe para a humanidade grandes qualidades e virtudes. Antes do Islam, o homem tinha medo de qualquer coisa que lhe parecesse dotada de poder, diferente ou estranha e que escapasse à sua compreensão e por isso se submetia. O Islam dissipou todos esses conceitos e idéias. Ensinou ao homem e o convenceu de que ele é a melhor de todas as criaturas e que não precisa se submeter a quem quer que seja exceto ao seu Criador. Foi este conceito que criou o espírito de autoconfiança e auto-respeito no homem. Ele não teve mais medo da natureza e predispôs-se a conquistar forças que desconhecia. O Islam modificou não só o comportamento religioso e espiritual do homem, mas, também, todo um padrão de vida humana. Introduziu mudanças básicas no pensamento, na filosofia, na cultura e civilização humanas. Mostrou a justiça social e econômica. Não fez diferença entre os homens, fossem brancos ou negros, ricos ou pobres. Declarou que todos os homens são iguais e que a justiça deve ser igual para todos. Não há espaço suficiente neste livro para descrever todas as virtudes que o Islam conferiu à humanidade mas, em

resumo, pode-se afirmar que nenhuma outra religião, fé ou ideologia concedeu aos seres humanos tantas qualidades como o Islam fez.

Não se trata de uma afirmação vazia, pois a História é testemunha disto. A História fala bem do Islam e oferece um quadro vivo de tudo o que representou para o mundo durante seus quatorze séculos de existência. Também mostra como o Islam tratou o mundo e como foi tratado pelo mundo. Assim, aqueles que estão interessados na história humana e querem conhecer os fatos referentes à jornada do homem desde Adão (*as*) até os dias atuais, devem estudar a história islâmica sem espírito preconcebido. Este livro é um esforço nessa direção. Embora resumido, pelo menos descreve os eventos principais da história islâmica, desde o seu advento. Este livro é o primeiro volume do trabalho que se estenderá por quatro volumes. O presente volume começa com o advento do Islam e termina com os califas justos.

CAPÍTULO I

O MUNDO NA ÉPOCA DO ADVENTO DO ISLAM

A história dos muçulmanos, ou *millat* islâmico, começa a partir do dia em que Muhammad (saw) foi abençoado com a revelação da Mensagem de Allah. Mas, para que se tenha uma compreensão de seu significado, é preciso também conhecer as condições do mundo naqueles dias. Era o século VI d.C.

Naqueles dias, o homem já não mais se encontrava em estágio primitivo. Ele tinha aprendido muitas coisas, tais como viver uma vida confortável, cultivar e domesticar animais, sabia construir casas para morar, tecia roupas de diferentes variedades, confeccionava utensílios e ornamentos de metais variados. Aldeias e cidades foram habitadas e grupos sociais foram formados. Ele também tinha conquistado consideráveis faculdades mentais. Mas, apesar de todo esse desenvolvimento e progresso espiritual e religioso, o homem ainda era bastante atrasado. Esquecendo os ensinamentos dos profetas, ele tinha se desviado do caminho reto. As pessoas acreditavam em Deus mas também adoravam ídolos e haviam criado falsos deuses e deusas. Ídolos de pedra e barro eram adorados como se fossem deuses. Esta situação predominava no mundo todo, não só na Arábia.

Os persas eram seguidores de uma antiga religião que ensinara a crença em Um Único Deus, mas eles também adoravam o fogo. Na Índia, as pessoas, apesar de serem mais desenvolvidas e adiantadas em conhecimento, haviam se tornado adoradoras de ídolos. Elas afirmavam ser seguidores de uma religião revelada por Deus e declararam os ‘Vedas’ como o livro revelado. Porém, como para elas tudo era dotado de algum poder e força, possuíam

incontáveis deuses e deusas. Chineses e japoneses eram budistas. O budismo, uma religião que começou na Índia mas que foi exterminada de lá, ganhou terreno em países do Extremo Oriente, inclusive China e Japão. No budismo não havia o conceito de adoração de ídolos, contudo os budistas começaram a adorar Buda, o fundador da religião. Os habitantes da Síria, Egito, Ásia Menor, Europa Ocidental e Oriental eram cristãos mas só no nome. Eles alegavam ser seguidores de Jesus Cristo mas tinham esquecido o conceito da Unicidade de Deus. Eles aceitavam a crença na Trindade que havia sido criada por alguns padres desencaminhadores. Eles resolveram que Jesus Cristo era o "Filho de Deus" e adoravam imagens e ídolos de Cristo e de sua mãe Maria.

Como os cristãos, os judeus também tinham uma religião revelada por Deus. Porém, eles também alteraram a verdadeira fé pregada por Moisés. Afirmavam ser seguidores de Moisés mas, na verdade, tinham perdido qualquer conexão com a religião mosaica. Eles tinham alterado completamente o verdadeiro espírito da religião. Até haviam tentado executar Jesus Cristo. Os judeus não possuíam uma pátria e habitavam as regiões costeiras do mar Mediterrâneo e, como os cristãos, também estavam assentados em algumas regiões da Arábia.

Arábia

Naquela época, a Arábia, onde nasceu o Último Profeta de Allah (saw), encontrava-se em estágio mais atrasado em relação aos países acima citados, no que se refere à cultura e civilização. No entanto, houve um tempo em que os árabes haviam conquistado as terras da Babilônia, Síria e Egito, onde estabeleceram governos poderosos e deixaram sua marca cultural e civilizatória. Hamurabi, o famoso governante da Babilônia e conhecido por seu código de leis, pertencia a esta antiga linhagem árabe. Os árabes da antiguidade também fundaram e

desenvolveram sua cultura e civilização em Hadar Maut, em terras firmes da Arábia, assim como em regiões arábicas da costa oriental do Golfo Pérsico. Porém, tais culturas e civilizações estão relacionadas ao período pré-histórico, e na história arábica são conhecidas como "*Arab-e-Baa-i-da*", ou os árabes que não mais existem. Os "*aads*" e os "*thamuds*" pertenciam a antigas nações árabes, onde profetas como Hud e Saleh nasceram.

Antes do advento do Islam, encontramos uma civilização no Iêmen. Ela surgiu no período da dinastia Saba (de 100 a.C. até 300 a.C). Daí que, em toda a Arábia, um pouco antes do surgimento do Islam, somente o Iêmen era respeitado como uma civilização desenvolvida. Mas as pessoas dessa região também eram idólatras e entre elas havia cristãos e judeus.

Então, ao que parece, com exceção do Iêmen, toda a Arábia era bárbara, mais propriamente selvagem. Os habitantes da região estavam divididos em tribos e cada tribo era livre para fazer o que quisesse. Essas tribos freqüentemente brigavam entre si. Se um homem matasse outro de uma outra tribo, a tribo a que pertencia o morto deveria vingar-se e desta forma iniciava-se uma guerra que poderia durar anos. Nessas guerras, era comum outras tribos tomarem partido de um ou de outro lado, o que provocava a morte de milhares de pessoas.

Eram comuns os assaltos e roubos nas estradas. As pessoas viajavam em caravanas mas, mesmo assim, não estavam a salvo dos ladrões que, muitas vezes, atacavam e pilhavam toda a carga da caravana. Havia tribos que tinham adotado o roubo como sua ocupação e sentiam orgulho disto. A bebida e o jogo não eram tidos como maléficos e não eram proibidos. Tirar a vida de uma pessoa não era considerado um ato grave. Muitas vezes, discussões tolas resultavam em lutas sangrentas e mortes. O nascimento de uma menina era tido como uma coisa vergonhosa e um sinal de desprezo. Assim, havia homens cruéis que não

hesitavam em enterrar vivas suas filhas inocentes logo após o nascimento. E não havia ninguém que conseguisse impedir tal crueldade.

Na Arábia daquela época, a educação era praticamente nenhuma. Em Yatrib, havia alguns judeus e cristãos que sabiam ler e escrever mas em Meca o número de pessoas capazes de ler e escrever não passava de dezessete.

No local que mais tarde passou a se chamar Meca, Abraão e seu filho Ismael (as) construíram uma mesquita ou casa de adoração. Antes de essa casa ser construída, o que existia era um local desabitado. A mesquita construída por Abraão e Ismael (as) foi chamada de Caaba ou *Baitullah*[1]. Ismael (as) estabeleceu-se definitivamente no local e mais tarde as pessoas começaram a chegar e a se estabelecer no lugar em torno da Caaba. E deste modo, a cidade de Meca foi sendo habitada.

Durante a existência de Abraão e Ismael, os habitantes de Meca adoravam somente a Allah, mas depois deles, a idolatria foi sendo introduzida aos poucos e Allah foi sendo esquecido. Nem mesmo a Caaba foi poupada. Conta-se que certo dia, alguém trouxe e instalou um ídolo que passou a ser respeitado e adorado como um deus. Depois, pouco a pouco, as pessoas começaram a trazer e instalar seus ídolos. A Caaba chegou a abrigar 365 ídolos. Cada tribo tinha seu próprio ídolo. Em Meca, no entanto, também havia pessoas que adoravam somente a Allah mas em número que podia ser contado nos dedos da mão.

Porém, não obstante esses vícios e males, os árabes possuíam boas qualidades como, por exemplo, a bravura e a coragem. Amavam a liberdade e não tinham muito luxo, vivendo uma vida bastante simples. Não eram indolentes ou inativos mas sim robustos e trabalhadores. Embora não

---

[1] *Baitullah*: Casa de Allah (N.T)

soubessem ler ou escrever, o árabe, sua língua-mãe, era perfeita. A poesia daquela época, e mesmo hoje em dia, era vista e respeitada como da melhor qualidade. Os árabes eram grandes oradores e muito justamente tinham orgulho de sua oratória. Denominaram os não-árabes de "*Ajami*" ou "mudos". Por esta razão, Allah escolheu esta língua para transmitir Seu livro sagrado, o Alcorão. A posição da península arábica no globo também parecia bastante apropriada para uma Mensagem Internacional como a do Islam.

Portanto, tais eram as condições e a situação do mundo quando o Islam – a Última Mensagem de Allah – foi revelada. Deve-se mencionar aqui que, um pouco antes do advento do Islam, em muitas partes do mundo havia pessoas que estavam esperando o Último Profeta com a Última Mensagem do Criador. Havia profecias e previsões nos livros dos judeus e dos cristãos assim como nos dos persas e hindus. Esta é a prova de que todas as verdadeiras religiões tiveram a mesma fonte.

GENEALOGIA DO PROFETA MUHAMMAD (saw)

Abraão
Ismael
Adnam (após 40 gerações de Ismael)
Ma'ad
Nazar
Muzir
Ilyas
Mudreka
Khuzaima
Kenana
Nazar
Malik (Coraix)
Fahr
Ghalib
Luway
Ka'b
Marah
Kalab
Qusaai
Abd-e-Munaf
Hashim
Abdul Muttalib

Abbas Abdullah
Abu Talib

Muhammad (saw)

Umm Kulthum Ruqaiya Zainab Fátima
Ibrahim Qasim

(r.a.a.)

CAPÍTULO II

MUHAMMAD – O ÚLTIMO PROFETA (s.a.w.)

A VIDA EM MECA

Muhammad (s.a.w.), o Último Profeta de Allah, nasceu em Meca, cerca de 2500 anos depois de Ismael (a.s.), e 570 anos depois de Jesus Cristo. Existe uma pequena divergência quanto à data de seu nascimento, mas, de um modo geral, se aceita que ele tenha nascido no dia 12 do mês de Rabiul Awwal, 52 anos antes da Hégira (que corresponde a 23 de abril de 571 d.C). Outros, no entanto, consideram que ele tenha nascido no nono dia do mês de Rabiul Awwal (52 a.H), correspondendo ao dia 20 de abril de 571 d.C. Contudo, há um consenso de que foi numa segunda-feira e de manhã cedo. Como se pode observar na árvore genealógica do Profeta, na página anterior, ele era descendente direto de Ismael, filho de Abraão (a.s.). e pertencia à conhecida tribo árabe do Coraix.

Muhammad (s.a.w.) conviveu com a morte desde cedo. Quando nasceu, seu pai Abdullah havia morrido alguns meses antes e quando estava com seis anos, sua mãe, Amina, também morreu. Seu avô, Abdul Muttalib, cuidou de Muhammad (s.a.w.), mas também ele morreu dois anos depois, quando o menino estava com oito anos. Finalmente, seu tio, Abu Talib, o tomou sob sua guarda e cuidou dele. Como vimos anteriormente, naquela época a educação não era um hábito na Arábia e por isso Muhammad (s.a.w.) não recebeu qualquer instrução, não sabendo ler e nem escrever.

É interessante notar que apesar de Muhammad (s.a.w.) ter nascido e se criado em uma sociedade ignorante e idólatra, desprovida de virtudes, ele se manteve afastado

de todo tipo de mal desde a sua infância. Ele jamais adorou qualquer ídolo ou imagem criada pelo homem e nem comeu qualquer coisa que tivesse sido oferecida a qualquer ídolo como forma de respeito ou sacrifício. Ele sempre evitou a bebida e o jogo e jamais mentiu, falando sempre a verdade. Era honesto e justo com todos e as pessoas confiavam a ele seu dinheiro e bens sem a necessidade de comprovante ou testemunhas, porque sabiam que teriam seus bens de volta assim que pedissem. Por causa de sua integridade, honestidade e franqueza, ele era conhecido como "*Sadiq*" (veraz) e "*Amin*" (honesto). Em uma atmosfera e sociedade em que a idolatria, a desonestidade e a iniqüidade imperavam, aparentemente a superioridade de seu caráter demonstra que ele foi o Profeta enviado por Allah para mostrar a Senda Reta para a humanidade.

Naquele tempo, a profissão mais comum no Coraix era o comércio ou atividades afins. Assim, quando Muhammad atingiu a maioridade, ele passou a acompanhar seu tio, Abu Talib, nas viagens de negócios, e por isso teve a oportunidade de visitar a Síria e o Iêmen.

Havia em Meca uma senhora rica de nome Khadija. Ela era viúva e sempre contratava pessoas para que levassem suas mercadorias a outros países. Quando Khadija tomou conhecimento da integridade e honestidade de Muhammad (s.a.w.), mandou chamá-lo e o contratou para realizar transações comerciais em seu nome. Ele aceitou e, pegando uma certa quantidade das mercadorias dela, partiu para Síria onde realizou excelentes negócios, retornando com grande sucesso. Khadija se surpreendeu ao constatar sua honestidade e retidão de caráter. Ela ficou tão impressionada com a nobreza de seu espírito e conduta que enviou a ele uma proposta de casamento. Khadija era uma senhora virtuosa e nobre e as pessoas a chamavam de "*Tahirah*" (casta) por causa da pureza de pensamentos e ações. Naquela época, ela estava com 40 anos e Muhammad tinha apenas 25. No entanto, ele, seguindo o conselho de seu tio, aceitou o pedido de casamento.

A Revelação

Como dissemos antes, as condições que predominavam na sociedade árabe daquele tempo não tinham afetado Muhammad (s.a.w.), que se mantinha afastado dos vícios da sociedade e tentava sempre praticar o bem. Ele sentia uma profunda repugnância pela luta, assassinato, roubo, jogo, bebida e atos impuros. Não só não suportava aquilo tudo se mantendo afastado, como também ficava imaginando como aquelas pessoas poderiam se libertar daqueles males.

Nos arredores de Meca existe uma caverna chamada Hira, situada em uma montanha. Trata-se de um local solitário, repleto de paz e, após seu casamento com Khadija, Muhammad (s.a.w.) costumava ir a esse lugar e ali permanecia por longos dias, absorto em meditação e em contemplação da Divindade. E assim permaneceu até que, finalmente, certo dia Allah, o Misericordioso, enviou o Arcanjo Gabriel a Muhammad (s.a.w.) com Sua Mensagem Divina. Este foi o começo da Revelação, ou "*Nabuwat*". Gabriel é o mesmo anjo que costumava trazer as mensagens de Allah a outros profetas antes de Muhammad (s.a.w.) e agora ele tinha vindo com a Mensagem de Allah ao Seu Último Profeta. Era a Mensagem do Islam, cuja essência é acreditar em Allah somente e obedecer a Seus mandamentos. Agora Muhammad (s.a.w.) também estava definido pelo Criador como Seu Mensageiro e Profeta. E ele foi o último, e depois dele nenhum outro Mensageiro ou Profeta virá. Da mesma forma, o Alcorão é a palavra final de Allah.

Muhammad (s.a.w.) recebeu a incumbência de transmitir a última Mensagem de Allah a Seus servos, que foi imediatamente iniciada pelo Profeta (s.a.w.), sem qualquer hesitação. No começo, ele transmitiu a mensagem aos membros de sua família e aos amigos mais próximos. Ele lhes disse que abandonassem a adoração de ídolos e

que adorassem somente a Allah, o Único, o Criador de todos. Sua esposa Khadija (r.a.a.)[1], seu primo ‘Ali (r.a.a.), um menino de apenas 10 anos, seu amigo Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) e seu escravo Zaid (r.a.a.) aceitaram o Islam de imediato. Eles sabiam que Muhammad era uma pessoa confiável e jamais contaria uma mentira ou afirmaria qualquer coisa que não fosse verdade. Todos o conheciam por dentro e por fora e por isso não tinham o menor resquício de dúvida a respeito de Muhammad e passaram a acreditar piamente no que ele dizia. E, ao acreditarem em Muhammad (s.a.w.) como Profeta, eles também provaram suas elevadas qualidades.

E assim, com calma, o Profeta (s.a.w.) continuou a transmitir a Mensagem de Allah a Seus servos por cerca de três anos e, nesse início, perto de quarenta pessoas se converteram ao Islam, dentre elas Osman bin Affan (r.a.a.), Zaid (r.a.a.), Abdur Rahman bin Auf (r.a.a.), Sa’d bin Waqas (r.a.a.), Talha (r.a.a.), Ammar bin Yasir (r.a.a.), Abdullah bin Mas’ud (r.a.a.), Abu Obaidah (r.a.a.). Mais tarde, esses companheiros do Profeta (s.a.w.) prestaram grandes serviços ao Islam.

A oposição do Coraix

Após transmitir a mensagem em círculos fechados por cerca de três anos, o Profeta (*s.a.w.*), seguindo a ordem de Allah, começou a pregar abertamente. Certo dia, ele convidou as pessoas de Meca, inclusive os chefes tribais, para se reunirem perto do monte Safa e, subindo ao topo do monte, perguntou aos ouvintes: “Ó gentes! Vocês acham que sou mentiroso ou uma pessoa confiável?” Em resposta, todos os presentes responderam a uma só voz: “Você é uma pessoa confiável e nunca ouvimos de sua boca nada que não fosse a verdade.” Então, o Profeta (*s.a.w.*) disse: “Se é assim, então ouçam o que tenho a dizer, tenham fé em Allah

[1] Que Allah esteja satisfeito com ele/ela. (N.T)

e abandonem a adoração de ídolos.” Mas esta mensagem do Profeta (s.a.w.) não foi apreciada pelos idólatras que se recusaram a aceitar a mensagem do Islam. Na língua árabe, esta recusa é denominada de “*Kufr*” (desobediência) e aqueles que se recusam são chamados de “*kafirs*” (descrentes). Portanto, a partir daquele dia, Meca se dividiu em dois grupos:

1) *Muslim*, ou muçulmanos, aqueles que acreditaram em Muhammad; e
2) *Kafirs,* ou descrentes, aqueles que não acreditaram na mensagem

Os descrentes começaram a se opor ao Islam com unhas e dentes mas não conseguiam impedir sua expansão. O Islam começou a se disseminar entre as pessoas e o número de seguidores foi aumentando de forma constante. Vendo isto, os descrentes do Coraix ficaram preocupados e começaram a oprimir e perseguir o Profeta (s.a.w.) e os muçulmanos.

Entre aqueles que tinham aceitado o Islam, muitos eram pessoas humildes, inclusive escravos e escravas, e por isso mesmo alvo predileto da opressão. Como os servos não encontravam amparo nas mãos de seus senhores tiranos, eles enfrentavam perseguições insuportáveis. Mas a história é testemunha de que opressão ou tirania alguma foram capazes de fazê-los desviar do Islam. Bilal (r.a.a.) e Ammar bin Yasir são conhecidos como aqueles companheiros pobres que, sendo escravos, tiveram que suportar tratamento desumano por parte de seus donos opressores, mas que jamais pensaram em abandonar o Islam.

Quando a opressão do Coraix contra os muçulmanos atingiu níveis intoleráveis, o Profeta (s.a.w.) permitiu que eles partissem de Meca e que fossem para Habsha, um país ultramarino, atual Etiópia.

Não obstante essa atmosfera de tirania e perseguição, o Islam continuava a se espalhar cada vez mais. A perseguição praticada pelos descrentes não intimidava ou desencorajava o Profeta (s.a.w.) e seus seguidores. Eles continuaram a pregar a verdadeira fé nas cercanias de Meca.

Foi nessa época que dois grandes e valentes homens da elite de Meca, Hamza (r.a.a.) e Omar (r.a.a.), aceitaram o Islam. Hamza (r.a.a.) era um tio do Profeta (s.a.w.) e durante muito tempo não tinha respondido ao chamado do Profeta (s.a.w.). Certo dia, no entanto, ao retornar de uma caçada, ele soube que Abu Jahl, um dos chefes de Coraix, estava incomodando e atormentando o Profeta durante sua prece na Caaba. Hamza ficou enfurecido e, em vez de ir para casa, foi para a Caaba ainda a tempo de ver Abu Jahl humilhando o Profeta (s.a.w.) Hamza, que já estava enfurecido, ficou mais irado ainda e atacou Abu Jahl com seu arco. Se não fosse a interferência de algumas pessoas, talvez Abu Jahl tivesse morrido naquele dia pelas mãos de Hamza (r.a.a.). Porém, Abu Jahl conseguiu fugir e Muhammad (s.a.w.) convidou Hamza a aceitar o Islam e ali mesmo ele se converteu e proferiu o *Kalimah*. Esta conversão ao Islam trouxe para os muçulmanos mais coragem e força, pois Hamza era um valente cavaleiro, temido e respeitado por todos em Meca e, por isso, ninguém ousava persegui-lo por ter aceitado a nova fé.

Omar bin Khattab (r.a.a.) era um outro bravo e nobre homem, pertencente à elite de Meca, que aceitou o Islam naqueles dias de perseguição e opressão. Sua conversão é um acontecimento singular na história do Islam. Conta-se que, certo dia, ele ficou tão furioso com o Profeta que partiu em seu encalço, portando sua espada na mão, obviamente com a intenção de martirizá-lo. Todo mundo sabia que uma vez desembainhada a espada de Omar ela só seria embainhada após tirar uma vida. Enquanto procurava o Profeta (s.a.w.), alguém, ao vê-lo naquele estado, perguntou o que ele estava pretendendo. Quando Omar contou quem

ele estava procurando, o homem informou-o de que sua irmã, Fátima, e seu cunhado, Said bin Zaid, também tinham aceitado o Islam. Mais enfurecido ainda, ele disse, “Ó, então, primeiro tenho que matá-los.” Assim, ele deu meia volta e se dirigiu para a casa da irmã com a intenção de acabar com eles. Quando lá chegou, encontrou Fátima (r.a.a.) recitando a Surata Taha, do Alcorão e, de algum modo, Omar ouviu o que a irmã estava lendo e quis ouvir mais. Quanto mais a irmã recitava mais impressionado ele ficava, a ponto de querer ir ao Profeta (s.a.w.) para declarar sua aceitação do Islam. E assim ele fez. E o homem que procurava pelo Profeta (s.a.w.) para matá-lo, transformou-se em baluarte do Islam.

Omar Faruq bin al-Khattab (r.a.a.) está entre os dez Companheiros do Profeta (s.a.w.) que receberam a informação, quando ainda vivos, de que iriam para o Paraíso depois que partissem desse mundo. Eles são chamados de “*Ashra-Mubash-shira*”, ou os “Dez que receberam a boa nova”. Esses dez companheiros são:

1) Abu Bakr Siddiq,
2) Omar Faruq,
3) Osman Ghani,
4) ‘Ali,
5) Abu Obaidah,
6) Zubair,
7) Talha,
8) Sa’d bin Abi Waqqas,
9) Abdur Rahman bin Auf e
10) Said bin Zaid (r.a.a.).

O Coraix percebia que o Islam, apesar de seus esforços, ia ganhando terreno a cada dia e agora queria tentar novos métodos. Um dia, eles enviaram uma delegação a Abu Talib, pedindo que ele proibisse Muhammad (s.a.w.) de pregar o Islam. Abu Talib chamou Muhammad (s.a.w.) e lhe contou sobre os objetivos da delegação. Ao ouvi-lo, o Profeta (s.a.w.) declarou em alto e

bom som: “Ó, meu tio, diga-lhes que se eles colocassem o sol em uma das minhas mãos e a lua na outra, ainda assim eu não deixaria de pregar a Verdadeira Fé. Eu preciso continuar com a minha obrigação enquanto não for bem sucedido. Pouco importa que eu perca minha vida pela causa de Allah.”

Ao ver a determinação do Profeta (s.a.w.), Abu Talib o estimulou dizendo “Tudo bem, prossiga, então, com sua missão.”

Certa vez, os coraixitas tentaram atrair e seduzir o Profeta (s.a.w.) e lhe propuseram: “Se você parar de se opor ao politeísmo e à idolatria, então nós o aceitaremos como Chefe de Meca. Se você quiser se casar com qualquer mulher bela e rica, nós lhe arranjaremos. Além disso, se você quiser ouro, prata e fortuna, nós providenciaremos. Mas para isto basta que você, por favor, deixe de se opor aos nossos deuses.”. Desnecessário dizer que o Profeta (s.a.w.) rejeitou inteiramente a oferta deles.

O Boicote a Bani Hashim

Essas ofertas eram desprovidas de qualquer valor para o Profeta (s.a.w.), pois sua missão era muito mais nobre e suprema. Porém, sua recusa fez com que os coraixitas ficassem frustrados e furiosos e fossem se tornando cada vez mais cruéis e tirânicos. Até aquele momento, os alvos eram os muçulmanos comuns mas, agora, eles não poupavam nem mesmo o Profeta (s.a.w.), pelo contrário, transformaram-no em seu objetivo principal. Exigiram que Abu Talib entregasse Muhammad (s.a.w.) para que eles pudessem matá-lo e, em troca, ele poderia escolher um jovem da tribo deles. Embora Abu Talib não tivesse aceitado o Islam, ele respondeu corajosamente: “Que engraçado! Então, eu devo entregar meu filho para que vocês o matem e eu devo pegar um filho de vocês para cuidar. Não posso me render a tão absurda exigência.”

Os coraixitas também advertiram Abu Talib de que, se ele não concordasse com a demanda, passariam a boicotar Bani Hashim. Como Abu Talib não se submetesse, os coraixitas boicotaram a dinastia hashemita. Eles pararam de fornecer alimentos e de suprir as necessidades básicas da vida. Muhammad (s.a.w.), juntamente com Abu Talib e seus parentes e companheiros, buscaram abrigo nas montanhas, em um lugar que mais tarde ficou conhecido como "*She'be-e-Abi-Talib*". Ali, eles passavam os dias sem comida. Às vezes, alimentavam-se com as folhas das árvores ou permaneciam em jejum. Esta situação lamentável continuou por cerca de três anos. Finalmente, graças a algumas pessoas piedosas de Meca, este tratamento desumano chegou ao fim e o Profeta (s.a.w.) e os membros de sua família puderam retornar para casa.

Porém, os bandidos ainda infligiram algumas dificuldades ao Profeta (s.a.w.) e aos seus companheiros. Zombavam do Profeta (s.a.w.) quando o viam nas vielas e ruas de Meca, tentavam desacreditá-lo, chamando-o de "insano" e "mago" e não permitiam que ele falasse diante das pessoas que vinham de fora e nem que suas palavras fossem ouvidas. Eles também costumavam atirar espinhos por onde ele passava e na porta de sua casa.

Uma Viagem a Ta'if

Um dia, o Profeta (s.a.w.), desapontado com o tratamento recebido em Meca, partiu para Ta'if, uma cidade distante cerca de 20 quilômetros. Lá, ele fez um discurso e quis mostrar às pessoas a Senda Reta. Mas, os habitantes de Ta'if mostraram-se mais cruéis do que o povo de Meca. Não só zombaram do Profeta (s.a.w.) e o caluniaram como também induziram os garotos das ruas a atirarem pedras nele. Duramente apedrejado e coberto de sangue, ele não teve outra alternativa senão retornar a Meca.

Depois do retorno do Profeta (s.a.w.) a Meca, o tio, Abu Talib, e a esposa, Khadija (r.a.a.), vieram a falecer um depois do outro. Depois da morte deles, o Profeta (s.a.w.) viu-se desprotegido, pois eles eram seus principais defensores. O Profeta (s.a.w.) sentiu-se bastante angustiado naquele ano, daí o período ficar conhecido na história islâmica como o “ano da angústia”. Contudo, após o “ano da angústia”, o Islam encontrou um novo caminho para florescer e prosperar. Allah tinha decidido acabar com o sofrimento e a perseguição do Profeta (s.a.w.) e dos muçulmanos.

Yatrib, ou Medina

A cerca de 150 quilômetros ao norte de Meca, havia uma cidade que era conhecida pelo nome de Yatrib. Embora os habitantes desta cidade também fossem idólatras, eles não eram tão cruéis com os de Meca. Antes pelo contrário, eram mais brandos e conciliadores. Além deles, havia também alguns judeus estabelecidos em Yatrib que, embora fossem extraviados, acreditavam em Allah e Seus Profetas. Naquela época, eles estavam esperando pelo Último Profeta que, segundo seus livros religiosos, estaria prestes a chegar. Sempre comentavam com os árabes que o novo profeta surgiria em breve e que mudaria sua condição. Assim, o povo de Yatrib também sabia que um novo Profeta de Allah estava para surgir. Por isso, quando começaram a aparecer os primeiros comentários de que tinha surgido alguém em Meca afirmando ser o Profeta de Allah, os habitantes de Yatrib resolveram enviar uma delegação àquela cidade para obter mais informações. Os membros da delegação se encontraram com o Profeta (s.a.w.) e indagaram a respeito da mensagem que ele estava transmitindo às pessoas. Depois de falarem com o Profeta (s.a.w.), ficaram convencidos de que Muhammad (s.a.w.) era realmente o mesmo Profeta de Allah que os judeus estavam esperando. Achando que os judeus não iriam acreditar no novo Profeta e em sua religião, eles aceitaram imediatamente o Islam.

Também prestaram o juramento de lealdade ao Profeta (s.a.w.). Esse primeiro juramento ficou conhecido como o "Primeiro Juramento de Aqaba". (Aqaba é o nome da cidade em que ocorreu o juramento).

Depois, nos dois anos que se seguiram, mais pessoas de Yatrib vieram ao encontro do Profeta (s.a.w.) e aceitaram o Islam. O Profeta foi com eles a Aqaba e um outro juramento foi prestado e que passou para a história como o "Segundo Juramento de Aqaba". Neste juramento, os representantes de Yatrib prometeram ao Profeta (s.a.w.) que: rejeitariam a crença na pluralidade de Deus; não praticariam o roubo e a pilhagem; seriam castos e não matariam suas crianças; não cometeriam o adultério; e não desobedeceriam ao Profeta (s.a.w.) qualquer que fosse a situação. Também prometeram ficar ao lado dele, fosse na guerra ou na paz.

A partir daí, o Islam começou a se expandir rapidamente em Yatrib e as pessoas conquistaram as bênçãos que Meca e Ta'if haviam rejeitado. Agora, os muçulmanos de Meca tinham um lugar onde poderiam estar a salvo das mãos dos descrentes de Meca e, livremente, praticar suas obrigações para com Allah. O Profeta (s.a.w.) permitiu que os muçulmanos saíssem de Meca e buscassem refúgio em Yatrib. E, assim, eles começaram a partir, restando apenas o Profeta (s.a.w.) e uns poucos muçulmanos, inclusive Abu Bakr e 'Ali, que tinham ficado em Meca.

A Hégira (A Migração)

Os muçulmanos de Yatrib queriam que o Profeta (s.a.w.) também migrasse, porém ele ainda aguardava instruções de Allah a esse respeito. Enquanto não recebesse a ordem para tal, ele permaneceria em Meca. Finalmente, um dia, ele recebeu instruções de Allah para que partisse. Quando os descrentes souberam que Muhammad (s.a.w.) tinha recebido a permissão de Allah

para deixar Meca e seguir para Yatrib, trataram de elaborar um plano para matar o Profeta (s.a.w.). Para a execução do plano, foi escolhido um homem de cada tribo para que, se os membros de Banu Hashim quisessem se vingar da morte do Profeta, não tivessem condições para tal, pois não seria possível declarar guerra a todas as tribos ao mesmo tempo. Segundo o plano, em uma determinada noite, os homens escolhidos chegariam juntos à casa do Profeta e, na calada da noite, entrariam e o matariam subitamente.

Como dissemos anteriormente, as pessoas confiavam seus valores ao Profeta (s.a.w.). Isto continuou acontecendo mesmo depois de Muhammad (s.a.w.) se declarar o Profeta de Allah. Até aqueles cidadãos de Meca que não tinham fé no Islam, respeitavam Muhammad (s.a.w.) por sua lealdade e continuaram confiando seus valores a ele. Assim, por ocasião da Hégira, várias pessoas tinham seus bens confiados a ele e era necessário que fossem devolvidos aos seus legítimos donos. Mas eram dias difíceis e Muhammad (s.a.w.) confiou todos os bens que estavam em seu poder ao primo de 22 anos, ‘Ali (r.a.a.), com a instrução de que após sua partida ele (Ali) devolvesse os depósitos aos respectivos proprietários, e só então partiu de Meca para Yatrib. De acordo com as instruções do Profeta, ‘Ali (r.a.a.) ficou em casa e dormiu na cama dele. Enquanto isso, os descrentes, que tinham chegado para assassinar o Profeta (s.a.w.) e estavam esperando na porta da casa dele, começaram a sentir sono e tiraram um cochilo. O Profeta, aproveitando-se disso, saiu de casa e os descrentes não perceberam sua partida.

Muhammad (s.a.w.) saiu de sua casa e seguiu direto para a casa de seu amigo, Abu Bakr Siddiq (r.a.a.), que já estava pronto para partir. E, assim, ele iniciou a viagem para Yatrib, acompanhado por Abu Bakr (r.a.a.).

Quando os descrentes acordaram e entraram na casa do Profeta, ficaram espantados ao ver ‘Ali (r.a.a.) no lugar de Muhammad (s.a.w.). O plano tinha falhado e eles ficaram

muito decepcionados com o fato. Mas, ainda não estavam desapontados o suficiente. Agora, eles queriam ir atrás do Profeta (s.a.w.), prendê-lo e a seu companheiro, Abu Bakr (r.a.a.), e trazê-los de volta para Meca. Também prometeram uma grande recompensa (cem camelos) para aquele que conseguisse prender Muhammad (s.a.w.) e Abu Bakr (r.a.a.) e entregá-los em Meca. Também este plano não obteve sucesso. Ninguém conseguia encontrar os dois e trazê-los de volta. A cerca de pouco mais de um quilômetro de distância de Meca, havia uma caverna – a caverna de Saur – onde o Profeta (s.a.w.) e seu companheiro ficaram a salvo dos inimigos. Permaneceram naquele lugar por três dias, após os quais, retomaram a viagem para Yatrib.

As pessoas de Yatrib já tinham recebido a notícia da partida do Profeta e aguardavam impacientemente por sua chegada.

O Profeta (s.a.w.) parou em Quba, situada a poucos quilômetros, nas cercanias de Yatrib. Permaneceu em Quba por duas semanas e durante esses quatorze dias a cidade demonstrou sua notável hospitalidade. Era uma sexta-feira quando o Profeta (s.a.w.) seguiu para o interior de Yatrib. Em Quba, o Profeta (s.a.w.) ficou hospedado na tribo de ‘Amr-bin-Auf, e, quando partiu, os chefes da tribo lhe perguntaram por que estava indo embora, se eles não tinham sido bons anfitriões, se tinham falhado em alguma coisa. O Profeta (s.a.w.), consolando-os, respondeu que estava indo para onde Allah tinha ordenado.

O Profeta (s.a.w.), montando sua camela Quswa, seguiu para Yatrib na companhia de seus fiéis companheiros. O povo de Yatrib já tinha chegado a Quba em grande número para recepcionar o Profeta (s.a.w.). A alegria e felicidade deles não tinham limites quando o Profeta (s.a.w.) entrou na cidade.

A Primeira Oração de Jum'a

Quando o Profeta (s.a.w.) alcançou a localidade de Banu Salem, já se aproximava a hora da prece da tarde. Ele apeou de sua camela Quswa e proferiu um sermão. Depois do sermão, ele e todos os companheiros fizeram a oração de Jum'a. Foram o primeiro sermão e a primeira oração de Jum'a (oração da sexta-feira).

Terminada a oração, o Profeta (s.a.w.) entrou na cidade pelo lado sul. Agora, a questão que se apresentava era quem teria a felicidade de hospedar o Profeta (s.a.w.). Cada tribo reivindicava o privilégio de hospedar o Mensageiro de Allah. A tribo de Banu Najjar tinha esperança de ser a escolhida pois tinha um parentesco com o Profeta (s.a.w.) pelo lado da mãe Amina. Até as meninas desta tribo estavam cantando alegremente para recepcionar o Profeta (s.a.w.)

Por outro lado, as outras tribos, uma após a outra, também começaram a suplicar que o Profeta (s.a.w.) aceitasse ser seu hóspede. Em resposta, o Profeta declarou "Deixemos que a camela (Quswa) siga em frente e pare onde quiser. Também ela é orientada por Allah."

E todos começaram a observar avidamente a camela, que parou e se sentou num lugar onde atualmente existe o portão principal da "Masjid-e-Nabi" (A Mesquita do Profeta). Porém, alguns minutos depois, Quswa se levantou de novo e começou a seguir em frente. No entanto, ela não foi muito longe e logo voltou para o lugar onde tinha parado pela primeira vez. Como o lugar estava na frente da casa de Abu Ayub Ansari (da tribo de Banu Najjar), foi ele quem teve a oportunidade de ser o anfitrião do Mensageiro de Allah.

Corria o mês de Rabiul Awwal (13 anos depois da *Nabuwah*) quando o Profeta (s.a.w.) migrou de Meca para Yatrib. E foi naquele dia que a cidade de Yatrib recebeu o nome de "*Madinatun-Nabi*", ou a cidade do Profeta (s.a.w.),

abreviada para Medina. A partir da Hégira do Profeta, teve início a contagem do calendário do Islam.

CAPÍTULO III

MUHAMMAD, O ÚLTIMO PROFETA (s.a.w.)

A VIDA EM MEDINA

Em Medina, os muçulmanos encontraram refúgio. Já não estavam mais desamparados e angustiados como quando viviam em Meca. Agora, eles podiam adorar livremente Allah e transformar suas vidas, segundo os mandamentos do Islam. Além deles, os muçulmanos que tinham migrado para a Etiópia também vieram para Medina e puderam viver uma vida cheia de paz. Daí é que surgiram os termos "*Muhajir*" ou "*Muhajirin*", no plural, aqueles que migraram, e "*Ansari*" ou "*Ansar*", no plural, os muçulmanos que viviam em Medina.

A Construção da Mesquita do Profeta

O Profeta (s.a.w.) ficou hospedado por cerca de seis ou sete meses na casa de Abu Ayub Ansari. Então, ele quis construir uma mesquita em Medina e escolheu o pedaço de terra onde sua camela Quswa tinha parado e se sentado no primeiro dia de sua chegada a Medina. O terreno pertencia a dois irmãos órfãos, Suhail e Sahl (r.a.a.), de Banu Najjar. O Profeta (s.a.w.) mandou buscar os *ansar* e sugeriu que ele queria construir uma mesquita naquele lugar. Eles concordaram com a sugestão do Profeta e disseram que pagariam o preço do terreno aos irmãos órfãos e ofereceram o local a ele, em nome de Allah. O Profeta (s.a.w.) louvou a intenção dos *ansar,* mas insistiu que ele mesmo pagaria aos órfãos. Com esse objetivo, ele mandou chamar os irmãos Suhail e Sahl que também disseram que queriam oferecer sua terra para a causa de Allah, sem aceitar nada em troca. A mãe dos meninos também apoiou a idéia deles. Mas o Profeta (s.a.w.) não aceitou e o preço foi pago sob a forma de ouro. Foi iniciada a construção da mesquita, que recebeu o nome de "*Masjid-e-Nabavi*", ou "Mesquita do Profeta". Ela

ainda está lá e é reconhecida como um dos maiores lugares de adoração do mundo. No começo, não era tão grande e esplêndida como hoje. Naquela época era bastante comum, feita de madeira e palha e o chão de terra batida. Próximos a ela, foram construídos dois quartos, para onde o Profeta (s.a.w.) se mudou, saindo, assim, da casa de Abu Ayub.

A mesquita não era só um local de orações mas, também, um centro de vida social. Ali os muçulmanos divulgavam as instruções islâmicas e aprendiam a forma de vida islâmica. As discussões e disputas entre as pessoas e as questões relativas aos muçulmanos também eram resolvidas ali pelo Profeta (s.a.w.).

Azan ou o Chamamento

O *Azan*, ou o chamamento, ainda não tinha sido introduzido nos primeiros estágios do Islam. Em Meca, os muçulmanos eram uma minoria e eram chamados para orar nas vizinhanças através da voz de alguém. Mas em Medina, quando a Mesquita do Profeta foi construída e a Caaba foi determinada como a direção das preces e um número cada vez maior de pessoas se juntava ao Islam, foi preciso criar um dispositivo pelo qual os muçulmanos que morassem longe pudessem ser chamados para as orações. Alguns sugeriram o toque de uma trombeta, outros recomendaram o toque de um clarim e outros ainda que as pessoas deveriam ser alertadas pelo fogo aceso no topo de um monte. Porém, nenhuma dessas sugestões foi aprovada. Então, certa noite, um companheiro medinita, Abdullah bin Zaid Khazraji, teve um sonho no qual uma pessoa vestida com uma roupa verde lhe ensinava as palavras que agora são usadas no *Azan*. Primeiro ele pronunciou as palavras do *Azan* em voz alta e, em seguida, o "*Iqama*", ou as palavras que são proferidas quando a congregação está em pé. Tanto o "*Azan*" como o "*Iqama*" contêm as mesmas palavras, com exceção da adição de "*qad qamatis-salat*" (a oração vai começar) do "*Iqama*".

Ao acordar, Abdullah bin Zaid (r.a.a.) imediatamente se apresentou ao Profeta (s.a.w.) e contou o seu sonho. Depois veio Omar Faruq (r.a.a.) e contou um sonho semelhante ao de Abdullah bin Zaid (r.a.a.). O Profeta (s.a.w.), então, aceitou o *Azan* e o *Iqama* e indicou Bilal (r.a.a.) como o Primeiro *Muazzin* (aquele que faz o *Azan*) do Islam. Foi assim que o *Azan*, tal como é conhecido hoje, foi introduzido.

Assim como em Meca, também em Medina Bilal (r.a.a.) não suportava ficar separado do Profeta (s.a.w.). Ele estava sempre à disposição do Profeta (s.a.w.) e é por este motivo que a honra de ser o primeiro *Muazzin* da mesquita do Profeta (s.a.w.) foi conferida a ele.

O Sistema de Fraternidade

No sexto mês da Hégira, o Profeta (s.a.w.) criou uma relação de fraternidade entre *muhajirin* e *ansar*. Conforme explicado acima, aqueles que tinham vindo de Meca eram chamados de "*muhajir",* que significa "aquele que deixou sua terra natal e foi para algum lugar por uma causa nobre". Como os muçulmanos de Meca tinham vindo para Medina somente pela causa do Islam e tinham sido privados de seus lares, mereciam e necessitavam de socorro para se recomporem. Por outro lado, os muçulmanos de Medina, que eram pessoas abastadas, estavam prontos a socorrer seus irmãos *muhajir* de todos os modos e, por isso, foram chamados de "*ansar*", ou "aqueles que socorrem".

Sob tais circunstâncias, o Profeta (s.a.w.) estabeleceu o "*Mawakhat*", ou sistema de fraternidade entre *muhajirin* e *ansar.* Por este sistema, um *muhajir* transformava-se em irmão de um *ansari*. Foi um sistema único sem precedente em qualquer lugar do mundo. Sob tal sistema, dois homens sem qualquer relação ou ligação no passado, depois disto tornavam-se mais do que irmãos verdadeiros. Cada *ansar*

que tivesse um irmão *muhajir*, dividia igualmente sua propriedade e pertences com ele. Alguns *ansar* que tinham mais de uma esposa, chegaram a ponto de querer o divórcio para que seus irmãos *muhajirin* (no caso de não terem uma esposa) pudessem se casar com as divorciadas.

Naqueles dias de inimizade tribal e preconceitos, este sistema de fraternidade entre *muhajirin* e *ansar* foi um acontecimento realmente revolucionário e não tem paralelo na história da humanidade. O sistema não só ajudou na reabilitação dos *muhajirin* como também criou profundo amor e afeto entre *muhajirin* e *ansar.* Também é uma prova de que o espírito do Islam pode juntar e colocar lado a lado pessoas de diferentes terras, tribos, famílias e nacionalidades. O espírito do Islam transformou Abu Bakr, de Meca, Abu Ayub, de Medina, Salman, da Pérsia, e Bilal, da Etiópia, em irmãos, porém Hamza (r.a.a.) e Abu Lahab, apesar de serem filhos do mesmo pai, não permaneceram do mesmo lado.

A Primeira Constituição Escrita do Mundo

Após a construção da mesquita, ou centro islâmico e de reabilitação dos *muhajirin*, o passo seguinte foi a construção política do estado islâmico. O Profeta criou um sistema político que incluía muçulmanos, judeus e idólatras que viviam em Medina. O estado legou um sistema que pode ser caracterizado como a cidade-estado de Medina.

O Profeta (s.a.w.), após cuidadosas deliberações e discussões com os representantes dos diversos segmentos sociais de Medina, preparou uma carta de direitos para a população da cidade-estado de Medina. Os representantes de cada segmento concordaram com o documento, que assumiu a forma de uma constituição escrita e que hoje pode ser corretamente definida como a “Primeira Constituição Escrita do Mundo”, porque não há registro na história de outra constituição escrita igual a esta.

De acordo com esta constituição, a vida e os bens de todos estavam protegidos e cada segmento da população poderia viver a vida segundo seus próprios padrões. Era uma unidade política de muçulmanos, judeus e de outros habitantes de Medina. No entanto, os muçulmanos, sendo a maioria, tinham naturalmente um tratamento melhor, semelhante ao que a maioria das comunidades ou segmentos sociais de países democráticos têm atualmente. Assim, a cidade-estado de Medina foi, de fato, o primeiro estado islâmico do mundo, onde não muçulmanos tinham inteira liberdade em relação às suas questões específicas. Nenhuma comunidade tinha direito de interferir nos assuntos de outra comunidade.

Segundo um artigo da Constituição, no caso de a cidade ser atacada por alguma potência externa, era obrigação de todos os cidadãos defenderem Medina, O Profeta (s.a.w.) e seus seguidores fizeram o máximo para se manterem fiéis ao espírito e a letra da Carta. Se outros tivessem tentado fazer o mesmo, uma situação mais agradável poderia ter sido criada, mas, como veremos mais adiante, os não-muçulmanos se mostraram desleais à Constituição e sua deslealdade criou uma série de problemas para o recém criado estado.

As Batalhas de Badr, Uhud e Ahzab

Ao verem que Muhammad (s.a.w.) ia obtendo sucesso em sua missão e que o Islam progredia em Medina, os descrentes de Meca ficaram mais furiosos do que nunca. Queriam a todo custo erradicar o Islam e os muçulmanos da face da terra e, para isso, prepararam-se para invadir Medina com seus exércitos.

Em primeiro lugar, eles atacaram Medina no segundo ano da Hégira. A batalha ocorreu em Badr, ao norte de Medina, e passou para a história como a “Batalha de Badr”.

As forças islâmicas eram compostas de apenas 313 mal equipados *mujahidin* (aqueles que lutam pela causa do Islam), enquanto o exército coraixita possuía mais de 1.000 soldados, muito bem equipados e armados, em flagrante desproporção de número e força. Alguns soldados muçulmanos combateram trazendo apenas uma espada quebrada. Porém, os muçulmanos foram tão bravos e tão cheios de fervor que os coraixitas não tiveram outra alternativa que não fosse fugir, deixando para trás inúmeros cadáveres no campo de batalha e vários prisioneiros de guerra nas mãos do exército muçulmano. O líder coraixita, Abu Jahl, um dos maiores inimigos do Islam, também estava entre os descrentes que encontraram a morte em combate. Esta batalha foi o primeiro *jihad*[3] da história islâmica e aconteceu não por vontade dos muçulmanos e sim por causa de uma agressão promovida pelos descrentes, com a intenção de aniquilar os muçulmanos e o Islam. Os muçulmanos, embora insuficientes em número e equipamentos, mostraram-se os mais devotados, entusiastas e heróicos. Assim, eles mereceram a fantástica vitória alcançada.

No ano seguinte, ou seja, o terceiro da Hégira, os coraixitas voltaram a invadir Medina. Uhud é uma montanha nas vizinhanças de Medina, e como o combate aconteceu no sopé desta montanha, foi chamada de “A Batalha de Uhud”.

Nesta batalha, o exército muçulmano contava com 700 soldados apenas, enquanto os coraixitas somavam 3.000.Também nesta batalha, o Coraix era, em número, quatro vezes maior do que os muçulmanos. O exército coraixita era comandado por Abu Sufyan, um outro importante líder coraixita, depois de Abu Jahl. O bravo e intrépido tio do Profeta (s.a.w.), Hamza (r.a.a.), foi martirizado nesta batalha por Wahshi, um escravo de Hindah, esposa de Abu Sufyan. No início dos combates, os

---

[3] *jihad*: esforço no caminho de Deus. No caso em questão, guerra para defender o Islam e aqueles que estivessem propagando a religião. (N.T)

muçulmanos estavam avançando e os descrentes, mais uma vez, estavam a ponto de serem repelidos. No entanto, por causa do descuido daqueles que montavam guarda na retaguarda, o inimigo em fuga atacou pelo lado de trás e o exército muçulmano foi disperso. Foi um momento bastante crítico para os muçulmanos, acrescido de um falso boato que se espalhou pelo campo sobre o martírio do Profeta (s.a.w.). Embora o Profeta tivesse sofrido alguns ferimentos, ele se salvou. No entanto, este boato fez com que os muçulmanos se desesperassem e começassem a achar que vida sem o Profeta (s.a.w.) era inútil. Então, retomaram a luta ferozmente e os coraixitas não ousaram atacar Medina. O inimigo, em lugar de avançar em direção à cidade, recuou sem obter qualquer ganho.

A terceira invasão do Coraix é chamada de “Batalha de Ahzab”, ou “Batalha das Trincheiras”, e ocorreu no 5º ano da Hégira.

Nesta batalha, um grande exército coraixita, sob comando de Abu Sufyan e contando com a ajuda de várias tribos árabes e de judeus, tentou sitiar Medina. O Profeta convocou uma reunião com seus companheiros para decidir sobre a melhor estratégia de guerra. Foi nesta ocasião que Salman Farsi (r.a.a.), persa de nascimento e que conhecida muito bem as táticas persas de guerra, aconselhou o Profeta (s.a.w.) a levar em consideração a diferença entre o número de muçulmanos e o inimigo. Em razão dessa diferença, não era aconselhável a luta em campo aberto. Assim, Salman achava melhor cavar valas em torno da cidade e defendê-la ficando por trás delas. O Profeta (s.a.w.) gostou da idéia de Salman e começou a cavar as valas. Cerca de trezentos companheiros do Profeta participaram deste trabalho, que foi terminado em quinze dias.

Os descrentes chegaram para atacar Medina com a intenção de impor aos muçulmanos uma derrota acachapante mas, graças a Allah, os descrentes se viram acuados e obrigados a suspender o cerco inútil. Assim, a

guerra de Ahzab, ou Khandaq (Trincheiras) terminou sem que os muçulmanos tivessem qualquer perda ou os descrentes a vitória.

O Tratado de Hudaibiya

A Batalha de Ahzab ocorreu no 5º ano da Hégira (627 d.C.) e no ano seguinte (6º da Hégira - 628 d.C.), o Profeta (s.a.w.) quis realizar a *Umrah* (Peregrinação) à Caaba. Havia um costume na Arábia desde os seus primórdios, segundo o qual todas as guerras eram interrompidas por três meses durante o período do *Hajj*, para que as pessoas de todas as partes do país pudessem realizar o *Hajj* e a *Umrah* em paz. Com esse entendimento, o Profeta (s.a.w.) também quis ir à Meca. Com ele seguiam 1.400 companheiros seus. Porém, quando chegaram a Hudaibiya, a poucos quilômetros da cidade de Meca, ele foi informado de que os coraixitas estavam se preparando para a guerra e que não deixariam o Profeta (s.a.w.) e seus seguidores realizarem a *Umrah*. O Profeta (s.a.w.) ficou apreensivo com a notícia e enviou uma mensagem de paz ao Coraix, que garantia que os muçulmanos não tinham qualquer intenção belicosa e que apenas desejavam realizar a *Umrah* pacificamente. Mas os coraixitas não se convenceram e continuaram intransigentes em não permitir que os muçulmanos entrassem na cidade de Meca, mesmo que fosse apenas com a intenção de realizar a *Umrah*. Muçulmanos e coraixitas iniciaram uma série de discussões e negociações, que culminaram com um acordo que ficou conhecido como “Tratado de Hudaibiya”. Segundo este tratado, ficou estabelecido que, naquele ano, o Profeta e seus seguidores deveriam voltar para Medina sem realizar a *Umrah* e que, no ano seguinte, eles poderiam retornar pois teriam a permissão para realizar a *Umrah*. Além disso, o tratado estipulava outras condições que, aparentemente, não favoreciam os muçulmanos mas que, mesmo assim, foram aceitas pelo Profeta (s.a.w.) com o objetivo de evitar a guerra. Uma vez assinado o tratado, ele e seus companheiros retornaram para Medina.

Embora alguns muçulmanos achassem o tratado desfavorável a eles, Allah, no Alcorão, o definiu como a "Vitória Diferente", como, aliás, foi confirmado mais tarde. Antes deste tratado, muçulmanos e descrentes estavam separados e não tinham oportunidade de se misturarem. Mas, depois do tratado, eles começaram a conviver com mais liberdade e os descrentes tiveram a oportunidade de ver e estudar o comportamento e as ações elevadas dos muçulmanos. Muitos deles ficaram tão profundamente impressionados em descobrir as qualidades e virtudes dos muçulmanos, que começaram a aceitar o Islam. O tratado permaneceu inalterado por dois anos e, conforme registro, durante este período, um grande número de pessoas aceitou o Islam como jamais havia acontecido anteriormente. Entre os que aceitaram o Islam na vigência do tratado, estavam também Khalid bin Walid (r.a.a.) e 'Amr bin 'Aas (r.a.a.), os dois grandes e renomados generais do Islam. Os dois estão entre os melhores generais que o mundo já produziu e no Islam eles foram grandes comandantes e tiveram a oportunidade de prestar serviços inesquecíveis. Em suas conquistas, ultrapassaram as fronteiras da Arábia e foram longe pela causa do Islam.

Como se sabe, o Islam não pertence a uma nação ou região em particular mas é uma Fé ou Religião Universal para todo o mundo e para todos os tempos. Portanto, quando o Islam já tinha conquistado Medina e outras regiões da Arábia, o Profeta (s.a.w.) achou que já era hora de enviar a mensagem do Islam a outras partes do mundo. Com esse objetivo, enviou cartas aos governantes da Pérsia, Roma (Síria), Egito e Etiópia, pedindo que olhassem para o Islam e o aceitassem. Najjashi, o rei da Etiópia, assim que recebeu a mensagem do Profeta (s.a.w.), aceitou o Islam. O imperador romano, Heráclito, e Moqawqis, o governador romano no Egito, embora não respondessem à mensagem concordando, trataram com polidez os mensageiros do Profeta. Alguns historiadores são de opinião que, na verdade, Heráclito aceitou o Islam, só que não ousou

declarar sua crença publicamente por causa da maioria cristã da população. Chosroes Pervez, da Pérsia, no entanto, mostrou-se orgulhoso e adversário. Não só não aceitou o Islam como rasgou em pedaços a carta do Profeta (s.a.w.). Quando o Profeta foi informado deste fato, observou: "Também este reino será dilacerado em pedaços." A História é testemunha de que aquelas palavras do Profeta (s.a.w.) se tornaram realidade.

Conflitos com os Judeus

Como já lemos antes, também viviam em Medina algumas tribos de judeus que aguardavam a chegada do Último Profeta de Allah, só que achavam que o Último Profeta seria um judeu, como eles. Assim, quando viram que, em lugar de ser um deles, o Último Profeta era um árabe, eles, ignorando os divinos sinais que apontavam para Muhammad (s.a.w.), recusaram-se a acreditar em sua missão. Não só não acreditaram como se tornaram adversários. Com exceção de algumas pessoas de boa índole, quase todos os judeus tornaram-se inimigos do Islam e do Profeta (s.a.w.). No entanto, ele não quis impor sua religião ou entrar em confronto com os judeus. Pelo contrário, queria uma convivência pacífica e foi esse espírito de coexistência e conciliação que permitiu que o Profeta (s.a.w.) concluísse um pacto com os judeus e outros cidadãos de Medina.

Os judeus também eram parte no pacto mas, na verdade, não deram muita importância a ele, pelo contrário, até tentaram secretamente prejudicar o Islam. Também tramaram a morte do Profeta (s.a.w.). Quando os judeus de Medina chegaram a este ponto, afastando-se do acordo, e a hostilidade ultrapassou todos os limites, o Profeta não teve outra alternativa que não agir contra eles. Assim, começaram a surgir conflitos e, em decorrência, alguns judeus foram mortos e o resto expulso da cidade de Medina. As tribos expulsas seguiram para Khaibar, uma região a

alguns quilômetros ao norte de Medina, e que já era habitada, há longo tempo, por outras tribos de judeus. Com isso, a população judaica de Khaibar cresceu bastante. Eles construíram fortalezas e castelos e transformaram Khaibar em uma cidade fortificada. Tendo conseguido esta fortaleza em Khaibar, os judeus continuaram com sua hostilidade contra os muçulmanos. Agora, começavam a tomar partido do Coraix contra os muçulmanos. Foram os judeus de Khaibar que incentivaram os coraixitas a travarem a batalha de Khandaq. Na realidade, os judeus tinham se transformado em perigo constante para os muçulmanos, obrigando o Profeta a tentar erradicar, muito corretamente, esse perigo para sempre, o que foi feito um ano depois (7º da Hégira – 628 d.C.) do tratado de Hudaibiya. O exército muçulmano, sob comando do Profeta, iniciou um ataque a Khaibar e conquistou todas as fortalezas, uma após a outra. Nesta batalha, ‘Ali (r.a.a.) teve um grande desempenho e foi ele quem matou “Marhab”, um dos maiores inimigos do Islam e conquistou o maior forte de Khaibar. Depois de ter sido conquistada, a cidade fortificada de Khaibar foi anexada ao estado islâmico de Medina.

Batalha de Mauta

A batalha de Mauta aconteceu no 8º ano da Hégira. Conforme vimos antes, o Profeta (s.a.w.) tinha enviado cartas aos governantes de outros países, e o governante de Busra também era um deles. O Profeta (s.a.w.) tinha enviado Haris bin Umair (r.a.a.), com uma mensagem sua a ele. Quando Haris chegou a Mauta, uma cidade perto de Damasco, foi assassinado por Shuraih-bil, o chefe de Balqa. Segundo algumas testemunhas, Haris foi martirizado quando estava voltando após entregar a carta do Profeta ao governante de Busra. Considerando que o assassinato de um mensageiro era um crime gravíssimo, o Profeta (s.a.w.) despachou um exército de três mil soldados, sob o comando de Zaid bin Harsa (r.a.a.), para punir Shuraih-bil. O exército muçulmano foi acompanhado, à distância, durante algum

tempo pelo próprio Profeta (s.a.w.). O Profeta (s.a.w.) orientou Zaid que, se ele fosse martirizado, Ja'far bin Abi Talib deveria assumir o comando e que se ele também fosse martirizado, Abdullah bin Rawaha assumiria a liderança do exército.

Os muçulmanos enfrentaram um grande exército de cristãos, composto de cem mil soldados. Aconteceu uma violenta batalha em que Zaid (r.a.a.) e Ja'far (r.a.a.) foram martirizados, e, conforme as instruções do Profeta (s.a.w.), Abdullah bin Rawaha (r.a.a.) assumiu o comando do exército islâmico. Mas, pouco depois Abdullah bin Rawaha também foi martirizado e, então, Khalid bin Walid (r.a.a.) passou a comandar o exército. Ele reuniu os *mujahidin* e partiu para o ataque de tal forma que o inimigo foi completamente derrotado. Assim, um exército de apenas três mil muçulmanos conseguiu a vitória sobre cem mil inimigos.

Conquista de Meca

Realmente, o tratado de Hudaibiya mostrou-se uma grande vitória para os muçulmanos. Após o tratado, o número de muçulmanos começou a crescer rapidamente e, agora, eles eram tantos que já não receavam os descrentes de Meca. Podiam, até, se fosse o caso, agir contra eles. Os muçulmanos tentaram ao máximo respeitar os termos do tratado. Contudo, foram os coraixitas que, após dois anos de sua vigência, o tornaram sem efeito. Eles também criaram uma situação que obrigou o Profeta (s.a.w.) a enfrentá-los. Comandando um exército de dez mil muçulmanos, ele partiu para a conquista de Meca. Ao verem um exército tão grande de corajosos muçulmanos, os coraixitas perderam o equilíbrio e não mais resistiram. Eles se renderam sem oferecer qualquer resistência e o exército muçulmano ocupou a cidade de Meca sem perder uma vida sequer.

O Profeta (s.a.w.) entrou na cidade e, antes de tudo, limpou a Caaba dos ídolos que ali tinham sido colocados

pelos idólatras. Mais uma vez, a Caaba, que tinha sido construída por Ibrahim (a.s.) e Ismael (a.s.) para adoração a Allah somente, foi restituída aos crentes.

Após renderem-se ao Profeta (s.a.w.), os coraixitas recearam a vingança dos muçulmanos. Eles achavam que Muhammad (s.a.w.) se vingaria pelas perseguições e maus tratos impostos aos muçulmanos. Na verdade, até que os coraixitas mereciam ser punidos pelo que tinham praticado no passado. Muhammad (s.a.w.) e seus seguidores agora eram os conquistadores e, sem dúvida, poderiam se vingar ou, pelo menos, tinham esse direito. Mas, o que o Profeta e seus seguidores fizeram não tem precedente na história da humanidade. Ele declarou: “Nenhuma vingança será praticada contra quem quer que seja por causa de atos praticados no passado. Será concedida anistia geral a todos e ninguém precisa se sentir apreensivo.” O Profeta (s.a.w.) perdoou o escravo Wahshi que havia matado sem piedade seu querido tio Hamza (r.a.a.) na batalha de Uhud. Também foi concedida imunidade a Hindah, a esposa de Abu Sufyan, que havia esquartejado o corpo de Hamza. É difícil encontrar na história mundial outro exemplo de comportamento de conquistadores para com os conquistados como o dos muçulmanos por ocasião da conquista de Meca. O tratamento dos muçulmanos vitoriosos para com os coraixitas derrotados representa um capítulo de ouro na história da humanidade. Foi este tratamento nobre que inspirou Abu Sufyan, o Chefe do Coraix, e sua esposa, Hindah, a se submeterem e aceitarem o Islam. Hindah, após sua conversão ao Islam, costumava dizer: “Muhammad (s.a.w.) foi a pessoa a quem mais odiei antes de aceitar o Islam mas, agora, ele é o mais caro de todos para mim.”

A conquista de Meca é um grande ponto decisivo na história do Islam. Os árabes tinham grande estima e respeito pelo Coraix. Por mais de vinte anos, eles ficaram observando cuidadosamente a luta entre o Coraix e os muçulmanos. Assim, quando viram que o Islam tinha vencido e o Coraix tinha sido derrotado, não restou mais um

pingo de dúvida em suas mentes de que o Islam era a verdadeira religião de Allah e que o Profeta Muhammad (s.a.w.) era o verdadeiro Mensageiro de Allah. Assim, após a conquista de Meca, pessoas de todas as partes e as tribos da Arábia começaram a procurar pelo Profeta (s.a.w.) para aceitar o Islam. Em dois anos, toda a Arábia tinha aceitado o Islam. Assim, o país que outrora tinha sido tão hostil ao Profeta (s.a.w.), em 23 anos se submetia ao seu comando. Por toda a Arábia, não havia quem questionasse sua liderança e as pessoas obedeciam a ele não só física mas também mental e espiritualmente. O Profeta (s.a.w.) havia conquistado corações e mentes.

Após a conquista de Meca, o Profeta (s.a.w.) permaneceu alguns dias na cidade e cumpriu algumas formalidades de estado necessárias e retornou para Medina. Se quisesse, poderia ter voltado a viver em sua cidade natal mas, cumprindo o prometido à população de Medina, ele ali ficou até sua morte.

Meca foi conquistada no 8º ano da Hégira (629 d.C.). O Profeta (s.a.w.) partiu de Medina, à frente do exército islâmico, no 10º dia do mês de Ramadã e entrou em Meca, vitorioso, no 20º dia do mesmo mês.

Batalha de Hunain

A batalha de Hunain ocorreu logo após a conquista de Meca. Foi no mês de Shawwal (8º da Hégira – 629 d.C.), quando as tribos de Hawazin e Saqif acharam que podiam combater e derrotar os muçulmanos. De forma equivocada, eles imaginavam que, no caso de os muçulmanos serem derrotados, conseguiriam uma grande quantidade de despojos de guerra, além de acabar com o Islam para sempre. Assim pensando, juntaram-se às tribos de Bani Helal, Jasham, Nasar, Muzir, etc. e formaram um grande exército para marchar em direção a Meca e iniciar uma guerra contra o Islam e os muçulmanos. Quando o exército

chegou a Autas, o Profeta (s.a.w.), que se encontrava em Meca, foi informado desse movimento. Imediatamente ele ordenou que os muçulmanos se preparassem para a guerra e em pouco tempo foi organizado um exército de doze mil muçulmanos para enfrentar o inimigo. Pela primeira vez um exército tão grande de muçulmanos estava sendo mobilizado, contando, inclusive, com a presença dos muçulmanos recém convertidos. Ao verem toda aquela agitação, alguns muçulmanos gritaram "Ó, quem pode nos derrotar agora?" Allah, porém, não gostou disso e colocou alguns obstáculos para os muçulmanos.

O inimigo estava escondido nos dois lados do Vale de Hunain, pronto para atacar os muçulmanos em emboscadas. Quando um grupo avançado do exército muçulmano entrou no Vale, os soldados inimigos, saindo dos esconderijos, realizaram um ataque surpresa tão rápido e violento que o grupo avançado, composto basicamente dos novos muçulmanos, não conseguiu enfrentá-los e recuou em fuga e os muçulmanos que estavam na retaguarda esmoreceram. Porém, o Profeta (s.a.w.) e mais alguns companheiros permaneceram firmes como uma rocha no campo de batalha. Entre esses companheiros estavam Omar Faruq, Abu Bakr, 'Ali, Abbas e Abdullah bin Mas'ud (r.a.a.). Abdullah bin Mas'ud começou a chamar os companheiros em fuga que, ouvindo o chamado, começaram a lutar contra o inimigo e combateram tão corajosamente que o inimigo se desequilibrou e partiu em fuga, deixando para trás vários cadáveres. Os muçulmanos saíram vitoriosos e conseguiram vários despojos de guerra.

Batalha de Tabuk

A Batalha de Tabuk aconteceu no 9º ano da Hégira (630 d.C.), quando o Profeta (s.a.w.) veio a saber que o imperador romano estava se preparando para invadir a Arábia. Então, ordenou a seus companheiros que começassem os preparativos com o objetivo de enfrentar a

invasão romana. Tendo em vista que o Profeta (s.a.w.) não queria deixar que o inimigo entrasse em território árabe, ele decidiu encontrar os romanos na fronteira com a Síria.

O verão naquele ano tinha sido abrasador, e a seca e a fome tinham se espalhado por toda a Arábia. Apesar disso, os muçulmanos, com exceção de alguns hipócritas, começaram a se preparar para o *jihad* com toda a força de suas almas e corações. Naquela situação de fome a colheita de tâmaras representava a única esperança para os muçulmanos, mas eles não estavam preocupados com coisa alguma que não fossem os preparativos para a guerra. Em tal conjuntura adversa, os muçulmanos ofereceram exemplos fantásticos de sacrifício e renúncia às coisas mundanas. Cada um contribuiu com dinheiro e bens além de sua capacidade. Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) ofereceu tudo o que possuía. Nem mesmo uma agulha foi deixada em sua casa. Também as mulheres não fizeram por menos e doaram suas valiosas jóias para a nobre causa. Com todas essas contribuições e doações, os muçulmanos conseguiram formar um exército de trinta mil homens bem equipados e armados e o Profeta (s.a.w.) se pôs a caminho para o *jihad*. Após uma longa jornada, o exército islâmico alcançou Tabuk e soube que o inimigo ainda não tinha saído do lugar. O Profeta permaneceu lá por alguns dias mas o inimigo não apareceu. Então o Profeta (s.a.w.) partiu em direção a outras tribos não muçulmanas e todas se submeteram ao estado islâmico. Depois disto, o Profeta (s.a.w.) retornou para Medina à frente de seu exército islâmico.

A Última Peregrinação

No 10º ano da Hégira (631 d.C.), o Profeta (s.a.w.) realizou o Último *Hajj*, ou peregrinação, à Caaba. Quando os muçulmanos souberam da intenção dele, começaram a chegar a Medina de cada canto da Arábia com o objetivo de acompanhá-lo a Meca. Segundo registros, mais de cem mil

muçulmanos tiveram a honra de acompanhar o Profeta (s.a.w.) nesta última peregrinação.

Na ocasião, o Profeta proferiu um notável Sermão (*Khutba*), em que se pode dizer que representa os ensinamentos básicos do Islam. Este Sermão também é o capítulo mais importante da história dos Direitos Humanos. Na essência, o Sermão resume-se ao que se segue:

“Hoje, são abolidos todos os costumes e práticas dos dias da ignorância. Allah é Um e somente Um. Todos os seres humanos são descendentes de Adão e são iguais. Um árabe não é superior a um não-árabe, um negro não é superior a um branco e nem o branco é superior a um negro. A superioridade de uns sobre os outros provém de suas virtudes. Todos os muçulmanos são irmãos.”

Neste Sermão, o Profeta (s.a.w.) decretou a ilicitude da usura. Também proibiu a vingança, uma antiga prática que havia criado inimizade e hostilidade entre as pessoas nos dias da ignorância. Ele também enfatizou a necessidade de um tratamento melhor para com as mulheres e escravos e instruiu os muçulmanos a permanecerem fiéis ao Alcorão, o Livro de Allah, para que não se desviassem da Senda Reta.

No final do seu Sermão, o Profeta perguntou às pessoas que o ouviam:

“Quando Allah lhes perguntar sobre mim, o que responderão?” Todos os que ali se encontravam disseram a uma só voz: ”Diremos que você transmitiu Sua Mensagem para nós e que cumpriu com o seu dever.”

Ouvindo isto, o Profeta apontou seu dedo indicador em direção do céu e disse três vezes: “Ó Allah! Seja Testemunha!”.

No exato momento em que ele estava proferindo essas palavras, o último versículo do Alcorão foi revelado, e diz:

"Hoje concluí vossa Religião e completei Minha Misericórdia sobre vós e determinei o Islam como vossa Fé."

A Morte

Não há dúvida de que o Profeta (s.a.w.) promoveu uma revolução sem precedente na história da humanidade. O Islam, que começou em terras árabes, na verdade modificou completamente o comportamento dos homens diante da vida. E tudo isto aconteceu em apenas 23 anos. Antes dessa revolução, as pessoas eram inimigas umas das outras, mas, agora, eram irmãs. Aqueles que lutavam entre si, matavam e roubavam uns aos outros, agora eram amigos e bem intencionados. O mal abriu caminho para as virtudes. A compaixão ganhou terreno e os atos malévolos terminaram para sempre. Todas as diferenças entre os homens se foram e todos passaram a usufruir direitos humanos e justiça. Agora, neste mundo, ninguém era superior em razão de estirpe, família, nobreza, cor, ou direitos e justiça. Esta foi a missão do Islam e foi cumprida com sucesso pelo Profeta (s.a.w.).

Assim, quando a missão foi cumprida e a Senda Reta foi mostrada à humanidade, Allah decidiu chamar de volta Seu Mensageiro.

Depois do Último *Hajj*, ele voltou para Medina. Sua saúde havia se deteriorado e após três meses veio a falecer, em uma segunda-feira, 12º dia do mês de Rabiul Au-wal, 11º ano da Hégira (632 d.C.). Uma estranha coincidência, o dia de seu nascimento e o dia de sua morte são o mesmo (12º de Rabiul Au-Wal), assim como o dia em que entrou em Medina depois da Hégira era o 12º do mês de Rabiul Au-Wal. Quando o Profeta morreu, ele estava com 63 anos e foi

enterrado perto da Mesquita do Profeta, no quarto onde viveu.

Cinco dias antes de sua morte, o Profeta liderou a última prece congregacional. Quando sentiu que não tinha mais condições de continuar, pediu que Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) continuasse. Certa vez, o Profeta ofereceu suas orações sob a liderança de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.). As pessoas entenderam que se tratava de uma sugestão sua para que Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) passasse a chefiar a *Ummah* depois que ele se fosse.

O Caráter do Profeta (s.a.w.)

O Profeta Muhammad (s.a.w.) pregou o Islam durante 23 anos, treze em Meca e 10 em Medina. Durante esse período, ele enfrentou os problemas a cada passo, principalmente em Meca, quando se declarou Mensageiro e Profeta de Allah (s.a.w.). Dos descrentes, ele só encontrou uma oposição implacável. É claro que havia algumas pessoas que aceitaram o Islam e que se tornaram seus seguidores mais fiéis e sinceros, mas também eles estavam sozinhos e desamparados e enfrentaram crueldades insuportáveis por parte dos coraixitas. Naquela época, apesar do grande número de muçulmanos convertidos, eles eram os mais pobres, fracos e desamparados, sem qualquer poder para se defenderem dos ataques e atrocidades praticados pelos politeístas. Portanto, também não estavam em posição de defender o Profeta (s.a.w.).

Ao suportar toda espécie de humilhações e atrocidades no caminho do amor à divina verdade e devoção à Senda Reta, o Profeta (s.a.w.) deu um exemplo que servirá de farol para aqueles que procuram a Verdade e a Justiça. Na verdade, ele quis instruir a humanidade através do exemplo de que o homem deve cultivar virtudes na vida e deve se afastar do mal e da acumulação de riqueza. Fé e métodos escusos ou expedientes são incompatíveis. Não é

possível que se combinem em uma única pessoa. O homem verdadeiramente piedoso e justo sacrifica tudo por sua religião e ao enfrentar sofrimentos e torturas terríveis permanece firme e fiel à sua religião. Muhammad (s.a.w.) foi o melhor exemplo disto. Certa vez, os coraixitas enviaram uma delegação com a oferta de que eles estavam prontos a aceitá-lo como Rei e que ele poderia ter a fortuna que quisesse assim como as mais belas mulheres lhe seriam oferecidas em casamento, desde que parasse de condenar seus deuses. Se Muhammad tivesse que se render a qualquer dessas ofertas, ele teria aceitado imediatamente. No entanto, qual foi sua reação? De forma clara e inequívoca ele rejeitou a oferta, dizendo: “Se vocês colocarem o sol em uma das minhas mãos e a lua na outra, ainda assim, não deixarei de seguir a Senda Reta que estou pregando.” Assim, Muhammad (s.a.w.) mostrou que a Fé está muito acima de qualquer expediente e que a conquista da verdadeira dignidade pelo homem se dá somente pela virtude de mostrar o mais elevado grau de Fé e Excelência. Sem qualquer sombra de dúvida, pode-se dizer que Muhammad (s.a.w.) alcançou o mais elevado grau de Fé e Excelência e que nenhuma forma de tortura ou ameaça teve a capacidade de interromper seus passos no Caminho de Allah. Durante anos, sofreu o boicote do Coraix, foi humilhado e intimidado por eles e, no final, certo dia, teve que deixar seu lugar de nascimento não por sua culpa e sim porque não se submeteu às forças do mal.

Ele migrou para Medina mas, também lá, não conseguiu se livrar das forças do mal. Elas atacaram Medina uma, duas vezes, a fim de matar o Profeta (s.a.w.) e aniquilar sua religião e seus seguidores. Os idólatras, os hipócritas, os judeus e os cristãos juntaram as mãos para esmagar o Islam e seus seguidores mas nenhuma ameaça, por maior que fosse, conseguiu afastar o Profeta (s.a.w.) e seus companheiros (r.a.a.) do caminho da perseverança. Esta é a maior prova de que o Islam é a verdadeira religião de Allah.

Tudo o que Muhammad (s.a.w.) fez e conquistou foi pela causa de Allah e não por interesses pessoais. Se tivesse qualquer ambição mundana e pessoal, teria aceitado alegremente a grande oferta do Coraix, em lugar de ser intimidado e obrigado a deixar sua terra natal. Além do mais, a história é testemunha de que um dia Muhammad (s.a.w.) tornou-se o único e absoluto governante de toda a Arábia e por todo país não havia quem questionasse sua liderança. Ele ficou em posição de fazer o que quisesse, conquistar o que desejasse. Mas, em lugar de aceitar uma tal posição e autoridade, o que fez ele? Levou uma vida de luxos? Construiu palácios para seu próprio uso? Acumulou riquezas, escravos, etc.? Não, não fez nada disso. Apesar de ter tudo e todos sob seu comando, ele levou uma vida simples de homem comum. Não construiu qualquer palácio para ele, pelo contrário, viveu em um cômodo próximo da mesquita. Não tinha escravos ou escravas para servi-lo ou a sua família, sua alimentação era simples e muitas vezes passou fome por causa da pobreza. Sua situação pecuniária não permitia que tivesse uma cama confortável e dormia sobre um catre, sem lençol, ou sobre um colchão feito de folhas das tamareiras. Passava seu tempo em oração ou cuidando dos necessitados e miseráveis. Muitas vezes jejuava durante o dia e passava as noites em oração. Esta era sua vida pessoal e ninguém poderia dizer que Muhammad (s.a.w.) tivesse qualquer ambição mundana ou cobiça por poder e ganhos pessoais.

Na verdade, a vida do Profeta (s.a.w.) foi o exemplo prático do modo de vida ensinado no Alcorão. E é por esta razão que Allah descreveu a vida do Profeta (s.a.w.) como "*Uswa-Hasana*", ou "Maneiras Elegantes". Cada aspecto da vida do Profeta (s.a.w.) era aberto a todos, até suas esposas eram orientadas no sentido de não esconderem nada da vida dele para que todos pudessem seguir seus passos. Durante 1.400 anos, o bom muçulmano tentou ao máximo seguir o modo de vida estabelecido pelo Profeta (s.a.w.). Nenhuma outra personalidade histórica foi tão respeitada,

amada e seguida por seus adeptos como Muhammad (s.a.w.) o foi.

O Profeta (s.a.w.) jamais pediu aos seus seguidores que fizessem algo que ele mesmo não tivesse feito. Em primeiro lugar, ele agia e depois pedia aos outros que fizessem o mesmo. Por natureza, era gentil e misericordioso e se apiedava das pessoas. Participou de batalhas mas jamais matou ninguém, exceto uma vez, quando um homem terrível o obrigou a fazê-lo por causa de suas atividades intoleráveis. O Profeta (s.a.w.) era gentil até com os animais. Ele dizia que os animais são úteis ao homem e por isso devem ser usados, mas não maltratados. Ele era jovial e alegre e nunca se irritava com as pessoas. Gostava muito do convívio com as crianças. Para ele todos eram iguais, ricos e pobres eram tratados igualmente e ouvia a todos, velhos ou não, mulheres comuns, como se fossem pessoas de condição elevada.

Recebia seus convidados, fossem inimigos ou amigos, com grande prazer e nunca dizia uma única palavra que pudesse desagradar o convidado. Em resumo, toda a história da vida do Profeta (s.a.w.) é repleta de atos nobres e exemplos de um caráter elevado. É fato que muitas pessoas que vinham encontrá-lo e o conheciam mais de perto, acabavam aceitando o Islam, tocados pela nobreza de seu caráter.

Família e Filhos

O Islam não é a favor da vida monástica. Ele ensina que a vida humana está ligada à outra vida. Portanto, o homem deve passar esta vida preparando-se para a próxima. Em outras palavras, o homem deve tratar sua vida humana como uma preparação para a próxima. Isto quer dizer que a vida humana não é para ser ignorada mas sim que suas responsabilidades devem receber a devida consideração e serem cumpridas. Por isto que, de acordo com os ensinamentos islâmicos, construir uma família é de

fundamental importância. Assim, o Maior Professor da humanidade, Muhammad (s.a.w.) mostrou, na prática, como chefiar uma vida familiar.

Quando o Profeta (s.a.w.) se casou pela primeira vez, com Khadija (r.a.a.), ele estava com 25 anos, e não se casou de novo enquanto ela viveu. Depois de sua morte, ele tornou a se casar e no total, ele foi casado com 11 mulheres, cujos nomes são:

1. Khadija; 2. Sauda; 3. Aysha Siddiqa; 4. Hafsa; 5. Zainab; 6. Umm Salamah; 7. Zainab bint Jahash; 8. Juwairiah; 9. Umm Habiba; 10. Maimuna; e 11. Safiah (r.a.a.).

Aysha (r.a.a.) era a filha de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) e Hafsa era a filha de Omar (r.a.a.) Todas as esposas do Profeta (s.a.w.), com exceção de Aysha, eram viúvas quando se casaram com ele. Elas são chamadas de “As Mães dos Crentes”. Alguns historiadores não muçulmanos fizeram observações malévolas a respeito da quantidade de casamentos do Profeta (s.a.w.). Ao imputarem uma falha ao Profeta (s.a.w.), chegaram a ponto de afirmar que o Profeta (s.a.w.) tinha se casado com tantas mulheres (não permita Deus) apenas por “luxúria e prazer”. Contudo, na verdade tais observações maliciosas decorrem da má vontade e estreiteza de visão deles, porque, do contrário, esses historiadores teriam levado em consideração o fato de que aquele homem costumava jejuar de dia e à noite se ocupava com suas orações, nunca bebeu e jamais participou de danças, músicas ou outros divertimentos. Como poderia ele ser um homem dominado pelos desejos sensuais e paixões desregradas? A questão é que a poligamia nunca foi considerada uma falta como o é hoje em dia por algumas pessoas. Além do mais, todos os casamentos do Profeta (s.a.w.), de uma forma ou de outra, resultaram em alguma coisa boa e sábia para o Islam.

Entre as “Mães dos Crentes”, a mais conhecida, depois de Khadija (r.a.a.), é Aysha, por causa de seu saber e habilidades. Ela é famosa pelo seu domínio das Tradições do Profeta, da *Sunnah,* Teologia e Jurisprudência. Ela morreu no ano 57 da Hégira.

Além das esposas mencionadas na página anterior, o Profeta (s.a.w.) recebeu de presente, do governante do Egito, uma escrava que se chamava “Maria Qibtiyah”, ou Maria, a Copta (r.a.a.).

No total, o Profeta (s.a.w.) teve quatro filhas e dois filhos. As filhas ele as teve com Khadija (r.a.a.) e seus nomes são:

1. Zainab (r.a.a.) era a mais velha das filhas do Profeta. Ela se casou com seu primo Abul ’Aas e morreu no 8º ano da Hégira.
2. Ruqaiya (r.a.a.) era a segunda filha do Profeta (s.a.w.). Ela se casou com Uthman bin Affan, o terceiro Califa e morreu no 2º ano da Hégira.
3. Umm Kulthum (r.a.a.) era a terceira filha e também se casou com Uthman (r.a.a.), após a morte de Ruqaiya (r.a.a.). Umm Kulthum morreu no 9º ano da Hégira.
4. Fátima Zahra (r.a.a.) foi a quarta e a mais nova das filhas do Profeta (s.a.w.). Sendo a mais jovem, foi muito amada por seu pai (s.a.w.) Ela foi casada com ‘Ali (r.a.a.), que também era muito amado pelo Profeta (s.a.w.)

Ruqaiya não teve filhos. Zainab e Umm Kulthum tiveram filhos que não sobreviveram. Fátima teve três filhos e duas filhas. Os filhos eram Hasan, Husein e Mohsin (r.a.a.), sendo que os dois primeiros são bem conhecidos na história islâmica e seus descendentes estão espalhados pelo mundo.

Quanto aos dois filhos do Profeta (s.a.w.), o mais velho era Qasim, que nasceu antes do advento do Islam e morreu ainda na infância. Qasim era filho de Khadija (r.a.a.). O segundo filho era Ibrahim (r.a.a.), nascido no 8º ano da Hégira. Ele nasceu de Maria Qibtiyah (r.a.a.). Também Ibrahim não viveu mais do que dois meses e uma semana. Assim, com exceção de Fátima (r.a.a.), todos os outros filhos do Profeta (s.a.w.) morreram durante sua existência. Fátima (r.a.a.) sobreviveu a seu pai (s.a.w.) apenas por seis meses, após os quais também morreu.

As Fontes dos Ensinamentos Islâmicos

As principais fontes dos ensinamentos islâmicos são duas:

1. O Alcorão; e
2. A *Sunnah* do Profeta (s.a.w.).

1. O Alcorão

A primeira e maior fonte dos ensinamentos islâmicos é o Alcorão. É a fonte mais autêntica e continuará a existir até o Dia do Julgamento. É a palavra de Allah, revelada por Ele ao Profeta (s.a.w.), por intermédio do Arcanjo Gabriel. O Alcorão tem sua própria forma e modo de se expressar e não tem qualquer paralelo na história da humanidade. Quando comparado com os sermões e discursos do Profeta, percebe-se as diferenças. Isto é uma clara evidência de que as palavras do Alcorão não são de autoria de Muhammad (s.a.w.) e sim de Allah, o Criador de todas as coisas. O Alcorão tem tais particularidades que nenhum outro livro poderia ter no passado, no presente e no futuro. Alguns de seus aspectos característicos são:

a) Ele é recitado em todo o mundo a cada volta do relógio. Os muçulmanos fazem o "*salat*" (oração) cinco vezes ao dia e o Alcorão é recitado em cada

salat. Portanto, em 24 horas, nenhuma é deixada sem que o Alcorão seja recitado. Além disso, os muçulmanos estão habituados a recitar os versículos do Alcorão todos os dias em suas várias funções. Daí, que não há um minuto e/ou lugar em que, de uma forma ou de outra, o Alcorão não esteja sendo recitado.

b) O Alcorão é o único livro no mundo que foi decorado em cada época por milhões de pessoas. Os Preservadores do Alcorão decoram não só alguns versículos ou partes do livro mas todo ele (que contém 30 partes) do início ao fim.

c) Sem dúvida que existem milhões de pessoas que o compreendem porque, ou o árabe é sua língua mãe ou, no caso dos não árabes, aprenderam a língua só para entender o Alcorão. Mas, há centenas de milhões de outras pessoas que também não conhecem e não compreendem o árabe mas, ainda assim, recitam o Alcorão. Não compreendem mas lêem, não uma vez, mas várias e várias, a cada dia de suas vidas. Existe algum outro livro que pode afirmar ser tão favorito a ponto de as pessoas lerem sempre e cada vez mais, muito embora não o compreendam? Francamente não, não há outro livro - salvo o Livro de Allah - que possa ser tão popular e preferido por centenas de milhões de pessoas.

Sabemos que os politeístas da Arábia, que eram inimigos ferrenhos do Islam e estavam dispostos a tudo para erradicá-lo da face da terra, não podiam fazer ou dizer qualquer coisa contra o Alcorão, apesar de sentirem tanto orgulho de sua língua e literatura. Aqueles que chamavam os outros de "*ajami*" (mudos) ficaram, eles próprios, mudos diante do Alcorão. Eles tinham tanto medo de se impressionarem que, sempre que o Profeta (s.a.w.), ou qualquer outro de seus seguidores, recitava os versículos alcorânicos, colocavam os dedos nos ouvidos para que a mensagem não entrasse em seus cérebros e, assim, viesse a afetar seus corações e mentes. Os que se sentiam

orgulhosos de possuir o comando sobre sua língua foram desafiados pelo Alcorão para que, se não o aceitassem como a palavra de Allah, então que criassem pelo menos um único versículo como os do Alcorão. Mas, aqueles mestres e peritos da língua e literatura árabes não conseguiram responder ao desafio do Alcorão. E este desafio ainda existe e convoca todos aqueles que não crêem no Alcorão a fazerem algo melhor.

A revelação do Alcorão foi completada em 23 anos. O primeiro versículo foi revelado na caverna de Hira e o último logo depois do último *Hajj* realizado pelo Profeta (s.a.w.). O Alcorão permanece, hoje, da mesma forma como foi transmitido ao Profeta (s.a.w.) há mais de 1.400 anos atrás. E permanecerá da mesma forma para sempre, porque Allah tomou a seu cargo a responsabilidade de mantê-lo intacto e inalterado. Embora na época do Profeta o Alcorão ainda não tivesse a forma de um livro, contudo todas as suas palavras, versículos e capítulos foram organizados de acordo com suas instruções, que foram seguidas, na íntegra, quando tomou a forma de livro. Desde a época do Profeta (s.a.w.), que milhares de crentes vêm decorando todo o livro. Este é, na verdade, um milagre do Alcorão que não pode ser comparado a qualquer outro livro. Foi pelo esforço desses preservadores que nunca houve a menor modificação ou interpolação na Sagrada Escritura.

2. A Sunnah

A segunda fonte dos ensinamentos islâmicos é a Sunnah, ou Tradições do Profeta (s.a.w.). Trata-se, na verdade, de seus ditos, atos, instruções e declarações.

Considerando que o Profeta foi o melhor exemplo prático do modo de vida alcorânico, Allah o definiu como "*Uswa-e-Hasana*", isto é, o "Melhor Exemplo". No Alcorão, Allah repetidas vezes manda que o homem siga as ordens e instruções do Profeta. Portanto, seguir a Sunnah é essencial para os muçulmanos.

Durante a existência do Profeta, suas Tradições não foram colecionadas sob a forma de livro, porque seus Companheiros não achavam que fosse necessário. No entanto, houve alguns deles que, pela convivência diária, observavam as ações do Profeta (s.a.w.) minuciosamente e anotaram suas declarações, atos, modo de vida, instruções, etc. Porém, quando ele morreu, julgou-se necessário compilar as Tradições do Profeta sob a forma de livro, o que foi feito com a ajuda dos registros que tinham sido preservados pelos piedosos companheiros. Daí ser a *Sunnah* considerada a melhor explicação dos versículos alcorânicos e a mais autêntica fonte dos ensinamentos islâmicos depois do Alcorão.

ALGUNS ACONTECIMENTOS IMPORTANTES DA VIDA DO PROFETA

Em Meca

O Profeta (s.a.w.) nasceu no dia 12 (e segundo outros dados, no dia nove) do mês de Rabiul Auwal do ano de 53, antes da Hégira (20 de abril de 571 d.C.).

O primeiro versículo do Alcorão foi revelado no dia 18 de Ramadã, do ano 13, antes da Hégira, (17 de agosto de 610 d.C.). Os "*salats*" (orações) *Fajr* (manhã) e "*Asr*" (tarde) foram tornados obrigatórios no mesmo ano. Alguns companheiros do Profeta migraram para a Etiópia no mês de Rajab, 5º ano de Nabuwwah. Omar (r.a.a.) e Hamza (r.a.a.) aceitaram o Islam no 6º ano de Nabuwwah.

No 7º ano de *Nabuwwah* (a missão como Profeta), o Coraix boicotou o clã dos hashemitas (Bani Hashim), obrigando o Profeta (s.a.w.) e seus seguidores a se refugiarem em Shaib-e-Abu Talib. O boicote foi retirado no final do 9º ano, ou no início do ano de Nabuwwah.

No 10º ano de *Nabuwwah*:

1) O Profeta (s.a.w.) fez uma viagem aTa'if:
2) Abu Talib e Khadijah morreram.
3) Na noite de 27 de Rajab, Muhammad (s.a.w.) fez o "*Miraj*" ou ascensão, quando foi levado da terra (Jerusalém) ao céu. Naquela noite, as cinco orações diárias foram tornadas obrigatórias para os muçulmanos.

No mês de Zilhijja, 13 de *Nabuwwah*, aconteceu o Primeiro Juramento de Aqaba, e, no ano seguinte, também no mês de Zilhijja, o Segundo Juramento de Aqaba. No dia 27 do mês de Safar, o Profeta (s.a.w.) e Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) partiram de Meca para Yatrib (Medina), e se refugiaram na Caverna de Thaur durante três dias. No dia 1º de Rabiul Auwal (16 de setembro de 622 d.C.), eles deixaram a caverna e se dirigiram para Medina. O Profeta e Abu Bakr (r.a.a.) chegaram a Quba no dia oito do mês Rabiul Auwal e depois de ficarem na cidade por cerca de quatro dias, entraram em Medina no dia 12 do mês de Rabiul Auwal (27 de setembro de 622, d.C.).

Em Medina

Ano 1 da Hégira (622 d.C.)

1) Foram lançadas as fundações da Mesquita do Profeta;
2) Firmado um pacto de convivência pacífica com as outras comunidades de Medina.

Ano 2 da Hégira (623 d.C.)

1) Foi introduzido o *Azan,* ou o chamamento para as orações;
2) Foi tornado obrigatório o *Zakat*, ou imposto dos pobres;

3) A *Qibla* (direção para onde o muçulmano se volta para orar) foi transferida de Jerusalém para a Caaba;
4) Foi tornado obrigatório o jejum no mês de Ramadã; e
5) No dia 18 do mês de Ramadã, aconteceu a Batalha de Badr.

Ano 3 da Hégira (624 d.C.)

1) No dia 6 do mês de Shawwal, aconteceu a Batalha de Uhud; e
2) Foi introduzida a Lei de Heranças.

Ano 4 da Hégira (625 d.C.)

1) Teve lugar a Batalha de Nuzair;
2) Foi introduzido o *Purdah*[4]; e
3) O vinho foi declarado ilícito.

Ano 5 da Hégira (627 d.C.)

1) Foram introduzidas algumas leis penais;
2) Foram introduzidas mais algumas regras em relação ao *Purdah*;
3) Teve lugar a Batalha de Ahzab, ou Khandaq; e
4) A tribo judaica de Banu Quraiza foi punida por causa de sua traição.

Ano 6 da Hégira (628 d.C.)

1) Foi firmado o Tratado de Hudaibiya; e
2) Khalid (r.a.a.) e ‘Amr bin ‘Aas (r.a.a.) aceitaram o Islam.

Ano 7 da Hégira (628 d.C.)

---

[4] Purdah é o termo usado na região indo-paquistanesa para “hijab”, a vestimenta da mulher muçulmana. (N.T.)

1) O Profeta envia correspondências a alguns governantes estrangeiros, convidando-os a aceitar o Islam;
2) Aconteceu a Batalha de Khaibar;
3) Foram introduzidas as leis referentes ao casamento e ao divórcio; e
4) Aconteceu a Batalha de Mauta.

Ano 8 da Hégira (629 d.C.)

1) Conquista de Meca – No dia 10 de Ramadã, o Profeta (s.a.w.), comandando dez mil muçulmanos, saiu de Medina e marchou para Meca, entrando na cidade, vitorioso, no dia 20 de Ramadã;
2) Foi proibida a usura; e
3) Aconteceram as Batalhas de Hunain e Ta'if.

Ano 9 da Hégira (630 d.C.)

1) Tem lugar a Batalha de Tabuk; e
2) O *Hajj* foi tornado obrigatório.

Ano 10 da Hégira (631 d.C.)

1) O Profeta (s.a.w.) realiza sua última peregrinação e faz o seu famoso último sermão, o Sermão da Despedida.

Ano 11 da Hégira (632 d.C.)

1) O Profeta (s.a.w.), estava indisposto nos últimos dias do mês de Safar. Cinco dias antes de sua morte, ele fez sua última *Salat* em congregação. O Profeta (s.a.w.) morreu no dia 12 do mês de Rabiul Auwal, na manhã de uma segunda-feira, e foi enterrado na noite entre os dias 13 e 14 do mês de Rabiul Auwal.

CAPÍTULO IV

OS ENSINAMENTOS ETERNOS

Conforme vimos nas páginas anteriores, o Profeta Muhammad (s.a.w.) teve que lutar com vigor pelo estabelecimento de uma sociedade e de um ordenamento islâmicos. Mas sua luta não foi em vão, pois, no final, ele foi vitorioso ao deixar para as gerações futuras uma sociedade que ainda existe, e que continuará a existir, com um código de vida completo para todos seres humanos.

É claro que vários outros líderes e reformadores passaram pelo mundo, promovendo grandes mudanças e reformas na vida dos vários povos. No entanto, podemos afirmar que as reformas e mudanças trazidas por Muhammad (s.a.w.) para a vida humana são incomparáveis, sem qualquer paralelo na história da humanidade. Vejamos, a seguir, como esta afirmação se justifica.

Um dos maiores problemas do homem sempre foi, e ainda é, como harmonizar as exigências espirituais e seculares da vida. Quando ele dá importância ao lado espiritual, torna-se um monge ou um *rishi,* deixando de lado os aspectos mundanos desta vida. Por outro lado, se ele se render a esta vida ou aos assuntos seculares e físicos somente, descuida da vida depois da morte. Neste caso, fica indiferente às exigências espirituais e religiosas.

Grandes professores, líderes e reformadores ensinaram muitas coisas a diferentes segmentos da humanidade. E os ensinamentos e mudanças trazidos por eles foram úteis também, mas somente até um determinado ponto. Eles ensinaram religião ou sociologia, política ou teorias econômicas, e assim por diante. Porém, seus ensinamentos se limitaram a apenas um ou dois aspectos da

vida humana. Além do mais, o que eles ensinaram ficou restrito a uma certa nação ou grupo de pessoas e a um determinado período.

Ainda hoje, existem várias sociedades no mundo cujos fundamentos estão baseados em religiões como judaísmo, cristianismo, budismo, hinduísmo, etc., ou em teorias seculares como socialismo, comunismo, democracia ocidental, etc.

Porém, falando francamente, nenhuma delas é abrangente e completa o suficiente para resolver a problemática humana mencionada acima, pois elas se voltam apenas para um aspecto da vida. A religião ou as teorias especiais limitam-se somente a questões religiosas do tipo a quem adorar, como adorar, etc. Elas não têm nada a dizer ou fazer, muito embora as instituições seculares ou não religiosas conduzam o homem ao extermínio. O homem é ameaçado pela guerra atômica, e está à beira do desastre por causa da distribuição injusta dos meios de vida, contudo a religião não tem nada a fazer. Assim, pode-se imaginar para que servem as orações, as formas de adoração e os rituais religiosos se não salvam o homem do desastre e tão pouco o colocam no caminho reto da vida.

Por outro lado, as sociedades e teorias seculares e atéias não têm nada a ver com as questões religiosas. Também elas lidam apenas com um ou dois aspectos da vida. Se o homem tende para uma vida de vícios, os secularistas não se preocupam em colocá-lo no caminho certo. Se ele é descuidado em relação às virtudes, com tendência ao pecado, os governos ou as administrações atuais tratam disto como uma questão pessoal, que não afeta o todo. Portanto, a questão que permanece sem resposta é: quem cuida dos valores e comportamentos humanos? Além do mais, se essas pessoas maliciosas, que não se adaptam às regras e obrigações humanas, chefiam nações, como pode o homem esperar viver e sobreviver pacificamente?

Pelo que foi dito acima, é evidente que o homem deve cuidar de suas necessidades, sejam espirituais ou seculares. O homem não pode ignorar nem o lado espiritual nem o material, porque se forem ignorados ele não terá paz – mental ou física. E é isto o que o Islam ensina. O Islam une as questões mundanas e espirituais do homem de uma forma tão adequada e prática que ele, o homem, se torna perfeito. O Islam ensina ao homem que ele deve corrigir cada aspecto de sua vida (individual ou coletivamente) e viver de uma forma que agrade ao seu Criador. A satisfação do Criador é o principal fator que possibilita o homem alcançar a felicidade em sua vida depois da morte. Esta é a essência dos ensinamentos ministrados por Muhammad (s.a.w.), o Profeta do Islam. E tais ensinamentos promoveram uma grande revolução no pensamento do homem.

Embora Muhammad (s.a.w.) tenha tido alguns enfrentamentos com os descrentes durante os dez anos em que viveu em Medina, não se pode dizer que esta década, ou até mesmo os treze anos passados em Meca, tenha sido só de enfrentamentos ou crises. Como as pessoas por ocasião do Último *Hajj* declararam a uma só voz, em resposta à pergunta feita pelo Profeta (s.a.w.), se ele tinha cumprido com seu dever e com sua missão perfeitamente, é fato concreto que ele o fez de uma forma que não há registro na história da humanidade.

PILARES DO ISLAM

1 – Testemunho de Fé (Shahada)

A expressão “Allah é Único” é a crença ou conceito fundamental e o primeiro dos cinco pilares do Islam. A crença na Unicidade de Allah é expressa no Testemunho de Fé (Shahada) que significa:

“Não há outra divindade senão Allah e Muhammad (s.a.w.) é Seu Mensageiro”.

Quando alguém profere este testemunho e acredita nele com todo o seu coração, como verdadeiro, abraça o Islam. Como corolário deste testemunho, o homem aceita e acredita que Allah é o Criador do Universo e que Ele é Um e somente Um. Não existe ninguém mais que seja Seu parceiro ou igual a Ele.

A outra parte do testemunho é acreditar que Muhammad (s.a.w.) é um Profeta e aceitá-lo como o Mensageiro de Allah. Realmente, quando observamos sua personalidade e comportamento durante toda sua existência, torna-se claro como cristal que ele foi enviado por Allah como Seu Profeta e Mensageiro, para transmitir Sua mensagem para a humanidade. É fato bastante conhecido (e reconhecido até por seus mais ferrenhos inimigos) que ele era uma pessoa leal, honesta e franca, que nunca mentiu, jamais pretendeu riquezas ou posição, e que não era um homem ambicioso ou egoísta. Mesmo depois de se tornar o governante indiscutível da Arábia, e de ter tudo e todos sob seu comando, ele viveu como um homem pobre. Não construiu palácios para morar e jamais se alimentou de comidas sofisticadas, quando poderia tê-lo feito facilmente sem que fosse questionado. Ele perdoou todos os seus inimigos e jamais pensou em se vingar daqueles que o atacaram ou perseguiram. Depois disto tudo, o que mais é preciso para se afirmar e atestar sua missão como Profeta? Foi esta sua personalidade elevada e nobre que fez com que as pessoas, de um modo geral, se inclinassem a aceitá-lo como Profeta e acabassem abraçando o Islam.

A esse respeito, deve-se ter em mente mais um ponto. Na época em que ele se autoproclamou Profeta, era, na verdade, um período de escuridão. Naqueles dias, os homens adoravam animais e ídolos feitos de pedra ou barro. Dentro desse contexto, qualquer pessoa astuta e mal-intencionada possuidora de algumas habilidades, poderia

facilmente ser adorada como um deus. Portanto, era muito fácil, naquele tempo, qualquer pessoa tornar-se um deus para obter ganhos em proveito próprio. Porém, o que fez Muhammad (s.a.w.)? Ele se declarou a criatura, e não o Criador, o servo, e não o Senhor. Ele disse que não possuía qualquer saber e que todo o conhecimento que porventura tivesse era oriundo de Allah, Aquele que conhece tudo. Ele insistiu em que ninguém deveria vê-lo como um super-homem e sim tratá-lo como o mais comum dos mortais. Ele trabalhou junto aos seus companheiros como uma pessoa qualquer. Ele jejuava e orava como os outros muçulmanos e realizou o *Hajj* da mesma forma que os outros muçulmanos. Isto quer dizer que ele nunca tentou ser adorado ou reivindicou qualquer atributo merecedor de adoração e sim que ele, como qualquer outro muçulmano, louvava e adorava somente a Allah. Antes de sua morte, ele proibiu terminantemente que seu túmulo fosse visto como algo extraordinário. Tais fatos não são a comprovação de que o Islam não foi uma criação de sua cabeça e sim que é a Religião de Allah, que é o Criador de tudo e que Muhammad (s.a.w.) é Seu verdadeiro Mensageiro e Profeta? Tudo o que ele disse era proveniente de Allah. Tudo o que fez (a Revelação) foi segundo as instruções de Allah. Allah iniciou Sua mensagem com Adão, o primeiro homem e profeta (a.s.), e a completou por intermédio de Muhammad. Assim, depois dele, nenhuma outra religião ou profeta virá. O Islam é a religião completa e final para a humanidade e o código de vida perfeito e acabado.

2 – *Salat*, ou oração

Salat é o segundo pilar do Islam. Quando um homem ou uma mulher proferem o testemunho e crêem sinceramente que aquelas palavras são verdadeiras, torna-se muçulmano e entra para as fileiras do Islam. A partir desse momento, torna-se obrigatório para ele ou ela praticarem o *Salat* cinco vezes ao dia. São as seguintes as orações:

1) *Fajr*, ou oração da manhã;
2) *Zuhr*, ou oração do meio-dia;
3) *Asr*, ou oração da tarde;
4) *Maghrib*, ou oração logo após o pôr-do-sol; e
5) *Isha*, ou oração da noite.

Nenhum muçulmano que seja adulto e sensato está isento de realizar o *salat.* O *salat* foi prescrito para que ele tenha Allah sempre presente em seu espírito. Aquele que ora cinco vezes ao dia não se esquece de suas responsabilidades perante o Criador e Suas criaturas. Ele ou ela estarão sempre atentos para o que é lícito ou ilícito, conforme determinado por Allah.

3 – *Saum*, ou jejum

Saum, ou jejum, é o terceiro pilar do Islam. Ele é observado durante o mês de Ramadã, o nono do calendário da Hégira. O jejum é realizado todos os dias do mês de Ramadã, tem início ao alvorecer e termina com o pôr-do-sol. Durante o estado de jejum, nada deve ser ingerido, sólido ou líquido, e as relações sexuais são proibidas. Jejuar significa construir a paciência e tolerância no homem assim como, pelo jejum, ele procura o seu aperfeiçoamento. Na verdade, aqueles que jejuam submetem-se a um cuidadoso treinamento de dificuldades e resistência pelo período de um mês inteiro. Este treinamento precisa produzir efeitos na vida, que devem perdurar pelos restantes 11 meses do ano.

4- *Zakat*, ou imposto dos pobres

Este é o quarto pilar do Islam e é obrigatório para os muçulmanos que estejam em boa situação financeira. Na verdade, o *zakat* é o imposto do pobre, porque é tirado do abastado para ser destinado ao pobre e necessitado para sua manutenção e sustento. A condição econômica de todos

os membros de uma sociedade nunca é igual. Algumas pessoas são mais ricas enquanto outras são mais pobres e necessitadas. Portanto, é obrigação daqueles em situação financeira estável socorrerem seus irmãos na necessidade. É por isto que o Islam tornou compulsório o *zakat* para os ricos. Trata-se de uma instituição criada pelo Islam como seu quarto pilar. Assim, o governo de um país islâmico é obrigado a fazer cumprir o *zakat*. A compreensão de que os "que têm" devem ajudar e cuidar dos "que não têm" é um dos princípios fundamentais do Islam e ajuda a equilibrar a ordem econômica de uma sociedade.

Mas Allah conhece bem a natureza do homem e, por isso, Ele não criou o *zakat* como um peso impossível de ser suportado. Ele fixou os limites de propriedade e riquezas sobre os quais o *zakat* incide. Este limite é chamado de "*nisab*" (princípio ou margem original). Portanto, as pessoas que têm dinheiro ou bens abaixo do "*nisab*" não são obrigadas a pagar o *zakat.* Da mesma forma, o montante do *zakat* a ser pago também foi fixado. De acordo com esses limites, as pessoas que possuem bens acima da margem original estabelecida devem pagar 1/40 ou 2,5 % dos bens.

O *zakat* pode ser chamado de imposto do pobre mas, na verdade, não se parece com os impostos recolhidos pelos departamentos de receitas dos governos. É, de fato, uma virtude e um bem, pelo qual o contribuinte espera conseguir recompensas na próxima vida.

5 – *Hajj*, ou Peregrinação a Caaba

Hajj, ou Peregrinação a Meca, pelo menos uma vez na vida, é o quinto pilar do Islam. Também é obrigatório, porém somente para aqueles que estejam em condições físicas e financeiras para ir a Meca e voltar para casa. É uma espécie de reunião internacional ou conferência de muçulmanos. Por ocasião do *Hajj*, os muçulmanos de cada canto do mundo reúnem-se em Meca com um único objetivo

e espírito. Todos aqueles que realizam o *Hajj*, seja rico ou pobre, rei ou escravo, se vestem com o mesmo tipo de roupa. A roupa ou uniforme nada mais é do que um envoltório. Todos clamam a uma só voz: “Aqui estou eu, ó meu Senhor, Aqui estou eu.”

Em resumo, deve-se notar que os cinco pilares, ou formas de adoração, ensinadas pelo Islam têm seus próprios valores espirituais, assim como são úteis para os seres humanos de hoje. Os caminhos islâmicos de adoração são factíveis e úteis para a vida material do homem, conforme se depreende do estudo das obras que tratam do assunto. O Islam, sendo a Religião Natural do homem, ordenou fazer e realizar apenas o que for factível, assim como o que for útil para a vida do homem neste mundo e no outro.

O Estado Islâmico Ideal de Medina

O sistema político criado pelo Profeta (s.a.w.) em Medina, teve sua própria característica. Não era uma monarquia e muito menos o antigo sistema tribal árabe. Foi fundado tendo por base a Soberania de Allah e Suas leis eram supremas no estado. O Chefe de Estado era o Profeta (s.a.w.), que não exerceu o cargo como rei, chefe ou presidente. Ele estava acima de todos esses títulos porque ele não era um simples governante e sim o Mensageiro de Allah, o Profeta, o Líder e o Reformador. O povo o obedecia não em razão dos poderes mundanos que detinha e sim porque ele foi o Último Mensageiro de Allah e veio a este mundo com a Luz de Allah.

Mas, apesar disto, seria um equívoco achar que o Estado de Medina fosse um estado teocrático, conforme entendido hoje em dia. De acordo com a moderna definição, Teocracia significa o poder e autoridade de um grupo de religiosos que governam um povo segundo seus próprios desejos e elaboram suas leis segundo seus próprios interesses e não em nome de Deus. Porém, o sistema

político do Islam não é assim. Inicialmente, é de observar-se que não há sacerdócio sob qualquer forma no Islam. Todos os seguidores do Islam são iguais e usufruem a mesma posição. Portanto, ninguém tem o direito de formular leis para os muçulmanos, de acordo com seus próprios interesses. Todos devem se submeter às leis formuladas por Allah e transmitidas a Seu Profeta (s.a.w.). Assim, a diferença entre Teocracia e Islam é cristalina. Teocracia é o estado ou sociedade governado por um grupo de religiosos, segundo suas idéias e desejos excêntricos. O estado ou sistema político islâmico, por sua vez, é aquele em que a soberania pertence a Allah e tudo o que for realizado o é de acordo com as normas e regras formuladas por Ele ou que tenham sido prescritas pelo Profeta (s.a.s.), de acordo com a Vontade de Allah. Portanto, o Alcorão e a *Sunnah* foram a constituição fundamental do estado islâmico ideal de Medina.

No entanto, pelo que foi dito acima, não se deve inferir que a constituição de um estado islâmico deva ser rígida e que não tenha por objetivo a elaboração de leis que atendam às exigências e requisitos do tempo a que se refere. Na verdade, os muçulmanos podem assumir governos e formular leis de acordo com as exigências e necessidades de seu tempo, apenas com uma única condição, qual seja a de que sua legislação esteja em conformidade com os princípios estabelecidos pelo Alcorão e a Sunnah, nem mais nem menos.

O estado islâmico ideal de Medina, sendo um estado fundado com base na teoria e doutrina islâmicas, não tinha qualquer tipo de preconceito, fosse de cor, estirpe, etc. Todos os que ali viviam usufruíam direitos iguais. Um cidadão daquele estado, fosse um árabe ou não, negro ou branco, falasse árabe ou qualquer outra língua, qualquer que fosse sua origem, não podia ser privado de seus direitos humanos e de cidadania. Em outras palavras, somente o espírito de fraternidade humana era eficaz.

A lei tinha a supremacia nas questões de estado e ninguém, qualquer que fosse sua posição ou classe social estava acima da lei. Todos os cidadãos, ricos ou pobres, fortes ou fracos, negros ou brancos, homens ou mulheres, todos, eram iguais perante a lei. Aquele que cometesse um crime não estava isento da aplicabilidade da lei. Certa vez, o Profeta (s.a.w.) disse:

“Se Fátima, a filha de Muhammad roubar, suas mãos também devem ser cortadas.”

Havia *qazis* (juízes) por toda a parte em Medina, que decidiam os casos à luz dos princípios islâmicos. A população de Medina usufruía os direitos básicos. A vida e propriedade de todos estavam a salvo e todos eram livres para expressar suas opiniões e exercer sua religião. A segurança das mulheres, pobres, fracas e desamparadas estava garantida. Todos tinham direito à justiça e usufruíam os mesmos direitos e privilégios, não só os muçulmanos como, também, os não muçulmanos residentes em Medina.

O homicídio foi considerado um dos maiores crimes. O adultério e a indecência também eram considerados grandes crimes. A bebida, a usura e o jogo foram proibidos. Havia leis punitivas para todas essas ofensas. O estado tinha, entre suas responsabilidades, a de estabelecer congregações de *salat* e a de recolher o *zakat*.

O estado de Medina sempre estava preparado para se defender. A guerra defensiva ou qualquer outra providência para o fortalecimento do estado islâmico era chamada de *jihad*.

Além do *zakat*, foram adotados outros métodos para propiciar o bem estar da população. Exploração, sonegação, fraude no comércio e transações e outros crimes semelhantes foram tratados com bastante severidade. A usura, emprestar com juros, foram totalmente banidos e declarados ilícitos. A lei de herança foi implantada. Naqueles

dias, na Arábia e em muitos outros países, somente o filho mais velho herdava os bens do pai falecido. Contudo, o Islam aboliu este costume tirânico e permitiu que todos os filhos e filhas e outros parentes do morto pudessem receber sua parte no legado.

O Islam também outorgou direitos humanos às mulheres. Nos tempos pré-islâmicos, em qualquer país do mundo, as mulheres não usufruíam qualquer direito. Não tinham direito à herança, fosse do pai, do marido ou de parentes próximos. Também em relação a elas, o Islam estabeleceu percentuais que permitiram que elas tivessem acesso à partilha de bens. O Islam decretou que as mulheres também eram seres humanos e iguais aos homens. O Profeta (s.a.w.) disse que a chave do Paraíso estava sob os pés das mães. Esta declaração do Profeta (s.a.w.) elevou a condição da maternidade e, por conseqüência, das mulheres, que se tornaram mais respeitáveis aos olhos de seus filhos e filhas.

Antes do advento do Islam, a situação de escravos e escravas era bastante lamentável. Mas, também eles, conseguiram uma condição humana no estado islâmico de Medina. O Islam decretou que escravos e escravas deveriam ser tratados como um outro membro da família e estimulou a sua alforria de várias maneiras.

Diferentemente do Islam, os modernos governos não se preocupam com a personalidade e conduta pessoal de seus indivíduos. O Islam, além de reformar as pessoas, as educa de uma forma que, até mesmo aqueles capazes de cometer ofensas graves e crimes, tornam-se homens de caráter elevado.

Esta foi a nova sociedade e cultura do estado islâmico ideal de Medina que surgiu depois de o Islam tornar-se a ordem do dia.

CAPÍTULO V

ABU BAKR SIDDIQ (r.a.a.)

O Primeiro Califa do Islam

(De 11 a 13 da Hégira – 632 a 634 d.C.)

Califado: As palavras "*khilafat*" (califado) e "*Khalifa*" (califa) significam "sucessão" e "sucessor", respectivamente. Portanto, aqueles que chefiaram e governaram os muçulmanos depois do Profeta Muhammad (s.a.w.) são conhecidos na história como "*khalifa*" (califas) e a tarefa hercúlea executada por eles é chamada de "*khilafat*", ou "califado". O cargo de califa combina as lideranças religiosa e secular. Existe uma longa linha de lideres na história islâmica, mas os primeiros quatro califas, que são denominados "*Khulafa-e-Rashidin*" ou Califas Justos, são conhecidos por suas virtudes e capacidade. O primeiro deles foi Abu Bakr Siddiq (r.a.a.), que foi escolhido logo após a morte do Profeta (s.a.w.).

O Primeiro Califa

Seu nome era Abdullah, mas ficou conhecido pelo patronímico, Abu Bakr. Ele também era chamado pelos apelidos de "*Siddiq*" (muito honrado) e "*Atiq*" (antigo). Seu pai era Abu Quhafa Usman bin 'Aamir, pertencia ao clã de Bani Tamim, um ramo do Coraix, e sua família se encontra com a do Profeta (s.a.w.) na sexta geração. Antes do advento do Islam, Abu Bakr era comerciante de profissão. Mesmo nos dias de ignorância, ele vivia uma vida honesta e possuía um bom caráter moral. As pessoas o amavam e o respeitavam por suas boas qualidades. Sua família era bastante respeitada no Coraix e ele era visto como um dos nobres de Meca.

Como fossem quase da mesma idade, e tendo afinidades de disposição e temperamento, Muhammad (s.a.w.) e Abu Bakr tornaram-se bons amigos ainda antes do advento do Islam. Abu Bakr conhecia muito bem a natureza e personalidade de Muhammad (s.a.w.) e, quando o Profeta (s.a.w.) o informou de que Allah o tinha escolhido como Seu Último Mensageiro, ele não teve um pingo de dúvida a respeito da veracidade daquilo que seu amigo estava dizendo. Assim, quando Muhammad (s.a.w.) pediu que ele aceitasse a nova Religião, ele o fez imediatamente sem qualquer hesitação. Então, Abu Bakr (r.a.a.) tornou-se o primeiro muçulmano, dentre os homens adultos, e o mais devotado companheiro do Profeta (s.a.w.). Depois de tornar-se muçulmano, ele doou sua vida e tudo o que possuía para a causa do Islam. Nos primórdios do Islam, quando o Profeta (s.a.w.) e os convertidos à nova fé passaram por momentos difíceis por causa da postura intolerante dos coraixitas, Abu Bakr (r.a.a.) permaneceu como um baluarte na defesa e proteção do Profeta (s.a.w.) e dos muçulmanos. Naqueles dias, ele só pensava em ajudar o Profeta (s.a.w.) e os muçulmanos de todas as formas possíveis, mesmo que fosse com o risco de sua própria segurança. Ele alforriou Bilal (r.a.a.) e vários outros escravos pobres que tinham se tornado muçulmanos e que, por isso, eram brutalizados por seus tiranos senhores. Com esse objetivo, ele gastou muito dinheiro mas, na verdade, sem se importar muito porque ele o fazia pela causa do Islam. Foi Abu Bakr (r.a.a.) quem convenceu Osman bin Affan, Osman bin Mazun, Zubair bin Awam, Abdur Rahman bin Auf, S'ad bin Waqas e Abu Obaidah bin Jarrah (r.a.a.) a aceitarem o Islam, ainda em seus primeiros dias. Quando o Profeta (s.a.w.), após migrar para Medina, quis construir uma mesquita, foi Abu Bakr (r.a.a.) quem pagou o preço pedido pelo terreno.

Abu Bakr (r.a.a.) participou de todas as batalhas, desde Badr até Hunain e Ta'if, e prestou serviços inestimáveis ao Islam. Ele foi indicado pelo Profeta como "*Amir Hajj*" (Líder da peregrinação), no 9º ano da Hégira, o

que é visto como uma grande honra. Em resumo, como se pode ver, desde o advento do Islam até à morte do Profeta (s.a.w.), Abu Bakr (r.a.a.) escreveu uma história incomparável de serviços prestados ao Islam. É por isso que o Profeta (s.a.w.) várias vezes dizia "Ninguém foi mais prestativo com sua vida e bens do que Abu Bakr."

Abu Bakr (r.a.a.) também acompanhou o Profeta (s.a.w.) durante a migração de Meca para Yatrib. Não foi uma viagem fácil, pelo contrário, mas Abu Bakr (r.a.a.), nem por um momento, se sentiu temeroso por sua vida ou segurança. Ele só se sentia apreensivo pela vida e segurança do Profeta (s.a.w.).

Passando a maior parte de seu tempo na companhia do Profeta (s.a.w.), ele aprendeu bastante sobre o Islam e tornou-se profundo conhecedor da crença e dos ensinamentos islâmicos. Com isto em mente, pode-se dizer que ele realmente mereceu a posição de vice-gerente do Profeta. E talvez, esta tenha sido a mesma razão pela qual o Profeta (s.a.w.), nos últimos dias de sua doença, sem condições de liderar as orações, ordenou que Abu Bakr cumprisse com aquele dever. Melhor dizendo, o Profeta (s.a.w.) orou duas vezes sob a liderança de Abu Bakr. Esta ordem do Profeta (s.a.w.) foi considerada um claro indicativo da preferência dele por Abu Bakr para substituí-lo . No entanto, o Islam sendo uma religião que professa e estimula o sistema de "*Shura*" (consulta mútua), o Profeta (s.a.w.) não achou adequado apontar ou indicar abertamente qualquer sucessor para assumir o governo depois de sua morte.

Lealdade a Abu Bakr em Saqeefa Bani Sa'ida

Logo depois do desaparecimento do Profeta (s.a.w.), criou-se uma situação bastante crítica. A morte do Profeta havia sido um choque para os muçulmanos, inclusive para os fiéis companheiros. Todos estavam a ponto de não saber o que fazer. Isto criou uma situação arriscada para a nova

Religião. Foi neste momento que Abu Bakr (r.a.a.) se adiantou e tentou consolar a *Millat* aflita. Citando versículos do Alcorão, ele esclareceu que a morte do Profeta (s.a.w.) não tinha sido anormal e que nem podia ter sido evitada. Com pequenos discursos que se mostraram frutíferos, Abu Bakr conseguiu fazer com que as pessoas começassem a tomar consciência do acontecimento. Mas, enquanto isso, os hipócritas conspiravam e tentavam criar uma situação que, se fosse vitoriosa, talvez representasse o fim da nova Religião para sempre. Ainda enquanto os serviços fúnebres do Profeta (s.a.w.) estavam sendo realizados, os hipócritas apresentaram a questão da sucessão do Profeta e incentivaram alguns dos *ansar* de Medina a reivindicar a sucessão. Então, os *ansar* se reuniram em Medina, em um lugar chamado "Saqeefa Bani Sa'ida", e exigiram que o sucessor do Profeta fosse um *ansar* somente, ou que fossem dois, sendo um *ansar* e o outro *muhajirin*. Obviamente que esta sugestão não era sábia e muito menos prática. Não seria possível a um califa *ansar* conseguir controlar e exercer sua autoridade sobre toda a Arábia. As tribos árabes vivendo fora de Medina não iriam se submeter ao governo e autoridade de alguém que não fosse coraixita. Mesmo em Medina, havia duas tribos, Aus e Khazraj – uma não aceitava se submeter à outra. Portanto, estavam criadas as condições para uma guerra civil. E, no caso, se a idéia dos dois califas – um *muhajirin* e o outro *ansari* – tivesse sido aceita, seria impossível manter a unidade e solidariedade da *Ummah.* Assim, nenhuma das duas sugestões chegou a ser considerada. Mas os *ansar* insistiam em ver uma de suas sugestões aprovada. Teve início, então, uma discussão acalorada entre os dois grupos e parecia que a qualquer momento eclodiria um conflito entre eles. A situação ficou realmente bastante tensa.

Foi nesse momento crítico que Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) foi a Saqeefa Banu Sa'ida para tentar uma reconciliação. Tranqüila e suavemente, ele tentou fazer com que as pessoas entendessem como era delicada a situação. Ele disse aos *ansar*: "A grandeza e excelência

demonstradas por vocês assim como os serviços prestados ao Islam não podem ser negados. No entanto, na presente situação, os árabes não aprovarão a supremacia de quem não seja do Coraix. Além do mais, os *muhajirin* merecem prioridade na sucessão do Profeta (s.a.w.) porque eles foram os primeiros a aceitar o Islam e passaram por enormes dificuldades por causa disto. Alguns deles também têm uma relação de parentesco com o Profeta (s.a.w.). Aqui estão Abu Obaidah e Omar bin Khattab. Vocês deveriam se adiantar e prestar o Juramento de fidelidade a qualquer um deles."

Ao ouvir essas palavras, Omar (r.a.a.) se levantou e, segurando as mãos de Abu Bakr (r.a.a.), declarou: "Você é o mais velho de todos nós, superior a todos nós, você era o mais próximo do Profeta (s.a.w.), portanto, deposito em suas mãos o juramento de fidelidade."

Em seguida, levantou-se Bashir bin Sa'ad (r.a.a.), que era um dos líderes dos *ansar* e também firmou solenemente o juramento de fidelidade. A partir daquele momento, ninguém teve mais qualquer objeção. As pessoas, *muhajirin* ou *ansar,* começaram a se adiantar e firmaram o juramento de fidelidade.

No dia seguinte, foi realizado um encontro mais amplo na mesquita do Profeta e as pessoas foram chegando e, de um modo geral, firmaram o juramento de fidelidade. E foi assim que Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) tornou-se o Primeiro Califa, ou sucessor do Profeta (s.a.w.) do Islam, no mês de Rabiul Aawal do 12º ano da Hégira. Depois de todos apresentarem seu compromisso de fidelidade, Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) fez um discurso que pode ser visto como um marco na história da Democracia. O primeiro Califa do Islam disse:

"Ó gentes! Eu fui escolhido o governante de vocês, porém não pretendo ser o melhor dentre vocês. Obedeçam-me somente quando eu praticar o bem e se eu me desviar,

coloquem-me na senda reta. Honestidade é a verdade e a mentira é a desonestidade. O mais fraco de vocês é o mais forte para mim enquanto eu não restabelecer seus direitos em relação aos outros. Da mesma forma, o mais forte de vocês é o mais fraco para mim, enquanto eu não retirar dele os direitos que são de outros. Vocês devem ter em mente que a nação que abandona a luta pelo caminho de Allah se torna desgraçada e miserável para Ele. E, quando o mal for dominante em uma nação, então Allah a colocará em sofrimento. Vocês devem me obedecer somente enquanto eu obedecer a Allah e Seu Mensageiro. Mas, se eu O desobedecer e a Seu Mensageiro, então nada os obriga a me obedecerem."

Os aspectos relevantes do discurso acima são os seguintes:

- O governante muçulmano verdadeiro e honesto não pode ser despótico e tirano.
- Ele não detém o poder absoluto para agir de acordo com seus próprios desejos.
- Ele precisa seguir os princípios islâmicos.
- Se ele agir contrariamente aos princípios islâmicos as pessoas não devem obedecê-lo e sim destituí-lo de seu posto.

'Ali (r.a.a.) e outros

Não obstante decorrido algum tempo depois do compromisso público prestado por todos em cerimônia na mesquita do Profeta, 'Ali, Abbas, Talha, Zubair, etc, que se contavam entre os grandes Companheiros do Profeta (s.a.w.), ainda não tinham firmado seu juramento de fidelidade. Porém, apesar dessa demora, não é certo imaginar que eles tivessem agido assim por motivos pessoais ou egoístas, ou que tivessem qualquer intenção de prejudicar a unidade da *Millat* islâmica. É bastante evidente que eles eram sinceros e devotados à causa do Islam e a

Millat, conforme se depreende do que foi narrado por Ibn Khaldun e alguns outros historiadores confiáveis:

Naqueles dias, Abu Sufyan encontrou-se com ‘Ali (r.a.a.) e tentou convencê-lo de que somente ele (‘Ali), e ninguém mais, merecia o cargo de Califa. Abu Sufyan também ofereceu sua lealdade a ‘Ali (r.a.a.) e assegurou que estava pronto para lutar contra Abu Bakr e que faria o máximo para instalar ‘Ali (r.a.a.) no posto de Califa.

Ao ouvir as palavras de Abu Sufyan, ‘Ali (r.a.a.) não só recusou a oferta como também o repreendeu severamente e disse, “Sinto cheiro de traição em suas palavras. Por Allah, você ainda tentará semear a discórdia no Islam. Saia! Não quero mais ouvi-lo.”

Ao ver esta atitude de ‘Ali (r.a.a.), Abu Sufyan foi embora e ‘Ali (r.a.a.) foi encontrar-se com Abu Bakr (r.a.a.). Quando após algumas discussões as incompreensões foram resolvidas, ele, tomando as mãos de Abu Bakr em suas próprias mãos, proferiu o juramento de fidelidade. Segundo Ibn-e-S’ad, ‘Ali firmou seu compromisso de lealdade depois da morte de Fátima Zahra (r.a.a.), o que significa que isto se deu quando passados seis meses do Califado de Abu Bakr. Porém, de acordo com At-Tabari e outros historiadores, ‘Ali (r.a.a.) firmou o juramento após quarenta dias depois de estabelecido o Califado.

Desobediência e Caos

O governo de Abu Bakr Siddiq começou com a eclosão de distúrbios e desobediências de algumas tribos. No entanto, o Califa conseguiu controlar as dificuldades e o caos com compreensão e inspiração religiosa. A maior discórdia foi a renúncia ao Islam por parte de várias tribos. Havia tribos que tinham entrado para o Islam depois da conquista de Meca. Não tinham convivido com o modo de vida islâmico, não tinham adquirido conhecimento suficiente da religião e por isso sua crença não era firme. Com a morte

do Profeta (s.a.w.), essas tribos começaram a abandonar o Islam. Além disso, surgiram oportunistas que se diziam profetas com o único objetivo de tirar proveito. Por último, como se não bastasse, várias pessoas se recusaram a pagar o *zakat,* o imposto dos pobres e um dos pilares do Islam. Elas entendiam que o *zakat* era uma obrigação devida ao Profeta (s.a.w.) somente e que, com a morte dele, cessava a obrigação. Era esta situação que Abu Bakr (r.a.a.) teve que enfrentar logo após assumir o Califado.

O Conflito de Mauta

Além de todas essas crises pipocando no Califado, havia ainda um outro problema, o Conflito de Mauta, para o qual o Profeta (s.a.w.) já tinha se preparado e enviado, inclusive, um exército sob o comando de Usama bin Zaid (r.a.a.), alguns dias antes de sua morte.

Zaid bin Harisa (r.a.a.) tinha sido martirizado pelos romanos quando o Profeta (s.a.w.) ainda estava vivo. Então, ele organizou o exército e Usama foi indicado seu comandante. Contudo, quando os muçulmanos ainda se encontravam nas vizinhanças de Medina, a caminho da Síria, o Profeta ficou doente e morreu. Assim, Usama (r.a.a.) resolveu estacionar e ficar esperando por novas ordens do Califa.

Tendo em vista todos esses problemas, que exigiam um cuidado redobrado por parte dos muçulmanos, alguns companheiros do Profeta (s.a.w.) não acharam aconselhável enviar o exército para lugares distantes do centro de Medina. Eles sugeriram ao Califa que adiasse qualquer campanha externa para se concentrar nos problemas internos. O Califa, no entanto, não concordou com isto, e disse: “A marcha do exército não pode ser adiada ainda que Medina fique completamente vazia e que os animais entrem e me matem. Não posso embainhar a espada sacada pelo próprio Profeta

(s.a.w.)”. Essas corajosas palavras do Califa elevaram o moral dos muçulmanos e do exército também.

De acordo com alguns historiadores, o exército ainda não tinha partido e se encontrava na cidade. Assim, depois da declaração do Califa de que seguiria em frente, o exército partiu para a Síria e o Califa o acompanhou até os limites da cidade. Na hora da partida, Abu Bakr (r.a.a.) instruiu Usama e os outros *mujahidin* que não matassem mulheres, crianças e velhos, não molestassem os deficientes e não violassem os corpos dos mortos nos combates. Ele também disse que o exército muçulmano não deveria jamais destruir as plantações e nem cortar ou destruir as árvores frutíferas. Que não fossem desleais ou desonestos e que nunca se apoderassem indevidamente do *ghanimah* (espólio de guerra). Ele também orientou que não matassem os animais a não ser que fosse para comer.

O exército partiu e, depois de quarenta dias, voltou vitorioso. O Califa foi a pé para receber os soldados fora da cidade. Embora não parecesse conveniente enviar o exército para além das fronteiras em uma conjuntura tão adversa, Abu Bakr (r.a.a.) o fez e no final, foi uma decisão que acabou se mostrando bastante conveniente. Esta ação do Califa não só elevou o moral dos muçulmanos em geral como, também, intimidou os inimigos do Islam. As tribos revoltosas se impressionaram com o poderio dos muçulmanos e ficaram com medo.

Erradicação dos Falsos Profetas

Conforme relatado na página anterior, havia algumas pessoas que queriam explorar a missão de profeta como um negócio lucrativo e por isso se autoproclamavam profetas. Um desses falsos profetas era Musalma, que é conhecido na história islâmica como “Musailma Kazzab”, ou Musailma, o grande mentiroso. Ele se proclamou profeta quando Muhammad (s.a.w.) ainda estava vivo. Além dele, também

havia Aswad ‘Ansi, Tulaiha bin Khawilad, e outros. As mulheres também não ficaram atrás e uma, em particular, Sajah bint Khawilad, da tribo Bani Tamin, também se proclamou profetisa.

Depois da batalha de Mauta, Abu Bakr (r.a.a.) se preparou para acabar com esses falsos profetas. Musailma Kazzab e Sajah, que eram casados, criaram uma frente comum. O Califa mandou Shuraihbil bin Hasna (r.a.a.) para declarar guerra a Musailma e Akrama para ajudá-lo com forças auxiliares. Khalid bin Walid (r.a.a.) foi escolhido para destruir Tulaiha e seus seguidores. Ele matou e prendeu vários seguidores de Tulaiha e mandou trinta prisioneiros de guerra para o Califa. Tulaiha, no entanto, escapou e fugiu para a Síria onde, mais tarde, se arrependeu e aceitou o Islam de novo. Segundo uma outra narrativa, a batalha não chegou a acontecer porque a maior parte dos seguidores de Tulaiha era da tribo Bani Tai e Adi bin Hatim (r.a.a.) conseguiu fazer com que retornassem às fileiras do Islam. Outros seguidores de Tulaiha foram derrotados e presos por Khalid.

Quanto a Shuraihbil e Ikrama, que tinham sido despachados para enfrentar Musailma, conta-se que Akrama (r.a.a.) invadiu a tribo Bani Hanifa, seguidora de Musailma. Esta invasão foi feita antes que qualquer ação fosse iniciada por Shuraihbil (r.a.a.) e Ikrama encontrou a derrota. Ao ouvir isto, o Califa mandou Khalid bin Walid (r.a.a.) para ajudar Shuraihbil (r.a.a.). Musailma conseguiu reunir quarenta mil soldados para enfrentar o exército de Khalid. Porém, ele impôs uma derrota fragorosa a Musailma e seus seguidores. Musailma foi morto por Washshi bin Har’b durante os combates e sua esposa, Sajah, que também se dizia uma profetisa, conseguiu escapar para a ilha de Bani Tughlab. Após alguns anos, quando Muawiya a trouxe para Kufa, ela aceitou o Islam e passou o resto de seus dias como muçulmana.

Esta batalha contra Musailma Kazzab e Sajah é conhecida como a Batalha de Yamama. Nela, muitos companheiros que eram "*huffaz*", memorizadores do Alcorão, foram martirizados.

Aswad 'Ansi foi um outro que se proclamou profeta mas que fracassou por causa das dissensões surgidas entre seus próprios seguidores. Certo dia, quando Aswad encontrava-se embriagado, foi morto por um de seus companheiros, Qais bin Makshuh. E, assim, todos os falsos profetas foram destruídos.

Represália contra as Tribos Apóstatas e Rebeladas

Depois de os falsos profetas serem completamente derrotados, Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) quis repreender os líderes e tribos que tinham se rebelado contra o Islam e que eram culpados de apostasia. Eles tinham se rebelado contra o estado islâmico e tinham se tornados governantes de suas respectivas regiões. Esses chefes tribais que não mais aceitavam a autoridade do Califa eram Noman bin Munzir, no Bahrain, Laqit bin Mali, em Oman, e um grupo de líderes tribais de Kindah.

Todos eles tinham aceitado o Islam mas, logo depois da morte do Profeta (s.a.w.), renegaram a religião. Segundo a *Shariah* islâmica, a apostasia é um crime grave, punido com a morte. Assim, o Califa viu-se obrigado a agir e punir os apóstatas. Ele mandou 'Ala bin Hazrami para enfrentar Noman bin Munzir, Huzaifa bin Muhsin para enfrentar Laqit, e Ziad bin Labid para enfrentar as tribos de Kinda e todos tiveram êxito em suas empreitadas. 'Ala derrotou Noman, Huzaifa matou Laqit e os chefes revoltosos foram subjugados e retornaram ao Islam, e a discórdia da apostasia e as rebeliões foram controladas.

Advertência aos Transgressores do Sistema de Zakat

O *zakat* é um dos cinco pilares do Islam. Ele é obrigatório para todos os que têm valores e bens acima de um determinado limite. Os ricos e abastados não podem se recusar ao pagamento deste imposto do pobre, e se o fizerem é responsabilidade do estado islâmico obrigá-los ao cumprimento desse dever. Quem negar que este sistema seja compulsório e obrigatório transpõe os limites da religião islâmica. No entanto, depois da morte do Profeta (s.a.w.), algumas tribos não quiseram mais pagar o *zakat.* Era uma situação inusitada e não se sabia exatamente o que fazer com essas pessoas. Alguns companheiros do Profeta (s.a.w.) sustentavam que nenhuma ação armada poderia ser tomada contra essas pessoas, tendo em vista que elas tinham proferido o testemunho de fé, não tinham rejeitado a Unicidade de Allah e acreditavam que Muhammad era o Mensageiro de Allah. Elas também cumpriam com as outras obrigações religiosas, só não queriam pagar o *zakat*. Por isso, para aqueles companheiros não era lícito mover uma ação armada contra eles, porque seria uma ação contra muçulmanos. O Califa esforçava-se em aceitar a argumentação mas, ao mesmo tempo, não conseguia aceitar aquela idéia. Seguindo sua percepção religiosa e visão abrangente, ele declarou, “Por Allah, eu não posso abandonar ninguém que não pague o *zakat*. Aquele que costumava pagar o *zakat* enquanto o Profeta era vivo, fosse um cabrito ou um pedaço de corda, eu devo fazer com que ele entenda que tem que continuar pagando. Se ele se recusar, então devo declarar *jihad*. E irei sozinho, mesmo que ninguém me siga.”

Omar (r.a.a.) e outros grandes companheiros do Profeta (s.a.w.) também se convenceram de que esse entendimento de Abu Bakr (r.a.a.) era perfeito. Eles compreenderam que se as pessoas fossem liberadas do pagamento do *zakat*, depois de algum tempo também poderiam se recusar a fazer o “*saum*” e o “*salat*” (jejum e oração) e, neste caso, o Islam perderia sua eficácia.

Então, Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) despachou seus soldados para enfrentarem aquelas tribos que tinham se recusado a pagar as quantias devidas do *zakat*. E estava tão imbuído desta questão que ele próprio participou dos combates contra as tribos Bani Abbas e Bani Zibyan, obrigando-as a se sujeitarem às regras do *zakat*. Por causa de seu firme posicionamento e rapidez, todos aqueles que tinham se recusado a cumprir o *zakat* pagaram as quantias devidas.

E, desta forma, a discórdia e caos que tinham surgido logo após a morte do Profeta (s.a.w.) foram controladas pelo primeiro Califa Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) por intermédio de seu espírito acurado e liderança inata. Por isso, pode-se afirmar que, graças aos seus esforços, o Islam conheceu uma vida nova.

Irã e Síria

Após acabar com os focos de resistência interna, Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) voltou sua atenção para a Pérsia e a Síria. Ele foi obrigado a agir assim por causa das constantes hostilidades e inimizade que aqueles países nutriam pelos muçulmanos. Quando o Islam estabeleceu sua autoridade e superioridade em toda a Arábia, os países vizinhos ficaram alarmados e começaram a achar que era uma ameaça e um perigo potencial para a sua própria autoridade e poder. Para eles, passou a ser de fundamental importância a erradicação do Islam, antes que a ameaça se tornasse uma realidade. Então, o Califa não teve outra alternativa senão estabelecer negociação com eles.

Naquela época, havia dois grandes poderes que faziam fronteiras com a Península Arábica. De um lado estava a Pérsia, ou Irã, governada pelos sassânidas e do outro o império romano, ou bizantino, que, entre outros países, controlava a Síria. A inimizade dos dois impérios

contra os árabes remontava há tempos antigos. Por diversas vezes eles haviam tentado subjugar os árabes, principalmente a Pérsia, que tinha invadido a península algumas vezes. Em conseqüência dessas invasões sassânidas, certa vez, durante o governo de Sabur bin Ardeshire, o Hijaz e o Iêmen foram reduzidos a simples colônias da Pérsia. Uma outra vez, Sabur Zil Ahnaf alcançou Medina e foi um inimigo terrível dos árabes, a ponto de mandar quebrar os ombros dos árabes prisioneiros de guerra. Porém, a submissão dos árabes não durava muito tempo porque eram um povo que amava a liberdade mais do que tudo e, assim, sempre que tinham oportunidade reconquistavam sua liberdade e, em troca, também tomavam alguns territórios persas. Foi assim que Ma'ad bin Adnan conseguiu criar seus pequenos estados no Iraque, que tinham pertencido à Pérsia.

Como se vê, a animosidade entre árabes e persas não era uma coisa nova e remontava há tempos bem anteriores ao advento do Islam. Os persas desprezavam os árabes. Quando, no 6º ano da Hégira, o Profeta (s.a.w.) enviou uma carta a Chosroes Pervez, imperador da Pérsia, convidando-o a aceitar o Islam, ele ficou tão irado com o que achou ser uma ousadia do Profeta, que sua reação foi rasgar a carta em pedaços e maltratar o mensageiro do Profeta (s.a.w.). E também declarou: "Como ousa um escravo meu escrever este tipo de carta?" Ele também ordenou que o governante do Iêmen, que pertencia à Pérsia, mandasse prender o Profeta (s.a.w.). Ao tomar conhecimento de que sua carta tinha sido feita em pedaços, o Profeta (s.a.w.) disse: "Este império também será feito em pedaços, da mesma forma como ele fez com minha carta." E o mundo viu que esta profecia do Profeta tornou-se realidade, palavra por palavra. No entanto, este é um exemplo do ódio que os persas devotavam aos árabes. Assim, quando viram o Islam progredir e se expandir com rapidez, os sassânidas, temerosos, acharam que ele poderia representar um perigo em potencial para a Pérsia.

A Situação Política da Pérsia

Na verdade, naquela época, a situação política da Pérsia estava em franco processo de declínio. Chosroes Pervez, aquele que rasgara a carta do Profeta, tinha sido assassinado pelo próprio filho, Sheroya, que matou não só o pai mas também todos os irmãos, e assumiu o poder. Porém, ele não governou por muito tempo, pois ao final de oito meses morreu. Seu filho, na época uma criança, ascendeu ao trono mas também não sobreviveu por mais de alguns dias. Um oficial da corte matou o menino e assumiu o trono. Após um tempo, também ele foi assassinado, assumindo o trono o príncipe Jawan Sher, que depois de um ano no governo, também foi morto. Na dinastia sassânida só restou uma criança que se tornou rei. No entanto, uma mulher da família real, tornou-se regente do imperador-menino Yazdgard, com a condição de que não faria qualquer reivindicação quando Yazdgard atingisse a maioridade.

Esses golpes e rebeliões acabaram por enfraquecer a Pérsia. As tribos árabes que viviam nas proximidades acharam que aquela era uma situação favorável para se vingarem dos crimes do passado, cometidos pelos sassânidas.

Foi então que dois chefes da tribo árabe Wile, Musanna bin Harsa Shibani e Sowaid Ejli, atacaram Hira e Eilia, no Iraque. Embora o império persa tivesse perdido seu antigo poder e estivesse se aproximando do fim, não foi uma tarefa fácil para a tribo árabe conquistar aqueles territórios. Musanna tornou-se muçulmano, mas sua tribo ainda não tinha se convertido ao Islam e continuava professando a religião cristã. Musanna procurou o Califa Abu Bakr (r.a.a.) e o informou da situação política na Pérsia. Ele também queria a permissão do Califa para declarar guerra contra o Iraque, que era hostil aos árabes e ao Islam. O Califa deu sua permissão e Musanna voltou para sua tribo. Em primeiro

lugar, ele converteu seu povo ao Islam e depois marchou em direção ao Iraque.

Invasão do Iraque e a Vitória

Embora Khalid Walid (r.a.a.) já tivesse terminado as campanhas contra os falsos profetas e contra aqueles que tinham renegado o Islam, ele ainda não havia retornado a Medina. Assim, a pedido de Musanna, o Califa ordenou que Khalid adiasse seu retorno a Medina e fosse direto para o Iraque. Musanna acompanhou o exército de Khalid que, depois de subjugar os governantes de Yanqir e Bar Sawaya, chegou a Eilia. Khalid (r.a.a.) escreveu a Hurmuz, o governante de Eilia, onde dizia que ou ele aceitava o Islam ou, então, que pagasse a *Jizya* (imposto incidente sobre o não muçulmano). No caso de não aceitar uma das duas propostas, que se preparasse para enfrentar uma nação que gostava tanto da morte como os outros gostavam da vida. Hurmuz resolveu mandar a carta de Khalid a Ardeshire, o rei da Pérsia. No entanto, neste meio tempo, Hurmuz achou conveniente resistir a Khalid e os dois exércitos se enfrentaram no campo de Kazema. Nessa batalha, os persas amarraram os pés com correntes para que não fugissem à luta. Mas de nada adiantou o expediente porque os muçulmanos cortaram as correntes com suas espadas afiadas e os persas foram derrotados implacavelmente. Hurmuz morreu durante os combates.

Enquanto isso, Ardeshire enviava um enorme exército sob o comando do general Qaran para ajudar Hurmuz. Qaran, ao ouvir a notícia da derrota de Hurmuz, parou em Nadar, onde os soldados derrotados de Hurmuz se juntaram a ele. Ao saber disto, Khalid resolveu se dirigir para Nadar e, depois de uma violenta batalha, os persas foram de novo derrotados. Cerca de trinta mil soldados persas, inclusive generais como Anushjan, Qubal e Qran, foram mortos. Esta derrota foi um grande choque para Ardeshire que resolveu enviar de novo outro grande exército sob o comando de

heróis como Anderzagar e Behman Jazvia. Além dos soldados desses dois comandantes, um exército composto dos habitantes de Kasker e dos árabes cristãos também foi enviado para combater o exército muçulmano. Todos acamparam em Dalja.

Ao receber a notícia da mobilização dos efetivos persas em Dalja, Khalid também se dirigiu para aquele local. Ao chegar lá, dividiu seu exército em duas partes, uma grande e a outra pequena. A parte maior ele escondeu em uma encosta e com a outra ele foi ao encontro do inimigo. Os persas já estavam prontos para os combates e ao verem aquele destacamento tão pequeno, atacaram sem qualquer hesitação. Houve uma batalha feroz e quando os persas já estavam cansados, a parte do exército que tinha ficado escondida na encosta saiu de repente e partiu para o ataque. Foi um estrago para os persas e eles não tiveram outra saída senão fugir, além de perderem um grande número de soldados. Anderzagarjan conseguiu de alguma forma escapar, mas após uma longa caminhada acabou morrendo de sede. Behman Jazvia, com seu exército, parou em Ulis. Os árabes cristãos que tinham escapado da batalha de Dalja, foram para Ulis e se juntaram a ele. Algumas outras tribos árabes cristãs também se juntaram a ele para vingar a morte de seus companheiros na batalha de Dalja.

Após a vitória em Kasker, Khalid (r.a.a.) chegou a Ulis e, mais uma vez, derrotou os exércitos persa e cristão. Depois de Ulis, ele conquistou Amgesia e, em seguida, avançou em direção a Hira, através do rio Eufrates. O governante de Hira enviou seu filho Azadbeh para resistir aos muçulmanos. Os dois exércitos se enfrentaram na embocadura do Eufrates e Azadbeh foi derrotado e morto. Khalid (r.a.a.) sitiou Hira e após um longo cerco, a cidade se rendeu e aceitou pagar 190.000 dirhams anualmente, como tributo. Em contrapartida, a segurança da cidade e de sua população ficaria sob a responsabilidade do exército muçulmano. Após este acordo, os cidadãos de Hira se aproximaram dos muçulmanos e ficaram bastante

impressionados com o tratamento que era dispensado aos não muçulmanos. Como resultado, as pessoas que viviam nas cercanias de Hira também firmaram um acordo de paz com os muçulmanos em termos idênticos. Assim, todo o sul do Iraque passou a ser controlado pelos muçulmanos.

Nesse meio tempo, Ardeshire morreu. Embora sua morte trouxesse mais confusão ao já desgastado império sassânida, os inimigos deixaram as diferenças de lado e se juntaram para resistir aos muçulmanos, colocando no trono Farrukh Zad como seu rei. Os soldados persas, naquela época, encontravam-se espalhados desde Ainuttamer até Abna e Faraz. Khalid bin Walid (r.a.a.), após conquistar o sul do Iraque, indicou Qa'q bin 'Amr como seu governador e ele próprio marchou para Abna. O exército persa tinha fortificado Abna e se abrigado dentro da cidade. Khalid (r.a.a.) cercou o forte e começou a atacá-lo. Os persas responderam de suas posições, atirando flechas nos muçulmanos. Ao ver isto, Khalid (r.a.a.) também ordenou que se atirassem flechas e vieram os melhores arqueiros muçulmanos, que, acertando em seus olhos, cegaram milhares de soldados persas. Enquanto isso, o exército muçulmano, saindo de suas trincheiras, começou a avançar trazendo mais confusão ainda entre os inimigos, que acabaram por se render sem mais demora.

Após a conquista de Abna, Khalid (r.a.a.) partiu em direção a Ainut-tamer, local para onde o filho de Behram Chubin tinha se dirigido com um grande exército, juntamente com algumas tribos árabes cristãs. Khalid, mais uma vez, saiu vitorioso, conquistando o forte.

Os árabes cristãos de Domatul Jandal – um lugar situado entre a fronteira do Iraque e Síria, representavam uma dor de cabeça para os muçulmanos desde a época do Profeta (s.a.w.). A batalha de Tabuk, quando ele (s.a.w.) ainda estava vivo, se dera pela mesma razão. Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) decidiu, então, enviar um exército, sob o comando de Aiyaz bin Ghanam (r.a.a.), para punir os árabes

cristãos por suas conspirações. No entanto, parecia não ser possível alcançar o objetivo sozinho e, assim, pediu a ajuda de Khalid bin Walid (r.a.a.), que se encontrava bem perto, depois da conquista de Ainut-Tamer. Khalid chegou lá rapidamente e cercou Domatul Jandal, acompanhando Aiyaz bin Ghanam. Judi, o governante de Domatul Jandal foi derrotado e morto. Depois disto, ainda houve várias escaramuças entre os muçulmanos e os árabes cristãos.

Faraz, um grande refúgio dos árabes cristãos, ainda estava para ser conquistada e, por isso, Khalid (r.a.a.) se encaminhou para aquele local. Do ponto de vista estratégico, Faraz era um lugar muito importante. Estava situada no lugar onde as fronteiras da Síria, Iraque e Jazira (Mesopotâmia) se encontravam. Tinha sua importância para os romanos também. Os muçulmanos, na verdade, tiveram que enfrentar três grandes poderes, isto é, a Pérsia, os árabes cristãos e os romanos. Não obstante isso, os muçulmanos saíram vitoriosos porque o que os movia, de fato, era o espírito do Islam. Os inimigos encontraram uma derrota acachapante e quase todos os soldados foram mortos. Depois desta vitória, Khalid deixou Musanna no Iraque e partiu para Meca para fazer o *Hajj*. Quando voltou para Medina, depois de cumprir com sua obrigação religiosa, o Califa o despachou para a Síria, em lugar da Pérsia, porque a guerra com a Síria ainda não tinha acabado e o grande general Khalid bin Walid se fazia necessário lá.

Os Árabes e os Romanos

Um outro vizinho dos árabes era o império romano. Sua sede ficava em Constantinopla e o imperador romano era Heráclito. A Síria, um dos países sob seu controle, estava situada na fronteira árabe. Embora este império, diferentemente dos persas, não odiasse ou desprezasse os árabes, de há muito que havia uma espécie de rivalidade entre eles. Segundo os historiadores, a chamada "*Ka'ba Yamani*", construída pelos cristãos da Etiópia, a fim de

destruir o centro da unidade árabe, tinha sido feita por sugestão do império romano.

Porém, após o advento do Islam, também os romanos, como os outros, tornaram-se inimigos do Islam. No 9º ano da Hégira, os romanos se prepararam para invadir Medina e o próprio Profeta (s.a.w.) teve que sair para defender a cidade. Embora naquele tempo ainda não houvesse uma guerra declarada, os romanos tinham se transformado em perigo constante para os muçulmanos. Foi por causa desta ameaça que o Profeta (s.a.w.) preparou um exército sob o comando de Usama bin Zaid (r.a.a.).

Invasão da Síria

Levando em conta todos esses fatores, Abu Bakr (r.a.a.), depois de assumir o Califado, achou por bem resolver a questão com os romanos de uma vez por todas. No 13º ano da Hégira, após consultar os Companheiros do Profeta (s.a.w.), Abu Bakr resolveu invadir a Síria. Ele adotou como estratégia enviar regimentos separados, sob o comando de diferentes chefes, para atacar várias frentes ao mesmo tempo. Yazid bin Abi Sufyan foi indicado comandante do regimento que atacaria Damasco, o regimento que se dirigiu para Emesa estava sob o comando de Abu Obaidah bin Jarrah, a frente jordaniana seria atacada pelo regimento sob comando de Shuraihbil bin Hasna, e a frente palestina seria atacada pelo destacamento liderado por de ‘Amr bin ‘Aas. No comando geral dessas forças combinadas estava Abu Obaidah. O número total de soldados era de vinte e sete mil muçulmanos.

Heráclito também enviou um grande número de soldados para frente de batalha, daí o exército muçulmano ter que enfrentar os romanos a cada passo. Abu Bakr (r.a.a.) foi informado do grande efetivo romano e da necessidade de mandar mais soldados. Assim, o Califa despachou Khalid bin

Walid (r.a.a.) para a frente síria. Durante o caminho para a Síria, ele também enfrentou várias escaramuças.

Ao entrar em território sírio, Khalid (r.a.a.) primeiro atacou Basra, derrotou seu governante e a população de Basra aceitou a condição de pagar a *Jizya* (tributo).

Enquanto isso, ‘Amr bin ‘Aas, que se encontrava na frente palestina, teve que enfrentar um enorme exército romano. Ao tomar conhecimento do fato, Khalid partiu para Ajnadin com o objetivo de ajudar ‘Amr bin ‘Aas. Lá, ele derrotou os romanos e ocupou a cidade. De Ajnadin, ele se aproximou de Damasco e se juntou a Abu Obaidah (r.a.a.), no cerco à cidade. Este cerco continuou ainda por mais três meses depois da morte de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.).

A Morte do Primeiro Califa

Abu Bakr Siddiq (r.a.a.), o primeiro Califa do Islam, faleceu no mês de Jamad-us-sani, no 13º ano da Hégira. Em seus últimos dias de vida, estava tão fraco, que mal conseguia se mover e resistir à febre que o acompanhava naqueles dias. Ele permaneceu nesse estado por cerca de quinze dias. Quando sentiu que a morte estava se aproximando, mandou chamar os proeminentes Companheiros do Profeta (s.a.w.) para decidirem a respeito de seu sucessor. Após várias consultas, ele propôs o nome de Omar Faruq (r.a.a.). Alguns dos companheiros apresentaram algumas objeções mas no entanto, após algumas discussões, o nome de Omar foi aceito por todos. Depois disto, ele pronunciou publicamente a indicação de Omar (r.a.a.) e sua vontade a este respeito foi escrita por Osman (r.a.a.) e assinada por ele, Abu Bakr Siddiq (r.a.a.).

Nesta declaração, ele disse às pessoas: “Eu não indiquei ninguém de minhas relações mas sim um homem que, em minha opinião, é o melhor.” De um modo geral,

todos apoiaram a indicação do nome de Omar para assumir o Califado.

Sua Última Vontade

Depois da escolha de Omar Faruq (r.a.a.) como seu sucessor, Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) chamou sua filha, Aysha (r.a.a.), a mãe dos crentes, e a orientou no sentido de pagar seus empréstimos e que uma escrava e dois camelos que pertenciam a *"Baitul Mal"* (Erário) e estavam a seu dispor, deveriam ser devolvidos.

O primeiro Califa Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) morreu no dia 21 de Jamad-us-sani, uma segunda-feira. Como o Profeta (s.a.w.), ele também estava com a idade de 63 anos. O período de seu califado foi de dois anos, três meses e 10 dias. Ele foi enterrado naquela mesma noite no lado direito do mausoléu do Profeta.

Algumas palavras sobre Abu Bakr Siddiq

Abu Bakr foi um modelo e um exemplo vivo dos ensinamentos islâmicos e da personalidade do Profeta. A principal característica de seu Califado foi não ter permitido qualquer inovação ou novidade que não tivesse sido praticada pelo Profeta em vida. Como califa, ele serviu a *Millat* por pouco mais de dois anos, mas os serviços prestados neste curto período foram tão importantes que não há paralelo em toda a história islâmica. Ele deixou exemplos de vida fantásticos para seus sucessores.

Ele sempre relutou bastante em promover modificações em qualquer matéria que já predominasse na época do Profeta (s.a.w.). Se encontrasse qualquer alteração em qualquer assunto, por menor que fosse, ele a removia sumariamente. No que se refere às conquistas e aos assuntos da administração do estado, o período do segundo califa mostrou-se muito mais avançado e profícuo

do que o dele, porém, não se pode negar que a pedra fundamental para todas as futuras conquistas e sucessos foi lançada durante o período de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.). Um pouco depois da morte do Profeta (s.a.w.), uma torrente de sedução e discórdia se espalhou por todo o país. Aquelas tribos árabes que tinham se convertido há pouco tempo, começaram a abandonar o Islam e pretendiam erradicá-lo da Península Arábica. Mesmo aqueles que não tinham se voltado contra o Islam, no entanto se recusavam a pagar o *zakat,* um dos pilares do Islam. Além do mais, havia algumas pessoas que se autoproclamavam profetas e reuniram em torno delas grupos influentes de defensores. Era, realmente, uma situação bastante crítica e perigosa para o Islam, porém Abu Bakr (r.a.a.) foi bem sucedido em todas as questões que enfrentou. Não só reprimiu as rebeliões como iniciou ataques às potências imperiais da Pérsia e Síria, que eram inimigas do Islam. Isto, por um lado, manteve elevado o moral dos muçulmanos e, por outro, fez com que os inimigos se sentissem intimidados e assustados com o poder dos muçulmanos.

Conselho Consultivo ou *Shura*

O sistema administrativo vigente no período de Abu Bakr (r.a.a.) foi quase o mesmo que o utilizado durante a época do Profeta (s.a.a.). No entanto, Abu Bakr (r.a.a.) nomeou um Conselho Consultivo para ouvir sugestões e conselhos sobre importantes questões de estado. Isto foi feito de acordo com uma injunção do Alcorão que orienta os muçulmanos a se aconselharem entre si sempre que for necessário. O Conselho Consultivo indicado pelo primeiro califa era composto por Omar, Osman, ‘Ali, Abdur Rahman bin Auf, Muaz bin Jabal, Ubai bin Ka’b, Zaid bin Sabit e alguns outros companheiros *muhajirin* e *ansar* do Profeta (s.a.w.). Segundo Ibne-Sa’d, sempre que alguma questão de importância nacional surgia, o califa convocava uma reunião do Conselho Consultivo para decidir sobre a matéria.

Formação das Províncias

Até então, não havia divisão política ou administrativa da península arábica, o que só foi acontecer durante o califado de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.), quando foram formadas as primeiras províncias. As novas entidades políticas eram Medina, Meca,Ta'if, San'aa, Najran, Hazar Maut, Bahrain e Doumatul Jandal.

Os muçulmanos que tinham sido indicados pelo Profeta (s.a.w.) não foram mexidos por Abu Bakr Siddiq (r.a.a.), e permaneceram em seus postos e posições de origem. Quando qualquer posto vagava e necessitava ser preenchido, Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) tomava muito cuidado na escolha do pretendente. Ele escolhia para o cargo a pessoa que combinasse tino administrativo com espiritualidade. Além do mais, ele aconselhava os indicados, no momento da partida para assumirem seus postos, que fossem honestos, justos e que jamais ignorassem os princípios islâmicos ou se esquecessem deles.

Durante o Califado de Abu Bakr, 'Ali, Zaid bin Sabit e Osman bin Affan (r.a.a.) ficaram responsáveis pelos escritos oficiais de um modo geral. Outros muçulmanos também os ajudaram nessa tarefa. Abu Obaidah cuidava de *Baitul Mal* (Erário, Tesouro) e Omar Faruq (r.a.a.) era o encarregado da administração da justiça. Outros funcionários indicados nas várias províncias para cuidar da administração foram os seguintes:

Meca
Atab bin Usaid (r.a.a.).Ele morreu exatamente no mesmo dia da morte de Abu Bakr (r.a.a.).

Ta'if
Osman bin Abi-Al-Aas (r.a.a.)

San'aa
Muhajir bin Abi Umaiya (r.a.a.)

Hazar Maut
Ziyad bin Labid Ansari (r.a.a.)

Khawlan
Yali bin Anba (r.a.a.)

Zabid e Zam'aa
Abu Musa (r.a.a.)

Jand
Muaz bin Jabal

Bahrain
Ala bin Al-Haz-irami (r.a.a.)

Najran
Jurair bin Abdullah (r.a.a.)

Jarash
Abdullah bin Soor (r.a.a.)

Doumatul Jandal
Aiyaz bin Ghanam (r.a.a.)

Khalid bin Walid (r.a.a.) foi o Comandante-em-Chefe do exército muçulmano.

Finanças

Durante o califado de Abu Bakr, as principais fontes de receita do estado islâmico eram o *zakat*, o *ushr*, a *jizya* e os espólios de guerra. No início de seu califado, o Tesouro ainda não estava organizado e todas as quantias recebidas das várias fontes eram distribuídas igualmente entre as pessoas, sem qualquer discriminação entre libertos e escravos. Uma vez, quando um homem se opôs à igualdade de critérios na distribuição, Abu Bakr disse: "Não deve haver

discriminação na distribuição das provisões, todos têm direitos iguais".

Durante os últimos dias do Califado de Siddiq, foi construído um prédio para abrigar *Baitul Mal* (Tesouro). Tudo o que chegava a *Baitul Mal* era imediatamente distribuído e assim o Tesouro estava sempre vazio como antes. Por este motivo, não havia guardas tomando conta do prédio. Certa vez, alguém pediu ao califa que colocasse alguns guardas em *Baitul Mal*, mas ele respondeu, "Ó, não há necessidade disto porque ele está sempre vazio." Isto mostra que Abu Bakr não era a favor da acumulação de riqueza, nem mesmo em *Baitul Mal*. Foi por causa desta política de distribuição de renda que, depois de sua morte, só foi encontrada a quantia de um dirham em *Baitul Mal*.

Exército

No Califado de Abu Bakr também não havia um exército regular. Como na época do Profeta (s.a.w.), as pessoas vinham e se ofereciam para as campanhas de *jihad.* Abu Bakr, no entanto, fez uma única mudança. Segundo as exigências da estratégia de guerra, ele dividia o exército em vários regimentos e brigadas. Cada regimento ou brigada ficava sob o comando de um general e acima dos generais estava o *Amirul Asakar* (Comandante-em-Chefe).

O caráter do exército islâmico pode ser compreendido a partir das seguintes palavras de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.), que foram proferidas quando o exército estava preste a partir para a Síria. Ele disse:

"Lá, vocês encontrarão uma comunidade, cujos membros se devotaram à oração a Deus, assim não os perturbem. Eu os oriento a jamais matarem mulheres, crianças e velhos, não cortarem as árvores frutíferas ou as plantações nos campos; não transformarem um lugar habitado em deserto; não matarem animais, a não ser que seja para o alimento; não incendiarem os oásis; não se

apropriarem indevidamente dos espólios de guerra e não se acovardarem durante os combates.”

Uma parte das receitas de *Baitul Mal* foi apartada para os gastos militares. Havia também pastagens específicas destinadas aos cavalos e camelos pertencentes ao exército.

Alcorão sob a Forma de Livro

De modo equivocado, algumas pessoas sustentam que o Alcorão, conforme se apresenta hoje, sob a forma de livro, não foi compilado durante a existência do Profeta (s.a.w.). Segundo elas, as suratas (capítulos) do Alcorão não eram denominadas e nem divididas como as lemos hoje e que seus versículos não estavam na ordem em que se apresentam atualmente. De acordo com essas pessoas, a sistematização do Alcorão foi feita durante o Califado de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.). No entanto, do ponto de vista histórico, trata-se de uma noção errada. Não há dúvida de que o Alcorão tomou a forma de livro durante o Califado de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) e que este também pode ser contabilizado como um dos maiores serviços prestados por ele ao Islam.

Mas o fato é que o Alcorão foi completamente compilado enquanto o Profeta (s.a.w.) estava vivo, e por ele mesmo. É fato histórico que, sempre que um versículo era revelado, o Profeta (s.a.w.) chamava seus escribas para que registrassem as revelações e os instruía a escrever o versículo recém-revelado no capítulo e na ordem fixada por ele (s.a.w.). Também era ele quem definia o começo e o fim de cada surata, dando-lhe o respectivo título. Depois de concluída uma surata, uma outra começava. Porém, algumas vezes duas suratas eram reveladas simultaneamente e o Profeta (s.a.w.) definia e distribuía seus versículos. Assim, a ordem e a localização de cada versículo e surata foi fixada e compilada por ninguém menos

que o próprio Profeta (s.a.w.), de acordo com as instruções recebidas de Allah. Em várias tradições do Profeta (s.a.w.) são encontradas referências às suratas alcorânicas, o que é uma evidência de que elas foram intituladas pelo próprio Profeta (s.a.w.). A esse respeito, pode-se citar uma tradição narrada em "*Sahih Bukhari*", segundo a qual o Arcanjo Gabriel, uma vez por ano, costumava recitar diante do Profeta (s.a.w.) o Livro inteiro e no ano da morte dele, Gabriel recitou duas vezes toda a Escritura, em sua ordem e forma final. Esta também é uma prova de que a forma atual do Alcorão já estava organizada pelo Profeta (s.a.w.), segundo a orientação de Allah.

Também é fato conhecido que havia milhares de companheiros do Profeta (s.a.w.) que memorizaram o Alcorão, à medida que ele (s.a.w.) transmitia as revelações que ia recebendo. Essas pessoas são chamadas de "*Hafez*", ou Preservador (do Alcorão). Eles sabiam de cor, palavra por palavra, desde a surata "*Al Fatiha*" até a surata "*An-Nas*" (do começo ao fim), o que mostra que o Alcorão foi compilado por inteiro durante a época do Profeta.

Os historiadores concordam que durante o Califado de Abu Bakr, quando os apóstatas e os falsos profetas se manifestaram e a guerra contra eles foi iniciada, então, juntamente com outros companheiros, vários "*huffaz*" (Os Preservadores do Alcorão) também foram martirizados durante os combates. Para citar como exemplo, somente na batalha de Yamama, cerca de setecentos *huffaz* foram martirizados. Era motivo de grande preocupação, principalmente para Omar (r.a.a.), o futuro da integridade do Alcorão, tendo em vista o grande número de *huffaz* sendo mortos. Assim, ele sugeriu a Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) que providenciasse a sistematização do Alcorão sob a forma de livro. De início, Abu Bakr (r.a.a.) não concordou com a idéia, sob a alegação de que não poderia fazer uma coisa que não tinha sido feita pelo Profeta (s.a.w.). Omar (r.a.a.), no entanto, convenceu-o de que a situação exigia esta providência pois, do contrário, algumas partes da Escritura

poderiam se perder. Ele disse que era a necessidade da hora, assim como da preservação para o futuro, que a Escritura assumisse a forma de livro. Então, o Alcorão ficou resguardado para sempre de qualquer alteração ou interpolação.

Abu Bakr (r.a.a.) acabou se convencendo com os argumentos de Omar (r.a.a.) e pediu a Zaid bin Sabit (r.a.a.) que reunisse a Escritura sob a forma de um livro. Zaid bin Sabit (r.a.a.) era um dos *Katibs* principais (copista ou escriba) na época do Profeta (s.a.w.) e conhecia muito bem o Alcorão. Quando o Califa sugeriu a ele que reunisse as suratas do Alcorão e que preparasse uma cópia do Livro Sagrado, ele também apresentou a mesma objeção feita pelo Califa, quando Omar (r.a.a.) fez a sugestão. Zaid bin Sabit (r.a.a.) consultou outros grandes Companheiros do Profeta (s.a.w.) que também apoiaram a idéia. Então, Zaid (r.a.a.) acabou por se convencer e começou o trabalho, que consumiu grande esforço e horas de consultas a outros *huffaz*. Assim, o Alcorão assumiu a forma de livro e ficou protegido, para sempre, de todo o tipo de alteração. Este foi um grande serviço prestado ao Islam, realizado durante o Califado de Abu Bakr. Esta cópia do Alcorão é conhecida na história como "*Mas-haf-e-Siddiqi*", ou "a cópia de Siddiq".

Tratamento dos Não-Muçulmanos

Os não-muçulmanos no estado islâmico são chamados de "*zimmi*". O Profeta (s.a.w.) tinha dado grande ênfase aos direitos e segurança dos *zimmis*. Da mesma forma, Abu Bakr (r.a.a.) também foi muito criterioso neste particular. Os direitos que tinham sido concedidos pelo Profeta (s.a.w.) aos *zimmis* foram mantidos inteiramente durante o Califado de Abu Bakr. Ele não só confirmou como renovou aqueles direitos aos novos *zimmis* que foram incorporados mais tarde ao estado islâmico. Sobre os cristãos dos territórios conquistados, ele decretou:

"Suas igrejas e monastérios não devem ser demolidos. Suas fortificações também não devem ser demolidas. Eles devem ser livres para praticarem sua religião, deveres e funções."

Os *zimmis* não eram obrigados de modo algum a participar da defesa do estado. Porém, eles tinham que pagar uma pequena quantia em dinheiro para usufruírem os serviços de defesa. Esta espécie de imposto era chamado de *jizya*. A *jizya* devia ser paga pelos adultos capazes. Os deficientes ou incapazes de se sustentarem estavam isentos do pagamento da *jizya,* e tinham direito a uma espécie de pensão paga pelo *Baitul Mal*.

A Defesa da Fé

O objetivo primordial do Califado era a defesa da religião muçulmana e Abu Bakr foi muito criterioso na manutenção e preservação dos princípios islâmicos. Ele jamais fazia algo que não tivesse sido praticado na época do Profeta. Um exemplo desse comportamento e já citado aqui, foi quanto à questão da sistematização do Alcorão sob a forma de livro. No tocante às tradições do Profeta, ele também foi muito cuidadoso e rigoroso. Ele só narrava as tradições do Profeta (s.a.w.) após exame criterioso e profunda investigação. Ele criou um comitê formado por notáveis companheiros do Profeta (s.a.w.), com o objetivo de cuidar dos princípios e da doutrina islâmicos.

Posição Exaltada

Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) é visto, e com razão, como uma das mais exaltadas e dignas personalidades do Islam. Ele foi incluído entre os "*Sabequn-al-Awwalun*", isto é, entre aqueles primeiros muçulmanos a aceitarem o Islam, no início da missão de Muhammad (s.a.w.). Ele foi o primeiro, entre os homens adultos, a aceitar o Islam. O Profeta (s.a.w.) costumava dizer: "Abu Bakr foi o homem a quem convidei

para o Islam e que aceitou sem qualquer hesitação ou suspeita.” Foi Abu Bakr (r.a.a.) quem acompanhou o Profeta (s.a.w.) na Hégira para Medina. Ele participou das campanhas de Badr, Uhud, Ahzab e quase todas as batalhas, sempre ao lado do Profeta (s.a.w.). Logo nos primeiros dias do Islam, ele começou a libertar os escravos desamparados que tinham aceitado o Islam e que, por causa disso, eram torturados por seus cruéis senhores. Naqueles dias, Abu Bakr chegou a comprar e alforriar não menos do que sete escravos. Ele era um mão aberta e não media esforços pela causa do Islam. O Profeta (s.a.w.) disse: “Por Allah, a riqueza de Abu Bakr beneficiou o Islam mais do que qualquer outro.”

Antes de assumir o Califado, sua profissão era a de comerciante de roupas e ganhava muito dinheiro, mas nunca acumulou fortuna para si ou para sua família. A maior parte de suas rendas ele gastou pela causa do Islam. Depois de se tornar Califa, como não tivesse mais tempo para trabalhar pela sua própria sobrevivência ou a de sua família, a *Ummah* fixou uma pequena quantia para sua manutenção, que era suficiente para o sustento de uma pessoa comum. Como se vê, Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) foi o primeiro governante (que governou milhões de pessoas) conhecido na história cujo sustento foi fixado pelas pessoas e que não era uma quantia muito grande. Mesmo assim, quando estava morrendo, ele orientou seus herdeiros que tudo o que tinha recebido de *Baitul Mal* para seu sustento deveria ser pago com a venda de parte de suas terras.

Abu Bakr (r.a.a.) também foi um homem de grande instrução. Ele era um estudioso do Alcorão, de *Tafsir* (explicação do Alcorão), de Hadice (Tradições do Profeta), Jurisprudência e de outras ciências islâmicas. Sua compreensão do Alcorão era tão profunda que não havia ninguém, dentre os companheiros, que pudesse se comparar a ele. A genealogia era uma grande ciência na Arábia e Abu Bakr (r.a.a.) era um perito nesta ciência e foi reconhecido como um dos grandes genealogistas de sua

época. Também tinha alguma inclinação para a poesia. Durante os dias da ignorância, ele costumava compor poemas mas depois do advento do Islam ele abandonou este talento. Ibn-e-Rashique citou algumas de suas poesias, em seu *Kitabul Umdah*. Embora não fosse um grande orador, seus discursos, no entanto, eram bastante solenes. Como se viu anteriormente, por ocasião da morte do Profeta (s.a.w.), seus grandes companheiros, como Omar (r.a.a.) e outros ficaram absolutamente atônitos, e coube a Abu Bakr trazer um pouco de racionalidade aos atordoados companheiros, ao fazer um discurso que trouxe o equilíbrio a todos. Depois da cerimônia do Compromisso de Fidelidade ao Califado, ele também fez um discurso que teve um impacto histórico e é considerado um marco no caminho da democracia.

Ele foi um soldado intrépido e valoroso e nada foi mais caro a ele do que o Islam. Na batalha de Badr, um de seus filhos, que ainda não tinha aceitado o Islam, combateu ao lado dos coraixitas contra os muçulmanos. No entanto, após alguns dias, ele se converteu e veio a Medina para se encontrar com seu pai. Certo dia, quando a batalha de Badr ainda era motivo de comentários em uma reunião em que estavam presentes Abu Bakr e seu filho, ele disse: “Pai, na batalha de Badr eu tive três chances de matar você facilmente, porém não o fiz porque você é meu pai.”

E ele respondeu: “Mas, se fosse eu quem tivesse uma única oportunidade de matar você, eu não o teria poupado”. Isto comprova que o Islam era mais importante do que tudo, até do que o próprio filho.

No começo do seu Califado, quando começaram as rebeliões contra o Islam, o próprio Califa sacou de sua espada e quis partir em *Jihad* contra os revoltosos. Ao ver isto, ‘Ali (r.a.a.) se adiantou e o interrompeu, dizendo: “Ó Califa do Mensageiro de Allah, onde você está indo? Neste momento, devo repetir as mesmas palavras que eu disse ao Profeta (s.a.w.), por ocasião da batalha de Uhud. ‘Guarde

sua espada. Você não deve estar, em pessoa, nos combates. Não permita Deus, mas se você for posto em perigo então todo o sistema islâmico perecerá.“.

Abu Bakr Siddiq era, por natureza, um homem suave e gentil. Por diversas vezes seus olhos se encheram de lágrimas e não conseguia tolerar que qualquer pessoa passasse por alguma dificuldade. Ele sempre procurava os desamparados e necessitados e fazia o que fosse necessário, sem qualquer hesitação. Ele permitia que o gado dos outros pastasse em seus campos e até ordenhava suas cabras. Quando se tornou Califa, uma mulher, cujas cabras eram ordenhadas por ele, veio e disse “Agora que você se tornou Califa, quem irá ordenhar minhas cabras?”

Abu Bakr Siddiq a confortou, dizendo: “Não precisa se preocupar, a responsabilidade do Califado não pode me impedir de servir ao povo.” E é fato que, enquanto viveu, ele continuou a atender a todos pessoalmente. Com todas essas responsabilidades e serviços, ele rezava tarde da noite. Abu Bakr teve três filhos, Abdullah, Abdur Rahman e Muhammad, e três filhas, Asma, Aysha e Umm Kulthum (r.a.a). Seu pai, Abu Qahafa, morreu seis anos depois de sua morte.

CAPÍTULO VI

OMAR IBN-AL-KHATTAB (r.a.a.)

O Segundo Califa do Islam

(De 13 a 24 da Hégira – 634 a 645 d.C.)

Como vimos nas páginas anteriores, Abu Bakr Siddiq (r.a.a.), o primeiro Califa, sentindo a morte se aproximar, indicou Omar (r.a.a.) como seu sucessor. Assim, depois de sua morte, Omar assumiu o Califado como o segundo Califa do Islam. Era o mês de Jamadius-sani, 13º ano da Hégira.

O nome do segundo Califa era Omar e tinha o apelido de "*Faruq*", aquele que diferencia o verdadeiro do falso. O nome de seu pai era "al-Khattab". Portanto, seu nome era Omar Faruq ibn-al-Khattab. Ele era oriundo de Bani 'Adi, um ramo do Coraix. A árvore genealógica de sua família se encontra com a do Profeta (s.a.w.) na oitava geração. Durante os dias de ignorância, Banu 'Adi usufruía uma alta posição e era encarregada dos serviços diplomáticos e da administração da justiça. Mesmo antes do advento do Islam, Omar era conhecido por sua coragem e ousadia. Ele sabia ler e escrever e tinha um grande interesse pela oratória. Seu meio de vida era o comércio e por causa dos negócios ele andou por vários lugares, o que lhe trouxe grande conhecimento e experiência.

Com o advento do Islam, da mesma forma que outros líderes coraixitas, Omar foi implacável com o Profeta (s.a.w.) e a nova religião. No entanto, o Profeta (s.a.w.) admirava as habilidades de Omar e, por isso, sempre suplicava a Allah que Omar aceitasse o Islam. Omar era um inimigo terrível do Islam e do Profeta (s.a.w.) mas, por uma dessas ironias do destino, sua irmã e o cunhado tinham aceitado o Islam muito antes dele. Certo dia, instigado por Abu Jahl e alguns

outros coraixitas, Omar sacou sua espada e partiu em busca do Profeta para matá-lo. No meio do caminho, alguém lhe disse que sua irmã e o marido também tinham aceitado o Islam. Esta notícia o deixou tão furioso que, em vez de procurar o Profeta (s.a.w.), foi primeiro para a casa da irmã. Quando Omar chegou lá, ela estava recitando a Surata Taha (um capítulo do Alcorão). Omar ouviu e começou a bater em sua irmã e no cunhado sem dó nem piedade. E continuou a bater neles violentamente e, por fim, pediu-lhes que abandonassem o Islam. Porém, a irmã e o cunhado se recusaram. Impressionado com a determinação dos dois, Omar começou a achar que devia haver alguma coisa incomparável naquela nova religião. Assim, ele pediu que o cunhado recitasse alguma coisa do Alcorão. Então, o cunhado começou a recitar a Surata Taha. Ao ouvir os versículos, Omar gritou impacientemente: “Não há outra divindade senão Allah.” Seu cunhado o levou ao Profeta (s.a.w.), diante de quem se converteu ao Islam.

Até então, apenas quarenta pessoas tinham aceitado o Islam e ninguém ousava ir até a Caaba para orar. Porém, após a conversão de Omar, a situação se modificou inteiramente e os muçulmanos começaram a entrar na Caaba para fazer o *salat* (oração). Foi por causa dessa ousadia e energia pela causa do Islam que o Profeta (s.a.w.) o honrou com o título de “*Faruq*”, isto é, aquele que diferencia o verdadeiro do falso.

Como o comando para o *jihad* ainda não tivesse sido revelado por Allah, Omar, apesar de sua ousadia e bravura, não tinha tido oportunidade de combater a tirania dos descrentes. Por causa de sua posição social, os coraixitas não ousavam intimidá-lo conforme faziam com outros muçulmanos pobres, o que não quer dizer que ele também não tenha sofrido bastante depois de ter ingressado nas fileiras do Islam.

Depois de receber a ordem para a Hégira (migração), Omar (r.a.a.) foi a Caaba fazer sua oração e, depois de fazer

o *Tawaf* (circular em torno da Caaba), declarou abertamente: “Ó! Descrentes do Coraix, estou partindo de Meca para Medina. Quem dentre vocês tem coragem suficiente para me impedir?”

Os coraixitas ouviram esta declaração mas ninguém ousou aceitar o desafio. Embora eles tentassem impedir forçosamente os muçulmanos pobres e fracos de partirem para Medina, ninguém se apresentou para enfrentar Omar (r.a.a.).

Depois da Hégira, ele participou de Badr, Uhud e todas as outras batalhas que aconteceram durante o período do Profeta. Na batalha de Badr, ele matou muitos de seus parentes e antigos companheiros, que tinham vindo para combater os muçulmanos, ao lado dos coraixitas. Por ocasião da batalha de Tabuk, quando o Profeta (s.a.w.) pediu aos muçulmanos que fizessem doações, Omar ofereceu metade de sua fortuna e pertences. Foi nessa ocasião que Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) ofereceu tudo o que possuía. Como se vê, quando se fala em sacrifício pela causa do Islam, Omar (r.a.a.) conquistou a posição logo depois de Siddiq (r.a.a.). A personalidade de Omar no Islam pode ser compreendida pelo que, certa vez, disse o Profeta (s.a.w.): “Se tivesse que vir um outro profeta depois de mim, ele seria Omar.”

Assim que o Profeta (s.a.w.) morreu, Omar desempenhou um grande papel para esclarecer a perigosa situação referente à sucessão do Profeta (s.a.w.), criada por uma facção.

Embora a integridade, o espírito de justiça e a habilidade de estadista de Omar fossem bem conhecidos de todos, no entanto, quando Abu Bakr (r.a.a.) sugeriu seu nome como seu sucessor, algumas pessoas se opuseram por causa do temperamento áspero que viam em Omar. Naquela oportunidade, Siddiq disse que a responsabilidade

do Califado mudaria seu comportamento. E esta opinião de Siddiq (r.a.a.) mostrou-se correta.

Guerra em Duas Frentes

Logo após assumir o Califado, Omar (r.a.a.) teve que enfrentar a situação criada pela guerra na Síria e na Pérsia. Ele se esforçou ao máximo para consolidar a posição do exército muçulmano que lutava na Pérsia e na Síria e criou o espírito de *jihad* nos muçulmanos que tinham chegado a Medina, vindos de fora para o *Bai'et* (Juramento de Aliança) ao novo Califa. E foi assim que Omar conseguiu organizar e enviar um exército de alguns milhares de *mujahidin* à Pérsia, sob o comando de Abu Obaid Saqafi.

Agora, os persas também estavam mais vigilantes e conscientes do que nunca. Puran Dukht tinha indicado Rustam, o grande guerreiro e herói do Corassã, como comandante-em-chefe do exército persa. E Rustam preparou toda a Pérsia para a guerra, incitando seus sentimentos religiosos. Então toda a nação persa agora estava preparada para enfrentar os muçulmanos.

Com esta nova estratégia, dois famosos generais persas, Narsi e Jaban, foram escolhidos para ajudar Rustam como e quando fosse necessário. Os dois generais marcharam dos dois lados como forças auxiliares em favor de Rustam. O exército muçulmano, sob a liderança de Abu Obaid Saqafi, enfrentou as forças de Jaban em Namaraq e Jaban foi derrotado por Abu Obaid. Alguns dos grandes generais persas foram mortos e Jaban foi preso. Mas, infelizmente o soldado muçulmano que prendeu Jaban não o reconheceu. Ele achou que era um oficial comum e o libertou em troca de dois escravos. Enquanto isto, alguns muçulmanos reconheceram Jaban e quiseram tornar a prendê-lo, mas Abu Obaid não permitiu porque achou que não se justificava tornar a prender uma pessoa que já tinha sido libertada por um muçulmano.

Após impor a Jaban uma derrota esmagadora, Abu Obaid, juntamente com seu exército, seguiu em frente e encontrou Narsi, o outro oficial persa, em Maqatia. Narsi também foi derrotado fragorosamente por Abu Obaid, na batalha de Maqatia. Depois disso, todos os chefes persas que estavam nas proximidades de Maqatia foram dominados.

Ao ter conhecimento dessas derrotas, Rustam despachou um outro exército, sob o comando de Mardan Shah. Este exército persa enfrentou os muçulmanos às margens do rio Eufrates. Junto com os soldados, foram trazidos elefantes e cavalos árabes que, como nunca tinham visto elefantes antes, ficaram assustados. Os muçulmanos atacaram os elefantes mas, infelizmente, Abu Obaid foi esmagado pela pata de um elefante. Depois de seu martírio, os muçulmanos se desorientaram e sofreram uma derrota. Milhares de soldados morreram afogados no Eufrates, porém Musana bin Harisa Shibani, com grande dificuldade, ainda conseguiu salvar três mil soldados.

Batalha de Buwaib

Omar (r.a.a.) ficou chocado ao receber a notícia dessa derrota e que, além do mais, milhares de muçulmanos tinham morrido. Então, ele proferiu um discurso apaixonado e preparou toda a nação para o *jihad*. Até os árabes cristãos se aprontaram para combater os persas. Com esse objetivo, um novo exército foi mobilizado e Omar (r.a.a.) o despachou para a Pérsia, sob o comando de Abdullah Bajli. Musanna, por seu turno, também organizou um exército com as tribos da fronteira e se encaminhou para a frente de batalha.

O exército muçulmano acampou em Buwaib, aonde doze mil soldados persas chegaram, sob o comando de Mehran bin Jaduwiya. Cruzando o rio Eufrates, o exército de Mehran assumiu sua posição para enfrentar os muçulmanos.

No início dos combates, vários muçulmanos foram martirizados mas eles não se intimidaram e permaneceram firmes no campo de batalha. Mais tarde, chegou Musanna com seu exército tribal e atacou os persas com tanta bravura que eles foram obrigados a fugir. Mehran, o comandante do exército persa, foi morto durante a luta por um homem de Banu Tughlab. Depois desta vitória, os muçulmanos se espalharam por todo o Iraque.

Os persas ficaram tão enfurecidos com a derrota sofrida em Buwaib que depuseram Puran Dukht e, em seu lugar, colocaram Yazdgard. Mais uma vez, começaram a preparar seus exércitos e, em poucos dias, seus fortes e acampamentos estavam equipados com armas e suprimentos. Em seguida, os persas incitaram a população dos territórios conquistados pelos muçulmanos a se rebelarem contra o governo islâmico. Assim, Musanna viu-se obrigado a recuar e voltar para as fronteiras árabes. O Califa foi informado dos acontecimentos.

Ao saber da nova situação, Omar (r.a.a.) convocou todos os líderes, nobres, oradores e os bravos guerreiros de toda a Arábia para uma reunião. Atendendo à convocação do Califa, todos acorreram a Medina, que ficou repleta de pessoas influentes de toda a península. Omar expressou a eles o seu desejo de participar pessoalmente dos combates na frente de batalha e comandar o exército. Mas, os Companheiros do Profeta (s.a.w.) se opuseram a esta decisão e foram de opinião que o Califa não deveria sair da capital. Assim, após a reunião com aquelas pessoas influentes, o Califa indicou Sa'd bin Abi Waqqas (r.a.a.) como comandante-em-chefe do exército muçulmano que lutaria na Pérsia. Sa'd bin Abi Waqqas (r.a.a.) era um dos grandes Companheiros e conquistou fama e renome por causa de seus grandes gestos durante a existência do Profeta (s.a.w.). Portanto, todos gostaram da sua nomeação como comandante-em-chefe do exército que estava partindo para a Pérsia.

Sa'd bin Abi Waqqas (r.a.a.) pôs-se a caminho para a frente de batalha com um exército de vinte mil *mujahidin*. Na hora de sua partida, Omar deu-lhe alguns conselhos valiosos. Neste exército, havia cerca de 70 companheiros do Profeta (s.a.w.) que tinham participado da batalha de Badr. Além do mais, havia, também, cerca de trezentos companheiros do Profeta (s.a.w.) que tinham tomado parte do "*Bai-ate-Rizwan*" (Juramento sob a árvore) e perto de cem companheiros que tinham acompanhado o Profeta (s.a.w.) durante a conquista de Meca. Todos esses companheiros continuavam imbuídos do mesmo espírito de *jihad* que os dominara na época do Profeta (s.a.w.). Eles tinham a certeza de que não estavam combatendo com o objetivo de conquistar ganhos mundanos ou interesses pessoais e sim pela causa de Allah e de Sua Mensagem – o Islam.

Omar (r.a.a.) conhecia bastante bem o Iraque porque ele já tinha viajado por todo o país por causa de seus negócios ligados ao comércio. Em razão dessa experiência, ele chamou para si a organização, a ordem, a fortificação e movimentos do exército. Segundo At-Tabari, o Califa orientou Sa'd bin Abi Waqqas que, em cada lugar que parasse, deveria enviar mapas e detalhes de cada destinação. O primeiro destino foi Sharaf. Ao chegar lá, Sa'd enviou para o Califa os mapas e outros detalhes. A segunda parada foi Qad'sia e Sa'd agiu da mesma forma que a anterior. Então, o Califa ordenou que ele mandasse uma missão diplomática à Pérsia a fim de pregar o Islam.

Missão de Paz

Sa'd bin Abi Waqqas permaneceu aguardando por cerca de dois meses que o exército persa se aproximasse, mas ninguém apareceu. Contudo, depois de dois meses, o rei persa Yazdgard mandou Rustam, um de seus maiores generais, à frente de um exército enorme, para enfrentar os muçulmanos em Qad'sia. Sa'd mandou informar o Califa dos

últimos acontecimentos. Em sua resposta, Omar sugeriu que, em hipótese alguma, os muçulmanos se assustassem com a quantidade de soldados inimigos e nem com o seu poder e que se mantivessem confiantes em Allah que os socorreria e os ampararia. O Califa também sugeriu que, antes de a guerra começar, Sa'd enviasse uma Missão de Paz ao governante persa e o convidasse a aceitar o Islam.

Seguindo as instruções do Califa, Sa'd mandou uma Missão de Paz a Yazdgard. A delegação era composta por No'man bin Muqran, Qais bin Zerarah, Ash'as bin Qais, Furat bin Haban, Asim bin Shu'ba e Musanna bin Haris (r.a.a.). Eles primeiro se aproximaram de Rustam, que os encaminhou a Yazdgard. Em Madain, Yazdgard se encontrou com eles com grande pompa e ostentação.Todos os seus ministros, nobres e líderes, inclusive Rustam, estavam presentes. Yazdgard manteve longas discussões com os integrantes da Missão, que lhe disseram que ou aceitava o Islam ou pagava a *jizya*. Se ele não aceitasse, então somente a espada poderia decidir a questão. Ao ouvir isto, Yazdgard ficou bastante enfurecido e respondeu que, se eles não fossem os membros de uma missão diplomática, teriam sido mortos ali mesmo. O rei, no entanto, quis humilhar os muçulmanos e ordenou que seus homens trouxessem uma cesta cheia de terra. Quando ela foi trazida, Yazdgard a deu para o líder da Missão de Paz e disse: "Leve isto para o seu Chefe e diga-lhe que foi só isto que os muçulmanos conseguiram do solo persa."

Os delegados da Missão retornaram com a cesta cheia de terra para Sa'd e, cumprimentando-o, disseram a ele que o próprio governante persa tinha oferecido a terra da Pérsia a eles, o que era um bom presságio.

Embora Rustam tivesse recebido a ordem de Yazdgard para combater os muçulmanos em Qad'sia, ele, na verdade, estava tentando evitar a guerra, porque conhecia muito bem os muçulmanos. Ele tinha consciência de sua nobreza e moral e também sabia que sua nova

religião os tinha tornado tão corajosos que preferiam a morte a ter que fugir de qualquer combate. Com isto em mente, Rustam escreveu uma carta a Sa'd pedindo que mandasse de novo uma delegação para negociar a paz. Desta maneira, Sa'd enviou a Rustam, um de cada vez, Rabayi bin Omar, Huzaifa bin Mohsin e Mughira bin Shuba, porém em vão, pois não houve qualquer resultado. Por fim, mais uma vez, Sa'd enviou um mensageiro a Rustam com o convite para que aceitasse o Islam, mas Rustam se recusou e, jurando em nome do sol e da lua, declarou que esmagaria os muçulmanos na manhã seguinte. Então, todas as negociações de paz fracassaram e a guerra foi declarada.

Batalha de Qad'sia

Na manhã seguinte, o campo de batalha de Qad'sia estava repleto de soldados persas, sob o comando de Rustam. Os *mujahidin* muçulmanos também estavam prontos.

Infelizmente, naquele mesmo dia, Sa'd bin Waqqas foi tomado por uma grave doença que o impediu de ficar em pé e se mover. Sa'd indicou Khalid bin Arfat para, em seu lugar, comandar o exército durante os combates. Ele próprio se sentou em um lugar de onde poderia ter uma visão completa do campo de batalha. No primeiro dia, a luta entre os dois exércitos começou depois do *Zuhr* (oração do meio-dia) e se prolongou até o final da noite, porém indefinida.

No segundo dia, os combates foram mais violentos. Nesse dia, o reforço enviado pelo Califa, sob o comando de Qa'qa, alcançou o campo de batalha quando uma luta feroz ainda estava se desenrolando. A chegada de Qa'qa levantou o moral do exército islâmico, que redobrou seus esforços na luta. Os combates continuaram até o início da noite, mas também sem resultado definido. Nesse dia, cerca de mil persas e dois mil muçulmanos foram mortos.

No terceiro dia, a luta foi retomada pela manhã. Os elefantes do exército persa estavam criando sérios problemas para os *mujahidin* muçulmanos. Na verdade, eles estavam provocando um enorme estrago nas fileiras dos *mujahidin* e por isso, alguns deles, desesperados, partiram para atacar os elefantes, fazendo com que eles perdessem os olhos. O próprio Qa'qa atacou um elefante que trazia a bandeira persa em suas costas. Os elefantes feridos começaram a recuar e criou-se uma grande confusão no campo. Desta forma, a parede formada pelo exército persa partiu-se completamente. A luta continuou até o meio-dia do dia seguinte.

Rustam lutou com grande fervor mas, no final, sentiu-se tão cansado que foi ferido gravemente. Nesse estado, ele perdeu completamente o entusiasmo pela luta e tentou escapar do campo de batalha. Quando estava recuando, ele alcançou o lado do rio onde um soldado muçulmano o encontrou e o matou. Depois da morte de Rustam, o exército persa ficou desorientado e seus soldados começaram a fugir. E foi assim que os muçulmanos conquistaram a vitória na histórica batalha de Qad'sia. Esta batalha é vista como uma das mais decisivas da história islâmica porque ali foi decidido o destino da Pérsia para sempre. Embora a guerra continuasse por mais alguns dias depois de Qad'sia, o poderio persa não conseguiu sobreviver muito mais por causa desta derrota. O número de perdas do lado persa foi de vinte mil soldados.

Sa'd bin Waqqas, ao tomar conhecimento da grande vitória muçulmana em Qad'sia, despachou imediatamente um mensageiro para informar o Califa Omar (r.a.a.). Desde o dia em que a batalha de Qad'sia tivera início, ele aguardava ansiosamente por notícias da frente de batalha. Todos os dias ele se dirigia às cercanias de Medina esperando por uma mensagem de Sa'd ibn Abi Waqqas. Assim, no dia em que o mensageiro de Sa'd se aproximava de Medina, Omar estava nas vizinhanças da cidade e ao vê-lo, Omar, nervoso, começou a inquiri-lo sobre os acontecimentos. O

mensageiro começou a contar as novidades sobre a batalha e a vitória mas, como não tivesse reconhecido o Califa, tomando-o por uma pessoa comum, não parou diante dele. Omar, por sua vez, também não se identificou. O mensageiro não desceu do cavalo e o Califa continuou correndo ao seu lado, indagando-o sobre a batalha. Quando eles entraram na cidade é que o mensageiro veio a saber que aquele homem que viera correndo atrás dele desde os subúrbios de Medina era nada mais nada menos do que o Califa Omar, em pessoa. O mensageiro ficou com medo, pois achou que tinha insultado o Califa e que seria punido por isto. Mas Omar não se importou, pelo contrário, disse a ele: “Ó!, não tem importância, continue contando.”

Ao ouvir os detalhes de toda a história e, principalmente, da vitória, o Califa se dirigiu para a mesquita e lá, diante dos muçulmanos reunidos, leu a carta de Sa’d e declarou: “Ó, muçulmanos, eu não sou um rei e não pretendo escravizá-los. Pelo contrário, eu é que sou um servo de Allah e o pesado fardo do Califado foi posto sobre meus ombros. Assim, se eu puder servi-los de um modo que os satisfaça e que possam dormir em paz em suas casas, eu me considerarei um homem afortunado. Porém, se eu quiser que vocês se apresentem no limiar de minha casa, então, de fato, serei um companheiro miserável. Neste caso, me sentirei mais infeliz do que feliz.”

A Captura de Madain

Depois da derrota em Qad’sia, os persas se dirigiram para Babilônia. Da mesma forma, Sa’d, após ter permanecido em Qad’sia por cerca de dois meses, também avançou para Babilônia. Porém, como vimos, a derrota em Qad’sia tinha quebrado a coluna dorsal do poder persa e eles não conseguiram resistir aos muçulmanos, nem mesmo em Babilônia. Os muçulmanos capturaram Babilônia, assim como Kosi e Babrashir.

Agora era a vez de Madain, a capital persa. O rio Tigre corria entre Babrashir e Madain, mas os persas tinham destruído a ponte sobre o Tigre e proibido a passagem de barcos, para que os muçulmanos não conseguissem cruzar o rio. Ao chegarem às margens do rio, realmente eles não tiveram meios de cruzá-lo. Sa'd, analisando a situação, gritou o nome de Allah e entrou com o seu cavalo no rio, no que foi seguido por todo o exército. Desse modo, os *mujahidin* atravessaram o rio sem a necessidade de ponte ou barcos, apenas montados em seus cavalos. Os persas, que estavam observando à distância, se surpreenderam com o que estavam vendo e começaram a fugir, gritando: "*Dewan aamdand, dewan aamdand*." (Os gigantes chegaram, os gigantes chegaram). Dali em diante, praticamente não houve qualquer resistência do lado dos persas, com exceção de um oficial, de nome Khordad, que tentou resistir um pouco, mas sem qualquer êxito. O rei Yazdgard fugiu da capital e a cidade de Madain foi ocupada pelos muçulmanos *mujahidin*. Sa'd bin Waqqas entrou vitorioso na cidade, juntamente com seu exército, no mês de Safar, 16º ano da Hégira. O palácio real persa "*Qasr-e-Abyaz*" (Palácio Branco) foi tomado pelos muçulmanos e, no lugar do trono real, foi erguido um púlpito e os muçulmanos fizeram a *Jum'a* (oração da sexta-feira), que foi a primeira realizada em solo persa.

Uma montanha de ouro, pedras preciosas, jóias e diamantes, tinha sido acumulada através dos séculos no tesouro real. Além do mais, havia também lembranças dos reis persas. Todas essas riquezas e objetos históricos foram tomados por Sa'd bin Abi Waqqas e enviados para o Califa Omar, em Medina. Naquelas lembranças também estavam o vestido real de Nausherewann e o histórico tapete chamado "*Faarsh-e-bahar*"'. Sobre esse tapete, os reis persas costumavam se sentar e beber na estação da primavera. As pessoas em Medina foram de opinião que se deveria guardar o tapete pelo seu valor histórico, mas 'Ali (r.a.a.) insistiu em rasgá-lo. E, assim, ele foi cortado em pedaços e dividido entre as pessoas.

Conta-se que Omar (r.a.a.), vendo aqueles despojos de guerra tão ricos e em tão grande quantidade, começou a chorar. Abdur Rahman perguntou-lhe a causa de seu choro em um momento que era para estar se sentindo feliz. Em sua resposta, o Califa disse que quando Allah concede riquezas a uma nação, a inveja e o ciúme crescem entre a população e, como resultado, surgem a inimizade e injustiça em seu seio.

Jalula

O próximo lugar mais freqüentado pelos persas, depois de Madain, era Jalula, que era uma fortaleza e que tinha sido transformada em uma base. O irmão de Rustam, Khordad, foi indicado Comandante-em-Chefe do exército persa. Ele ordenou que se cavasse valas em toda a volta da cidade e fez grandes preparativos para enfrentar os muçulmanos. Sa'd informou o Califa sobre esses preparativos dos persas e, então, seguindo as instruções do Califa, Sa'd enviou para Jalula Hashim bin Utba e Qa'qa, com doze mil homens. Eles cercaram a cidade. Além de a cidade ser uma fortaleza,Yazdgard estava sempre mandando tropas auxiliares de Halwan para ajudar Khordad. Porém, Hashim estava determinado a conquistar a cidade de qualquer maneira. No entanto, levou bastante tempo e após um grande esforço que durou meses, Jalula foi conquistada por Qa'qa. Também em Jalula os muçulmanos obtiveram espólios de guerra em grande quantidade.

Halwan

Após a derrota dos persas em Jalula, Yazdgard, que naquela época se encontrava em Halwan, fugiu para Ray. Qa'qa também alcançou Halwan e a capturou. Lá, ele fez uma declaração pública onde garantia que, aqueles que aceitassem o Islam ou concordassem em pagar a *jizya,* não seriam perturbados de modo algum e poderiam viver em paz. Ao ouvirem essa declaração, as pessoas aceitaram o

Islam em grande número, entre elas vários nobres e líderes persas.

Naquela época, a parte ocidental do Iraque era conhecida como “Iraq-e-Arab”, ou Iraque árabe, e a parte oriental do país era chamada de “*Iraq-e-Ajam*”, ou Iraque não-árabe. Tabaristão, Shiraq, Kuzistão, Marafa, Isfahan, Ray, etc., estavam situadas no *Iraq-e-Ajam*. Porém, até então, os muçulmanos tinham conquistado apenas o *Iraq-e-Arab* e Omar não tinha intenção de marchar em direção ao *Iraq-e-Ajam*. Várias vezes ele disse: “Entre a Arábia e Fars existem montanhas de fogo para que nem nós ataquemos os persas nem eles nos ataquem. As vidas preciosas dos muçulmanos me são mais caras do que todos os despojos de guerra.”

Jazira (Mesopotâmia)

Com esta atitude, o Califa do Islam não tinha intenção de permitir que o exército islâmico seguisse para Jalula e Halwan. Porém, os persas não queriam a paz, pelo contrário, obrigaram os muçulmanos a continuar com a guerra. Na verdade, a guerra com os persas não era uma questão apenas de governantes mas tinha se transformado em causa nacional. Assim, toda a nação persa estava de pé contra os muçulmanos.

Jazira, ou Mesopotâmia, estava localizada em *Iraq-e-Ajam* mas fazia fronteira com o *Iraq-e-Arab*. Então, os persas começaram a se preparar para a guerra e foi realizada uma grande mobilização contra os muçulmanos em Tikrit, uma cidade em Jazira.

Sa’d bin Abi Waqqas conhecia muito bem a posição de Omar a esse respeito e, por isso, achou por bem relatar a ele a questão, informando-o dos preparativos dos persas. Diante das circunstâncias, Omar (r.a.a.) não teve outra alternativa senão permitir que o exército muçulmano

avançasse. Assim, ele ordenou que Abdullah bin Ghanam fosse para Tikrit com um efetivo composto de cinco mil homens. Seguindo as ordens do Califa, Abdullah bin Ghanam partiu para Tikrit, levando um destacamento de cinco mil soldados. Lá, os árabes cristãos, de início, ficaram do lado dos persas mas, após alguns dias, resolveram se juntar aos muçulmanos. Agora os persas de Tikrit estavam encurralados pelos dois lados e foram aniquilados facilmente. Isto aconteceu no 16º ano da Hégira e, um ano depois, um após o outro, todos os lugares de Jazira foram tomados pelo exército muçulmano.

Basra era o quartel do exército islâmico, estacionado ali para defender as regiões conquistadas de *Iraq-e-Arab*. Porém, havia uma certa insegurança porque o Kuzistão, na fronteira, estava sob o controle do inimigo. Daí ser necessário ocupá-lo para que Basra ficasse mais segura. Com este objetivo, Mughira bin Sho'ba, o governador de Basra, invadiu Ahwaz, no 16º ano da Hégira, e Hurmuz, o governador persa de Ahwaz, foi subjugado. Porém, mais uma vez, depois de algum tempo, Hurmuz se revoltou. Naquela época, Abu Musa Ash'ari era o governador de Basra e, de novo, ele atacou Hurmuz, derrotando-o e ocupando Ahwaz para sempre. A Ahwaz, seguiu-se Soos e, depois disso, o governante de Ramhurmuz tornou-se contribuinte do estado islâmico. Ao ver essas vitórias de Abu Musa Ash'ari, Yazdgard, por decreto, deu a Hurmazan, um de seus generais, o direito de governar Ahwaz e Fars e o dever de defender aquelas regiões. Hurmazan, com este decreto real, chegou a Shooster e começou os preparativos para combater os muçulmanos com um grande exército.

Abu Musa, ao saber dos preparativos de Hurmazan, informou ao Califa, que ordenou a 'Ammar bin Yasir, governador de Kufa, que, juntamente com uma força auxiliar, partisse para ajudar Abu Musa. Enquanto isso, Jurair bin Abdullah Bajli também chegava com uma outra força auxiliar. Abu Musa marchou para Shooster acompanhado por eles. Hurmazan tentou ao máximo enfrentar o exército

islâmico no caminho, porém não conseguiu e, por fim, refugiou-se dentro do forte, que foi cercado pelos muçulmanos. Após um longo tempo, eles conseguiram entrar no forte. Hurmazan estava pronto para se render porém com a condição de ser levado ao Califa Omar (r.a.a.). Abu Musa concordou e, assim, Hurmazan foi mandado para Medina, onde aceitou o Islam. Omar (r.a.a.) concedeu a ele uma pensão anual de dois mil dirhams.

Em seguida, Jandisar também foi conquistada e, então, todo o Kuzistão ficou sob controle do Califado islâmico.

Batalha de Nahawand

Yazdgard estava em Merve quando soube da queda do Kuzistão. Para ele, Hurmazan era como se fosse sua mão direita e por isso, quando soube que Hurmazan tinha sido levado para Medina, foi um grande choque. Agora os persas também compreendiam que nada seria poupado da torrente árabe. Então, abordaram Yazdgard para pedir ajuda de todos os subgovernantes do país. Yazdgard fez o que eles pediam e escreveu a todos os subgovernantes para que viessem em seu socorro. Os subgovernantes responderam positivamente e todos apareceram com seus exércitos.

Assim, um imenso exército de milhares de soldados foi preparado para enfrentar os muçulmanos. Yazdgard indicou um de seus maiores generais, Mardan Shah, o Comandante-em-Chefe do exército, e lhe confiou a "*Durafsh*", a histórica bandeira da Pérsia, que era considerada um símbolo de vitória. Este imenso exército, sob comando de Mardan Shah, marchou para Nahawand.

'Ammar bin Yasir (r.a.a.), governador de Kufa, informou o Califa, em Medina, desses preparativos dos persas. Ao receber essas informações, Omar (r.a.a.) convocou uma reunião com os grandes Companheiros do

Profeta (s.a.w.). Osman (r.a.a.) foi de opinião que o Califa, juntamente com o povo de Medina, deveria partir à frente do exército. ‘Ali (r.a.a.), porém, discordou da idéia e sugeriu que o Califa não deveria sair da capital para comandar o exército e sim que um terço do exército estacionado nas terras capturadas deveria ser enviado a Nahawand. A sugestão de ‘Ali foi apoiada pelos outros, inclusive pelo próprio Califa. Assim, foi preparado um exército e despachado para Nahawand, sob o comando de No’man bin Muquran (r.a.a.).

Ao se aproximar de Nahawand, No’man acampou a alguns quilômetros de distância do exército iraniano. Num esforço para alcançar a paz, Mardan Shah convidou delegados muçulmanos para iniciarem conversações. No’man mandou Mughira bin Sho’ba como seu representante nas conversações propostas.

Mardan Shah o recebeu com grande pompa, sentado em um trono dourado, trazendo uma coroa de ouro na cabeça. À esquerda e à direita havia cortesãos em pé, com suas espadas e baionetas presas à cintura.

Mughira não se impressionou com toda essa exibição e foi direto a Mardan Shah. As conversações de paz tiveram início, com a ajuda de um intérprete. Mardan Shah começou a falar primeiro, mas tudo o que dizia não parecia conduzir à paz, pois era uma expressão de ódio e inimizade, combinada com ameaças. Em sua resposta, Mughira disse calmamente: “Houve um tempo em que nós éramos exatamente como você disse, mas Allah teve misericórdia de nós e nos enviou Seu Profeta (s.a.w.), que mudou completamente nossa condição. Hoje, não somos mais como éramos antes do Islam. Ele nos prometeu sucesso e vitória neste mundo e no outro, no Paraíso. Agora, estamos conseguindo aqui sucesso e vitória, portanto não podemos recuar até conquistarmos todo o seu território ou então sermos mortos por ter tentado.”

Essa missão de paz não rendeu frutos por causa da arrogância e orgulho de Mardan Shah.

Depois do fracasso da Missão de Paz, a batalha começou. Foi, na verdade, uma luta feroz. A força do exército islâmico estava apoiada em trinta mil soldados, enquanto o exército persa somava cento e cinqüenta mil homens, o que significava que os muçulmanos teriam que enfrentar um inimigo cujo número era cinco vezes maior do que o deles. Além do mais, os persas estavam muito bem equipados e bem armados. No entanto, os *mujahidin* combateram com grande firmeza e fervor religioso, que faltavam aos persas. No início, os persas também lutaram com intrepidez mas, ao anoitecer, eles perderam o entusiasmo e começaram a fugir. Os muçulmanos saíram em seu encalço até Hamadan, matando aqueles que eram capturados enquanto corriam. Estima-se que mais de trinta mil persas foram mortos na batalha de Nahawand.

No'man bin Muqran (r.a.a.), o comandante do exército islâmico, foi ferido gravemente e caiu de seu cavalo no campo de batalha. Porém, o fato foi mantido em segredo. A todos os que o viam naquele estado, No'man pedia que não tornassem público a gravidade de seu ferimento. Naquele momento, a batalha estava em seu auge. Quando No'man caiu com a bandeira do Islam em sua mão, seu irmão, Nayim, rapidamente o alcançou e pegou a bandeira com suas mãos.

Quando o inimigo se dispersou e os combates terminaram, o *mujahid* muçulmano, Maqal, foi cuidar de No'man, que ainda estava vivo, porém à beira da morte. Mesmo assim, ele perguntou a Maqal: "Como estão os muçulmanos?" "Allah nos concedeu a vitória", respondeu Maqal. E, então, dizendo "Todos os louvores pertencem a Allah, informe Omar desta vitória", No'man deu seu último suspiro.

Omar (r.a.a.) aguardava ansiosamente por informações a respeito do resultado da batalha. Assim, quando ele recebeu a boa nova da vitória, ficou muito contente mas, ao mesmo tempo, triste, por saber do martírio de No'man bin Muqran e chorou dolorosamente.

Esta vitória também trouxe para os muçulmanos uma grande quantidade de espólios de guerra, que incluía pedras preciosas e diamantes do império persa. As pedras e jóias foram vendidas e o dinheiro arrecadado foi distribuído entre os *mujahidin* pelo Califa. A batalha de Nahawand foi considerada a maior vitória muçulmana em território persa e por isso ficou conhecida como *Futhul Futuh*, a vitória das vitórias. A espinha dorsal do poderio persa havia se partido naquela batalha e depois da derrota a Pérsia nunca mais foi a mesma.

Guerra Total contra a Pérsia

Como já vimos antes, o Califa Omar (r.a.a.) não tinha intenção de avançar em direção à Pérsia e começar uma guerra total, porém, foram os próprios persas que o obrigaram a fazê-lo. Depois de perderem o *Iraq-e-Arab*, os persas não conseguiam viver em paz em seu próprio território e quase sempre estavam criando problemas para os muçulmanos em algumas regiões controladas pelo Califado islâmico.

Yazdgard tinha se mudado para Merve e de lá criava aborrecimentos constantes, instigando a população dos territórios conquistados a se rebelarem. Como conseqüência, ficou muito difícil estabelecer a paz e a tranqüilidade nas terras ocupadas pelos muçulmanos. Ao ver esta situação, Omar (r.a.a.) ficou muito contrariado. Algumas vezes chegou a especular se a causa de tais revoltas não seria o tipo de tratamento dispensado pelos governadores à população local. Com o objetivo de averiguar o que estava acontecendo, ele mandou investigar. No entanto, todo

mundo sabia que os governantes muçulmanos eram justos e tolerantes com os *zimmis*, não criavam qualquer dificuldade, e muito menos eram injustos ou intolerantes com eles. Certo dia, quando o Califa fez a mesma pergunta a Ahnaf bin Qais (r.a.a.), um de seus generais, ele soube o que estava acontecendo. Ahnaf respondeu: "Ó, Chefe dos Crentes, o que acontece naquelas terras não é porque os governantes muçulmanos sejam intolerantes ou maltratem a população, e sim porque o rei da Pérsia ainda é muito presente no país. É ele quem instiga as pessoas a se rebelarem contra o governo islâmico. Por outro lado, você não permite que o exército muçulmano marche para o interior do país, que é onde Yazdgard ainda se encontra e em posição de incitar a população. Portanto, enquanto não declararmos guerra total contra ele, a situação não vai melhorar."

Omar achou lógico o raciocínio de Ahnaf e começou a preparar seu espírito para declarar guerra à Pérsia. De acordo com sua estratégia, os muçulmanos atacariam de vários lados. Ahnaf bin Qais foi escolhido para marchar para o Corassã, onde Yazdgard se encontrava. Da mesma forma, Majashey bin Mas'ud foi escolhido para seguir para Sabur, Osman bin Abi-Al-Aas para Astakhar (Persépolis), Sarya bin Rahman Kinani para Fasa, Suhail bin Adi para Kirman, 'Aasim bin 'Amr para Sistan, Hakam bin Umair para Makran e Otba bin Farqad para o Azerbaijão. Todos esses generais partiram para os seus respectivos destinos no 21º ano da Hégira. Além deles, alguns outros oficiais também foram escolhidos para diferentes lugares.

Segundo At-Tabari, Abdullah bin Abdullah conquistou Isfahan no 21º ano da Hégira. Hamadan, Ray, Tabaristão, Bustão, Qaumas foram capturadas no 22º ano da Hégira, por Nayim bin Muqran. Qazvin e Zanjão foram ocupadas por Bara bin 'Azib, no mesmo ano. 'Utba bin Farqad e Bukari bin Abdullah avançaram em direção ao Azerbaijão, pelos dois lados, no 22º ano da Hégira e toda a região foi mantida sob controle muçulmano. A propósito, no que se refere ao

Azerbaijão, segundo Balazuri, o país foi conquistado por Huzaifa.

Depois do Azerbaijão, foi a vez da Armênia, que já tinha sido atacada por Suraqa bin ‘Amr e Abdur Rahman, no 17º ano da Hégira. No entanto, por causa da guerra síria, o país ainda não fora conquistado e, agora, depois da tomada do Azerbaijão, Bukari bin Abdullah também marchou em direção à Armênia. Assim, os três generais conquistaram a Armênia e seu governante, Shahryar, concordou em se submeter ao Califado islâmico.

No 23º ano da Hégira, Kirman foi conquistada por Suhail bin ‘Adi e em seguida Sistão foi ocupada por ‘Aasim bin ‘Amr.

Makran

Sistão estava localizada na fronteira persa, onde começavam os limites do Sind. Durante o califado de Omar Faruq, o exército muçulmano, após a conquista de Sistão, avançou em direção a Makran. Este exército estava sob o comande de Hakam bin ‘Amr. O governante de Makran, Tughlab Rasal, com a ajuda dos governantes do Sind, se apresentou para enfrentar os muçulmanos. Os dois exércitos se encontraram às margens do rio Hilmand e após um combate feroz, os muçulmanos saíram vitoriosos.

Hakam despachou um mensageiro para Omar, levando a notícia da vitória e dos despojos de guerra. O Califa, ao receber o mensageiro, quis saber como era Makran e ele lhe disse que não era um bom lugar. Ao ouvir isto, Omar mandou dizer a Hakam que não fosse mais adiante. Então, durante o califado de Omar, as conquistas dos muçulmanos, no lado oriental, foram até Makran. Porém, segundo Balazuri, o exército muçulmano avançou até Dibal, no Sind. Se isto for verdade, então deve ser dito que o Islam

conquistou o subcontinente Indo-Paquistanês exatamente no período de Omar Faruq.

Fars

Quando a guerra contra a Pérsia já havia começado, Sarya avançou em direção a Fars, no 23º ano da Hégira. Houve um enfrentamento em Tanj e os muçulmanos a conquistaram. Por outro lado, Osman bin Abia-Aas capturou Jaur e Astakhar (Persépolis) e depois, uma a uma, Gazurdan, Nobandjan, Shiraz, Arjan, Simir, etc. foram sendo tomadas pelo exército muçulmano. Assim, grande parte do território de Fars já se achava sob o controle islâmico. Porém, Daruljabr e alguns outros lugares ainda estavam por ser conquistados. No final, Sarya atacou-os e os capturou. Houve uma dura batalha em Daruljabr, onde persas e curdos se juntaram para enfrentar os muçulmanos. Com a ousadia e bravura de Sarya, esta batalha foi vencida e Daruljabr foi trazida para o controle muçulmano.

A Conquista do Corassã e o Destino de Yazdgard

Como vimos antes, Omar tinha indicado Ahnaf bin Qais para atacar o Corassã e, assim, ele partiu para lá, no 22º ano da Hégira. Foi no Corassã que Yazdgard, o último imperador sassânida, procurou refúgio. Ele tinha transformado Merve, uma cidade no Corassã, em seu centro e dali instigava os persas a se rebelarem contra os muçulmanos. Ele possuía o “Fogo Sagrado” e era em nome daquele fogo que ele incitava a população. Daí, haver tantas revoltas contra o governo islâmico em algumas áreas dominadas pelos muçulmanos.

O lugar onde Yazdgard tinha se estabelecido era chamado de “Merve Shah Jahan”. Ahnaf, antes de tudo, avançou para Merve e, depois de capturar Herat, chegou a Merve Shah Jahan. Ele também despachou Mutref bin Abdullah para Nishapur, Haris bin Hesan para Sarkhas e

Sogdiana, e ele próprio se encaminhou para o Corassã. Ahnaf estava em Merve Alroze quando enfrentou o inimigo. Khaqan, da China, também chegou para resgatar Yazdgard porém, depois de algumas escaramuças, Khaqan teve como avaliar o poder dos muçulmanos e achou que seria inútil criar uma inimizade com eles por uma causa que não era dele. Então, ele ordenou que seu exército se retirasse. Yazdgard ficou desamparado e sem esperança e resolveu partir com Khaqan. Os persas tentaram fazer com que ele permanecesse na Pérsia para finalizar um acordo de paz com os muçulmanos, porém Yazdgard não deu atenção ao pedido da população. Ele queria partir imediatamente, levando consigo todos os tesouros e riquezas que ainda estavam em seu poder. Contudo, os persas não permitiram que ele levasse aquela riqueza do país e pegaram tudo de volta. E assim, o último imperador sassânida teve que deixar o país sem levar um centavo sequer.

Depois de Yazdgard deixar o país para nunca mais voltar, os representantes persas se encontraram com Ahnaf e presentearam a ele todas as riquezas que eles tinham tomado de volta de Yazdgard. Depois disto, foi concluído um tratado de paz entre os muçulmanos e os persas. Os muçulmanos trataram a população de uma forma tão amável que eles se esqueceram de seus próprios reis. Agora, eles conheciam a prosperidade como nunca tinham visto antes, desde a época de Chosroes.

Após a conclusão deste pacto de paz, Ahnaf escreveu uma carta ao Califa Omar e o informou dos últimos acontecimentos. Omar, com esta carta na mão, dirigiu-se para a Mesquita do Profeta e a leu diante de todos os muçulmanos ali reunidos e depois proferiu um discurso em que disse:

“Hoje, os Magis[5] perderam seu reino. Agora eles não podem mais prejudicar os muçulmanos. Allah fez com que

[5] Casta sacerdotal da antiga Pérsia. (N.T)

vocês fossem os herdeiros do país, dos bens e riquezas deles, para testá-los. Portanto, vocês não devem mudar seu comportamento pois, do contrário, Allah apresentará uma outra nação em lugar de vocês. Sinto-me inquieto em relação a esta nação por causa de seu próprio povo."

Conquista da Síria

As conquistas dos muçulmanos na Síria também não foram menos importantes do que as da Pérsia. Naquela época, o Império Bizantino era um dos grandes poderes do mundo e seu governante, Heráclito, era considerado o maior general de seu tempo. Ele tinha derrotado Chosroes, da Pérsia, em várias batalhas, porém Heráclito tinha que admitir sua última derrota nas mãos dos muçulmanos.

Já vimos que, durante o Califado de Abu Bakr Siddiq, enquanto Damasco ainda estava sob o cerco do exército muçulmano, ele veio a falecer. Por isso, a Síria foi conquistada no período do segundo Califa, Omar Faruq (r.a.a.). Khalid bin Walid (r.a.a.) estava com o exército que tinha cercado a cidade. Havia nascido uma criança na família do Patriarca de Damasco e a população da cidade, contente com o nascimento, participou o dia inteiro dos festejos e, à noite, sem se preocupar com a defesa da cidade, dormiu tranqüilamente. Khalid, que, durante o cerco não dormia à noite, soube desse afrouxamento de vigilância por parte do inimigo e, achando que seria uma boa oportunidade de pegá-lo desprevenido, resolveu tirar vantagem da situação. Ele, juntamente com alguns intrépidos *mujahidin*, escalou silenciosamente as muralhas da cidade, alcançou o portão da cidade e o abriu. Então, um grande número de soldados muçulmanos, que aguardavam do lado de fora do portão, entrou na cidade cantando seus lemas. A população da cidade, atônita, não conseguia entender o que estava se passando. Alguns deles, no entanto, foram direto ao encontro de Abu Obaidah (r.a.a.), que estava do outro lado da cidade e não sabia o que tinha

acontecido, e ofereceram a ele uma proposta de paz que foi aceita imediatamente. Feliz com o ocorrido, Abu Obaidah entrou na cidade enquanto, do outro lado, chegava, vitorioso, Khalid. Contudo, esta vitória foi considerada pacífica porque Abu Obaidah já tinha se comprometido com a proposta de paz oferecida e, por isso, nada foi tomado como espólio de guerra e ninguém foi feito prisioneiro. E foi assim que Damasco foi capturada, no 14º ano da Hégira.

Ainda no mesmo ano, após Damasco seguiu-se a conquista da província da Jordânia. Todas as pessoas que viviam na Jordânia se declararam *zimmis* e nenhum de seus bens foi tomado pelos muçulmanos. De igual modo, suas igrejas e templos também não foram tocados e todos tiveram a liberdade de professar sua crença. Em seguida, Khalid e Abu Obaidah marcharam para Hams (Emesa). Durante o cerco a Damasco, Abu Obaidah capturou alguns vilarejos como Hamat, etc., enquanto Hamas (Emesa) também era subjugada pelos muçulmanos. E depois da conquista de Al-Azqia, quando Abu Obaidah se preparava para avançar em direção a Antakia (Antioquia), o Califa mandou dizer que, naquele ano, os muçulmanos não deveriam avançar mais e, assim, todas as campanhas foram interrompidas.

Certo dia, quando líderes romanos tinham ido a Heráclito para se queixarem das invasões muçulmanos, ele lhes perguntou: “Os árabes são inferiores em número, armas e equipamentos e, no entanto, vocês não conseguem vencê-los. Por que?”

Em resposta, os líderes disseram:

“Os árabes são muito superiores a nós em caráter. Eles oram à noite e jejuam durante o dia. Jamais oprimem ninguém e tratam a todos igualmente. Nós, ao contrário, bebemos vinho e praticamos atos perversos, não cumprimos o que prometemos e oprimimos as pessoas. Esta é a diferença. Seus atos são bem intencionados e os nossos são fúteis.”

Ao perceber que esta situação estava piorando cada vez mais, o César decidiu deixar a Síria e ir para Constantinopla, não sem antes orientar os romanos, mais uma vez, que combatessem os muçulmanos. Dessa vez, soldados romanos começaram a chegar a Antioquia, vindos dos mais distantes rincões do império romano.

Vendo este espírito dos romanos, Abu Obaidah também se reuniu com os comandantes do exército e, após consulta entre eles, ficou decidido que todas as divisões do exército islâmico que se encontravam espalhadas pelos territórios ocupados deveriam ser convocadas e reunidas em uma única área. De acordo com esta decisão, todos os regimentos do exército que se encontravam na Síria foram convocados a se apresentar em Damasco. Foi nesta ocasião que os muçulmanos devolveram aos *zimmis* cristãos as quantias recebidas deles, a título de *jizya* para sua defesa e segurança. No entanto, quando os muçulmanos perceberam que não estavam em posição de defendê-los, as quantias recebidas foram devolvidas. Os cristãos das terras conquistadas ficaram tão impressionados com este espírito de eqüidade e honestidade dos muçulmanos que, quando eles estavam partindo de sua cidade, começaram a chorar e imploraram para que voltassem logo. Este é um registro único na história.

Após a campanha em Damasco, Abu Obaidah mandou informar Omar das últimas notícias. Ao tomarem conhecimento das informações, imediatamente levantou-se em Medina um grande espírito de luta e entusiasmo e as pessoas começaram a se apresentar como voluntárias para o *jihad*. Omar, então, despachou para a Síria uma força auxiliar.

O campo de Yarmuk, na Jordânia, foi considerado bastante adequado pelos muçulmanos e, por isso, foi escolhido por Abu Obaidah como o local ideal para os combates. Com grande pompa e estardalhaço, começou a

chegar o exército romano. Eram mais de cem mil soldados fortemente armados e bem equipados. Enquanto isso, o exército muçulmano mal chegava a trinta mil soldados e entre estes, encontravam-se cem Companheiros que tinham participado da Batalha de Badr, assim como cem outros companheiros do Profeta (s.a.w.).

A Batalha de Yarmuk aconteceu no mês de Rajab, do 13º ano da Hégira. Nesta batalha, até os sacerdotes saíram de suas igrejas para levantar o moral das tropas. Contudo, logo os romanos perceberam que não seria possível derrotar os muçulmanos, ainda que fossem inferiores em número e equipamentos, e pediram uma trégua e o início de conversações de paz, no que foram atendidos pelos muçulmanos. Abu Obaidah enviou Khalid bin Walid para iniciar as negociações mas ele não obteve sucesso e a batalha recomeçou. Os combates foram violentos e ambos os exércitos se enfrentaram furiosamente porém, no final, os muçulmanos venceram a batalha. As perdas romanas ficaram em torno de setenta mil a cem mil vidas, enquanto as perdas muçulmanas ficaram em cerca de três mil vidas. Esta derrota quebrou a espinha dorsal dos romanos e Heráclito, bastante desalentado, deixou a Síria e foi para Constantinopla. Depois deste episódio, várias outras localidades, como Alepo, Antioquia, etc., também acabaram se submetendo ao domínio dos muçulmanos.

Jerusalém ou Baitul Maqdis

‘Amr bin ‘Aas r.a.a.) tinha sido escolhido para conduzir as campanhas na Palestina, onde havia tido sucesso na conquista de alguns lugares. Porém, Jerusalém, a cidade central da Palestina, ao contrário da Síria, ainda estava para ser conquistada. Jerusalém era uma cidade muito importante e era considerada um local sagrado para todos os seguidores das três religiões, Judaísmo, Cristianismo e Islam. Por isso, não foi uma tarefa fácil a conquista da cidade. No entanto, os muçulmanos, depois da vitória de

Yarmuk, iniciaram o cerco a Jerusalém. Primeiro, ela foi cercada por ‘Amr bin ‘Aas e depois Abu Obaidah também chegou para reforçar o contingente muçulmano. Os cristãos se defenderam por alguns dias mas não conseguiram continuar. Então, eles se prepararam para negociar a paz porém com uma condição, a de que o Califa, em pessoa, viesse a Jerusalém e escrevesse um tratado. Ao ser informado daquele pedido, Omar concordou e partiu para Jerusalém no mês de Rajab, do 16º ano da Hégira.

Um Exemplo Raro

A viagem de Omar (r.a.a.), de Medina para Jerusalém é considerada um exemplo singular na história mundial. Como vimos, as fronteiras do estado islâmico, até então, tinham se espalhado por toda parte, fazendo surgir uma das maiores potências até então conhecida. Assim, não havia escassez de recursos ou de quaisquer meios. O chefe do poderoso estado islâmico poderia, sem qualquer dúvida, viajar com toda a pompa e aparato, como era hábito dos governantes romanos ou persas. No entanto, é fato histórico comprovado que Omar, o mais poderoso Califa do Islam, realizou esta viagem como uma pessoa bem comum, pobremente vestido e tinha somente um pajem por companhia. Ele trazia apenas o seu camelo e não havia espaço suficiente nas costas da montaria para mais de uma pessoa. Assim, o Califa dividiu igualmente com o pajem a montaria e a caminhada a pé. De tempos em tempos, ele montava o camelo e o pajem seguia caminhando a pé, segurando as rédeas do camelo. Depois, chegava a vez do Califa, que apeava do camelo e permitia que o pajem montasse o camelo enquanto ele segurava as rédeas nas mãos e caminhava a pé até um determinado ponto. E toda a jornada foi assim, alternando-se as posições do pajem e do Califa. Quando se aproximaram do portão da cidade, calhou que era a vez do pajem estar montado e o Califa caminhando, segurando as rédeas do camelo. As pessoas ficaram atônitas ao verem o Califa naquele estado, porém

ele não se importou em absoluto com o que elas pudessem pensar. Um tal exemplo de humildade nunca foi visto em qualquer lugar, nem mesmo nos dias atuais, quando tanto se grita por direitos humanos iguais.

Ele foi calorosamente recebido num local chamado Jabia. Lá, os líderes muçulmanos ofereceram ao Califa um cavalo turco e belas roupas, mas ele se recusou a aceitar, dizendo “Allah nos honrou grandemente com o Islam e isto é mais do que suficiente para nós.” E entrou na cidade de Jerusalém com suas roupas gastas.

Os termos do tratado foram escritos em Jabia, na presença dos oficiais do exército muçulmano e dos representantes dos cristãos. Dizia o seguinte:

“Este é um salvo-conduto concedido pelo servo de Allah, o Chefe dos Crentes, Omar, ao povo de Ilia. Este salvo-conduto vale para sua vida, propriedades, igrejas e cruzes, para os sãos e os doentes, e para todos os seus correligionários. Suas igrejas jamais serão usadas como residência e nem serão demolidas. Também não sofrerão qualquer dano físico suas igrejas e seus limites. Não haverá diminuição em suas riquezas. Não haverá nem compulsão nas questões de religião e nem serão submetidos a qualquer dano.

Os judeus não viverão com eles em Ilia. É obrigação dos moradores de Ilia o pagamento da *jizya,* da mesma forma que os outros residentes das outras cidades, e devem mandar embora de suas cidades os gregos. A vida e os bens dos gregos, que também serão despachados daqui, estarão a salvo enquanto eles não chegarem ao seu destino. E aqueles dentre os gregos que escolherem viver aqui também estarão a salvo, mas terão que pagar a *jizya* como todas as pessoas de Ilia. E aquelas pessoas de Ilia que preferirem partir com os gregos podem fazê-lo. Suas vidas, propriedades, igrejas e cruzes também estarão a salvo enquanto não chegarem ao seu destino. Este documento

está sob a responsabilidade de Allah, do Seu Profeta, do Califa e dos Muçulmanos, e obriga as pessoas ao pagamento da *jizya* fixada para elas. Khalid bin Walid, ‘Amr bin Aas, Abdur Rahman bin Auf e Muawiya bin Abi Sufyan são testemunhas desse documento, que foi escrito no 17º ano da Hégira.”

A expulsão dos judeus, conforme mencionado no tratado, deveu-se a uma exigência dos cristãos, que estavam muito irritados com o caráter traiçoeiro deles e com a inimizade religiosa. Quanto aos gregos, eles se opunham aos muçulmanos e por isso foi aconselhado à população de Ilia que os mandasse embora, garantindo, no entanto, que aqueles que quisessem permanecer não seriam submetidos a qualquer tratamento cruel e que poderiam ficar com a garantia de total segurança por parte dos muçulmanos.

Após a assinatura deste tratado, Omar (r.a.a.) permaneceu ainda por mais alguns dias em Jerusalém. Certo dia, ele pediu a Bilal (r.a.a.) que fizesse a convocação dos muçulmanos para a oração, o a*zan*. Depois da morte do Profeta (s.a.w.), Bilal tinha resolvido nunca mais fazer o *azan* mas ele não podia recusar um pedido de Omar. No entanto, disse que aquele seria o seu último *azan*. Assim que correu a notícia de que Bilal anunciaria o *azan* para a prece da madrugada, surgiu um grande alvoroço entre os soldados. Todos acorreram para a mesquita porque, após um longo período, eles iriam ouvir o *azan* na voz do *Muezzin* do Profeta (s.a.w.).

Assim que a voz de Bilal vibrou nos ares e ecoou na atmosfera, as pessoas evocaram em suas mentes a época em que o Profeta (s.a.w.) estava vivo e Bilal (r.a.a.) costumava recitar o *azan*. Omar e toda a congregação na mesquita, entre os quais estavam os mais bravos guerreiros do Islam, não conseguiram manter a serenidade.Todos explodiram em lágrimas incontroláveis.

Os soldados muçulmanos recebiam salário mas, até então, eles deviam providenciar o alimento por sua própria conta. Durante a permanência de Omar (r.a.a.) em Jerusalém, ele também sancionou um auxílio-alimentação para eles. Quando estava voltando de Jerusalém, o Califa fez uma visita às regiões conquistadas e às novas fronteiras.

No 17º ano da Hégira, a população de Hams (Emesa), com a ajuda de Heráclito, mais uma vez tentou se rebelar, contudo os muçulmanos logo sufocaram qualquer movimento nesse sentido.

Depois da conquista de Jerusalém, a primeira *Qibla* dos muçulmanos ficou sob seu controle. Havia um antigo local de adoração construído pelo Profeta Salomão (Sulaiman) que era chamado por cristãos e judeus de "Templo de Salomão" e pelos muçulmanos de "*Haikal-e-Sulaimani*". Depois da conquista de Jerusalém, esta mesquita foi reconstruída pelos muçulmanos e foi chamada de "*Masjid-e-Aqsa*."

Ação contra Khalid bin Walid

Um dos mais importantes acontecimentos durante a conquista da Síria foi o que é, geralmente, conhecido como a demissão de Khalid bin Walid por Omar. Mas, na verdade, não foi uma demissão porque Khalid não foi demitido ou exonerado do exército. Ele apenas foi removido, ou rebaixado, do posto de Comandante-em-Chefe, mas ainda permaneceu no exército como um dos mais altos oficiais e participou de todas as batalhas da Síria com o espírito de um verdadeiro *mujahid*.

De um modo geral, os historiadores são de opinião que Omar (r.a.a.) demitiu Khalid um pouco depois de ele assumir o Califado e isto se deu no 13º ano da Hégira. Segundo Ibn Khaldun, o primeiro ato realizado por Omar (r.a.a.) depois de assumir o cargo de Califa foi o de remover

Khalid bin Walid do posto de Comandante-em-Chefe do exército, que estava em campanha na Síria, e indicar Abu Obaidah bin Jarrah para o seu lugar. Esta decisão de Omar Faruq (r.a.a.) só chegou aos interessados quando o exército estava empenhado nos combates em Yarmuk. Daí Abu Obaidah não ter revelado naquele exato momento a decisão do Califa e sim após a conquista de Yarmuk.

De acordo com a opinião de Ibn Khaldun, também é clara a questão de que Khalid (r.a.a.) não foi demitido ou exonerado do exército e sim que foi removido ou rebaixado do posto de Comandante-em-Chefe. E, no que se refere à época em que Khalid teria sido removido, os historiadores divergem. Embora um historiador como Ibn Khaldun afirme que Omar tomou a decisão de remover Khalid logo após tornar-se Califa, o que significa o 13º ano da Hégira, outros historiadores, como Ibn Asir, não concordam com ele. Segundo esses, foi no 17º ano da Hégira. Ibn Asir mencionou as duas datas, mas ele mesmo é a favor desta última.

Em resumo, o que aconteceu é que Khalid não mantinha as contas do exército em ordem. Omar (r.a.a.) não gostava deste dispositivo que vinha da época de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.). Assim, quando se tornou Califa, Omar pediu que Khalid mantivesse as contas em dia. Khalid, no entanto, não deu atenção à ordem de Omar. Além disso, certa vez ele pagou uma grande quantia em dinheiro a um poeta que tinha composto um panegírico. Ao tomar conhecimento do fato, Omar (r.a.a.), mandou uma carta a Abu Obaidah, orientando-o a convocar uma reunião pública para que Khalid se explicasse diante de todos, se o poeta tinha sido pago com recursos próprios ou se tinha sido com dinheiro do erário muçulmano. De acordo com as instruções do Califa, Abu Obaidah (r.a.a.) chamou Khalid e o desafiou com esta questão. No entanto, Khalid não respondeu. Em seguida, Bilal (r.a.a.) se adiantou, arrancou fora o turbante de Khalid, e amarrando-o ao pescoço dele, perguntou: “Responda, você deu essa soma em dinheiro de seu próprio bolso ou do

Tesouro dos muçulmanos?" Já não dava mais para Khalid permanecer calado e calmamente ele respondeu "Paguei com dinheiro do meu próprio bolso." Ao ouvir isto, Bilal (r.a.a.) desamarrou o tecido do pescoço de Khalid e o enrolou de novo na cabeça de Khalid e disse: "Khalid, desculpe-me por este tratamento. Eu o tratei assim porque nós, os muçulmanos, temos que obedecer nossos líderes de todos os modos."

Embora através do inquérito conduzido sob orientação do Califa tivessem ficado provados a integridade e honestidade de Khalid (r.a.a.) acima de qualquer dúvida, o comando do exército foi confiado a Abu Obaidah (r.a.a.) e Khalid (r.a.a.) não se importou com isto. Pelo contrário, alegremente aceitou a mudança e declarou que ele era apenas um guerreiro no caminho de Allah e que, por isso, posição social ou estirpe não tinham a menor importância para ele e que continuaria a lutar pela causa do Islam, mesmo que fosse na condição de um soldado comum.

No tocante a este caso, a questão foi muito bem esclarecida pelo próprio Omar, quando Khalid (r.a.a.) veio a Medina para se encontrar com o Califa e apresentar a ele a quantia de vinte mil dihrams do Tesouro, mostrando que haviam mentido em relação a ele. Na ocasião, Omar disse: "Khalid, na verdade, eu o amo e o respeito. Não o destituí porque eu o considerasse desonesto ou por não gostar de você. A única razão para tomar essa decisão foi o equívoco criado entre as massas sobre as vitórias alcançadas pelo Islam. No imaginário das pessoas criou-se a impressão de que essas vitórias se deram por sua causa e não por vontade de Allah. É uma idéia muito perigosa que poderia gerar uma confiança exagerada em personalidades em lugar de Allah". E Khalid concordou inteiramente com esta opinião do Califa.

Do acontecido com Khalid (r.a.a.), pode-se tirar duas conclusões: a primeira, que ele tinha uma grande devoção a Allah e Sua religião e que não se importava com posições

mundanas; e a segunda é que Omar Faruq (r.a.a.) tinha uma tal dignidade e distinção que podia agir abertamente contra um grande general como Khalid, até mesmo no curso de uma guerra que se encontrava em seu auge e cuja vitória era importante para o Islam.

A Praga

No 18º ano da Hégira, a praga irrompeu em vários lugares da Síria sob a forma de epidemia e muitos muçulmanos foram vítimas da doença, dentre eles alguns eminentes Companheiros do Profeta (s.a.w.). O Califa Omar (r.a.a.) ficou muito preocupado com a situação e quis fazer uma visita à Síria, porém, a conselho de alguns companheiros, retornou logo em seguida. Ele também escreveu a Abu Obaidah ordenando que voltasse imediatamente para Medina, mas não foi atendido por ele. Abu Obaidah, em sua resposta ao Califa, disse: “Alegremente aceitarei o que Allah tiver decidido para mim, portanto não posso voltar deixando aqui os muçulmanos.” Omar começou a chorar ao ler esta carta, porém, aconselhou-o a sair com o exército e se dirigir para Jabia. E assim ele fez. Não obstante isso, não conseguiu se livrar da doença, pois ele foi contaminado pelo mal e veio a falecer quando se encontrava em Jabia. Em seus momentos finais, ele nomeou Muaz bin Jabal (r.a.a.) como seu substituto na chefia do exército. Contudo, após alguns dias, Muaz e seu filho também foram atacados pela doença e morreram. Por fim, ‘Amr bin Aas (r.a.a.) foi indicado como comandante, o qual, juntamente com todo o exército, se mudou para uma região montanhosa. Nessa epidemia, cerca de vinte e cinco mil muçulmanos perderam a vida e o Califa teve que visitar a Síria mais uma vez para cuidar das viúvas e órfãos. Além de dar ajuda e distribuir grandes quantias entre os *mujahidin*, ele também nomeou novos oficiais para os postos que tinham ficado vagos por causa da morte de tantos muçulmanos. Depois de executar todas essas tarefas, ele voltou a Medina.

Porém, um pouco depois da epidemia da praga na Síria, uma outra calamidade se abateu sobre a Arábia, que foi a fome. Não obstante a intensidade da escassez, a imediata atuação de Omar (r.a.a.) salvou milhares de pessoas da sede e da fome.

Embora quase toda a Síria tivesse sido conquistada, restava ainda uma cidade importante chamada Qisaria a ser incluída no Califado islâmico, o que veio a acontecer no 19º ano da Hégira, com Amir Muawiya (r.a.a.). Com esta última conquista, não restava mais qualquer lugar na Síria que estivesse fora do estado islâmico.

A Conquista do Egito

Agora, os muçulmanos eram os senhores da Pérsia, Iraque, Síria e Palestina. No entanto, o Egito ainda se encontrava sob o controle de pessoas que eram hostis ao Islam. Os coptas, uma denominação cristã, governava o Egito mas seu governo, na verdade, estava sob a dominação de Roma e, assim, eles eram inteiramente influenciados pelos romanos. Estes, por sua vez, criavam problemas para os muçulmanos a todo instante, através do Egito. Por fim, se quisessem, eles poderiam criar o caos nas regiões de fronteira com o Califado.

Enquanto os muçulmanos estiveram ocupados com a Pérsia e a Síria, não foi possível abrir uma outra frente de batalha, no caso, o Egito. Mas, depois da conquista da Síria, ‘Amr bin ‘Aas (r.a.a.), um companheiro do Profeta (s.a.w.), que tinha participado da guerra contra a Síria, pediu permissão ao Califa para marchar em direção ao Egito. De início, Omar (r.a.a.) se recusou a dar sua permissão. No entanto, ‘Amr bin ‘Aas continuou a pressionar o Califa que, finalmente, acabou cedendo e preparou para ele um grande exército.

‘Amr bin ‘Aas invadiu o Egito no 21º ano da Hégira. Ele entrou no país através da passagem de Arish e teve que enfrentar uma divisão do exército romano em Farma. Os muçulmanos derrotaram os romanos muito facilmente e avançaram em direção a Fastat, que naquela época, não era uma cidade de grande população mas que tinha uma fortaleza construída pelos egípcios. O efetivo muçulmano era menor do que o dos egípcios e, por isso, o Califa mandou um reforço de dez mil soldados sob o comando de Zubair bin Awwam (r.a.a.) e alguns outros companheiros. Após o cerco que teve uma longa duração, os muçulmanos conseguiram entrar no forte com a habilidade e ousadia de Zubair (r.a.a.). Moqawqis, ou Ciro, o governante do Egito sob domínio romano, não teve outra saída senão fazer a paz com os muçulmanos.

Moqawqis respeitou os termos do tratado porém os romanos ainda pretendiam combater os muçulmanos, que não tiveram outra saída que não enfrentar os romanos. Depois de Fastat, o exército muçulmano marchou para Alexandria, então capital do Egito. Um grande exército de Roma e seus fiéis coptas estavam em Kariun, prontos para resistir ao exército islâmico. Porém, os muçulmanos os derrotaram e prosseguiram em direção a Alexandria. Ao chegarem lá, os muçulmanos tiveram a impressão de que Moqawqis também estava do lado dos romanos mas, confidencialmente, ele mandou dizer a ‘Amr que não tinha nada contra os muçulmanos.

O cerco a Alexandria continuou por um longo tempo e, no final, o forte foi conquistado graças aos esforços de Ibad bin Samit (r.a.a.). Imediatamente, ‘Amr bin ‘Aas mandou informar o Califa a respeito dessa vitória.

Após a conquista da capital, as outras cidades egípcias também foram sendo conquistadas aos poucos e, assim, em dois ou três anos, todo o país se encontrava sob o domínio do Califado islâmico.

Trípoli

Algum tempo depois da conquista do Egito, ‘Amr bin ‘Aas (r.a.a.) voltou-se para o norte da África e invadiu Barqa. Os residentes daquela cidade concordaram em pagar a *jizya* e permanecerem sob a proteção do Califado. Depois, Aqba bin Nafery subjugou algumas outras pequenas cidades e, em seguida, o próprio ‘Aas invadiu Trípoli e, em poucos dias, a cidade foi conquistada.

Martírio de Omar (r.a.a.)

Em Medina, havia um escravo persa que pertencia a Mughira bin Sho’ba (r.a.a.), de nome Abu Lulu Firoze. Certo dia, Firoze foi procurar o Califa e se queixou que seu senhor tirava dele uma quantia de dinheiro maior do que ele realmente devia como parte de seu salário diário. Quando Omar (r.a.a.) lhe perguntou quanto ele pagava, o escravo respondeu “Dois dirhams por dia”. Ele pediu que Omar interferisse nessa questão e que conseguisse diminuir aquela quantia. Omar (r.a.a.) então lhe perguntou qual era sua profissão e ele respondeu que era ferreiro, marceneiro e pintor. Ao ouvir isto, o Califa disse que na proporção das três artes, a quantia que ele estava pagando ao seu mestre não era muito. O escravo enfureceu-se e quando Omar lhe pediu que preparasse uma pedra de moinho que funcionasse com a força do vento para as pessoas de Medina, o escravo respondeu “Eu prepararei uma mó para você, cujo som será ouvido de norte a sul, de leste a oeste.” Depois de dizer isto, ele foi embora mas o Califa entendeu o que estava implícito naquela resposta. O Califa disse “Este companheiro está me ameaçando de morte.”

No dia seguinte, quando Omar Faruq (r.a.a.) chegou à mesquita para liderar a oração da manhã, Firoze também entrou atrás dele. Ele trazia escondidos sob suas roupas dois punhais com pontas afiadas. Assim que Omar (r.a.a.) começou a orar, Abu Lulu Firoze saiu da fila e subitamente

atacou o Califa com seus punhais. Ele deu seis punhaladas consecutivas no corpo do Califa. Sabendo muito bem o que tinha acontecido, Omar, de imediato, mandou trazer Abdur Rahman bin Auf (r.a.a.) para a frente da *Musalla* (lugar de oração) para liderar a prece e, em seguida, caiu ao chão. Abdur Rahman continuou conduzindo a oração em seu lugar e o Califa estava cambaleando na mesquita, por causa dos ferimentos recebidos em seu corpo. Quando a oração acabou, as pessoas tentaram pegar Firoze, que estava fugindo. Da mesma forma, enquanto fugia, ele também martirizou Kulaib bin Abi Bakr e provocou ferimentos em outros muçulmanos que se encontravam em seu caminho. No entanto, ele foi dominado pelo povo e acabou cometendo o suicídio com o mesmo punhal que tinha usado contra o Califa.

Omar Faruq (r.a.a.) foi levado para sua casa em condições bastante precárias. Um dos ferimentos tinha sido em seu umbigo. Omar (r.a.a.) quis saber quem era o seu assassino e quando lhe disseram que tinha sido Abu Lulu Firoze ele disse: “Graças a Allah que o meu assassino não foi um muçulmano.” Os ferimentos foram fatais, sem qualquer esperança de que pudesse sobreviver a eles.

Omar (r.a.a.) tinha um grande desejo de ser enterrado ao lado do túmulo do Profeta (s.a.w.) e assim ele enviou seu filho a Aysha Siddiqa (r.a.a.) com o objetivo de conseguir sua permissão para que seu enterro fosse no espaço onde já se encontravam as sepulturas do Profeta (s.a.w.) e de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.). Ela deu a sua permissão e disse que, embora tivesse reservado o espaço para ela própria, ainda assim preferia que Omar (r.a.a.) tivesse aquele privilégio.

A Sucessão

Com a morte de Omar, surgiu a mais importante questão do Califado, que era a sucessão do Califa. Era uma questão muito complicada e, assim, alguns companheiros do Profeta (s.a.w.) pediram que Omar (r.a.a.) a resolvesse

antes de sua morte. Freqüentemente esta era uma questão recorrente em Omar e ele costumava pensar sobre o melhor nome para exercer o cargo. Algumas pessoas propuseram o nome de seu filho Abdullah, mas Omar (r.a.a.) rejeitou completamente a idéia. Por fim, após considerar os prós e os contra, ele escolheu seis companheiros do Profeta (s.a.w.) e disse que qualquer um daqueles nomes que conseguisse o apoio majoritário deveria ser escolhido como Califa. Essas seis pessoas eram: 1) ‘Ali; 2) Osman; 3) Zubair; 4) Talha; 5) Sa’d; e 6) Abdur Rahman bin Auf (r.a.a.). Eles eram companheiros do Profeta, tinham prestado grandes serviços ao Islam e o Profeta (s.a.w.) tinha previsto que entrariam no Paraíso. Omar (r.a.a.) orientou que dentro de três dias após sua morte, o assunto estivesse resolvido.

Para este efeito, instruiu Suhaib Rumi (r.a.a.) para que, após seu enterro, os seis indicados se reunissem a portas fechadas que só seriam abertas após todos terem chegado a uma decisão em conjunto. Sobre seu filho Abdullah, Omar disse que ele participaria das deliberações mas que, de forma alguma, deveria ser escolhido como Califa. De acordo com Ibn Sa’d, ele também disse que aquele que não aceitasse a decisão majoritária e se proclamasse Califa deveria ser executado.

Omar (r.a.a.) expressou a vontade de que seu sucessor deveria sempre cuidar dos *muhajirin*, dos *ansar*, dos árabes, dos não-árabes, dos muçulmanos e dos não-muçulmanos e de seus direitos iguais e justos. Sobre os *zimmis*, reiterou que os compromissos assumidos deveriam ser respeitados e cumpridos e que eles não deveriam ser prejudicados de forma alguma.

Após cuidar de suas questões pessoais e de pedir a seu filho que pagasse seus débitos depois que se fosse, Omar disse que se seus bens não fossem suficientes para a quitação dos débitos, então que ele procurasse seu clã, Bani Adi, para este fim. Se, ainda assim, restasse alguma dívida a ser paga, que ele procurasse o Coraix, mas que ninguém

mais além do Coraix deveria ser incomodado com relação aos seus débitos.

A Morte

Após expressar seus últimos desejos, o segundo Califa do Islam, Omar Faruq (r.a.a.), o Grande, deu seu último suspiro. Era um sábado, 1º do mês de Muharram, do 24º ano da Hégira, no entanto, de acordo com outros, foi no dia 27 do mês de Zil-hijja, do 23º ano da Hégira. Segundo sua vontade, Suhaib Rumi (r.a.a.) liderou o *Salat-e-Janaza* e seu corpo foi depositado do lado esquerdo do túmulo do Profeta (s.a.w.). Osman, ‘Ali, Zubair, Abdur Rahman bin Auf Sa’d e Abdullah bin Omar (r.a.a.) levaram o seu corpo à sepultura.

Quando morreu, Omar estava com 63 anos. Ele governou o Califado durante dez anos e meio. Antes do Califado, ele vivia e se sustentava graças aos negócios que fazia mas, após assumir o cargo de Califa, ele obteve uma pensão de *Baitul Mal*, que era suficiente apenas para adquirir um pão por dia. Ele achava que não era lícito pegar qualquer coisa além disso do erário público para seu uso pessoal.

Seu pai era Khattab, que pertencia ao clã ‘Adi, da tribo do Coraix e sua mãe, Khatma, era a filha de Husham e prima de Abu Jahl.

Omar se casou primeiro com Zainab bint Maz’un nos dias da *jahiliya* (ignorância). Zainab aceitou o Islam em Meca e foi lá que ela morreu antes da Hégira. Ela era a irmã de Osman bin Maz’un, um grande companheiro do Profeta (s.a.w.). Zainab (r.a.a.) foi a décima quarta pessoa a aceitar o Islam. A segunda esposa de Omar foi Malika bint Khazai mas ela não aceitou o Islam e, por isso, Omar se divorciou dela no 8º ano da Hégira. Sua terceira esposa foi Qariba bint-e-Abi Umaiya. Ela também não aceitou o Islam e Omar

também se divorciou dela. Sua quarta esposa foi Umm-e-Hakim bin Al-hars. Em Medina, ele se casou com Jamila bint-e-Aasim Ansari. Por último, ele se casou com Umm-e-Kulsum (r.a.a.), a filha de ‘Ali ibn Abu Talib. A mãe de Umm-e-Kulsum era Fátima Zahra (r.a.a.), a filha do Profeta (s.a.w.).

Os filhos de Omar foram Abdullah, Ubaidullah Abdur Rahman, ‘Aasim, Aaid e Mujir (r.a.a.), dentre os quais Abdullah é o mais conhecido pelos serviços prestados ao Islam.

As filhas de Omar foram Hafsa, Ruqaiya e Fátima (r.a.a.). Dentre elas, Hafsa foi casada com o Profeta (s.a.w.) e é conhecida como *Ummul Muminin* (Mãe dos Crentes).

Conquistas e Reformas

No que se refere às conquistas de Omar (r.a.a.), o período que permaneceu no comando da *Ummah* é considerado como a Idade de Ouro do Califado islâmico. Ainda que tenha permanecido no cargo por 10 anos e meio, no entanto ele superou vários outros califas que permaneceram no poder por várias décadas. Foi durante o seu califado que o domínio islâmico expandiu-se por toda a parte e o estado muçulmano transformou-se no mais poderoso estado do mundo então conhecido. Foi por sua causa que o estado transformou-se no verdadeiro estado islâmico de bem-estar social. Seu governo foi, na verdade, um exemplo brilhante e esplendoroso e um modelo de governo e administração islâmicos. Ele estabeleceu a supremacia da lei, promoveu a justiça e eqüidade para todos e proporcionou ao povo paz e prosperidade. São aspectos característicos de um grande governante a excelência na administração, proibição da injustiça e opressão, estabilização da paz e tranqüilidade, receitas em abundância, bem-estar e prosperidade do povo, e justiça para todos, independentemente de origem, raça, classe

social, etc. Todas essas qualidades faziam parte da personalidade de Omar (r.a.a.) e influenciaram seu governo.

Do ponto de vista das conquistas, a história mostra que foi no período de Faruq, o Grande, que os impérios romano e persa – as grandes potências conhecidas de seu tempo – se renderam ao poder islâmico e a bandeira do Islam tremulou desde o norte da África até às fronteiras da Índia. Não obstante isso, durante essas conquistas não há registro do menor sinal de opressão ou tirania por parte dos muçulmanos.

Algumas pessoas sustentam que o Islam derrotou os império romano e persa porque eles já estavam em franca decadência, já haviam perdido o brilho e a força e não eram mais invencíveis, que o poderio deles tinha se enfraquecido de tal modo que tinha sido fácil ser vencido pelos árabes. Porém, na verdade não foi bem assim. Admitimos que, quando o Islam floresceu, esses poderes imperiais já não eram tão fortes como antes, no entanto, mesmo assim, ainda não eram tão fracos que não fossem capazes de resistir com êxito aos árabes que, em comparação a eles, não dispunham de técnica, material, equipamentos ou de um poder substancial. O persa Chosroes Pervez e o romano Heráclito ainda estavam em condições de enfrentar e erradicar os árabes, que eram inferiores em número de soldados, além de pobremente equipados, sem experiência em grandes combates. Portanto, quando refletimos sobre esta questão, fica bastante claro que não foi o poder físico das tribos árabes que derrotou os dois grandes impérios, e sim o espírito do Islam que realmente funcionou. Na verdade, foi a força espiritual dos muçulmanos a responsável pela derrota dos grandes poderes materialistas daquela época.

Outras pessoas, no entanto, pretendem nos fazer acreditar que Omar (r.a.a.) foi um grande conquistador, semelhante a vários outros, como Gêngis Khan, Alexandre, Tamerlão, etc. Porém, tais pessoas se equivocam

completamente a respeito de Omar (r.a.a.), ou querem criar a desconfiança sobre ele, porque, do contrário teriam visto claramente a diferença entre Omar (r.a.a.) e aqueles conquistadores. Eles surgiram como violentas tempestades a varrer extensos territórios, contudo, após a tempestade, nada foi deixado inteiro exceto pilhas de corpos humanos e restos de destruição e ruína. Eles devastaram e despovoaram por onde quer que passaram. Eles sabiam como saquear e destruir somente e não como reparar e construir. Por outro lado, as conquistas islâmicas, inclusive as realizadas na época de Omar, foram conseguidas com grande prudência. Tanto a Pérsia como a Síria, bem como outros territórios, foram conquistados para acabar com a tirania e opressão e libertar o povo das garras do imperialismo. E, mesmo com esse objetivo, foram despendidos grandes esforços no sentido de não perturbar o povo inocente e as massas em geral. Ninguém foi morto desnecessariamente e mesmo durante os combates, aqueles que se rendiam logo eram anistiados.

Embora seja difícil enumerar todas as conquistas de Omar Faruq (r.a.a.) por falta de espaço suficiente, no entanto faremos um esforço para apresentar algumas delas a seguir.

Shura

O princípio básico do sistema islâmico de administração é a *Shura*, ou consulta entre os representantes da comunidade. A *shura* é necessária para se ter a opinião das pessoas e para se avaliar seus sentimentos e interesses. Assim, Omar, sempre tendo em mente a injunção alcorânica a esse respeito, administrou o Califado de acordo com este princípio. Havia um Conselho Consultivo, ou Aconselhador, e o Califa se aconselhava com os membros deste conselho não só em questões de estado importantes mas, também, nos assuntos do cotidiano. Os grandes companheiros do Profeta (s.a.w.), como Osman, ‘Ali, Abdur Rahman bin Auf, Muaz bin Jabal, Ubai bin Ka’b,

Zaid bin Sabit (r.a.a.), etc., eram membros do Conselho. Outros Companheiros do Profeta (s.a.w.) também eram consultados em questões especiais. Além do mais, em alguns casos gerais as pessoas também eram consultadas e suas opiniões levadas em consideração pelo Califa. A porta da crítica estava sempre aberta para todos e até o homem comum, sempre que quisesse podia criticar o Califa e fazer qualquer pergunta livremente, e o Califa respondia da melhor maneira possível.

Omar não se considerava um governante autocrático e sim um administrador que tinha sido escolhido para cuidar da ordem pública.

Divisão do Estado em Províncias

Omar (r.a.a.) dividiu o território do Califado em províncias e foram criadas as províncias de Meca, Medina, Síria, Mesopotâmia, Basra, Palestina e Egito. No leste, havia mais três províncias, o Corassã, o Azerbaijão e a Pérsia. Para cada província eram indicados um governador, um secretário-chefe, um secretário do Departamento do Exército, polícia, funcionários, tesoureiro e *qazi* (juiz). De um modo geral, o Comandante-em-Chefe do exército em cada província era o próprio *wali* (governador). As províncias foram divididas em distritos e em cada um havia um coletor, um funcionário do Tesouro e um *qazi*. O Califa era excessivamente cuidadoso e examinava criteriosamente a indicação dos funcionários. Os funcionários de alto escalão eram indicados de acordo com as deliberações tomadas no Conselho Consultivo.

Logo após a indicação para um determinado posto, o indicado recebia uma carta do Califa onde estavam descritos seus poderes e funções. Cada funcionário tinha que assumir o compromisso de que não montaria um cavalo turco, não usaria roupas confeccionadas com tecidos finos, não comeria pão feito de trigo peneirado e não teria um porteiro

em sua porta, que deveria estar sempre aberta para os necessitados.

Antes da partida dos funcionários para o seu destino, era preparada uma lista em que estavam discriminados todos os seus pertences e propriedades e depois, sempre que houvesse qualquer acréscimo em seus bens, deveriam ser explicados a fonte e os meios para a sua aquisição e metade dos bens ou propriedades seria confiscada pelo *Baitul Mal*. Todos os funcionários eram obrigados a estarem presentes durante o período do *Hajj* e sua presença deveria ser anunciada publicamente para que aquele que tivesse alguma queixa contra eles se adiantasse e se manifestasse sem medo ou hesitação. Se alguém apresentasse uma denúncia contra qualquer funcionário, o Califa mandava investigar imediatamente e adotava a medida adequada . Se o Califa viesse a tomar conhecimento de que qualquer funcionário tinha se excedido além do permitido, ele agia imediatamente contra aquele funcionário e demitia-o no caso de a denúncia ser verdadeira.

‘Iyaz bin Ghanam (r.a.a.), era um funcionário empregado no Egito que costumava vestir camisa feita de manta grosseira e que pastoreava suas cabras, quando o Califa veio a saber que ele (‘Iyaz) tinha começado a usar roupas caras e que tinha construído um palacete para morar.

Sa’d bin Abi Waqqas, o governador de Kufa, tinha construído uma casa com um alpendre. Quando Omar (r.a.a.) soube disto, ordenou que ele ateasse fogo ao alpendre. Da mesma forma, outros funcionários que ousaram demonstrar sinais de orgulho, pompa ou ostentação foram demitidos dos cargos pelo Califa, sem qualquer consideração. Também havia mecanismos especiais para manter a vigilância sobre a conduta e o caráter dos funcionários.

Judiciário

Durante o período de Omar, o executivo e o judiciário eram separados e assim o judiciário tornou-se, permanentemente, um órgão separado do estado islâmico.

A política básica adotada por Omar em relação ao Judiciário era a de que todos, fracos ou fortes, ricos ou pobres, deveriam ter direito à Justiça. O fraco não deveria ter frustrado seu direito à justiça e o forte não deveria esperar qualquer favor ou parcialidade em razão de seu poder ou influência. Os casos deveriam ser decididos segundo as injunções do Alcorão e se não fosse encontrada qualquer referência alcorânica em relação a algum caso em particular, então seriam consultadas as Tradições do Profeta (s.a.w.). Se também ali não fosse encontrado um exemplo correspondente ao caso em questão, então o *Ijma'* (unanimidade dos Companheiros do Profeta e dos Estudiosos) deveria ser consultado. Se, ainda assim, o *Ijma'* fosse omisso em relação ao caso, então deveria ser exercitado o *Ijtihad* (esforço mental cuidadoso).

Considerando a imensa responsabilidade do Judiciário, o Califa era muito cauteloso quando indicava os *qazis* (juízes). Eles recebiam salários generosos para que sequer pensassem em aceitar gratificações ilegais de qualquer das partes envolvidas. Não obstante outros atributos e habilidades necessários aos *qazis,* eles também deviam pertencer a famílias nobres e de posição elevada. Esta condição foi estabelecida porque se partiu do pressuposto que um *qazi* descendente de família nobre não se inclinaria a aceitar suborno e nem teria receio de pronunciar suas sentenças contra uma pessoa influente.

A história registrou muitos exemplos da imparcialidade e espírito de justiça de Omar. Um deles é o de ter açoitado até a morte seu próprio filho, Abu Shahma, pelo crime da bebida. Existem vários outros exemplos de punições desse tipo.

Exército

No 15º ano da Hégira, Omar (r.a.a.), a conselho de Walid bin Hisham, criou um Departamento Militar abrangente e bem administrado. O pessoal militar estava dividido em duas categorias que incluíam, indistintamente, tanto os coraixitas como os *ansar*. A primeira categoria consistia do pessoal que servia regularmente ao exército, e a segunda do pessoal que, em tempos de paz, permanecia em casa mas que poderia ser convocado sempre que a situação exigisse. Assim, se considerado os dias atuais, esta categoria poderia ser classificada como a força reserva do país. O pessoal de ambas as categorias recebia salários e as escalas de pagamento iam de duzentos e vinte a cinco mil dirhams anuais. Os escravos também recebiam salários da mesma forma que seus senhores. As esposas e filhos do pessoal assalariado recebiam estipêndios. Medina, Kufa, Basra, Musal, Fistat, Egito, Damasco, Emesa e Jordânia eram os grandes centros militares, porém também foram criados pequenos centros militares por toda a parte do Califado. Em todos os centros militares havia quartéis, estábulos e pastagens para cavalos, estoques de ração e escritórios militares. Também foram adotadas providências em separado para a defesa e segurança das regiões de fronteira e costeira.

O recrutamento para o exército se estendia desde os *muhajirin* e *ansar* até os não-árabes. Cerca de um milhão de soldados estavam sempre de prontidão, com um acréscimo de trinta mil a cada ano. Do quadro de funcionários do exército, além dos soldados, faziam parte tesoureiro, contador, auditor, *qazi*, tradutor ou intérprete, médico, cirurgião, repórteres e informantes. Os repórteres se encarregavam da tarefa de relatar direto ao Califa todos os assuntos e movimentos do exército. Deste modo, o Califa tinha conhecimento de tudo o que se passava.

Polícia

Omar criou o departamento permanente de Polícia, que era denominado "*Ihdas*". Cuidar da paz, da tranqüilidade e da segurança pública eram responsabilidade da *Ihdas*. Além disso, ela ainda tinha a seu cargo a fiscalização do comportamento público.

Omar também criou cadeias ou prisões, uma coisa absolutamente nova na Arábia. As prisões foram construídas em lugares centrais assim como em quartéis generais dos distritos. Depois do estabelecimento das casas de prisão, algumas punições que não estavam claramente mencionadas no Alcorão e na Sunnah foram ligeiramente reformadas. Por exemplo, a punição para o bebedor contumaz foi fixada em chibatadas e detenção.

Finanças e Receitas

As principais fontes de receita do Califado eram as seguintes:

1) Tributo

Os tributos eram recebidos das terras ou regiões que tinham aceitado a dominação do Califado e que gozavam de liberdade em seus assuntos internos

2) Jizya

A *jizya* era uma espécie de taxa recebida dos não-muçulmanos (*zimmis*) que viviam sob o governo islâmico. Na verdade, essa taxa tinha como contrapartida a responsabilidade do estado islâmico de garantir a segurança e proteção interna e externa dos *zimmis*. Se um não-muçulmano se apresentasse para o serviço militar então ele ficava isento do pagamento da *jizya*. Por outro lado, os

deficientes, velhos e crianças estavam excluídos do pagamento.

3) Espólios de guerra

Os espólios de guerra eram levados dos territórios recém-conquistados.

4) e 5) Zakat e Ushr

Pagos pelos muçulmanos como obrigação religiosa.

.

A agricultura prosperou em várias regiões durante o califado de Omar. Foi aprovada uma lei em que, aquele que desenvolvesse e melhorasse qualquer pedaço de terra árido, teria direito a ele. No entanto, a pessoa precisaria cultivar o lugar durante três anos. Esta lei ajudou bastante a transformar várias terras improdutivas e áridas em áreas cultiváveis. Também foi criado um departamento de irrigação, sob cuja orientação vários canais de irrigação foram cavados, e construídos barragens e diques.

Baitul Mal

Baitul Mal, ou Fazenda Pública, já tinha sido criada durante o Califado de Abu Bakr (r.a.a.). Naquela época, no entanto, as instalações destinadas a abrigar *Baitul Mal* eram bastante modestas porque ainda não havia a necessidade de um prédio maior. No entanto, no período do segundo Califa, quando as fronteiras do estado se expandiram para todo lado e, junto com elas, um ingresso financeiro maior proveniente das diversas províncias, fez-se necessário aumentar as dependências de *Baitul Mal*. Então, Omar (r.a.a.) ordenou a construção de novas edificações na capital e em outros importantes centros do país, compatíveis com o aumento das responsabilidades de gerência, administração e arrecadação de impostos e guarda de valores. Portanto, a

partir do Califado de Omar, foram construídos vários prédios não só em Medina como também em todas as províncias e em muitas outras regiões importantes do Califado. A responsabilidade da administração das receitas do estado nas diversas *Baitul Mal* foi entregue a homens honestos, de capacidade comprovada, escolhidos para cada *Baitul Mal*.

Omar (r.a.a.) tinha um grande cuidado com *Baitul Mal*, ou erário público. Ele se considerava um administrador das finanças públicas e não permitia que quem quer que fosse, nem mesmo ele, tirasse ou gastasse um único centavo injustificadamente. Balanços do Tesouro eram registrados e arquivados e checados cuidadosamente. Foram indicados guardas para proteger as instalações de *Baitul Mal*.

As receitas e impostos das províncias eram depositados em suas respectivas *Baitul Mal*. Uma vez descontados os gastos locais, o restante era remetido para *Baitul Mal* central, em Medina.

Educação

Omar (r.a.a.) também se destacou pelo esforço em difundir a educação entre as pessoas. No período da histórica islâmica conhecido como dos Califas Justos, havia uma ênfase maior na instrução religiosa oferecida às pessoas, e assim Omar (r.a.a.) também teve muitas realizações nesse campo. Ele construiu *maktabs* (escolas) por todo o Califado para ensinar o Alcorão a crianças e adultos. Professores pagos foram destacados para todas essas *maktabs*. A escrita e a caligrafia também foram ensinadas nessas *maktabs*. Vários Companheiros do Profeta (s.a.w.), que tinham memorizado o Alcorão, foram mandados para a Síria, Iraque, Palestina e a vários outros lugares para o ensino do Livro Sagrado às pessoas.

Os beduínos também foram obrigados a aprender o Alcorão. Um homem letrado era indicado para visitar as várias tribos beduínas e verificar o grau de conhecimento.

Quem não soubesse o Alcorão não era punido por causa disso. O ensino da língua e literatura árabes também foram salientados, para que as pessoas pudessem ler o Alcorão corretamente. Foram concedidas bolsas de estudos para os estudantes do Livro Sagrado. Em conseqüência, milhares de pessoas memorizaram o Alcorão.

Depois do Alcorão, as Tradições do Profeta (s.a.w.) receberam uma importância maior. Os Companheiros do Profeta (s.a.w.), que conheciam a *Sunnah* de cor, foram mandados para vários lugares a fim de ensinar às pessoas. Naquele período, era comum surgir diversos problemas e questões concernentes ao dia a dia das pessoas. Diante disso, o Califa indagava dos Companheiros do Profeta (s.a.w.) se eles conheciam alguma tradição que pudesse ser aplicada àquela situação específica. E quando uma tradição correspondente ao problema era encontrada, passava a ser anotada. Desta forma, um grande número de tradições foram coletadas e registradas. No entanto, Omar era muito cuidadoso e rigoroso em relação a essa questão. Nenhuma tradição era aceita, a menos que fosse aprovada pelo escrutínio cauteloso de que tinha sido corretamente atribuída ao Profeta (s.a.w.).

Na vida prática, o *Fiqh* (jurisprudência islâmica, ou lei) foi de grande importância e Omar tratou dessa questão com muito cuidado. Ele mesmo era um grande estudioso do *Fiqh*. Por diversas vezes ele narrava e explicava a jurisprudência islâmica e seus princípios, e orientava os funcionários a se submeterem às suas normas e princípios. No tocante à instrução pública, vários estudiosos e professores de *Fiqh* também foram enviados para diversos lugares. Esses sábios e professores recebiam bons salários. Em resumo, como se vê, no período de Omar foi dada uma grande ênfase à instrução e educação públicas.

Construção de Mesquitas

Durante o Califado de Omar, foram construídas várias mesquitas. Em cada cidade da Síria, pelo menos uma mesquita para cada tribo foi construída. De acordo com Rawzatul Ahbab, quatro mil mesquitas foram edificadas no período de Omar e em cada uma delas havia um *Imam* (que conduz as orações) e um *Muezzin* (aquele que faz o *azan*) que recebiam salários do estado.

A Mesquita do Profeta, em Medina, também foi reconstruída durante o período de Omar. Na época do Profeta (s.a.w.) o comprimento era de pouco mais de 100 m e o Califa mandou aumentar para pouco mais de 120 m. A edificação da Caaba também foi ampliada e foram construídos os muros que a limitam. Antes de Omar (r.a.a.) a cobertura da Caaba era feita de material grosseiro e ele mandou vir do Egito um tecido fino para fazer o teto.

Serviços de Bem-Estar Público

Omar (r.a.a.) era profundamente interessado por serviços de utilidade pública e que beneficiasse a todos. Uma das medidas adotadas por ele foi mandar construir novos canais. Por outro lado, os antigos foram reformados ou refeitos durante o seu Califado. O Canal de Abu Musa, Canal de Ma'qal, Canal de Sa'd, Canal de Amirul Mu'minin, foram alguns dos canais construídos em sua época. Esses canais eram usados para a navegação como também eram utilizados para irrigação. Segundo At-Tabari, e Seyuti, e o Kitabul-Kharaj, Omar também mandou construir várias pontes e estradas e, para conforto do viajante, foram erigidas várias estalagens ao longo do caminho e em todos os pontos de parada das cidades, principalmente nas que ficavam entre Meca e Medina. Nesses lugares também podiam ser encontrados postos policiais e reservatórios de água.

Foi Omar quem organizou o serviço postal, chamado de *Barid*. Graças a esse sistema, as pessoas podiam postar correspondências para destinos determinados. De um modo geral, o sistema funcionava com um mensageiro que pegava as cartas e as levava para o próximo posto. Dali em diante, um outro assumia a responsabilidade de levar as correspondências até o próximo posto, onde o aguardava um outro mensageiro. E, assim, as cartas chegavam ao seu destino. O sistema *Barid* foi utilizado principalmente para fins militares e serviços de estado. Como se vê, este sistema pode ser considerado como os antecedentes da moderna comunicação postal.

O Cuidado com as Pessoas

Sempre que pretendiam reparar alguma injustiça ou quisessem resolver algum problema específico, as pessoas podiam procurar livremente não só os altos funcionários e governadores, como também o próprio Califa. No entanto, Omar (r.a.a.), achando que isso não era suficiente, costumava sair à noite para conhecer de perto as dificuldades e problemas das populações. Embora fosse um homem extremamente ocupado com as atividades inerentes ao cargo, ele, ainda assim, fez disso um hábito. Essas visitas noturnas eram secretas e confidenciais e ninguém tinha conhecimento delas a não ser sua esposa ou um escravo confiável. Por intermédio dessas visitas, muitas coisas eram esclarecidas o que, pelas vias normais, não seria possível. Muitas histórias interessantes foram contadas pelos historiadores a respeito dessas visitas secretas do Califa Omar. Além do mais, diariamente ele se sentava depois da oração, nos fundos da mesquita, para que quem quisesse abordá-lo para resolver alguma injustiça ou fazer alguma denúncia, pudesse se aproximar sem qualquer burocracia.

Se alguma caravana chegava de fora, o Califa, em pessoa, ia ao encontro dos recém-chegados e perguntava

se tinham algum problema que precisasse de sua ajuda para ser resolvido. Se partisse em viagem, ele parava em vários lugares e sempre indagava sobre a condição de vida e necessidade das pessoas. No 18º ano da Hégira uma grande fome se abateu sobre a Arábia, e durante todo o período da seca Omar foi incansável. Não se alimentava direito e nem tinha um sono tranqüilo. Constantemente suplicava a Allah: "Ó Allah!, tenha misericórdia e não permita que pereça a *Ummah* do Profeta por causa de meus erros."

Não só naqueles dias de escassez, mas também em tempos normais, Omar era um homem sempre inquieto em relação ao povo e se esforçava ao máximo pelo bem-estar das pessoas. Ele fixou uma pensão para inválidos e desamparados, sem fazer distinção entre muçulmanos e não-muçulmanos. Alimentar e proteger os deserdados e as crianças não-reclamadas, eram responsabilidade do estado. Em resumo, ninguém, qualquer que fosse sua condição ou origem, ficava sem alimentação, vestuário ou habitação.

Igualdade Islâmica

Em sua época, Omar (r.a.a.) estabeleceu em todo o Califado a igualdade islâmica no verdadeiro sentido da palavra. Não havia distinção entre ricos e pobres, entre elite e pessoas comuns, entre governante e governados. Certa vez, um dos governadores da Síria, de nome Jabla bin Aiham Ghassani, que tinha aceitado o Islam, veio a Meca para o *Hajj*. Quando estava na Caaba, fazendo o *Tawaf* (circuito), um pedaço do pano de sua vestimenta deslizou e acabou ficando, sem ser percebido, sob os pés de um muçulmano comum, que também estava fazendo o *Tawaf*. Jabla ficou tão furioso que deu um tapa no rosto do homem. Porém, o homem também respondeu na mesma moeda e o esbofeteou no rosto. Jabla foi procurar o Califa e apresentou uma queixa contra aquela pessoa. Ao ouvir a queixa, o Califa disse: "Você colheu o que plantou." Jabla ficou atônito com o que ouviu e perguntou: "Você quer dizer que uma

pessoa comum como ele pode se achar no direito de se vingar de mim, sem levar em conta a minha posição?" "É claro, o Islam tornou todas as pessoas iguais", respondeu Omar (r.a.a.). "Se o Islam é desse jeito, então não posso ser um seguidor seu", decidiu Jabla e foi embora. Omar (r.a.a.) não se importou com ele.

O Califa tinha concedido a igualdade entre escravos e senhores e ele mesmo se alimentava junto com os escravos. Uma vez, ele demitiu um funcionário por não ter visto seu escravo doente.

Tratamento dos Não-Muçulmanos

Omar (r.a.a.) também ficou conhecido pela forma generosa como tratou os não-muçulmanos. Freqüentemente, ele escrevia aos funcionários do governo:

"Fiscalizem os muçulmanos para que não oprimam os não-muçulmanos, não imponham qualquer perda a eles e nem tomem seus bens e valores sem uma justificativa."

Certa vez, um muçulmano pertencente à tribo de Bakr bin Wyle matou um cristão de Hira. Omar mandou prender o muçulmano e o entregou aos herdeiros do cristão, que mataram o muçulmano também.

Uma outra vez, o Califa viu um velho mendigando. Quando ele perguntou por que ele estava fazendo aquilo, o velho respondeu que ele era pobre e tinha que pagar a *jizya*. Ao ouvir isto, Omar ficou muito triste e, de imediato, decretou que, no futuro, nenhuma taxa, ou *jizya,* ou qualquer outro imposto seria cobrado de velhos e/ou deficientes.

O grau de preocupação de Omar com os não-muçulmanos fica bastante evidente pelo fato de ele não ter se esquecido deles, nem mesmo em seus últimos momentos de vida. Ao deixar por escrito para o sucessor suas últimas

vontades, ele mencionou claramente que os *zimmis* não deveriam ser onerados com uma carga maior do que sua capacidade e força, e que não deveriam ser perturbados de forma alguma e sim que recebessem proteção e segurança, de acordo com o compromisso assumido pelos muçulmanos com eles.

A Pregação do Islam

Como vice-gerente do Profeta (s.a.w.), Omar (r.a.a.) achava que sua obrigação primeira e mais importante era pregar a religião de Allah e transmiti-la às pessoas. Assim, ele adotou várias formas e meios de divulgar o Islam por toda a parte. No entanto, que ninguém se engane aqui e pense que, dentre os métodos de pregação adotados, estivessem incluídos coerção, intimidação ou avareza. O Alcorão decreta: “Não há compulsão na religião.” E Omar seguiu rigorosamente este princípio alcorânico. Ele achava que a melhor forma de atrair os outros para as fileiras do Islam era através de atos, gestos e comportamentos. E, na verdade, isto se mostrou a forma mais eficiente e eficaz de divulgação da religião. Os Companheiros do Profeta (s.a.w.) que ainda estavam vivos, já representavam o padrão verdadeiro da forma de vida islâmica e Omar, através de sua maneira de ser e por meio de suas ordens rigorosas, fez com que os outros seguissem e representassem os verdadeiros princípios da vida islâmica. Assim, os não-muçulmanos tinham diante de si um quadro vivo do Islam, na vida prática de seus seguidores. Eles ficavam bastante impressionados e muitos deles passavam a apreciar o Islam até o ponto de virem a aceitá-lo. A história oferece provas de que milhares e milhares de pessoas na Pérsia, Iraque, Síria, Egito, etc., aceitaram o Islam apenas pela observação do caráter e conduta dos muçulmanos.

Sempre que o exército muçulmano partia para combater um exército não-muçulmano, os muçulmanos ofereciam o Islam antes de a luta começar. Com relação a isto, Omar (r.a.a.) dava instruções muito rigorosas. Ele dizia

que, primeiro de tudo, uma mensagem de paz do Islam devia ser levada aos não-muçulmanos. Se eles a aceitassem, então não havia mais motivos para a luta e, neste caso, eles se transformavam em irmãos muçulmanos. A história é testemunha de que milhares de pessoas aceitaram o Islam por conta própria.

Iniciativas de Omar (r.a.a.)

Durante o período de seu Califado, Omar tomou várias iniciativas em questões administrativas e que são chamadas de "Iniciativas de Omar". Elas foram muitas e algumas delas estão listadas a seguir:

1. Divisão do estado islâmico em províncias.
2. Criação de diferentes departamentos administrativos, chamados de "*Diyan*".
3. Separação do Executivo e Judiciário
4. Criação de um departamento separado para o Exército.
5. Criação do departamento de Finanças e Receitas, e o estabelecimento da *Baitul Mal*.
6. Criação do departamento de Polícia, chamado de *Ihdas*.
7. Criação das cortes de justiça e nomeação de *qazis*.
8. Construção das prisões.
9. Inventário dos territórios e suas medidas.
10. Realização do censo, ou contagem da população.
11. Construção de centros militares e quartéis generais.
12. Indicação de *Imames* e *Muezzins* assalariados para as mesquitas,.
13. Construção de *Maktabs* e *Madrassas* e a conseqüente nomeação de professores.
14. Construção ou reforma de canais para navegação e irrigação.

15. Construção de estradas, estalagens e postos de parada.
16. Criação do sistema postal, denominado *Barid*.
17. Nomeação de repórteres e mensageiros.
18. Nomeação de voluntários.
19. Aprovação de pensão diária para pobres, inválidos e crianças não-reclamadas, sem fazer distinção entre muçulmanos e não-muçulmanos.
20. Fixação da pena para o crime de beber vinho em 80 chibatadas.
21. Decretação de crime passível de punição escrever poesia difamando outras pessoas.
22. Proibição de mencionar mulheres em Ghazals (poemas amadores)
23. Início do calendário da Hégira.
24. Adoção do qualificativo *Amirul Mu'minin* para ele mesmo.

Méritos pessoais e Excelência

Omar (r.a.a.) foi, na verdade, um gênio e uma pessoa excepcionalmente dotada. Ele era sagaz, prudente, discreto e um estadista de rápida percepção. Sua rapidez de raciocínio e sagacidade o tornaram tão hábil, que ele facilmente percebia pontos intricados e sutis, principalmente os referentes à religião. Ele era bastante versado no conhecimento alcorânico e estava sempre a meditar sobre pontos complexos do Alcorão. Sempre que não compreendia uma determinada questão, ele pedia ao Profeta (s.a.w.) que a explicasse. Enquanto não compreendesse a questão apresentada, ele continuava perguntando ao Profeta (s.a.w.) até alcançar o seu objetivo. Graças a esses esforços, Omar tornou-se um grande comentarista e estudioso do Alcorão e conseguia explicar os versículos alcorânicos com bastante clareza.

Ele também tinha um grande interesse pelas Tradições do Profeta, porém era sempre muito criterioso ao

narrar essas tradições. Por isto seu nome não é mencionado nas narrativas de muitas dessas tradições. No entanto, isto não quer dizer que ele conhecesse menos as tradições do que os outros. Na verdade, ele era bastante versado nas Tradições do Profeta também. Qualquer que fosse a ordem ou instrução que desse no exercício de seu cargo, provavelmente elas estavam baseadas na *Sunnah*, porém ele jamais mencionava o nome do Profeta (s.a.w.) porque ele tinha muito cuidado em relação a isto.

No *Fiqh* Omar também alcançou uma posição elevada e não seria errado dizer que o *Fiqh* teve início com ele. Os grandes juristas do Islam, como Abdullah bin Omar, Abdullah bin Abbas e Abdullah bin Mas'ud foram seus discípulos nesta matéria. A melhor prova de sua excepcional habilidade e genialidade é que algumas de suas opiniões se tornaram ordens na religião, e algumas de suas sugestões foram apoiadas por Allah, através das revelações do Profeta (s.a.w.).

Omar (r.a.a.) tinha um elevado gosto pela poesia. Algumas vezes ele escrevia poemas, alguns dos quais foram reproduzidos por Ibn Rashiq em seu livro *Kitabul Umdah*. Porém, mais do que um poeta, ele era um grande crítico de *Umdah* (poesia). Segundo Ibn Rashiq, Omar (r.a.a.) foi o maior crítico de poesia de seu tempo e, de acordo com um outro historiador e literato, Jahiz, ele foi o maior examinador de poesia. Além da poesia, ele tinha um conhecimento versátil de composição de prosa, eloqüência, retórica e oratória. Ele também aprendeu genealogia com seu pai, que era um perito em rastrear ascendências familiares. Também na ciência e estratégia militares, Omar foi famoso em toda a Arábia.

Caráter e Temperamento

No tocante ao caráter e temperamento, Omar Faruq (r.a.a.) foi um exemplo vivo dos ensinamentos islâmicos. Ele era um grande temente a Deus e sempre tinha receio de ser

chamado por Allah para prestar contas de seus atos. Um dia, ao levantar uma palha do chão, disse: “Se eu também tivesse sido uma palha ou um caule, então não teria receio de qualquer responsabilidade. Eu não teria nascido. Minha mãe não me teria gerado.”

Por diversas vezes ele disse: “Se for decretado pelos Céus que todos, com exceção de um, irão para o Paraíso, terei receio de pensar que posso ser o único miserável que não será perdoado.” No *Salat* (oração), geralmente recitava os textos do Alcorão em que a Glória e a Grandeza de Allah eram descritas juntamente com os horrores do Dia do Julgamento.

Ele devotava ao Profeta (s.a.w.) um profundo amor. Ao tomar conhecimento da morte dele, ficou tão atônito e chocado que perdeu a razão e, como um insano, pegou a espada em sua mão e gritou: “Aquele que disser que o Profeta (s.a.w.) morreu será morto por mim.”

Depois do Profeta (s.a.w.), embora as pessoas da Arábia tivessem ficado muito ricas e até uma pessoa comum do povo pudesse levar uma vida confortável, Omar, recordando-se da pobreza do Profeta, jamais se alimentou com uma comida mais sofisticada. Ele vivia como uma pessoa pobre. Certa vez, quando Umul Mu’minin Hafsa (r.a.a.), sua filha, lhe perguntou por que ele ainda vivia na pobreza quando Allah tinha concedido tudo, ele respondeu: “Você se esqueceu da pobreza do Profeta (s.a.w.)? Eu preciso seguir o caminho de meu amado mestre, o Profeta (s.a.w.).”

Ele tentou ao máximo não se desviar, um centímetro que fosse, da *Sunnah* do Profeta (s.a.w.) e seguiu o seu exemplo não só nos assuntos religiosos e de estado como, também, nas questões pessoais e privadas.

Da mesma forma, ele respeitava e cuidava da família e parentes do Profeta (s.a.w.) mais e melhor do que de seus

próprios entes queridos. Quando foram fixados os ordenados dos Companheiros do Profeta (s.a.w.), Banu Hashim, da família do Profeta – e entre eles Ummahatul Mu'minin, 'Ali e Abbas (r.a.a.) - teve prioridade. A sua tribo, Banu Adi, ficou na quinta posição. Quando fixou para seu filho, Abdullah, uma quantia menor do que a fixada para Usama, o filho do servo do Profeta (s.a.w.), Zaid, Abdullah protestou suavemente, porque ele também era um companheiro que tinha participado, juntamente com o Profeta (s.a.w.), da batalha de Badr. Em sua resposta, Omar disse: "O Profeta (s.a.w.) amava Usama mais do que a você, e ao pai dele mais do que ao seu pai."

Omar (r.a.a.) também era um homem de temperamento esquentado e veemente. Antes do advento do Islam, a veemência de sua natureza não conhecia limites, porém depois do Islam ele passou a se controlar mais, embora aquela intensidade continuasse a existir. Quando chegou a época da Hégira para Medina, os muçulmanos não informaram de sua partida, porque os coraixitas os obrigariam a permanecer em Meca. No entanto, quando Omar (r.a.a.) resolveu migrar, ele entrou na Caaba e não só declarou publicamente que estava migrando para Medina, como também lançou um desafio aberto a quem quisesse impedi-lo. Porém, ninguém do Coraix, que tiranizava e oprimia os muçulmanos, teve a coragem de aceitar o desafio. Esta é uma grande prova de sua coragem e ousadia, assim como de sua disposição.

Após assumir as responsabilidades do Califado sobre seus ombros, ele se tornou mais suave e gentil, embora, por vezes, seu temperamento esquentado aflorasse. Contudo, deve-se esclarecer que, tanto a dureza como a suavidade de seu temperamento eram o resultado de seu profundo amor pela justiça. Ele não tolerava qualquer violação da justiça e ficava furioso quando via alguém, ou alguma coisa, se desviando. No entanto, em suas questões pessoais ele era bastante tolerante e doce. As pessoas sabiam fazer essa diferença nas questões públicas e até uma pessoa comum

podia criticar livremente suas ações, porque ele aceitava todo o tipo de crítica e diferença de opinião. Ele sempre dizia "Meu coração é duro ou doce por conta de Allah somente." Se de algum modo sentisse orgulho de qualquer uma de suas conquistas, de imediato reconhecia e procurava corrigir sua conduta. Certo dia, de súbito, ele se encaminhou para o púlpito da mesquita e declarou: "Ó gentes! Eu já fui tão indigente que costumava trazer água para as pessoas e por causa disto elas me davam algumas tâmaras e com elas eu tinha que me manter.". Dizendo isto, ele desceu do púlpito. Porém, as pessoas ficaram sem entender porque o Califa tinha proferido aquelas palavras. Vendo que o povo estava sem saber o que fazer, ele tratou de esclarecer, dizendo: "O orgulho se manifestou em meu espírito e por isso eu quis matá-lo, declarando minha pobreza."

O principal meio de subsistência de Omar (r.a.a.) era o comércio. Antes e depois de aceitar o Islam, ele sempre esteve às voltas com este tipo de negócio. Depois da conquista de Khaiber, o Profeta (s.a.w.) deu a ele um pedaço de terra. Ele também comprou um outro pedaço de um judeu. Mas, após algum tempo, doou os dois pedaços de terra em caridade.

Quando se tornou Califa, foi fixada uma subvenção mínima, que era suficiente para suprir suas necessidades. Mais tarde, quando foi aprovado o pagamento de ordenados aos proeminentes Companheiros do Profeta (s.a.w.), também foi sancionado um ordenado anual de cinco mil dirhams para Omar (r.a.a.). Porém, apesar disto, ele levava uma vida muito simples. Ele aceitou a subvenção de *Baitul Mal* com a condição de que reembolsaria o erário público assim que sua condição pecuniária melhorasse. Ele comia pão feito de trigo não peneirado e azeite de oliva. Carne ou qualquer outro alimento melhor raramente apareciam em seus jantares. Certo dia, Utba bin Farqad estava com ele na hora do jantar e foram trazidos carne cozida e pão seco para a mesa, que Utba conseguiu comer com dificuldade. Depois

do jantar, Utba disse: “Ó Chefe dos Crentes, se você comer uma comida melhor, o erário público não ficará mais pobre.”

Ao ouvir isto, Omar respondeu: “Eu fico muito triste, Utba, que você queira me levar para os luxos mundanos.”

Ele sempre se vestia com roupas pobres, feitas com tecido grosseiro e mesmo essas roupas eram cheias de remendos. Certa vez, Ummul Mu’minin Hafsa (r.a.a.), sua filha, criticou o tipo de roupa que ele usava e ele disse “Não posso me dar ao luxo de usar coisa melhor do que isto.”. Uma outra vez, Hasan (r.a.a.), o neto do Profeta (s.a.w.), contou doze remendos em seu *Tahband* (um tipo de roupa que se enrola na cintura como um saiote escocês). Ummahatul Mu’minin Aysha e Hafsa (r.a.a.), certo dia, aconselharam Omar (r.a.a.) a se vestir um pouco melhor porque, por dever de ofício, tinha que se encontrar com representantes e embaixadores estrangeiros. Em resposta, o Califa proferiu as famosas palavras “Eu não posso esquecer e abandonar o modo de vida que o Profeta (s.a.w.) mostrou. O Profeta (s.a.w.) jamais usufruiu uma vida confortável e luxuosa. Assim, como poderia eu?”

CAPÍTULO VII

OSMAN BIN AFFAN (r.a.a.)

O Terceiro Califa do Islam

(De 24 a 35 da Hégira – 645 a 655 d.C.)

Como vimos no capítulo anterior, depois de ser atacado e mortalmente ferido por seu assassino, Abu Lulu Firoze, Omar (r.a.a.), o segundo Califa, indicou um conselho, composto por seis grandes Companheiros do Profeta (s.a.w.), para escolher seu sucessor entre eles. Faziam parte do Conselho, 1) Osman; 2) ‘Ali; 3) Zubair; 4) Talha; 5) Sa’d bin Waqqas; e 6) Abdur Rahman bin Auf (r.a.a.). Todos eles tinham prestado grandes serviços ao Islam desde seu advento até o período de Omar. Após longos debates, o Conselho chegou à conclusão de que seus membros deveriam propor o nome de sua preferência para o cargo de Califa. Seguindo essa deliberação, Sa’d bin Waqqas propôs o nome de Abdur Rahman bin Auf, mas ele retirou seu nome. Quanto a Talha, ele propôs o nome de Osman e Zubair o nome de ‘Ali. Portanto, restaram dois nomes. Então, Abur Rahman bin Auf, dirigindo-se aos dois candidatos disse: “Se vocês deixarem essa questão para eu resolver então farei justiça.” Osman e ‘Ali concordaram e deixaram o assunto para ser decidido por ele. Em seguida, Abdur Rahman bin Auf dirigiu-se à população de Medina, entrevistou uma grande quantidade de pessoas, independentemente de suas origens ou formas de vida. Por consenso, ele concluiu que a maioria das pessoas preferia Osman. Depois de se certificar bem que sua conclusão estava correta, ele foi para a Mesquita do Profeta e proferiu um discurso diante de uma grande reunião de muçulmanos e declarou que a maioria dos muçulmanos tinha manifestado preferência por Osman. Logo após seu discurso, ele prestou o compromisso de fidelidade a Osman como Califa. Então,

‘Ali também o seguiu e, depois deles, iniciou-se o juramento de fidelidade pelos muçulmanos em geral. Dessa forma, Osman foi eleito o terceiro Califa do Islam.

Osman (r.a.a.) estava entre aqueles Companheiros do Profeta (s.a.w.) que tinham aceitado o Islam desde o seu início. Seu pai era Affan e por isso seu nome era Osman bin Affan. Ele também era conhecido como *Zunnurain* (possuidor de duas luzes) por causa de seu casamento com duas filhas do Profeta (s.a.w.), Ruqaiya e, quando esta morreu, com Umm Kulthum (r.a.a.). Como fosse um dos homens mais ricos do Coraix, ele também era chamado de Osman Ghani. Pertencia ao clã dos omíadas, o mais influente ramo da tribo Coraix, depois dos hashemitas, ao qual pertencia o Profeta (s.a.w.). Na árvore genealógica, as duas famílias se cruzam a partir da quinta geração.

Osman (r.a.a.) nasceu em Meca, no 47º ano antes da Hégira. Ele estava com 34 anos quando o Islam começou a ser revelado a Muhammad (s.a.w.). Tendo relações pessoais e de amizade com Abu Bakr Siddiq (r.a.a.), Osman foi convencido por ele a abraçar o Islam ainda em seu começo. Porém, seu clã, os omíadas, era frontalmente contrário ao Islam e Osman sofreu bastante nas mãos deles por ter aceitado a nova religião. Sua própria família e parentes próximos tornaram-se seus inimigos ferrenhos. Na tentativa de vê-lo renegar o Islam, seus familiares o amarravam com cordas e batiam nele impiedosamente. Quando os muçulmanos obtiveram a permissão do Profeta (s.a.w.) para emigrarem para a Etiópia, Osman, juntamente com sua esposa Ruqaiya, partiu também. No entanto, quando se encontrava na Etiópia já fazia algum tempo, chegaram falsos rumores de que as coisas estavam ficando favoráveis para os muçulmanos e ele voltou para Meca e, dali em diante, permaneceu na cidade até o início da Hégira para Medina.

Após a Hégira para Medina, Osman participou de todas as campanhas muçulmanas, com exceção da batalha de Badr. Naquela ocasião, sua esposa Ruqaiya, a filha do

Profeta (s.a.w.) ficou seriamente doente e Osman, com a permissão dele, permaneceu em casa para cuidar dela. Ele participou da batalha de Uhud e por ocasião do Tratado de Hudaibiya, ele foi o escolhido para exercer o papel de embaixador do Profeta (s.a.w.) e partiu para Meca, para iniciar as conversações de paz com o Coraix em nome dele. Foi nessa ocasião que se espalhou o boato de que ele tinha sido martirizado e o *Bai'ate Rizwan*, ou Juramento sob a Árvore, foi tomado.

Em Medina, os muçulmanos não possuíam poços de onde pudessem retirar água para seu consumo. Foi Osman (r.a.a.) quem comprou o poço chamado Bair Ruma' dos judeus, que costumavam cobrar taxas exorbitantes para que os muçulmanos pudessem ter acesso à água. Osman doou o poço aos muçulmanos em geral. Por ocasião da batalha de Tabuk, quando os muçulmanos estavam passando por momentos angustiosos por causa da fome e tinham pouco preparo militar, foi Osman (r.a.a.) quem, mais uma vez, se adiantou e tomou a seu cargo uma série de responsabilidades. Em resumo, Osman (r.a.a.) tinha doado toda a sua riqueza e sua vida pela causa do Islam.

Depois de assumir o Califado como terceiro Califa, Osman (r.a.a.), através de seus *Firmans,* deu instruções severas aos governadores e funcionários para que se mantivessem afastados das atividades ligadas a dinheiro, para cuidarem do povo e principalmente dos *zimmis* (não-muçulmanos). Ele também proibiu terminantemente que os funcionários e coletores de impostos recebessem qualquer quantia além do que fosse realmente devido e deu alguns conselhos à população em geral.

O primeiro caso trazido a Osman para sua decisão foi o de Obaidullah, filho do falecido Califa Omar, que tinha matado dois não-muçulmanos que, supostamente, teriam participado da conspiração para matar Omar, juntamente com Abu Lulu Firoze. Após longas discussões e depois de se aconselhar com os Companheiros, Osman decidiu que

deveria ser paga uma compensação pelo sangue derramado. E, então, a compensação foi paga pelo próprio Califa e Obaidullah foi libertado.

Uma outra decisão tomada por Osman (r.a.a.) no início de seu Califado, foi a demissão de Mughira bin Sho'ba (r.a.a.) do cargo de governador de Kufa. Sa'd bin Abi Waqqas foi escolhido para substituí-lo no cargo. Ele teve essa atitude em atenção ao desejo de Omar (r.a.a.), expresso antes de morrer.

Conquistas

O Califado de Osman (r.a.a.) durou cerca de doze anos (oito ou doze dias menos). Durante o seu governo, principalmente na primeira metade, foram suprimidas várias revoltas e foram alcançadas novas conquistas. Desta forma, as fronteiras do estado islâmico se ampliaram e chegaram até a Tunísia, ou Magrebe, no ocidente, e além de Ghazni e Cabul, no Afeganistão, no oriente.

O Egito e Alexandria também foram conquistados pelos muçulmanos durante o Califado de Omar (r.a.a.), porém o imperador romano tentava freqüentemente retomar esses territórios. Após o martírio de Omar (r.a.a.), ele achou que tinha uma oportunidade de ouro nas mãos para alcançar seus objetivos e, assim, no 25º ano da Hégira, em segredo, insuflou a população de Alexandria para que se rebelasse contra o Califado islâmico e enviou uma frota de navios de guerra para ajudar. No entanto, a revolta foi sufocada e os romanos receberam uma derrota acachapante imposta pelos muçulmanos, sob o comando de 'Amr bin 'Aas (r.a.a.). Os coptas não participaram dessas rebeliões. Eles tinham sido saqueados pelos romanos e, assim, depois que a revolta foi esmagada, eles vieram e se queixaram a 'Amr bin 'Aas do comportamento dos romanos. 'Amr bin 'Aas ouviu-os pacientemente e tentou compensar da melhor maneira possível as perdas sofridas.

Da mesma forma, também eclodiram revoltas na Armênia e no Azerbaijão. Osman enviou Walid bin ‘Aqaba para sufocar a rebelião no Azerbaijão, onde se saiu vitorioso, trazendo a região, mais uma vez, para o controle do estado islâmico. Sulaiman bin Rabi’a Babli foi despachado para a Armênia e também conseguiu esmagar a revolta que estava acontecendo por lá. Mughira Sho’ba acabou com a rebelião em Hamadan e Abu Musa Ash’ari e Baraa bin ‘Azib suprimiram a revolta em Ray.

Enquanto isso, sabia-se que os romanos tinham mobilizado um enorme exército na Ásia Menor e os muçulmanos começaram a ter sua atenção voltada para aquela região. Na Ásia Menor, um exército patrício de cerca de oitenta mil soldados foi mandado para enfrentar Habib bin Muslima, que na ocasião estava cercando a cidade de Qaliqala. Habib, após conquistar Qaliqala, dirigiu-se para a Ásia Menor e derrotou os romanos, além de conquistar alguns outros lugares nas vizinhanças.

Amir Muawiya também marchou em direção a Ásia Menor e chegou a Bursa. No caminho entre Antioquia e Tartus, havia uma série de fortes que foram conquistados por ele e passaram para o controle do Califado.

Nesse meio tempo, Abdullah bin Abi Sarah, governador do Egito, começou a se preparar para marchar em direção ao norte da África. Ele tinha sido indicado governador do Egito depois de ‘Amr bin ‘Aas, que tinha sido exonerado do cargo por Osman (r.a.a.). Abdullah era um jovem ambicioso e, como governador do Egito, tinha ouvido falar sobre os países vizinhos ao Egito. Esses países eram Trípoli, Magrebe ou Algharb, Tunísia, Marrocos, Argélia, etc., todos no norte da África. No 25º ano da Hégira, ele tinha estado em algumas dessas regiões. Dois anos depois, com a permissão do Califa, ele marchou em direção a Trípoli. Jarjir era o governante da região e resistiu aos muçulmanos com um exército de cento e vinte mil homens. A guerra se

prolongou e permaneceu sem conclusão por um longo tempo. Enquanto isso, Osman (r.a.a.) mandava um novo exército como reforço, sob o comando de Abdullah bin Zubair. Mesmo assim, a situação continuava inalterada. Por fim, um dia Abdullah bin Zubair resolveu deixar a metade de seu exército acampada, descansando, e com a outra parte partiu para combater o inimigo. Quando os dois exércitos já estavam exaustos da luta, Abullah bin Zubair atacou o inimigo com a outra metade de seu exército que estava acampada descansando, apenas aguardando a hora oportuna de entrar nos combates. O exército de Jarjir, cansado, não conseguiu enfrentar aquele exército de muçulmanos e Jarjir não teve outra alternativa senão se render. Ele aceitou pagar vinte e cinco mil dinares a cada ano como tributo e com isso foi assinado um acordo de paz.

Depois de Trípoli, foi a vez da Tunísia, Marrocos e Argélia se submeterem ao domínio dos muçulmanos. Após a conquista do norte da África, o portão de acesso para o mar Mediterrâneo tinha sido aberto e no 27º ano da Hégira, Abdullah bin Nafay atacou a Espanha. Porém, naquela ocasião, os muçulmanos não pretendiam atacar a Europa e, assim, retornaram um pouco depois de bater à sua porta.

Amir Muawiya, o governador da Síria, tinha uma ambição antiga de conquistar Chipre, uma ilha próxima da costa síria. Durante o Califado de Omar, ele tinha buscado permissão para atacar a ilha, porém o Califa não tinha concordado pois não queria trazer problemas para os muçulmanos em batalhas travadas em mar aberto. Quando Muawiya apresentou a proposta da invasão de Chipre para Osman (r.a.a.), de início ele não concordou pela mesma razão. No entanto, mais tarde, ele acabou concordando quando se convenceu de que não haveria riscos para os muçulmanos nesse tipo de combate. Ele deu sua permissão com a condição de que ninguém seria obrigado a participar da invasão. Somente aqueles que oferecessem seus serviços voluntariamente seriam incorporados ao exército. Obtendo a permissão do Califa, Amir Muawiya invadiu o

Chipre. A população da ilha se rendeu imediatamente e concordou em pagar um tributo anual de sete mil dinares. Também aceitou a condição de que informariam regularmente aos muçulmanos qualquer movimento dos romanos, assim como deixariam o exército islâmico atravessar seu território sempre que fosse necessário. Durante algum tempo, os cipriotas respeitaram os termos do tratado porém, no 32º ano da Hégira, eles ajudaram os romanos contra os muçulmanos e Amir Muawiya teve que atacar a ilha de novo. Desta vez, porém, ela foi conquistada e anexada ao estado islâmico.

No 29º ano da Hégira, os curdos se rebelaram contra a dominação islâmica. Abu Musa Ash'ari (r.a.a.), o governador de Basra, se preparou para enfrentar os curdos rebeldes. Durante os preparativos, ele convenceu os *mujahidin* a marcharem a pé para o local dos combates, enquanto ele mesmo seguia montando em um corcel turco. O fato criou um mal estar entre os muçulmanos e um grupo deles foi se queixar ao Califa da atitude de Abu Musa. Osman agiu imediatamente, demitindo o governador Abu Musa, e indicando para o seu lugar, como governador de Basra, 'Abdullah bin 'Aamir.

Já vimos anteriormente que, após a conquista da Pérsia pelos muçulmanos durante o Califado de Omar (r.a.a.), Yazdgard, o último imperador persa, tinha fugido para o Turquestão. Porém, ele não ficou por lá inativo. Por várias vezes, tentou instigar os persas a se rebelarem contra o governo muçulmano. Na época de Omar (r.a.a.), ele não tinha obtido sucesso nessas tentativas, no entanto, quando Osman assumiu o Califado, Yazdgard conseguiu sair-se vitorioso em seus esforços e os persas se revoltaram contra o governo islâmico nas regiões de Fars e Kirman até o Corassã. Osman (r.a.a.) logo tomou conhecimento daquelas revoltas e, imediatamente, mandou Ubaidullah bin Muammar (r.a.a.) para sufocá-las. Porém, ele foi martirizado durante os combates e o exército foi derrotado pelos persas revoltosos. Osman despachou um outro efetivo, sob o comando de

Abdullah bin ‘Aamir, então governador de Basra, que conseguiu vencer os rebelados e trazer aquelas regiões para o controle islâmico de novo. Isto aconteceu no 29º ano da Hégira.

A revolta no Tabaristão foi sufocada por Sa’id bin ‘Aas (r.a.a.), no 30º.ano da Hégira. Também participaram desta batalha Imam Hasan, Abdullah bin Abbas e Abdullah bin Omar (r.a.a.).

Mais tarde, Sa’id bin ‘Aas e Abdullah bin ‘Aamir (r.a.a.) sufocaram as rebeliões na região do Corassã e trouxeram para o controle do estado islâmico vários lugares daquela área. Na ocasião, Yazdgard estava presente no Corassã. Depois de os muçulmanos conquistarem a região mais uma vez, ele fugiu e ficou vagando de um lado para o outro por um longo tempo. Finalmente, ele foi morto por um aldeão e, dessa forma, a dinastia sassânida terminou para sempre.

Depois do Corassã, os muçulmanos, sob o comando de Ibn ‘Aamir, Ahnaf bin Qais e de alguns outros generais, voltaram a controlar o Tabaristão, Kirman e Sajistão. Abdur Rahman bin Samurah foi um deles. Ele era um general muito valente e ambicioso. Em seguida à captura do Sajistão, ele marchou com seu exército para Cabul e ocupou a região que ia desde Rakhaj até Dewar. Nas montanhas de Roz, ele encontrou um ídolo feito de ouro com rubis no lugar dos olhos. Abdur Rahman arrancou fora os rubis dos olhos do ídolo e os atirou sobre o sacerdote, dizendo: “Não necessitamos dessas coisas. Queremos apenas mostrar a você que os ídolos não têm qualquer poder. Eles ficam desamparados mesmo quando seus olhos são arrancados.”

Após a conquista da região de Roz, Abdur Rahman avançou em direção a Ghazni que, naquela época, se chamava Zablistão. Ele conquistou toda a região desde Ghazni até Cabul em curtíssimo período de tempo.

Força Naval

A Força Naval do estado islâmico foi criada pelos muçulmanos durante o califado de Osman, o terceiro Califa. Amir Muawiya constantemente pedia a Omar, o segundo Califa, que criasse uma força naval mas ele era totalmente contrário à idéia porque achava arriscado, tendo em vista que os muçulmanos tinham sofrido uma grande perda nas batalhas navais durante a guerra contra a Pérsia. Quando, depois de Omar, Amir Muawiya levou a Osman a idéia de criar uma força naval, ele, após alguma hesitação, acabou dando sua permissão.

O principal motivo para a criação de uma marinha de guerra era que, embora os romanos tivessem sofrido uma terrível derrota imposta pelos muçulmanos na Síria e Egito, por diversas vezes eles incitavam as populações de outros países a se revoltarem contra o Islam. Quando eles conseguiam seu intento, e aqueles países se rebelavam, os romanos chegavam com sua força naval para ajudar os rebeldes. Os romanos tinham um efetivo naval poderosíssimo e os muçulmanos nenhum. Este era um grande obstáculo para o exército muçulmano e por isso Amir Muawiya queria ter uma força naval incorporada ao exército islâmico.

Assim que Amir Muawiya obteve a permissão de Osman, tratou logo de arrumar os meios para criar uma grande força naval, e foi com ela que conseguiu conquistar a ilha de Chipre muito facilmente. Depois da conquista de Chipre, Amir Muawiya, Abdullah bin Sa'd e Abdullah bin Abi Sarah ficaram estimulados e em alguns anos eles tinham conseguido desenvolver uma poderosa frota naval islâmica, a ponto de deixar para trás o poderio naval romano.

No 31º ano da Hégira, o imperador romano invadiu as regiões costeiras da Síria com uma esquadra de quinhentos a seiscentos navios de guerra. Porém, agora os muçulmanos tinham uma força naval poderosa e Amir

Muawiya e Abdullah bin Abi Sarah infligiram aos romanos uma esmagadora derrota, obrigando o imperador a fugir para Constantinopla.

Além das guerras mencionadas acima, houve mais algumas batalhas e conquistas durante o Califado de Osman (r.a.a.). No 32º ano da Hégira, Amir Muawiya invadiu Constantinopla e no ano 33 da Hégira, conseguiu capturar um grande forte na Anatólia. No 34º ano da Hégira, houve uma grande revolta na África, que foi prontamente sufocada por Abdullah bin Abi Sarah. Em resumo, inúmeras conquistas e vitórias militares foram registradas pela história durante o Califado de Osman (r.a.a.). Foi durante o seu governo que os limites do estado islâmico se estenderam até às fronteiras indianas, no oriente, e até ao portão de entrada da Europa, no ocidente.

Revolta e Caos

Os seis primeiros anos do Califado de Osman foram de paz e tranqüilidade. As conquistas e vitórias se estenderam por toda a parte e as receitas do estado provenientes dos espólios de guerra, das taxas e tributos eram abundantes. Outras fontes de receitas também foram criadas, o estado progrediu, as pessoas prosperaram e muitas adquiriram o hábito de viver no luxo. Como resultado natural dessa tendência a uma vida suntuosa, aos poucos, começaram a se infiltrar no espírito das pessoas sentimentos como a inveja, o ciúme, o ressentimento, a maldade, o despeito. Todos esses elementos, tanto internos como externos, criaram uma situação perigosa para Osman (r.a.s.), e que mais tarde se transformaram no combustível que deflagrou o caos. As principais causas dessa situação foram as seguintes:

1. A maioria dos grandes e sinceros Companheiros do Profeta (s.a.w.) tinham morrido e os que tinham restado estavam tão velhos e fracos que não estavam em condição

de participar ativamente na política e em outras questões de estado. A nova geração tinha assumido seu lugar, porém não tinha a mesma sinceridade e coragem características de seus predecessores;

2. Omar (r.a.a.) não tinha permitido que a nobreza coraixita saísse do Hijaz, mas durante o Califado de Osman, os coraixitas partiram do Hijaz para lugares onde foram recebidos com grande estima e respeito e um sentimento de importância começou a se criar em seus espíritos. Eles conseguiram grandes propriedades de terra e posição fora do Hijaz e aos poucos começou a surgir neles a ambição pelo Califado e pelos altos postos da administração;
3. As nacionalidades e comunidades derrotadas pelos muçulmanos alimentavam sentimentos de vingança em seus corações e mentes e, freqüentemente, conspiravam para quebrar a integridade e solidariedade do estado islâmico e a unidade dos mulçumanos;
4. O Coraix, que tinha alcançado honra, respeito, riqueza e bens, começou a se considerar superior às outras tribos árabes, que por sua vez, não gostavam disso e achavam este comportamento dos coraixitas contrário à fraternidade e igualdade pregadas pelo Islam.
5. Os antigos sentimentos de ódio e hostilidade entre hashemitas e omíadas, que haviam sido sufocados pelo Islam, permaneceram latentes no período de Omar (r.a.a.), e, até certo ponto, não se manifestaram tão abertamente. No entanto, depois dele, os antigos sentimentos de confrontação surgiram de novo. Os hashemitas se julgavam os únicos legítimos sucessores do Profeta (s.a.w.), enquanto os omíadas lhes negava essa reivindicação.

6. Por natureza, Osman Ghani (r.a.a.) era uma pessoa bastante doce e mansa e nutria um grande amor e afeto por seus parentes e pelos membros de seu clã, os omíadas, e os ajudava e apoiava generosamente. Embora toda sua ajuda viesse de seu próprio bolso (ele era um homem muito rico), e não do erário muçulmano, havia muitas pessoas que suspeitavam dele e o acusavam de nepotismo.
7. Osman (r.a.a.) tinha nomeado vários omíadas para diferentes postos na administração pública que, na verdade, não mereciam porque não tinham experiência no exercício de cargos importantes e por isso cometiam muitos erros. Porém, Osman (r.a.a.), por causa da mansidão de seu temperamento, não agia de modo eficaz contra eles, o que causava profundo desagrado entre a população. Então, ele começou a ser criticado abertamente por todo o lado.
8. Esta situação acabou por favorecer os judeus e os magianos[6], que começaram a criar as condições para a ruptura da unidade nas fileiras muçulmanas.

Abdullah bin Saba

Naquele tempo, um dos maiores divisionistas era Abdullah bin Saba, que criou uma grande discórdia entre os muçulmanos. Aparentemente, este sujeito tinha aceitado o Islam mas, na verdade, ele era um hipócrita. De fato, os judeus eram os mais ferrenhos inimigos do Islam e queriam destruí-lo e erradicá-lo completamente da face da terra. Até o final do Califado de Omar (r.a.a.), eles ficaram sossegados e não provocaram danos maiores aos muçulmanos ou à comunidade islâmica. Porém, quando Osman (r.a.a.)

---

[6] Outra forma como também eram conhecidos os adeptos do Zoroastrismo, antiga religião da Pérsia (N.T.)

assumiu o Califado, criou-se uma situação favorável para eles e homens como Abdullah bin Saba tiveram a oportunidade de se infiltrar nas fileiras do Islam, sem que os muçulmanos percebessem. Abdullah bin Saba era um indivíduo muito astuto, dado a fraudes e conchavos. Depois de tornar-se muçulmano, ele começou a fomentar a discórdia contra Osman e, na verdade, contra o Islam. Ele explorava os sentimentos de confronto entre hashemitas e omíadas e se colocou como um grande e verdadeiro amigo dos membros da família do Profeta. Colocando-se, assim, do lado dos hashemitas, ele começou a soltar uma série de boatos e rumores falsos contra os omíadas, em particular contra Osman (r.a.a.). Não contente com isto, ele também tentou interferir nos princípios fundamentais do Islam. Por exemplo, ele começou a propagar que o Profeta Muhammad (s.a.w.), da mesma forma que Jesus Cristo, um dia voltaria a este mundo; que cada profeta tinha um responsável pela implementação de sua mensagem e que Muhammad (s.a.w.) também tinha o seu, que era ‘Ali (r.a.a.); também declarou que Osman (r.a.a.) não tinha o direito de tornar-se Califa e que, portanto, ele era um tirano, etc.

Ele construiu uma rede de intrigas por todos os centros islâmicos, e usou de todos os meios possíveis para acusar e difamar o Califa. Agindo assim, ele criou uma grande confusão na cabeça das pessoas e em pouco tempo a atmosfera em Medina havia se tornado pestilenta.

Como já dissemos anteriormente, havia um grupo na Arábia que não gostava de Osman (r.a.a.) e sempre agia contra ele. Este grupo estava só aguardando uma oportunidade para se levantar contra o Califa e esta oportunidade surgiu com Abdullah bin Saba.

Além disso, havia um outro grupo que também não gostava do Califa, que eram os magianos, da Pérsia. Essas pessoas eram, por natureza, adoradores de reis e por isso não gostavam do Califado estabelecido pelo Islam. Eles também estavam de comum acordo com Abdullah bin Saba.

Embora os dois grupos fossem movidos por diferentes razões, eles se juntaram no objetivo comum de derrubar o governo de Osman.

Com relação a este fato, o mais trágico de tudo, foi que algumas grandes personalidades que discordavam da administração de Osman, apesar de toda a sinceridade, se deixaram levar pela propaganda enganosa de Abdullah bin Saba e não perceberam a intenção pérfida por trás de seus atos. Não há dúvida de que aquelas pessoas eram honestas e sinceras, contudo não conseguiram compreender, em profundidade, o papel traiçoeiro desempenhado por Abdullah e nem mediram as possíveis conseqüências para a unidade do Islam. Ele começou com uma propaganda verbal e escrita contra o Califa e sua administração. Depois, organizou partidos secretos no Iraque e Egito. No 33º ano da Hégira, suas perniciosas atividades secretas foram expostas a Abdullah bin Amir, o governador de Basra, que, imediatamente, o expulsou de seus territórios. De Basra, Ibn Saba partiu para Kufa, mas também foi expulso de lá. No entanto, ele conseguiu uma oportunidade de entrar no Egito e construir ali seu refúgio secreto.

A partir do Egito, Ibn Saba conseguiu estabelecer uma grande influência no Iraque. Havia pessoas em Basra e Kufa que condenavam abertamente Osman (r.a.a.). Em Kufa, Ashtar Nakhayi, Jundab bin Ka'b e outros, eram os cabeças do movimento sabaíta. Por diversas vezes eles acusaram a administração e criaram problemas para o Califa. Em conformidade com o governador de Kufa, Osman despachou aquelas pessoas nocivas para Amir Muawiya, na Síria, para que fossem corrigidas. Porém, isto não funcionou.

No 34º ano da Hégira, Yazid bin Qais, com um grupo de sabaítas, partiu para Medina, com a intenção de pedir ao Califa que renunciasse. Porém, quando Qa'qa bin 'Amr o prendeu no caminho, ele disse que nem ele nem seu grupo pretendiam a renúncia do Califa e sim a do governador Sa'id bem 'Aas. Ao saber disto, Sa'id bin 'Aas veio ao Califa e

ofereceu sua renúncia. Então Osman indicou Abu Musa Ash'ari como governador em seu lugar.

Porém, esta política apaziguadora do Califa também não alcançou os resultados esperados. Os distúrbios continuaram a eclodir por todo o Iraque e Osman (r.a.a.), o Califa, mandou buscar Amir Muawiya, Abdullah bin Sa'd, Sa'id bin 'Aas, 'Amr bin 'Aas, 'Abdullah bin 'Aamir, para uma consulta sobre o que fazer para controlar a situação. Contudo, não se chegou a resultado algum. Enquanto isso, a situação continuava a se deteriorar a cada dia. Então, alguns Companheiros do Profeta (s.a.w.) pediram que 'Ali se encontrasse com Osman e sugerisse a ele formas e meios de resolver a questão. 'Ali partiu ao encontro do Califa e sugeriu as medidas que ele achava mais adequadas. Osman gostou das sugestões apresentadas por 'Ali e disse que falaria ao povo na mesquita.

Depois disto, no 35º ano da Hégira, o Califa, em conformidade com um conselho dos cidadãos de Medina, nomeou uma comissão que era composta pelos grandes Companheiros do Profeta (s.a.w.), como Muhammad bin Muslima, Usama bin Zaid, Ammar bin Yasir e Abdullah bin Omar (r.a.a.). Os membros dessa comissão foram enviados a vários lugares para verificar os fatos. Todos os membros da comissão, com exceção de Ammar bin Yasir, relataram ao Califa que as pessoas influentes, assim como os muçulmanos em geral, dos lugares por onde passaram, não tinham queixa contra o Califa. Ammar bin Yasir, no entanto, não concordou com a opinião dos membros da Comissão. De acordo com At-Tabari e Ibn Asir, Ammar bin Yasir sofria a influência dos sabaítas.

Osman (r.a.a.) também determinou que, no futuro, a cada ano, durante os dias do *Hajj*, ele pediria contas dos atos dos governadores e funcionários e, assim, quem quer que tivesse uma queixa contra qualquer governador ou funcionário deveria apresentá-la naquela oportunidade.

Por ocasião do *Hajj*, ele fez conforme havia determinado, porém ninguém se adiantou para apresentar uma única queixa sequer. Então, o Califa perguntou aos seus executivos o que ele deveria fazer para agradar aos inconformados. Em resposta, diversas pessoas apresentaram diferentes opiniões. Sa'id bin 'Aas, por exemplo, sugeriu que se tratava de um grupo pequeno de pessoas nocivas que estava conspirando contra o Califado e que deveria ser aplicada a pena de morte e, assim, a situação ficaria sob controle. Abdullah bin Sa'd aconselhou que, na medida em que as pessoas gozavam de direitos plenos, elas deveriam ser obrigadas a cumprir com seus deveres também. 'Amr bin 'Aas disse que uma vez que o Califa era muito manso e de coração afetuoso, que adotasse então a política de Abu Bakr Siddiq e Omar Faruq que demonstravam ternura quando era necessário mas que também eram bastante rigorosos sempre que a situação assim o exigisse.

Em resposta, disse Osman (r.a.a.): "Todo acontecimento ocorre porque está predeterminado pelo Todo-Poderoso. Tenho receio de que o que está destinado para esta *Ummah* esteja chegando. Portanto, não serei rigoroso, exceto no tocante à aplicação das penalidades de Allah. Allah sabe que jamais me descuidei do bem-estar das pessoas. Receio que a pedra de amolar da discórdia vai começar a rodar. Portanto, se eu morrer porque não deixei que o rebolo começasse a se mover, então me sentirei confortado."

Em resumo, Osman tentou de todas as maneiras não dar espaço a divisões no seio da comunidade islâmica e também se esforçou ao máximo para pacificar a todos, porém os agentes da discórdia não permitiram.

Quando voltava de Meca para Medina, depois de ter realizado o *Hajj,* Osman fez sua última tentativa para resolver a situação pacificamente. Ele mandou chamar 'Ali, Talha e Zubair (r.a.a.) e os consultou a esse respeito. Eles

ofereceram algumas sugestões práticas que foram aceitas pelo Califa, que prometeu agir de acordo com o que eles tinham dito e os três ficaram satisfeitos.

Amir Muawiya, que tinha acompanhado o Califa na viagem de volta, aconselhou-o a sair de Medina e ir para a Síria, mas Osman não concordou com a sugestão. Ele disse que jamais deixaria o lugar onde o Profeta tinha estado, mesmo que o matassem. Então, Muawiya propôs mandar um exército da Síria para defendê-lo. Porém Osman também não aceitou essa proposta pois, para ele, trazer um exército seria trazer mais problemas para a população da cidade do Profeta e que ele não gostaria de fazer isto. Amir Muawiya fez ver a Osman que tinha medo de que um perigo iminente, algum acontecimento terrível poderia acontecer. Osman, em resposta, recitou um versículo do Alcorão que significa “Allah é suficiente para mim e que Excelente Tutor Ele é.”

Vendo que não conseguia nada, Amir Muawiya voltou para a Síria.

Não há dúvida de que Osman (r.a.a.) estava tentando por todos os meios possíveis agradar aos dissidentes e, para conseguir seu objetivo, ele contou com os esforços de ‘Ali (r.a.a.) e de vários outros Companheiros do Profeta que cooperaram com ele. Porém, havia algumas pessoas entre os omíadas que exploravam a posição de Osman (r.a.a.) e que ainda tentavam pescar em águas turvas. Entre essas pessoas, Marwan bin Hakam era um dos mais ativos. Ainda que a situação fosse crítica, ele estava tentando criar diferenças entre Osman e alguns Companheiros sinceros, inclusive ‘Ali (r.a.a.), o que trouxe mais problemas para o Califa. Infelizmente, Marwan bin Hakam tinha se tornado secretário chefe do Califa, e gozava de toda a confiança dele.

Dia a dia a situação se deteriorava cada vez mais e os insurgentes ficaram tão ousados que chegaram a ponto de entrar em Medina e cercar a casa do Califa. No entanto, um

sinal de paz, ou uma tentativa de paz, ficou evidente através dos esforços de ‘Ali (r.a.a.) e de alguns outros companheiros do Profeta (s.a.w.). Os rebeldes se retiraram, porém um grupo deles, que estava voltando para o Egito, capturou um homem que também estava indo secretamente para o Egito e que se fazia portador de uma carta. O homem era um escravo do Califa e foi reconhecido pelos insurgentes. Eles pegaram a carta que supostamente tinha sido escrita por Osman (r.a.a.) e que trazia o selo do Califa afixado nela. A carta confidencial era dirigida ao governador do Egito e continha instruções para que ele tratasse implacavelmente os insurgentes, com os quais já tinha sido realizado um entendimento graças aos esforços de ‘Ali (r.a.a.) e outros. Os termos da correspondência enfureceu os revoltosos mais uma vez. Quando perguntaram a Osman sobre a carta, ele afirmou solenemente que não sabia de nada sobre a tal carta.

Mais tarde, ficou esclarecido que se tratava de mais uma manobra de Marwan bin Hakam, que tinha se tornado secretário do Califa e que sempre agia por conta própria sem o conhecimento de Osman. Mais uma vez, os rebeldes, cerca de dois mil, provenientes principalmente de Basra, Kufa e Egito, se infiltraram na cidade de Medina e cercaram a residência de Osman (r.a.a.). O cerco foi tão fechado que sequer permitiram que se levasse água para sua casa ou que ele pudesse ir à mesquita do Profeta (s.a.w.) para oferecer suas orações. Agora, já não era mais possível esperar qualquer atitude razoável por parte dos rebelados e, assim, alguns Companheiros do Profeta (s.a.w.), como Zaib bin Sabit, Abdullah bin Zubair, Mughira bin Sho’ba e outros se apresentaram a Osman (r.a.a.) e ofereceram seu apoio armado contra os rebeldes, o que foi recusado pelo Califa, porque ele não queria um derramamento de sangue por sua causa na cidade sagrada do Profeta (s.a.w.). Ele disse: ”Não importa, ainda que eu seja morto não posso permitir um banho de sangue na cidade sagrada de meu mestre, o Profeta (s.a.w.).” Esta atitude do Califa fez com que os

desordeiros ficassem mais atrevidos e o cerco à casa de Osman continuou por quarenta dias.

Os revoltosos exigiam a imediata renúncia de Osman (r.a.a.) ao cargo de Califa. Porém, ele não concordou com a exigência porque, segundo ele, a cadeira do Califado não tinha sido tomada à força ou pelas armas e sim por escolha direta da maioria dos muçulmanos e, por isso, ele não podia abandonar o cargo contra a vontade do povo somente para satisfazer os rebeldes.

De fato, a desordem e o caos corriam à solta, orquestradas por elementos absolutamente sem controle e, agora, já não era mais só contra Osman (r.a.a.) mas, também, contra a instituição do Califado. Pretendendo protestar contra os chamados erros do Califa, na verdade o que os desordeiros pretendiam era abolir o sistema de Califado para sempre. Osman (r.a.a.) entendeu isto e assim, nessa situação tão crítica, tentou ao máximo salvar a instituição do Califado islâmico. Ele tentou mais de uma vez fazer com que os rebeldes percebessem o papel daninho que estavam desempenhando e as graves conseqüências para a solidariedade islâmica que certamente adviriam. Certo dia, subindo ao telhado de sua casa, ele falou para os rebeldes:

“Ó gentes! Por que vocês querem me matar? Eu sou o governante de vocês e seu irmão no Islam. Por Allah, eu me esforcei ao máximo para promover o bem-estar de vocês e consegui até onde foi possível. No entanto, eu também sou um homem e errar é humano, portanto, também posso cometer erros, o que não significa que devo ser morto por causa disto.”

Prosseguindo, disse: “Lembrem-se de que, se me matarem, por Allah, até o Dia do Julgamento, vocês nunca mais conseguirão fazer suas orações uns com os outros e nem farão o *jihad* juntos.”

Pode-se entender isto como uma previsão de Osman (r.a.a.) que se tornou realidade com todas as letras. Depois de seu martírio, espalhou-se entre os muçulmanos um partidarismo que, mesmo passados quatorze séculos, ainda persiste e somente Allah, o Todo-Poderoso, sabe por quanto tempo mais ainda permanecerá.

Da atitude de Osman (r.a.a.) uma coisa fica evidente. Ele foi um Califa sincero e um verdadeiro defensor da religião. De fato, ele não estava desamparado e impotente, como se poderia inferir do ambiente turbulento que prevaleceu a partir da segunda metade de seu governo. Ele tinha poder e autoridade e facilmente poderia ter suprimido os insurgentes e os perturbadores da ordem, que correspondiam a pouco mais de mil. No entanto, ele não o fez. Por que? Porque, conforme ele mesmo dizia sempre, não queria o derramamento de sangue dos muçulmanos por sua causa. Sua intenção era consolidar a *ummah* e não dividi-la. Ele percebia que alguns dissidentes já tinham criado a divisão entre os muçulmanos e, se ele aceitasse a existência de dois grupos, um contra o outro, a seu favor, isto não ajudaria a unificar a *Ummah*. Pelo contrário, ela ficaria muito mais dividida o que, de maneira alguma, beneficiaria o Islam. Por pensar assim, ele se recusou a aceitar a ajuda armada dos Companheiros do Profeta (s.a.w.). Tivesse ele sido um ditador sedento de poder ou um rei, em lugar de simplesmente Osman (r.a.a.), ele não teria se mostrado tão desamparado e impotente, apesar de ter todo o poder, autoridade e apoio da grande maioria das pessoas. Este fato é que faz a diferença entre um Califa muçulmano sincero e um rei ou ditador.

Martírio de Osman (r.a.a.)

Como o Profeta (s.a.w.) havia prognosticado, Osman sabia que seria martirizado um dia. Portanto, vendo a situação adversa e perigosa criada pelos perturbadores da ordem, ele estava quase certo de que a hora de seu martírio

estava se aproximando e, assim, começou a se preparar para quando chegasse o momento. O 40º dia em que sua casa estava cercada, era uma sexta-feira. Nesse dia, ele fez alguns preparativos especiais. Jejuou, emancipou seus vinte escravos e vestiu um pijama que nunca tinha usado antes. Depois, abriu o Livro Sagrado e começou a recitá-lo. Naquele momento, Hasan, Husain (filhos de ‘Ali e Fátima), Abdullah bin Zubair, Muhammad bin Muslima (r.a.a.) e alguns outros jovens encontravam-se à porta da casa dele para impedir que os rebeldes entrassem.

Alguns dos insurgentes entraram na casa pelos fundos e Muhammad bin Abu Bakr, filho de Abu Bakr Siddiq, o primeiro Califa, era um deles. Osman (r.a.a.) naquele momento estava ocupado, recitando o Alcorão. Muhammad pegou-o pela barba e proferiu alguns insultos. Osman (r.a.a.) disse: “Saia, meu sobrinho. Se seu pai estivesse vivo não teria gostado de ver o que você está fazendo.” Ao ouvir essas palavras, Muhammad ficou envergonhado e pôs-se de lado. Porém, alguns outros que acompanhavam Muhammad se adiantaram e atacaram o Califa. Kinana bin Bashar, um dos desordeiros, atacou com um pedaço de ferro e o Califa caiu ao chão, enquanto proferia “Em nome de Allah ... Eu confio Nele.” Um jato de sangue esguichou de sua testa e caiu sobre as páginas do Livro Sagrado. Depois, um outro desordeiro, de nome ‘Amr bin Alhumuq, sentou-se sobre o peito do Califa e começou a golpeá-lo. Nayela, esposa de Osman, veio em socorro do marido, porém ela também foi atacada e teve três dedos de sua mão arrancados. Enquanto isto, um outro desordeiro, Sawdan bin Hamran, decapitava Osman (r.a.a.).

Inna Lillah-e-Wa-Inna Ilaih-e-Raje-um [7]

No momento de seu martírio, Osman (r.a.a.) estava recitando o versículo do Alcorão, cujo significado é “Allah

---

[7] “De Allah viemos e a Ele retornaremos”. Trecho de um versículo do Alcorão que é dito quando se recebe a notícia do falecimento de alguém.

será bastante para eles e Ele é o Grande Ouvinte e Conhecedor.”

Osman, o terceiro Califa, foi martirizado na sexta-feira, 18º dia do mês de Zilhijja, do ano 35 da Hégira (655 d.C.).

Por ocasião de sua morte, a cidade de Medina estava praticamente sob o controle dos rebeldes e ninguém podia sair de casa. O corpo do Califa martirizado permaneceu caído ao chão por mais de vinte e quatro horas. No dia seguinte à sua morte, 19º dia do mês de Zilhijja, alguns companheiros, sem se preocuparem com suas próprias vidas, desafiaram os insurgentes e realizaram os últimos rituais fúnebres do Califa. De acordo com as injunções islâmicas, o corpo de um mártir não precisa ser lavado e, assim, o corpo de Osman foi enterrado com suas roupas sujas de sangue. Zubair bin Awwam (r.a.a.), ou segundo outros registros, Jubair bin Mut’am (r.a.a.), conduziu a oração fúnebre *Salatul-Janaza*. Apenas dezessete pessoas acompanharam o féretro (*Janaza*). O corpo de Osman foi enterrado no cemitério de *Jannatul-Baqie*.

Quando foi assassinado, Osman (r.a.a.) estava com 82 anos e o período de seu Califado teve a duração de cerca de 12 anos.

Os Companheiros do Profeta (s.a.w.) que ainda se encontravam vivos ficaram profundamente escandalizados ao tomarem conhecimento da triste notícia. Mesmo aqueles que eram contrários a Osman e que tinham manifestado sua oposição estavam chocados com a insuportável notícia de seu lamentável martírio. Uma dessas pessoas era Ammar bin Yasir (r.a.a.). O martírio de Osman (r.a.a.) não significava apenas o assassinato de um homem, mas também representava, na verdade, a ruptura da força, da unidade e da solidariedade islâmicas. A História é o registro vivo de que, depois do martírio de Osman, os muçulmanos nunca mais conseguiram reconstruir uma *Ummah* sólida e unida. Sem dúvida que foram alcançadas muitas conquistas, porém

nunca mais a unidade islâmica tornou a encontrar o seu lugar entre os muçulmanos.

Esposas e Descendências

Osman (r.a.a.) casou-se com várias mulheres, segundo o costume existente na Arábia. Ele também foi casado com Ruqaiya e Umm Kulthum (r.a.a.), duas filhas do Profeta (s.a.w.). Após uma breve doença, Ruqaiya morreu e Osman casou-se com a outra filha do Profeta (s.a.w.), Umm Kulthum. Osman teve um filho com Ruqaiya, Abdullah. Ao todo, ele deixou 17 ou 18 descendentes.

Caráter e Qualidades

Como dissemos anteriormente, Osman (r.a.a.) era um homem de natureza suave e mansa, possuía um coração afetivo e generoso e sempre foi um homem muito rico. Ele era conhecido na Arábia como um magnata dos negócios e dono de um patrimônio invejável. No entanto, ele sempre ficou afastado dos males que geralmente acompanham a riqueza. Após sua conversão ao Islam, sua fortuna foi praticamente doada para a causa do Islam e dos muçulmanos pobres e necessitados. Na verdade, seu patrimônio significou uma grande fonte de recursos para o Islam.

Seu coração era indulgente e cheio de misericórdia e tinha uma grande preocupação de jamais cometer qualquer ato que pudesse desagradar a Allah. Sempre que passava por uma sepultura ele chorava copiosamente.

Osman (r.a.a.) também nutria um grande amor e respeito pelo Profeta (s.a.w.), por quem estava sempre pronto a agradar e não media esforços para alcançar esse objetivo. Ele ficava inquieto sempre que ouvia falar de algum problema ou dificuldade que o Profeta (s.a.w.) estivesse vivendo, por menor que fosse. Certa vez, o Profeta (s.a.w.) e sua família estavam passando fome. Assim que soube disso,

Osman (r.a.a.) ficou bastante preocupado e imediatamente providenciou um carregamento de trigo, farinha, carne, tâmaras e a quantia de trezentos dirhams. Ele foi pessoalmente a Aysha que chorou e disse que Osman seria lembrado sempre que uma ocasião como aquela surgisse. Ele teve muito cuidado com as tradições e ditos do Profeta (s.a.w.). O amor e o respeito ao Profeta eram tão grandes que sacrificou sua própria vida para não permitir que a cidade do Profeta fosse profanada.

O Profeta (s.a.w.) também amava muito Osman (r.a.a.). Os serviços prestados por ele ao Islam o impressionaram tanto que permitiu que suas filhas se casassem com ele, primeiro com Ruqaiya. Depois da morte desta, o Profeta vendo Osman (r.a.a.) tão terrivelmente infeliz, deu a outra filha, Umm Kulthum, em casamento a ele. Na ocasião, o Profeta disse: “Se eu tivesse cem filhas eu as daria em casamento a Osman, uma depois da outra, no caso de elas virem a morrer.”

Osman era uma pessoa muito generosa e de espírito nobre. Quanto mais Allah lhe concedia fortuna mais e mais ele a usava em Sua senda. Ele doou uma propriedade rural de cerca de duzentos mil *ashrafis* (uma moeda de ouro equivalente a uma libra esterlina, aproximadamente) pela causa de Allah. Centenas de viúvas, órfãos, pobres e desamparados recebiam pensões regulares pagas por ele. Toda sexta-feira ele libertava um escravo. Foi por causa de sua extraordinária generosidade que seus inimigos espalharam falsos boatos contra ele.

Do ponto de vista histórico, Osman (r.a.a.) ficou conhecido por sua modéstia e timidez. Certa vez, o Profeta (s.a.w.) disse: “Até os anjos se sentem tímidos ao verem a timidez de Osman.”

Dentre outras qualidades, ele era bastante paciente e tolerante e era a personificação do perdão e da indulgência. Por causa dessas qualidades, ele sempre era explorado por

pessoas como Marwan bin Hakam e outros. Como vimos, ele foi explorado, traído e até insultado por várias pessoas, porém nunca pensou, por um minuto sequer, em se vingar ou punir aqueles elementos pelas traições praticadas contra sua pessoa. Quando os desordeiros se insurgiram, ele poderia tê-los suprimido pela força das armas mas não o fez. Ele preferiu o sacrifício da própria vida a ter que se desviar do caminho que ele achava que era o correto.

Ele jamais ocupava as pessoas para seu serviço pessoal. Não havia escassez de escravos e escravas para ele, porém, freqüentemente ele realizava suas tarefas cotidianas. De noite, por exemplo, como não quisesse dar trabalho para ninguém, era ele quem arrumava a água para fazer a ablução para a oração do *Tahajjud.*

Como fosse imensamente rico, ele poderia ter usufruído uma vida pródiga em gastos e luxos. No entanto, sempre permaneceu dentro dos limites lícitos. Ele não era um miserável nem um pródigo como também não era um perdulário. Para suas despesas pessoais ele nunca retirou um centavo do Tesouro, pelo contrário, tirava de seu próprio bolso para o atendimento das necessidades públicas.

Osman (r.a.a.) sabia ler e escrever e foi um dos escribas do Livro Sagrado durante a existência do Profeta (s.a.w.). Sua letra era muito bonita. Ele tinha um grande apego ao Alcorão, o qual foi ensinado a ele pelo próprio Profeta (s.a.w.). Também foi um preservador das Tradições do Profeta e da *Sunnah*. Porém, ele era muito criterioso ao narrá-las porque receava que o sentido exato das palavras proferidas pelo Profeta poderiam não ter sido corretamente entendidas por ele.

Embora no *Fiqh* não se comparasse a Omar (r.a.a.) ou a ‘Ali (r.a.a.), no entanto gozava de uma posição elevada no conhecimento de seus princípios.

Revisão da Administração de Osman

Como já relatamos nas páginas anteriores a respeito das conquistas, vitórias e supressão das revoltas em algumas regiões durante o Califado de Osman, não há necessidade de repeti-las mais uma vez. No tocante a isto, pode-se mencionar apenas que seu reinado não foi destituído de conquistas ou vitórias. A primeira metade de seus doze anos de governo foi, na verdade, repleta de conquistas e vitórias.

Na verdade, Osman teve somente cinco ou seis anos de governo pacífico, mas, ainda assim, nesse período do seu Califado, ele prestou serviços relevantes ao Islam em vários segmentos. A administração do Califado já tinha tomado sua forma definitiva durante o período de Omar Faruq. Portanto, Osman não tinha muito mais o que fazer a esse respeito, não obstante ter atuado sempre que necessário, no sentido de suprimir ou acrescentar alguma coisa.

Shura

Durante o governo de Osman, o sistema de *Shura*, ou consulta, não foi tão solicitado quanto o fora no período de Omar Faruq, muito embora sempre que fosse necessário o terceiro Califa também consultava os grandes Companheiros do Profeta (s.a.w.) que ainda estavam vivos.

As Províncias

Durante o terceiro Califado, a divisão das províncias permaneceu quase que a mesma, com uma única diferença: as várias províncias situadas nas proximidades da Síria foram transformadas em uma só e Amir Muawiya foi nomeado o governador das províncias unificadas. Esta unificação ajudou de várias formas, principalmente nas conquistas e supressão das revoltas. Também foram criadas

algumas províncias novas nos territórios recém-conquistados.

Impostos e Receitas

As receitas do estado receberam um enorme incremento durante o período de Osman. Este aumento nas receitas foram provenientes de impostos e taxas recolhidos pelos territórios conquistados, assim como do *Zakat* pago compulsoriamente pelos muçulmanos e da *jizya* recolhida dos não-muçulmanos. Com tal acréscimo nas receitas, houve um correspondente aumento nos desembolsos destinados ao bem-estar público, à melhoria dos salários e pensões, à construção de prédios públicos e governamentais, etc. Durante o mês do Ramadã, aqueles muçulmanos que recebiam assistência do estado passaram a receber alimento também. Também foram feitos investimentos no exército e os salários de soldados e funcionários graduados também foram aumentados. Foram construídas novas estradas e pontes, e reformadas ou consertadas as antigas. Em Kufa foi construída uma grande estalagem e nas suas proximidades um mercado central. Uma outra grande estalagem foi construída no caminho entre Medina e Najd e lá também foi edificado um grande mercado e cavado um poço para uso dos viajantes. Vários outros locais receberam poços para a mesma finalidade. Foi construído um aterro próximo a Medina para proteger a cidade dos estragos provocados pelas enchentes.

A mesquita do Profeta foi ampliada pela primeira vez durante o governo de Omar (r.a.a.) e tornou a ser ampliada e reconstruída, no 29º ano da Hégira, durante o período de Osman. A mesquita cresceu cerca de 70 m no comprimento e 100 m na largura.

Exército

Também no exército houve várias mudanças e progressos durante o período do terceiro Califa. Em algumas províncias, os departamentos executivo e militar eram interligados, porém Osman (r.a.a.) resolveu separá-los. Novos acampamentos militares foram construídos nas regiões recém-conquistadas. Na Síria, ao longo da costa do mar Mediterrâneo, desde a Antioquia até Tartus, foram construídas diversas colônias militares. Foram aumentados os campos destinados à pastagem dos cavalos e camelos pertencentes ao exército, e providenciado o suprimento de água nesses campos. Foi no Califado de Osman (r.a.a.) que foi criada a Força Naval como um segmento do exército.

Harmonia na Recitação do Alcorão

Um dos grandes serviços prestados por Osman (r.a.a.) ao Islam foi o de unificar o estilo universal de recitação do Alcorão pelos muçulmanos. Conforme vimos antes, o Alcorão foi copiado e organizado sob a forma de livro durante o Califado de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.). Esta cópia foi chamada de "*Mushaf-e-Siddiqi*", ou cópia preparada no período de Siddiq (r.a.a.). No entanto, há palavras no Alcorão que são pronunciadas de diversas maneiras, sem que haja qualquer diferença nos significados e versões. Enquanto o Islam ficou restrito à Arábia não havia problema de compreensão se as palavras fossem pronunciadas ou soletradas de formas diferentes. Porém, quando a religião se espalhou por toda a parte e foi sendo aceita por não-árabes, havia a possibilidade de se criarem mal-entendidos ou equívocos que fatalmente confundiriam os muçulmanos não-árabes, por causa das diferenças lingüísticas. Aliás, já havia chegado ao conhecimento de Osman que, em determinadas regiões, essas confusões já estavam acontecendo. Osman, percebendo a gravidade da questão, ordenou que preparassem várias cópias do *Mushaf-e-Siddiqi* e que essas cópias fossem despachadas para os diversos territórios, com

a instrução de que, dali em diante, apenas o *Mushaf-e-Siddiqi* deveria ser adotado e as outras cópias destruídas. Então, conforme orientado pelo Califa, apenas o *Mushaf-e-Siddiqi* foi mantido e os outros manuscritos queimados. No entanto, a destruição dos manuscritos criou uma gritaria em algumas regiões e Osman (r.a.a.) foi acusado de estar desrespeitando o Livro Sagrado. Porém, na verdade não foi isto o que aconteceu. Osman (r.a.a.) em hipótese alguma tinha desrespeitado o Alcorão, antes pelo contrário, ele o tinha protegido de ser alterado com palavras que pudessem modificar o seu significado original. Foi por intermédio desta providência de Osman que os muçulmanos daquela época e das gerações posteriores puderam ter um estilo universal de recitação do Livro Sagrado, sem que houvesse a menor probabilidade de alteração ou interpolação.

Algumas Afirmações Tendenciosas

Não tem qualquer utilidade apoiar personalidades históricas pelas coisas erradas tenham feito em vida, porém, no que se refere a Osman (r.a.a.), do estudo dos fatos históricos percebe-se que as acusações ou alegações assacadas contra ele em algumas esquinas, ou eram tendenciosas ou estavam baseadas em equívocos ou incompreensões. Por exemplo, uma das acusações mais graves levantadas contra ele foi o de ter praticado nepotismo durante seu califado. Contudo, trata-se de uma acusação a respeito de uma prática de Osman que sempre foi mal compreendida. Se a palavra nepotismo significar o favorecimento de parentes, em hipótese alguma se trata de um ato pelo qual alguém deva ser vítima de infâmia ou ignomínia. Todo mundo tem o direito de ajudar, apoiar e favorecer seus parentes e isto não pode ser entendido como um vício e sim como uma virtude. O Islam estimula seus seguidores a cuidarem, socorrerem e protegerem, em primeiro lugar, seus próprios familiares e parentes próximos. No entanto, isto deve ser praticado honestamente, com a utilização de seus próprios recursos e meios e não

desonestamente ou com o prejuízo de outras pessoas. Nos dias atuais, a palavra nepotismo é empregada para definir favorecimento de terceiros através de meios ilícitos, ou seja, quando alguém presta algum favor a seus próprios parentes em prejuízo de terceiros. E, neste sentido, é considerado um crime social e aquele que pratica o nepotismo é passível de condenação.

No entanto, Osman (r.a.a.) não pode ser incluído nesta categoria porque ele jamais foi injusto com quem quer que fosse e sempre ajudava seus companheiros indistintamente. Quando fazia alguma coisa por alguém de sua família, ou um parente próximo, ele o fazia com seus próprios recursos. Não se pode esquecer que Osman (r.a.a.) era um homem muito rico. Se aparecer algum exemplo de que ele utilizava recursos de *Baitul Mal* para ajudar ou socorrer os membros da tribo omíada, sua tribo, mesmo neste caso ele não poderia ser acusado de nepotismo porque, afinal de contas, os omíadas também tinham direito de se beneficiarem dos recursos do Tesouro Público que eram distribuídos a todos os muçulmanos sempre que necessário, independentemente de clã, tribo, parentesco, etc. Como seria se Omar ajudasse a outras tribos e não Banu Adi, sua própria tribo? Pode-se afirmar que Abu Bakr Siddiq ajudou a todos as outras tribos e deixou Banu Tamim sem qualquer ajuda? Da mesma forma, pode-se dizer o mesmo em relação a ‘Ali, que, durante seu Califado, teria ajudado todas as tribos da Arábia, com exceção de Banu Hashim, a sua tribo? Nenhum deles fez isso e não deveriam ter feito mesmo. Então, por que esperar que somente Osman (r.a.a.) tivesse agido assim? Portanto, é preciso que se diga que nenhum dos quatro Califas Justos se desviaram do verdadeiro caminho de Allah. Eles fizeram o que era certo e justo. Daí que acusar Osman (r.a.a.) de qualquer ato que possa ser caracterizado como nepotismo, naquele sentido que lhe é atribuído nos dias atuais, é completamente errado.

Uma outra calúnia levantada contra o terceiro Califa, e que também não passa de outro tremendo equívoco ou mal-

entendido, é a de que ele tratava mal alguns Companheiros do Profeta (s.a.w.), dentre eles Abu Zar Ghifari (r.a.a.), Ammar bin Yasir (r.a.a.), Abdullah bin Mas'ud (r.a.a.) e outros.

No tocante à demissão de alguns Companheiros de seus respectivos cargos, tratou-se de uma decisão meramente administrativa e o Califa tinha o direito de agir assim se achasse adequado. Além do mais, não era uma novidade, que tivesse sido praticada apenas por Osman (r.a.a.). Encontramos diversos outros exemplos como este durante o período de governo dos outros Califas. Khalid (r.a.a.) foi demitido por Omar. Mughira bin Sho'ba (r.a.a.) foi demitido por Osman, em atenção a uma última vontade manifestada por Omar. Portanto, nomeações e demissões são atos meramente administrativos, sem qualquer relação com ressentimentos ou rancores pessoais.

Quanto à Abu Zar Ghifari (r.a.a.), ele teria sido influenciado pelos sabaítas, porém, apesar disso, Osman não o maltratou, apenas o advertiu com relação ao posicionamento político e isto não pode ser condenado. É por isto que no martírio do Califa, Ammar bin Yasir (r.a.a.) era um dos enlutados acompanhantes do féretro.

Também é verdade que ele parou de pagar o ordenado de Abdullah bin Mas'ud (r.a.a.), contudo não foi por causa de qualquer ressentimento pessoal ou inimizade e sim por divergências quanto à cópia do Livro Sagrado, *Mushaf-e-Siddiqi*, já comentado anteriormente. Abdullah bin Mas'ud tinha sua própria cópia do Alcorão e o Califa, no momento de adotar uma medida decisiva a este respeito, pediu a ele que fizesse uma cópia do que estava em seu poder. Porém, ele não concordou e o Califa agiu implacavelmente para impedir que a cópia de Mas'ud fosse adiante. A cópia de Abdullah bin Mas'ud também poderia ter sido autêntica, por isso, era seu dever religioso submeter-se e cooperar no trabalho. O Califa estava realizando uma grande tarefa que era para durar para sempre.

A acusação de que Osman (r.a.a.) não repreendia os funcionários que pertenciam à tribo omíada também não é correta. A história dá provas de que, a cada ano, por ocasião do *Hajj*, seguindo instruções expressas do Califa, governadores e altos funcionários da administração apareciam em público e as pessoas em geral tinham a oportunidade de apresentar suas causas ou queixas contra seus respectivos governadores e funcionários da administração. O próprio Califa ouvia as reclamações e decidia as pendências. Isto quer dizer que Osman também tinha estabelecido o sistema de responsabilização dos atos. No entanto, é forçoso reconhecer que, no tocante a esta questão, ele não foi tão rigoroso e implacável quanto Omar Faruq (r.a.a.). Pode-se dizer que, quando muito, ele tenha sido indulgente, contudo sua indulgência não era apenas em relação aos omíadas. Era parte de seu temperamento; sua natureza era suave e freqüentemente ele era tolerante com os erros das pessoas, indistintamente, fosse um omíada ou não. Apesar disto, quando um funcionário ou governador era considerado culpado, ele não aceitava e o funcionário ou governador era imediatamente demitido.

Quando Abdullah bin Sa'd partiu para combater em Trípoli, Osman (r.a.a.) prometeu que se ele alcançasse a vitória, receberia 1/5 do *Khum* (a parte do espólio de guerra que era incorporada às receitas do estado). Quando Abdullah bin Abi Sarah conseguiu a vitória, o Califa pagou o que tinha prometido. Porém os muçulmanos não concordaram com isto e disseram que o dinheiro público não deveria ser gasto deste modo. Por causa dessa objeção por parte das pessoas, o Califa pediu a Abdullah bin Abi Sarah que devolvesse a quantia recebida, no que foi atendido.

Da mesma forma, uma quantia de dinheiro foi paga a Abdullah bin Khalid bin Walid pelos serviços prestados. Porém a quantia de dinheiro também foi devolvida por causa da objeção das pessoas.

Esses acontecimentos desmentem completamente as calúnias levantadas contra o terceiro Califa, de apropriação indébita do dinheiro público. Além do mais, sempre é bom repetir que Osman foi um dos homens mais ricos do seu tempo e gastou grandes quantias de dinheiro em nome do Islam, doou terras para a causa do Islam, jamais usou um único centavo do Tesouro a título de pagamento de salário ou pensão. Como poderia uma pessoa assim ser objeto de suspeita de apropriação indébita de dinheiro público?

Em resumo, pode-se dizer que todas as calúnias levantadas contra Osman eram falsas, e que se basearam ou em equívocos ou eram tendenciosas mesmo.

CAPÍTULO VIII

ALI IBN TALIB (r.a.a.)

O Quarto Califa do Islam

(De 35 a 40 da Hégira – 656 a 661 d.C.)

Após o martírio de Osman (r.a.a.), ‘Ali, o filho de Abu Talib (r.a.a.), foi escolhido Califa, transformando-se no quarto Califa do Islam.

‘Ali (r.a.a.) era primo do Profeta (s.a.w.) e, mais tarde, ao se casar com Fátima, a filha do Profeta (s.a.w.), tornou-se seu genro também.

Abu Talib, pai de Ali e tio do Profeta (s.a.w.), era um dos principais chefes de Banu Hashim. Depois da morte de Abdul Muttalib (avô do Profeta (s.a.w.)), Abu Talib tomou a responsabilidade de criar Muhammad (s.a.w.), que na época era um menino de apenas nove anos. Após a Revelação, quando o Profeta (s.a.w.) começou a chamar as pessoas para o Islam e que o Coraix tornou-se seu inimigo mais implacável, foi AbuTalib quem, mais uma vez, o apoiou de todas as formas. Fátima, a esposa de Abu Talib e mãe de ‘Ali (r.a.a.), era muito afeiçoada a ele e o Profeta também amava muito os tios e primos.

A condição financeira de Abu Talib não era muito satisfatória e ele mantinha sua família com grande dificuldade. Quando Muhammad (s.a.w.) pôde sustentar-se por conta própria resolveu trazer Ali (r.a.a.) para sua casa, e assumir a responsabilidade pela criação e educação dele, aliviando o peso da responsabilidade de cima dos ombros do tio. Daí que, desde sua infância, ‘Ali (r.a.a.) teve a oportunidade de adquirir conhecimento e prática de vida, tendo como referencial o exemplo da própria vida do Profeta

(s.a.w.). Quando ele começou a chamar as pessoas para o Islam, ‘Ali (r.a.a.) foi o primeiro, dentre os meninos, a responder afirmativamente ao chamado. A convivência de ‘Ali (r.a.a.) com o Profeta (s.a.w.) desde muito cedo, fez dele um homem perfeito e de boas maneiras.

Após aceitar o Islam, ele sempre acompanhou o Profeta (s.a.w.) em suas reuniões e encontros. Passados quatro anos desde o recebimento da primeira revelação, certo dia o Profeta (s.a.w.) declarou diante de uma reunião de hashemitas: “Ó, filhos de Muttalib, desejo oferecer a vocês as melhores bênçãos deste mundo e do outro. Quem, dentre os que aqui se encontram, se habilita a me acompanhar e ajudar?” Todos permaneceram em silêncio e o único que se manifestou foi ‘Ali (r.a.a.), que declarou: “Ó, Mensageiro de Allah, embora eu seja muito jovem e fraco, ainda assim eu o ajudarei com todas as minhas forças e mostrar-me-ei um braço forte para você.” O Profeta (s.a.w.) repetiu sua pergunta por mais três vezes e, nas três vezes, a única resposta que recebeu foi a de ‘Ali (r.a.a.). Então, o Profeta (s.a.w.) disse a ele: “Você é meu herdeiro e irmão”. Não tinha sido uma declaração vazia ou infantil de ‘Ali (r.a.a.), pois, durante toda sua vida ele cumpriu a promessa feita ao Profeta (s.a.w.) naquela ocasião.

Na noite da Hégira, quando o Profeta (s.a.w.), acompanhado de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.), partiu de Meca para Medina, foi ‘Ali (r.a.a.) quem dormiu na cama do Profeta (s.a.w.), cobrindo todo seu corpo, da cabeça aos pés, para que os coraixitas que cercavam a casa pensassem que o Profeta (s.a.w.) encontrava-se em casa dormindo. Era uma situação bastante delicada e perigosa e havia a possibilidade dos descrentes confundi-lo com o Profeta e assassiná-lo. Porém ‘Ali, que se habituara a estar sempre pronto a deixar esta vida por causa do Profeta (s.a.w.), não se importou em absoluto, continuou dormindo e, no dia seguinte, quando os coraixitas perceberam que tinham sido enganados, ficaram enfurecidos.

Decorridos alguns dias após a partida do Profeta (s.a.w.), ‘Ali também migrou para Medina aonde, no segundo ano da Hégira, veio a se casar com Fátima (r.a.a.), a filha do Profeta, e começou uma vida independente. Depois de estabelecida a comunidade islâmica em Medina, os descrentes inconformados começaram a atacar Medina e obrigaram o Profeta (s.a.w.) a declarar o *jihad*. ‘Ali participou de todas as campanhas e demonstrou grande coragem e nobreza, principalmente em Badr, Uhud, Khandaq, Khyber, Hunain, e outras. Ele também comandou regimentos do exército islâmico em diversas escaramuças e foi bem sucedido por toda a parte.

Quando o Profeta (s.a.w.) morreu, coube a ‘Ali (r.a.a.) a honra de lavar o seu corpo e realizar os últimos rituais fúnebres. Em resumo, ele foi o braço direito do Profeta (s.a.w.) desde o início até o fim.

Algumas fontes afirmam que, por causa de seu parentesco próximo e uma relação muito estreita com o Profeta (s.a.w.), ‘Ali nutria o desejo de se tornar o Califa do Profeta. Porém, quando a *Ummah* aceitou o nome de Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) como o Califa do Islam, ’Ali (r.a.a.) aceitou tranqüilamente o veredito. Ele trabalhou como um conselheiro e membro da *Shura* (Conselho Consultivo) durante os dois primeiros califados. Omar (r.a.a.) tinha uma grande confiança nele. Osman também procurou por seus valiosos conselhos e serviços. Como vimos anteriormente, por diversas vezes ele também auxiliou o terceiro Califa com seus sábios conselhos.

O Califado

Após o martírio de Osman, a cadeira do Califado permaneceu vaga por três dias. Os rebeldes tinham provocado um grande estrago em Medina. Mesmo naquela situação, o restabelecimento da instituição do Califado, tanto do ponto de vista político como religioso, era de vital

importância. Então, alguns companheiros do Profeta (s.a.w.), tanto *muhajirin* como *ansar*, vieram procurar ‘Ali (r.a.a.). Dentre esses companheiros, estavam Talha e Zubair (r.a.a.), que fizeram ver a ele a necessidade da eleição de um Califa. ‘Ali, percebendo o que eles estavam querendo, disse: “Eu também darei meu apoio a quem vocês escolherem como Califa. Porém, quero deixar claro que não tenho a menor ambição pelo posto.”

Então, eles começaram a insistir e disseram que não havia outra pessoa mais adequada para exercer o alto cargo e que não se tratava de escolher qualquer um e sim que, forçosamente, tinha que ser ele. ‘Ali (r.a.a.) ainda recusou mais uma vez e disse que, se lhe fosse dado escolher, preferiria ser um ministro ou conselheiro a ser o Califa. No entanto, as pessoas continuaram insistindo e ‘Ali (r.a.a.) não teve outra alternativa senão a de aceitar o Califado, principalmente porque a questão envolvia os interesses da *Ummah*. O Juramento do Califado foi prestado em uma reunião geral dos muçulmanos em que estavam presentes os antigos e nobres Companheiros do Profeta (sa.w.), *muhajirin* e *ansar*. Depois da cerimônia do Juramento, ele assumiu o cargo de Califa, na última semana do mês de Zill Hijja, do 35º ano da Hégira, tornando-se, portanto, o quarto Califa do Islam.

Conquistas

A série de conquistas que tinha começado ainda nos dias do Profeta (s.a.w.) e continuado durante os califados de Abu Bakr Siddiq, Omar e Osman (r.a.a.), foi interrompida durante o califado de ‘Ali por causa da guerra civil e dos distúrbios que irromperam em diversos pontos do território islâmico. No entanto, foram realizadas algumas conquistas em Sistan e Cabul e, de acordo com Bulazuri, Kokan foi invadida no 38º ano da Hégira.

Ao ver que os muçulmanos estavam às voltas com uma guerra civil, começaram a surgir insurreições em vários

lugares da Pérsia. As províncias de Kirman e Fars se revoltaram e há registros de atividades rebeldes em algumas outras regiões do Califado. Apesar dos problemas internos, ‘Ali ordenou que Ziad bin Abih agisse contra os revoltosos. Ziad combateu os insurgentes e aquelas áreas voltaram para o controle dos muçulmanos.

As Origens da Guerra Civil

Logo após assumir o cargo de Califa, o primeiro problema que ‘Ali teve que enfrentar foi a vingança pelo sangue de Osman (r.a.a.). De fato, era seu dever descobrir e punir os assassinos do falecido Califa e não se pode dizer que ‘Ali (r.a.a.) tenha assumido uma posição indulgente ou tolerante em relação a essa matéria. Ele queria tratar da questão com o devido rigor, porém havia algumas dificuldades a esse respeito. A primeira e mais importante era que não havia uma pessoa ou grupo que pudessem ser considerados como o assassino ou assassinos diretos de Osman. Não houve testemunhas que pudessem indicar os autores do martírio. Nayela (r.a.a.), a esposa de Osman (r.a.a.) estava presente no local na hora do ocorrido, porém ela estava observando o *purdah* feminino e não reconheceu ninguém exceto Muhammad bin Abu Bakr. Porém, ele se afastou envergonhado depois da observação feita por Osman (r.a.a.). E não houve ninguém mais que ela tivesse reconhecido. Portanto, não havia, do ponto de vista legal, uma prova suficiente. Além do mais, o grupo ao qual os assassinos pertenciam estava absolutamente fora de controle. Pelo menos naqueles dias, ‘Ali (r.a.a.) não estava em posição de prender os assassinos. Embora ele tivesse a firme intenção de levar os culpados às barras do tribunal, naquele momento isto não era possível.

Por outro lado, as pessoas estavam tão profundamente entristecidas com o terrível assassinato de Osman que exigiam a imediata vingança pelo seu sangue. Até mesmo alguns grandes e nobres Companheiros do

Profeta (s.a.w.), inclusive Talha e Zubair (r.a.a.) e a Mãe dos Crentes, Aysha (r.a.a.), também queriam o mesmo sem mais demora. Certo dia, Talha, Zubair e alguns outros Companheiros se reuniram com o Califa e reiteraram a exigência a esse respeito. O Califa respondeu que não estava sendo indulgente ou desatento em relação ao pedido, apenas que ainda não estava em posição de agir e que isto poderia exigir um pouco mais de tempo.

Demissão de Amir Muawiya

A questão da vingança pelo sangue de Osman (r.a.a.) acabou se transformando em uma grande dor-de-cabeça para ‘Ali, e, como se não bastasse, ele criou um outro problema desgastante para si próprio. Conforme lemos no capítulo anterior, por causa de sua natureza simples e generosa, alguns membros da tribo Omíada tinham se apossado dos postos chave do estado e o usavam em benefício próprio. Esta foi uma das causas das insurreições contra Osman (r.a.a.). Assim, quando ‘Ali se tornou Califa, ele quis afastar, imediatamente, essas pessoas de seus postos. Amir Muawiya, o governador da Síria, era considerado uma dessas pessoas. O Califa queria demiti-lo do cargo sem mais demora. No entanto, alguns de seus amigos mais bem-intencionados aconselharam ‘Ali a não demitir Amir Muawiya tão depressa. Os que aconselharam moderação no tocante à demissão de governadores e altos funcionários do período de Osman eram diplomatas e estadistas, como Mughira bin Sho’ba (r.a.a.), Ibn-e-Abbas (r.a.a.) e alguns outros Companheiros de grande reputação e respeito. ‘Ali, contudo, não deu ouvidos a esses companheiros e no 36º ano da Hégira ele expediu ordens de demissão para todos aqueles que tinham sido indicados durante o período de Osman. No lugar de Amir Muawiya, governador da Síria, ele nomeou Suhail bin Hanif, que partiu imediatamente para assumir seu novo posto.

Amir Muawiya era um grande estadista e diplomata e tinha uma longa experiência administrativa de cerca de vinte anos como governador da Síria. Portanto, não seria uma tarefa fácil removê-lo. Ele sequer permitiu que Suhail bin Hanif se aproximasse das fronteiras sírias, obrigando-o a retornar de Tabuk.

Junto com a ordem de demissão de Amir Muawiya, ‘Ali (r.a.a.) também expediu uma carta a ele pedindo que prestasse juramento de fidelidade ao Califa. Nesta época, as pessoas de um modo geral, assim como os Companheiros do Profeta (s.a.w.), estavam profundamente tristes com o martírio de Osman e decepcionadas com a demora do novo Califa em vingar o sangue do martirizado. Amir Muawiya entendeu que aquele seria o momento adequado para agir. Ele mandou pendurar na Mesquita Jam-e, de Damasco, a camisa de Osman manchada de sangue e os dedos de Nayela, que haviam sido cortados durante o martírio. Os muçulmanos da Síria ficaram bastante agitados quando viram a camisa de Osman e os dedos de Nayela. As pessoas começaram a acorrer à mesquita em grande quantidade e ficaram muito enfurecidas.

O mensageiro de ‘Ali (r.a.a.), que tinha ficado à espera de uma resposta, observava tudo aquilo com muita atenção e, então, o Amir também despachou seu próprio mensageiro junto com o mensageiro de ‘Ali. O mensageiro de Muawiya era portador de um envelope em branco a ‘Ali, que ele viu e não disse nada. ‘Ali perguntou ao seu mensageiro como estava a situação na Síria e quando ele descreveu tudo o que tinha visto, ‘Ali pensou: “Ó Allah, Tu sabes mais, eu não tive qualquer interesse no assassinato de Osman.”

Preparativos para Enfrentar Amir Muawiya

‘Ali (r.a.a.) tinha compreendido muito bem o que Muawiya pretendia e, assim, deu início aos preparativos para enfrentá-lo. Esta foi a primeira vez, na história do Islam,

que dois grupos de muçulmanos pegaram em armas um contra o outro. Alguns companheiros do Profeta, que eram discretos e prudentes no tocante à questão, como Sa'd bin Abi Waqqas (r.a.a.), Abdullah bin Omar (r.a.a.), Muhammad bin Muslima (r.a.a.) e outros, evitaram tomar partido de qualquer um dos lados. Quando 'Ali pediu a opinião de Sa'd bin Abi Waqqas, ele respondeu: "Se você quiser que eu participe desta luta então me dê uma espada que possa fazer a diferença entre um muçulmano e um não-muçulmano." Abdullah bin Omar disse "Por gentileza, não me obrigue a participar de uma batalha que já está decidida, seja no caminho certo ou errado." De igual modo, Muhammad bin Muslima se pronunciou: "O Profeta (s.a.w.) me ordenou combater os idólatras mas se surgisse qualquer oportunidade de pegar em armas contra os muçulmanos eu deveria quebrar minha espada na pedra de Uhud e eu fiz isso ontem, porque foi assim que o Mensageiro de Allah (s.a.w.) ordenou." Usama bin Zaid (r.a.a.) também não respondeu afirmativamente, Talha e Zubair (r.a.a.) pediram permissão a 'Ali para partirem de Medina para Meca. Alguns prudentes Companheiros do Profeta se abstiveram no entanto, vários outros tomaram o partido do Califa, de acordo com o mandamento do Alcorão.

"Obedeçam a Allah, obedeçam ao Mensageiro (de Allah) e ao governante de vocês."

E eles prestaram seus serviços a 'Ali (r.a.a.), o Califa.

Aysha (r.a.a.) Apoiou a Vingança do Sangue de Osman

Enquanto 'Ali (r.a.a.) ainda estava se preparando para enfrentar Amir Muawiya, surgiu um outro problema grave para ele e que criou uma situação bastante delicada. Aysha, a Mãe dos Crentes, tinha se colocado ao lado dos que queriam vingar o sangue de Osman.

Quando Osman (r.a.a.) foi assassinado em Medina, Aysha se encontrava em Meca, para fazer o *hajj*. E foi lá, em Meca, que ela soube do trágico martírio de Osman e ficou extremamente chocada, partindo de volta para Medina. No meio do caminho, ela soube que ‘Ali tinha sido escolhido pelas pessoas para substituir o Califa assassinado, mas que a situação na cidade ainda estava bastante sombria. Havia distúrbios por toda parte, ninguém saía de casa, era o caos. Então, ela decidiu retornar para Meca, onde Talha e Zubair a alcançaram poucos dias depois. Eles também descreveram a situação como muito séria e disseram que tinham vindo para Meca por estarem com receio do que poderia acontecer.

Ao tomar conhecimento de toda a situação em Medina, Aysha (r.a.a.) começou a pedir reformas e vingança do sangue de Osman. Sabendo que Aysha tinha voltado do meio do caminho, várias pessoas se reuniram em torno dela. Aysha (r.a.a.) fez um discurso diante de todos e pediu que as pessoas se preparassem para vingar o sangue de Osman, para acabar com o caos e estabelecer a paz e tranqüilidade.

Milhares de pessoas ao ouvirem o discurso de *Ummul Mu’minin* (Mãe dos Crentes) começaram a se preparar para vingar o martírio de Osman. Abdullah bin ‘Aamir Hazrami, o governador de Meca, foi o primeiro a responder ao chamado. Além do mais, aqueles omíadas que tinham escapado para Meca também se alinharam a Aysha (r.a.a.). Abdullah bin Aamir conseguiu os meios de transporte e outras despesas e assim um exército de cerca de três mil homens ficou pronto para marchar. Todas as outras mães dos crentes também apoiaram a marcha.

Após esses preparativos, Aysha (r.a.a.) estava pronta para seguir para Medina com o objetivo de enfrentar os assassinos de Osman (r.a.a.) e os seguidores de Abdullah bin Saba estavam presentes. Alguns foram de opinião que era melhor seguir para a Síria mas, no final, ficou

determinado que Basra seria o destino. As outras mães dos crentes que eram de opinião que a marcha deveria ir para Medina e estavam prontas para acompanhá-la, mudaram de idéia quando ficou decidido que todos seguiriam para Basra. Hafsa (r.a.a.), no entanto, ainda tentou acompanhar a marcha, no entanto, foi impedida por seu irmão, Abdullah bin Omar (r.a.a.).

Esta era, na verdade, uma situação bastante delicada e crítica para os muçulmanos, em geral, e para os Nobres Companheiros do Profeta (s.a.w.), em particular. Todos eles já estavam em seus sessenta ou setenta anos e não estavam em condição de chegar a uma clara decisão a respeito. De um lado, estava Aysha Siddiqa (r.a.a.), a Mãe dos Crentes, que também era a filha do mais querido e predileto companheiro do Profeta, o primeiro Califa do Islam, Abu Bakr Siddiq (r.a.a.); do outro lado, estava ‘Ali (r.a.a.), primo e genro do Profeta (s.a.w.), a quem o Profeta amava mais do que a qualquer outro e que, além do mais, era o Califa dos muçulmanos. Assim, também era uma obrigação religiosa dos muçulmanos obedecê-lo e segui-lo.

No entanto, este exército de muçulmanos, sob o comando de Aysha (r.a.a.), partiu de Meca para Basra, no mês de Safar do 35º ano da Hégira.

Foi um dia de luto para os muçulmanos e um dia negro para a história islâmica. Segundo afirmado por At-Tabari, no dia em que a caravana começou a se mover, os muçulmanos choraram tão amargamente que esse dia foi chamado de “*Yaumun-naliib*” (o dia do choro). Aysha (r.a.a.) saiu da cidade de Meca cercada por uma multidão de muçulmanos. No meio dessa multidão, havia pessoas sinceras mas também havia os traidores, que incitavam Aysha a seguir em frente. Enquanto isso, os muçulmanos sinceros choravam.

Quando a caravana alcançou o riacho de Mawab, Aysha (r.a.a.) ouviu o latido de cães. Ela perguntou o nome

do riacho e quando lhe disseram que era o riacho de Mawab, ela gritou imediatamente: “Deixem-me voltar daqui. Certa vez, o Mensageiro de Allah (s.a.w.) me disse que não ficasse entre aqueles para quem os cães de Mawab latissem.” Porém, os traidores não permitiram que ela voltasse e quarenta deles asseguraram a ela, sob juramento, que aquele não era o riacho de Mawab. Por isso, Aysha concordou em prosseguir.

Ao chegar perto de Basra, Osman bin Hanif, que era o governador e estava do lado de ‘Ali, chegou para enfrentá-la. As pessoas o aconselharam a não perturbar *Ummul Mu’minin* e a esperar que ‘Ali chegasse, mas ele não ouviu os conselhos e houve uma pequena escaramuça, na qual Osman bin Hanif foi derrotado e preso. No entanto, ele foi logo libertado por ordem de Aysha (r.a.a.). Depois da derrota de Osman bin Hanif, foram presas e mortas algumas pessoas que, ou eram seguidores de Abdullah bin Saba, ou pertenciam ao bando que tinha se revoltado contra Osman bin Affan (r.a.a.). Porém, este fato criou algum ressentimento contra Aysha e seu grupo.

Os Preparativos de ‘Ali

Como já vimos antes, eram tempos difíceis para ‘Ali (r.a.a.), o Califa. Amir Muawiya tinha se recusado a deixar o governo da Síria e se submeter a ele. E, enquanto ele se preparava para lidar com o comportamento intransigente de Amir Muawiya, um outro problema difícil era criado com esta marcha de Aysha (r.a.a.). Agora, ‘Ali ou enfrentava Aysha ou não. Se ele não reagisse seria muito pior e mais prejudicial para a instituição do próprio Califado. Porém, se ele partisse para enfrentar o problema, então um confronto com *Ummul Mu’minin* seria inevitável. Contudo, havia dois pontos que trabalhavam a favor do confronto. Em primeiro lugar, ele era necessário para manter a ordem e salvar o prestígio do Califado para que não fosse mais desafiado. E em segundo lugar, ‘Ali (r.a.a.) sabia que muitos traidores se escondiam entre os seguidores de *Ummul Mu’minin,* daí ser necessário

que eles fossem punidos. Apesar disto, ‘Ali (r.a.a.), de um lado, e Aysha (r.a.a.), do outro, tentaram ao máximo evitar o confronto, porém não foi possível por causa dos elementos revoltosos.

Com relação ao apoio dos prudentes Companheiros do Profeta (s.a.w.), ‘Ali também enfrentou o mesmo problema que Aysha encontrou. Os sábios companheiros eram frontalmente contrários à guerra civil e, por isso, não tomaram partido nem de um lado nem de outro. Porém, alguns Companheiros *ansar,* que tinham participado da Batalha de Badr, chegaram para dar seu apoio a ‘Ali (r.a.a.).

‘Ali (r.a.a.) partiu de Medina para Basra com setecentos homens, no mês de Rabiul-Awwal, do 36º ano da Hégira. Quando o Califa partiu de Medina, Abdullah bin Salam (r.a.a.), um antigo Companheiro do Profeta (s.a.w.) se adiantou e, pegando as rédeas de seu cavalo, proferiu comovido: “Ó, Chefe dos Crentes, para onde você está indo? Por favor, não deixe a cidade do Profeta (s.a.w.) porque, se o fizer na atual conjuntura, por Allah, acho que você não retornará. E, desta forma, Medina perderá sua posição central. Não mais será a sede do governo.” A História comprova que as palavras de Abdullah bin Salam (r.a.a.) se tornaram realidade. No entanto, já era muito tarde. A situação atingira seu clímax e não era mais possível um recuo.

Quando ‘Ali deixou Medina, cerca de setecentos homens o acompanhavam. No entanto, durante o caminho, vários muçulmanos se juntaram a ele. Ao chegar em Ziqar, ‘Ali parou e enviou mensagens para Kufa e Basra pedindo ajuda. Ele escreveu ao povo de Kufa, dizendo que seu objetivo e propósito era reformar para que a *Ummah* pudesse ser unificada de novo e sair fortalecida. Imam Hasan, Ammar bin Yasir e Hashim bin Utba chegaram a Kufa com a mensagem de ‘Ali. Lá, eles viram Abu Musa Ashari (r.a.a.) discursando na mesquita e tentando persuadir o povo a não participar da guerra civil. Imam Hasan, no

entanto, conseguiu convencer as pessoas ali reunidas a apoiarem ‘Ali e cerca de dez mil homens se juntaram ao seu exército.

Esforços pela Paz

Porém, não obstante todos esses preparativos, a questão que permanecia era que nem ‘Ali (r.a.a.) nem Aysha (r.a.a.) queriam um banho de sangue. Entre os líderes de Kufa, havia uma pessoa respeitável, Qa’qa bin ‘Amr, que era um dos Companheiros do Profeta (s.a.w.), certamente era bem-intencionado em relação à *Ummah* e queria a paz e união entre os muçulmanos. ‘Ali o encaminhou a Talha e Zubair para iniciar as negociações de paz. Qa’qa primeiro foi a Aysha (r.a.a.) e perguntou: “Para que você veio até aqui, ó Mãe?”

“Para a reforma das pessoas, meu filho”, respondeu ela. Então, Talha e Zubair (r.a.a.) também se juntaram às conversações e após uma longa discussão, eles, por unanimidade, concluíram que a paz precisava ser alcançada em lugar do inevitável banho do sangue dos muçulmanos.

Qa’qa informou ‘Ali (r.a.a.) desta decisão e ele ficou muito satisfeito em ouvir as boas novas. Qa’qa fez um discurso para os muçulmanos e disse que não deveria haver guerra, que tudo tinha sido negociado e também esclareceu que aqueles que, de alguma forma estivessem envolvidos no martírio de Osman, o terceiro Califa, deveriam ser punidos.

Ao ouvirem isto, aqueles que tinham participado do martírio de Osman, ficaram inquietos e pensaram no que deveria ser feito para que a proposta de paz não fosse adiante. Alguns de seus líderes, como Ashtar Nakhayi, Ibnus-Sawda, Khalid bin Muljem, etc., começaram a conspirar para prejudicar o acordo de paz. Eles chegaram a pensar que ‘Ali deveria ter o mesmo destino de Osman. Ibnus-Sawda foi de opinião que, antes da proposta de paz ser posta em prática, de uma forma ou de outra, eles

deveriam começar a guerra que, uma vez iniciada ninguém teria condição de checar isto.

Além dos seguidores de Abdullah bin Saba, havia outros desordeiros de ambos os lados que queriam sabotar as conversações de paz. Alguns tentaram convencer Zubair e Talha (r.a.a.) de que seria melhor enviar mil homens para encontrar ‘Ali (r.a.a.) no caminho e não deixá-lo chegar para enfrentar seu exército em Basra. Porém, nenhum dos dois concordou com essa proposta malévola.

Da mesma forma, alguns perturbadores da ordem do lado de ‘Ali queriam começar a guerra sem que fosse precedida de uma declaração ou uma advertência. Porém, ‘Ali também não concordou com essa proposta indigna. Ele tentou ao máximo manter o seu lado em paz e não tomar qualquer atitude que pudesse comprometer a paz.

Nesse meio tempo, ‘Ali saiu de Ziqar e chegou a Basra. Na sua chegada, ele se encontrou com Talha e Zubair (r.a.a.) para iniciar as conversas de paz. Essas conversas se deram em uma atmosfera bastante amigável e cada ponto de divergência foi esclarecido e acordado em harmonia. Ambos os lados concordaram que o interesse e o bem-estar da *Ummah* precisavam de paz e unidade. Assim que as negociações foram concluídas, as partes retornaram para seus respectivos acampamentos felizes e satisfeitas.

No entanto, os sabaítas e outros elementos desordeiros ficaram alarmados com o sucesso dos esforços de paz. Eles sentiram que se aquela noite fosse tranqüila sem que nada fosse feito, então a declaração de paz seria feita na manhã seguinte e não haveria qualquer chance para eles. Então, eles acharam que era hora de fazer alguma coisa para sabotar as conversas de paz. De acordo com seus projetos inconfessáveis, eles planejaram atacar os dois exércitos de repente e assim começar a luta. Na conformidade com o planejado, eles se infiltraram nos dois exércitos sem serem percebidos.

O Equívoco

Os promotores da discórdia fizeram conforme tinham planejado. De repente, antes do amanhecer, os dois exércitos foram atacados ao mesmo tempo. Na verdade, nenhum dos lados chegou a compreender exatamente o que estava acontecendo e criou-se um grande mal-entendido. Cada um dos dois lados achava que tinha sido uma quebra de compromisso do outro lado. Mesmo em tal situação, Aysha (r.a.a.) de um lado, e ‘Ali (r.a.a.), do outro, tentaram parar a fúria que tinha sido desencadeada, porém foi em vão. O mal-entendido criado pelos desordeiros funcionou e os combates começaram com toda intensidade.

A Batalha de Jamal

A partir daquele momento, ’Ali e Aysha não tiveram outra alternativa senão assumir o comando de seus respectivos exércitos. A batalha ficou conhecida pelo nome de Batalha de Jamal, ou Batalha do Camelo, por que Aysha (r.a.a.) comandou seu exército montada em um camelo.

A separação de Zubair e o Martírio

De repente, em meio aos combates, ‘Ali (r.a.a.) viu Zubair (r.a.a.) e, encaminhando-se para ele, disse: “Ó pai de Abdullah, você se lembra do dia em que eu e você estávamos andando juntos e cruzamos com o Mensageiro de Allah (s.a.w.)? E que quando ele nos viu assim juntos, indagou do seu amor por mim e, quando você afirmou seus sentimentos, o Mensageiro de Allah (s.a.w.) prognosticou que um dia você combateria ‘Ali por nada? Você se lembra desse dia?” “Sim, agora eu me lembro desse dia”, respondeu Zubair. Então, ‘Ali voltou para o seu acampamento, porém suas palavras tinham modificado o espírito de Zubair. Imediatamente, ele abandonou o campo de batalha e voltou para a cidade de Basra. Um sabaíta, de nome Abdullah bin Jarmouz, que estava observando Zubair,

o seguiu. Quando eles chegaram a um lugar chamado "*Wadi-e-Saba*", Zubair parou para fazer o *Zuhr,* a oração do meio-dia. Ibn Jarmouz se aproximou para orar também. Zubair, dando a ele absoluta certeza de que estaria seguro ao seu lado enquanto estivesse orando, pediu o mesmo, no que foi atendido prontamente por Ibn Jarmouz. No entanto, quando Zubair estava em estado de prostração, ele o traiu e, vindo por trás, cortou sua cabeça.

Logo em seguida, Ibn Jarmouz, levando a cabeça e a espada de Zubair, foi direto a 'Ali (r.a.a.), esperando receber uma gorda recompensa pelo que tinha feito. Porém, quando 'Ali soube do execrável ato praticado por ele, o repreendeu severamente. Com os olhos cheios de lágrimas, 'Ali, apontando para a espada de Zubair, disse: "Você sabe quantas vezes esta espada se levantou contra os inimigos do Mensageiro de Allah? Ó, assassino do filho de Safia, você deve ir para o inferno!"

Quando foi martirizado, Zubair (r.a.a.) estava com a idade de sessenta e quatro anos. Ele foi enterrado no mesmo lugar do seu martírio.

O Martírio de Talha

Quando viu Zubair saindo do campo de batalha, Talha (r.a.a.) também começou a preparar seu espírito para fazer o mesmo. Porém, Marvan bin Hakam, vendo que ele estava abandonando os combates, achou que sua partida mudaria a situação da luta e por isso ele atirou uma seta em direção a Talha (r.a.a.) que o atingiu mortalmente.Talha morreu logo em seguida. E desta forma, Aysha (r.a.a.) se viu privada de seus dois maiores aliados. No entanto, a batalha continuou por um longo tempo até o camelo de Aysha ser ferido nas patas e cair ao chão. Quando viram isto, os soldados de Aysha perderam toda a sua capacidade defensiva e debandaram. Assim, a luta chegou ao seu final.

Depois disto, ‘Ali ordenou que os soldados em fuga não fossem seguidos, feridos ou mortos e que nada deveria ser tomado como espólio de guerra.Também deu ordens expressas para que ninguém fosse feito prisioneiro de guerra.

‘Ali também despachou imediatamente Muhammad bin Abu Bakr, irmão de Aysha, para cuidar dela e ver se ela tinha se machucado. Muhammad fez o que ele havia ordenado. Aysha não sofreu qualquer ferimento. Ela foi levada de volta para o palácio de Abdullah bin Khalaf, com todo o respeito e honra, onde permaneceu por alguns dias.

Depois de algum tempo, ’Ali foi ver *Ummul Mu’minin* e perguntou a ela: “Como vai você, mãe?” “Muito bem”, respondeu Aysha. Então, ‘Ali disse: “Que Allah nos perdoe.”

Em resposta, Aysha repetiu as mesmas palavras.

Passados alguns dias, ’Ali (r.a.a.) pediu que Muhammad bin Abu Bakr levasse Aysha (r.a.a.) para Meca, cercada de todo o respeito e conforto. Quarenta respeitáveis senhoras de Basra foram escolhidas para acompanhá-la e foram providenciados transportes e várias comodidades de viagem. Além do mais, aqueles que, por livre e espontânea vontade quisessem acompanhar *Ummul Mu’minin*, também tiveram a permissão de fazê-lo. Na hora da partida de Aysha, ‘Ali chegou para se despedir e ela, dirigindo-se aos muçulmanos ali reunidos, declarou: “Meus filhos, esta batalha nada mais foi do que o resultado de um grave mal-entendido, portanto não vamos permitir que vá além disto. As diferenças entre mim e ‘Ali são como aquelas divergências que às vezes acontecem entre sogra e genro, nada além disso. Aos meus olhos, ‘Ali é excelente, mesmo depois de todo o ocorrido.”

‘Ali (r.a.a.) também declarou que não havia qualquer pendência entre ele e *Ummul Mu’minin* e que tudo não passara de um equívoco.

‘Ali acompanhou *Ummul Mu’minin* até a uma certa distância e depois enviou Hasan e Husain para acompanharem a avó. Aysha partiu para Medina, passando por Meca, e diz-se que ela, pelo resto de sua vida, lamentou esses acontecimentos.

Mudança da Capital

Depois da Batalha de Jamal, ’Ali (r.a.a.) veio para Kufa e declarou a cidade como sua capital, em lugar da cidade de Medina. Houve duas causas principais para ele promover esta mudança. Em primeiro lugar, Kufa era repleta de adeptos e aliados de ‘Ali e por isto, do ponto de vista político, ideal para ser a capital do Califado. Em segundo lugar, ’Ali tinha percebido que nos dias que se seguiram ao martírio de Osman (r.a.a.), houve uma grande confusão em Medina e que isto era um desrespeito a um lugar sagrado, por ser a cidade do Profeta (s.a.w). Daí que, a fim de evitar tais acontecimentos no futuro, era necessário mudar a sede do Califado, de Medina para qualquer outro lugar. Após a mudança da capital para Kufa, ’Ali começou a dar mais atenção para a administração do estado. Ele indicou novos governadores e funcionários para as províncias e escreveu uma carta a Amir Muawiya exigindo seu compromisso de fidelidade ao Califado.

Naquele momento, Muawiya estava vivendo uma situação delicada. Muhammad bin Huzaifa tinha fugido da prisão. Os romanos estavam se preparando para atacar as regiões costeiras da Síria. E agora, como se não bastasse, chegava a carta do Califa, o que só servia para trazer mais inquietação. Ele convocou ‘Amr bin ‘Aas (r.a.a.) com o objetivo de consultá-lo. ‘Amr bin ‘Aas (r.a.a.) disse que o problema de Huzaifa não era causa para alarme pois ele não poderia prejudicá-lo de forma alguma. Com relação aos romanos, ele deveria estabelecer a paz com eles, libertando seus homens. Porém, de acordo com ’Amr bin ‘Aas, no que se referia ao enfrentamento com ‘Ali, esta sim era uma

questão complicada. Segundo ele, “Os muçulmanos jamais lhe darão uma posição igual à de ‘Ali (r.a.a.).”

Ao ouvir isto, Muawiya pediu ajuda a ‘Amr na questão de ‘Ali. Porém ‘Amr bin ‘Aas, que tinha fama de ser um grande diplomata e negociador, quis uma promessa de que, no caso de Muawiya se sair vitorioso, ele, ‘Amr, seria indicado governador do Egito. Amir Muawiya prometeu e fez com ele um acordo por escrito.

Então, ‘Amr bin ‘Aas aconselhou que ‘Ali deveria ser caluniado e que, naquele momento, a melhor coisa para ser usada contra ele seria a questão do martírio de Osman. Que fosse alardeado por toda a parte que ‘Ali tinha tido uma participação no assassinato de Osman. Seguindo o conselho de ‘Amr bin ‘Aas, Amir Muawiya escolheu Shurahbil bin Samat Kindi para executar o plano, pois se tratava de uma das pessoas mais influentes em toda a Síria. Ele saiu difamando ‘Ali por todas as cidades sírias e foi manipulando a opinião pública contra o Califa. Enquanto instigava o povo contra ‘Ali, ele também tentava fazer com que as pessoas aderissem a Muawiya. Neste meio tempo, também o exército se voltou contra ‘Ali (r.a.a.), e, dessa maneira, em pouco tempo quase que toda a Síria era inimiga de ’Ali (r.a.a.) e partidária de Muawiya. Jurair bin Abdullah Bajli, o mensageiro de ‘Ali, retornando a Kufa, relatou a ‘Ali o que tinha visto em Damasco e disse que Muawiya tinha criado uma tal situação na Síria que todos tinham se bandeado para o lado dele e tinham feito uma promessa solene de que ou vingariam a morte de Osman (r.a.a.) ou morreriam.

Diante disto, ‘Ali não teve outra alternativa senão se preparar para a guerra.

Ao verem os muçulmanos mais uma vez à beira da guerra civil, os muçulmanos sinceros ficaram tristes e tentaram fazer com que os dois lados se entendessem. Abu Muslim Khurasani, um homem justo e virtuoso, foi um dos que se esforçaram para que a paz retornasse à comunidade.

Ele mostrou a Muawiya que não estava correto o que estava fazendo e o aconselhou a acertar o rumo e retomar o caminho reto.

Em reposta, Amir Muawiya disse que estava pronto a prestar o juramento de fidelidade a ‘Ali, desde que os assassinos de Osman lhe fossem confiados. Abu Muslim Khurasani aconselhou Muawiya a colocar no papel aquilo que estava dizendo para que fosse levado a ‘Ali com o objetivo de iniciar as conversações. Aceitando a sugestão, Muawiya escreveu uma carta endereçada a ‘Ali, na qual sugeria que se ele, ‘Ali, realmente não tivesse nada a ver com os assassinos de Osman então que ele entregasse os responsáveis. “Se você fizer isto”, escreveu Amir Muawiya, “então serei o primeiro homem a prestar o juramento de fidelidade a você, caso contrário, a espada será o fator decisivo entre mim e você.”

Abu Muslim pegou a carta e foi a ‘Ali tentar convencê-lo a entregar os assassinos de Osman. ‘Ali lhe disse que daria sua resposta depois. No dia seguinte, quando Abu Muslim foi se encontrar com ‘Ali na Mesquita Jam-e, de Kufa, ele viu cerca de dez mil homens armados gritando “Nós todos somos os assassinos de Osman.” Apontando para a turba descontrolada, ‘Ali (r.a.a.) disse a Abu Muslim: “Como você pode ver, realmente está além da minha capacidade prender este povo desgovernado.” Em seguida, ele escreveu uma carta em resposta à de Amir Muawiya, na qual tornava a afirmar que não tinha tido qualquer participação no assassinato de Osman (r.a.a.) e que jamais tinha instigado quem quer que fosse contra Osman e que, portanto, tratava-se de uma calúnia, de uma falsa afirmação assacada contra ele. Na carta ele também dizia que Amir Muawiya estava fazendo do martírio de Osman um pretexto para alcançar seus próprios objetivos e que era preciso que ele deixasse de lado aquela desculpa e modificasse seu comportamento, voltando à razão, pois, do contrário, ele receberia o mesmo tratamento dispensado aos outros revoltosos.

‘Ali também escreveu uma carta a ‘Amr bin ‘Aas, pedindo-lhe que não tomasse partido de Muawiya para não invalidar todos os seus atos virtuosos.

No entanto, esta correspondência não adiantou de nada porque Amir Muawiya continuou intransigente na condição imposta, isto é, a de ter em suas mãos os responsáveis pelo martírio de Osman (r.a.a.). Sem outra alternativa, ‘Ali teve que tomar suas providências. Indicou Abu Mas’ud Ansari como seu substituto em Kufa e partiu com um exército de cerca de oitenta mil homens em direção à Síria. Deste exército, faziam parte setenta companheiros que tinham participado da Batalha de Badr, cerca de setecentos companheiros que tinham estado em “*Baiat-e-Rizwan*”, [juramento sob a árvore, aqueles que tinham prestado seu juramento de fidelidade diretamente ao Profeta (s.a.w.) em Hudaibiya], e perto de quatrocentos *muhajirin* e *ansar* em geral. Após atravessar o rio Eufrates, ‘Ali (r.a.a.) ordenou que um grande contingente de seus homens se adiantasse, sob o comando de Ziad bin Nazar e Shuraih bin Hani. Amir Muawiya já tinha saído da Síria para enfrentar o exército de ‘Ali, estava estacionado na planície de Siffin às margens do rio e já tinha ocupado todos os pontos estratégicos. Ele também ocupou o Eufrates de tal forma que os soldados de ‘Ali ficaram sem acesso à água.

Neste meio tempo, também vinha chegando ‘Ali (r.a.a.) e viu seu exército em dificuldades pela falta da água. Ele mandou uma mensagem verbal para os sírios, dizendo que era desumano impedir o acesso à água, mesmo que se tratasse de oponentes. Porém, seu apelo foi desprezado e ‘Ali ordenou a ocupação do rio pelo exército, o que foi realizado com muita facilidade. Agora, o acesso à água estava sob o controle do exército de ‘Ali que, apesar de tudo, não proibiu que os sírios pudessem pegar água quando quisessem. Este comportamento de ‘Ali (r.a.a.) gerou uma atmosfera favorável à paz e as pessoas começaram a achar que ela era possível. Além disso, havia muitas pessoas boas

em ambos os lados que tentavam evitar a guerra. Desta forma, por cerca de três meses, a guerra não eclodiu. Enquanto isso, a troca de correspondência continuava como um esforço adicional para se evitar o conflito e estabelecer a paz. Porém, desta vez também havia os aproveitadores oportunistas em ambos os lados, que tentaram sabotar todos os esforços no sentido de se chegar a um acordo.

A Batalha de Siffin

A luta, que ficou conhecida como a Batalha de Siffin, teve início no mês de Jamadil Ula, do 37º ano da Hégira. No entanto, ainda não era uma guerra total. Assim, passaram-se os meses de Jamadil Ula e Jamadius-sani e o mês de Rajab estava se aproximando, quando todos os conflitos são proibidos. Então, houve uma nova trégua.

Durante a trégua, algumas pessoas bem-intencionadas da *Ummah* ainda tentaram, mais uma vez, resolver a disputa de forma amigável e pacífica. Desta vez, dois outros companheiros do Profeta (s.a.w.), Abu Darda e Abu Umama Baheli (r.a.a.), se apresentaram para promover a paz entre os dois lados. Porém, de novo os desordeiros de sempre foram eficientes em suas artimanhas e não foi possível para os dois companheiros terem êxito em seus nobres esforços. Assim, aborrecidos por não terem conseguido nada, eles deixaram o lugar e foram para a região do litoral.

Começo do Banho de Sangue

Em resumo, todos os esforços pela paz foram inúteis e, uma vez decorridos os meses proibidos, a guerra estourou no 1º do mês de Safar, do 37º.ano da Hégira. O banho de sangue continuou por meses. Não há necessidade de se descrever os combates em detalhe, porém, segundo historiadores, as perdas ficaram em torno de setenta mil mortos, dos quais quarenta mil eram sírios (do lado de

Muawiya) e vinte e cinco mil iraquianos (do lado de ‘Ali). Algumas importantes personalidades muçulmanas, como Ubaidullah bin Omar (filho do segundo Califa), Ammar bin Yasir, Abdullah bin Ka’b, e outros, estavam entre os que perderam suas vidas na luta. Os combates aconteciam todos os dias e depois de algum tempo, havia uma interrupção dos combates por um ou dois dias para o enterro dos corpos. Ambos os lados estavam igualmente determinados e continuaram lutando com perseverança. Ninguém queria deixar o campo de batalha.

Lailatul Hareer

A batalha mais violenta e feroz foi a de *Lailatul Hareer*, ou Batalha da Noite. Esta luta aconteceu depois do martírio de Ammar bin Yasir (r.a.a.), sobre quem o Profeta (s.a.w.) havia prognosticado que seria martirizado por um grupo rebelde. Quando Ammar bin Yasir se encontrava em seus momentos finais, ele se dirigiu aos muçulmanos e disse que todos deveriam tomar o partido de Amirul Mu’minin ‘Ali (r.a.a.). Esta mensagem criou um novo ânimo no exército de ‘Ali e os combates continuaram por todo o dia e noite. Já era à noite de sexta-feira. Esta batalha foi tão violenta que o campo, de uma ponta a outra, ficou repleto de cadáveres. No dia seguinte, os combates foram interrompidos para que os corpos pudessem ser enterrados.

Antes de *Lailatul Hareer*, ambos os lados pareciam equilibrados e iguais, porém, no curso dos combates, o lado de Muawiya pareceu mais fraco, como se estivesse perdendo terreno. Além do mais, os homens prudentes de ambos os lados começaram a sentir que se esses combates continuassem por mais algum tempo, as força e energia dos muçulmanos se deteriorariam e não teriam mais condições de enfrentar os não-muçulmanos. Certo dia, ouviram Amir Muawiya dizer: “Se esta batalha continuar, os romanos nos farão prisioneiros na Síria e os fazendeiros de Fars aprisionarão nossos familiares e parentes.”

Esse mesmo sentimento começou a ganhar terreno no lado de ‘Ali. ‘Aas bin Qais Kindi, um grande negociador e um dos comandantes do exército de ‘Ali, disse para o seu regimento que, se um combate como aquele de *Lailatul Hareer* se repetisse, então a Arábia desapareceria e toda a grandeza e esplendor dos árabes também. No entanto, ‘Ali começou a perceber sinais visíveis da derrota de Muawiya. Sendo um grande general, com uma grande experiência de estratégia de guerra, ele sentia que o inimigo estava prestes a dar seu último suspiro. Assim, ele ordenou a seus homens que atacassem o inimigo com entusiasmo redobrado.

O Plano de ‘Amr bin ‘Aas

Por outro lado, Amir Muawiya também não sabia o que estava acontecendo e mandou chamar ‘Amr bin ‘Aas para se aconselhar com ele. ’Amr prontamente lhe disse que já tinha um esquema para aquela situação. Ele disse que o Alcorão deveria ser apresentado com a sugestão de ser usado como *Hakam*, ou o Ultimato, fator decisivo entre os dois lados. Ele também observou que sua sugestão, fosse aceita ou não por ‘Ali, serviria para criar graves divergências nas fileiras de ‘Ali.

De acordo com esse plano, os sírios chegariam ao campo de batalha no dia seguinte portando cópias do Alcorão. Eles possuíam a grande escritura do livro sagrado que tinha sido remetida a Damasco durante o Califado de Osman (r.a.a.) e milhares de soldados sírios também teriam suas cópias espetadas em suas lanças. Alguns deles gritaram em direção aos soldados de ‘Ali: “Ó árabes, protejam suas mulheres e crianças dos romanos e persas. Se os sírios desaparecerem, quem defenderá os árabes sírios dos romanos; e se os iraquianos deixarem de existir, quem defenderá o Iraque dos *ajamis* (não-árabes)? Portanto, vamos aceitar o Livro Sagrado como fator decisivo. Sua decisão nos obrigará à paz.”

Esse plano se mostrou eficiente e a maior parte do exército de ‘Ali se impressionou com esta declaração dos sírios. ‘Ali (r.a.a.) e outros muçulmanos cautelosos e experientes perceberam que os sírios estavam tentando ludibriar, porém, aqueles que estavam influenciados pelo plano sírio não quiseram rejeitá-lo. Eles argumentaram que estavam lutando contra os sírios só para fazer com que eles seguissem o Livro Sagrado. Portanto, agora que eles estavam dispostos a aceitá-lo, por que continuar a combatê-los? ”Eles também disseram que, se ‘Ali não concordasse em aceitar o Alcorão como *Hakam* (fator decisivo), então eles não só se recusariam a continuar com os combates como, também, dariam a ‘Ali (r.a.a.) o mesmo destino de Osman (r.a.a.).

Nesse meio tempo, Amir Muawiya declarou que, tendo em vista que cada parte envolvida no conflito continuava achando que a outra estava no caminho errado, a guerra continuaria. Então, ele sugeriu que o Alcorão fosse aceito como fator de decisão. Ele escreveu a ‘Ali (r.a.a.) dizendo que os dois (ele e ‘Ali) eram responsáveis pelo banho de sangue dos muçulmanos, mas que agora ele queria acabar com aquilo e estabelecer os laços de amor e afeto entre os muçulmanos de novo. Ele também escreveu: “Vamos nos perdoar e esquecer. Se você fizer isto, será muito bom, mas se não quiser, então eu não posso ser responsabilizado pelo banho de sangue no futuro.”

Essa jogada de Amir Muawiya criou uma situação em que não foi deixada qualquer outra alternativa para ‘Ali que não fosse aceitar a proposta de *Tahkim* (mandato de acordo com a ordem alcorânica). Sem saída, ‘Ali aceitou e ordenou uma trégua. Esta medida criou um outro problema. O exército de ‘Ali estava dividido em dois grupos rivais, um deles a favor da proposta e o outro contrário. Cada grupo insistia na defesa de suas respectivas posições e a situação ficou tão tensa que se temeu que eles fossem lutar entre si. No entanto, ‘Ali (r.a.a.) mantinha a situação sob controle.

Os Mandatários

Depois de estabelecida a trégua, foi escolhido um *Hakam* (mandatário) para cada lado. Os sírios indicaram ‘Amr bin ‘Aas contudo, no campo de ‘Ali, esta matéria também criou confusão. Aqueles que eram a favor do mandato em seu campo, queriam indicar Abu Musa Ash’ari (r.a.a.) como mandatário, porém ‘Ali não concordou com eles. Ele preferia Ibn-e-Abbas (r.a.a.) ou Ushtur Hakh’ayi como mandatário do seu lado. No entanto, houve um enorme alvoroço sobre essa questão e, por fim, ’Ali (r.a.a.) acabou aceitando.

Abu Musa Ash’ari (r.a.a.) era um homem generoso e muito virtuoso. Ele foi um dos principais companheiros do Profeta (s.a.w.) e sempre foi contrário à guerra civil entre irmãos da Ummah, e por isso não tomou partido de nenhuma das partes envolvidas. Por esta razão, alguns adeptos de ‘Ali o aconselharam a indicar uma outra pessoa como mandatário, porém ‘Ali ficou sem ação por causa da teimosia de seus seguidores. Um pouco depois de a guerra civil ter começado, Abu Musa Ash’ari (r.a.a.) foi embora e se estabeleceu em um lugar solitário na Síria, para se manter afastado da política. Ele foi convocado depois de ter sido indicado como *Hakam* para o lado de ‘Ali. O outro *Hakam* (do lado de Muawiya) já estava presente.

Quando Abu Musa Ash’ari chegou, um tratado formalmente redigido foi assinado no encontro realizado com os representantes dos dois lados. Os aspectos mais importantes deste tratado foram os seguintes:

1. ‘Ali e seu partido tinham indicado Abu Musa Ash’ari e Muawiya e seu partido tinham indicado ‘Amr bin ‘Aas como seus *Hakam* (mandatários).
2. Os dois mandatários, sem parcialidade ou favorecimento de qualquer das partes, tendo em mente apenas o bem-estar da *Ummah,*

decidiriam as divergências segundo os cânones do Livro de Allah e da *Sunnah* do Mensageiro de Allah (s.a.w.).

3. Ambos os lados aceitariam o veredito e aquele que se recusasse a aceitar seria passível de ser contrariado pelos dois mandatários e também pelos muçulmanos em geral. E o lado adversário deveria ser apoiado por todos.
4. Porém, se a decisão do mandatário fosse contrária ao Livro Sagrado ou a *Sunnah* do Profeta (s.a.w.), ou, de alguma forma, favorecesse um lado em detrimento de outro, então a decisão não se imporia a qualquer dos lados. Neste caso, eles estariam livres para agir de acordo com sua vontade.
5. A trégua duraria enquanto a decisão dos mandatários não fosse proclamada.
6. Se qualquer um dos dois líderes ou dos dois mandatários morresse antes de chegar a uma decisão, então o partido respectivo teria o direito de escolher seu líder ou mandatário, conforme o caso.
7. A vida e os bens dos mandatários estariam a salvo.
8. A decisão dos mandatários seria proclamada no mês de Ramadã, porém se eles, por uma razão qualquer, achassem adequado, poderiam estender o prazo.
9. Se dentro do prazo determinado não se chegasse a uma decisão então as partes estariam livres para retomarem os combates de novo.

O acordo foi assinado por todas as personalidades proeminentes de ambos os lados. Doumatul Jandal, um local na fronteira da Síria com o Iraque, foi escolhido para a proclamação da decisão dos mandatários. Depois da assinatura do tratado, foram distribuídas cópias para os exércitos dos dois lados. Porém, um grupo do exército de

‘Ali, vendo isto, ficou furioso e abandonou o seu lado. Este grupo mais tarde ficou conhecido pelo nome de *Kharijis*, ou carijitas, aqueles que se afastam.

Os mandatários, juntamente com seus companheiros, se mudaram para Azrah, uma localidade nas cercanias de Doumatul Jandal, e ali ficaram para as negociações. Entre aqueles que acompanharam Abu Musa Ash’ari, também estavam Abdullah bin Omar, Abdur Rahman bin Abi Bakr, Abdullah bin Zubair, Abu Jahm bin Huzzifa, Mughira bin Sho’ba e Sa’ad bin Abi Waqqas.

Uma vez iniciadas as conversações, ‘Amr bin ‘Aas começou a elogiar Amir Muawiya e disse que, embora Muawiya não tivesse aceitado o Islam por ocasião de seu advento, no entanto ele pertencia à tribo do Coraix e era um grande político; ele conhecia muito bem a administração do estado; era o irmão de *Ummul Mu’minin* Umm Habiba e, por isto, tinha um parentesco por afinidade com o Profeta (s.a.w.); durante muito tempo, ele tinha servido ao Profeta (s.a.w.) como *katib* (escriba) e que, por isto, ele, mais do que os outros, merecia ser o Califa. Durante as negociações, ‘Amr bin ‘Aas também insinuou que se Abu Musa apoiasse Muawiya para o Califado, ele (Abu Musa) poderia ser indicado governador da província que ele escolhesse.

Esta insinuação enfureceu Abu Musa (r.a.a.) e ele respondeu que se Muawiya lhe desse todo o reino, ainda assim não o apoiaria porque qualquer oferta que ele fizesse nada mais seria do que suborno e isto ele não suportava. Ele também disse que se a política e a diplomacia eram a base para o direito ao poder e autoridade, então Abraha era o mais indicado para o Califado. Mas, não era assim. O Califa do Islam deveria ser escolhido pela virtude de sua firmeza e determinação na crença e na religião, pela retidão, honestidade e justiça. Se a relação familiar fosse para ser levada em conta para assumir o Califado, então ‘Ali era mais indicado do que Muawiya. Em resumo, Muawiya não tinha de modo algum condição para ser o Califa do Islam.

“Então, quem, de acordo com sua opinião, deveria ser escolhido califa?”, perguntou ‘Amr bin ‘Aas.

“Abdullah bin Omar deve ser a melhor escolha para este posto elevado”, respondeu Ash’ari, “Assim, vamos trazer de volta os dias de Omar Ibn Al-Khattab.”

“E por que não o meu próprio filho?”, perguntou ‘Amr bin ‘Aas.

“Sim, ele poderia ser, porque é uma pessoa piedosa e amante da verdade, porém, ele está muito envolvido com esta facção, portanto, na minha opinião, ele perdeu.”

Dessa forma, as conversas prosseguiram e, após uma longa discussão, ’Amr bin ‘Aas perguntou a Abu Musa Ash’ari o que poderia ser feito naquelas circunstâncias. Em resposta, Abu Musa Ash’ari opinou que tanto ‘Ali quanto Muawiya deveriam ser depostos e assim o povo poderia escolher um novo califa. ‘Amr bin ‘Aas concordou com esta sugestão e, juntos, decidiram proclamar esta decisão unânime.

A Proclamação

A próxima etapa era a proclamação da decisão a que os dois mandatários tinham chegado em comum acordo. Eles chegaram à Mesquita Jam-e, de Doumatul Jandal, no dia marcado para o anúncio. Cada lado providenciou guardas armados para protegerem seus respectivos representantes. Uma grande decisão, que afetaria o destino da *Ummah*, estava para ser anunciada e, por isso, milhares de muçulmanos de todos os cantos do Califado se reuniram na Mesquita. Entre os presentes, encontravam-se alguns proeminentes companheiros do Profeta (s.a.w.), como Abdullah bin Omar, Mughira bin Sho’ba, Sayid bin Abi Waqqas, Abdullah bin Abbas (r.a.a.) e outros. Abdullah bin Abbas e alguns outros companheiros preveniram Abu Musa

Ash'ari (r.a.a.) de que 'Amr bin 'Aas era um indivíduo muito inteligente e que ele, Abu Musa, poderia ser ludibriado até nos últimos instantes. Portanto, ele não deveria se apresentar em primeiro lugar para anunciar a decisão, que deixasse que 'Amr o fizesse primeiro. Porém, Abu Musa Ash'ari (r.a.a.), por causa de sua honestidade e simplicidade, não podia acreditar que 'Amr bin 'Aas o enganasse e não aceitou a sugestão dos amigos. No entanto, quando Abu Musa Ash'ari chegou à Mesquita, pediu a 'Amr bin 'Aas que fizesse o anúncio da decisão em primeiro lugar. Porém, 'Amr bin 'Aas, todo lisonjeiro e adulador, disse que Abu Musa era superior a ele em todos os aspectos e que não ousava falar antes dele. Abu Musa, mesmo assim, não conseguiu perceber a armadilha do esquema de 'Amr e, encaminhando-se para o púlpito, fez a seguinte declaração:

"Avaliamos o problema com todo o cuidado e chegamos à conclusão de que não há outra saída para a unidade, harmonia e reforma da *Ummah* senão a destituição de 'Ali e de Muawiya, e de que a questão do Califado seja resolvida pelos muçulmanos em geral. Que elejam o Califa da preferência deles. Portanto, destituo 'Ali e Muawiya e vocês estão livres para eleger a pessoa de sua própria escolha."

Após a declaração de Abu Musa Ash'ari, 'Amr bin "Aas se apresentou e, dirigindo-se para o púlpito, declarou:

"Ó gentes, vocês já ouviram a decisão de Abu Musa (r.a.a.), ele destituiu seu próprio líder e agora eu também o destituo. Porém, eu não destituo meu próprio líder, Muawiya. Ele é o vice-gerente de Amirul Mu'minin Osman e quer a vingança lícita de seu sangue, portanto, ele é o mais autorizado a tomar a cadeira do falecido Califa."

Ao ouvir esta declaração, Abu Musa gritou: "Isto é uma traição, não foi essa a decisão que tomamos em conjunto", gerando a maior confusão na Mesquita. Ibn Abbas e Sa'd começaram a censurar Abu Musa, mas ele estava sem saída, chocado, pois jamais imaginara que 'Amr bin

‘Aas fosse um homem capaz daquilo. “Este seu ato de traição é como o de um cão”, disse ele a ‘Amr bin ‘Aas. Em resposta, ‘Amr também o xingou. Shuraih bin Hani começou a chicoteá-lo mas as pessoas em volta apartaram os dois e ‘Amr bin ‘Aas foi salvo.

Abu Musa Ash’ari (r.a.a.) saiu da Mesquita e foi para direto para Meca e ‘Amr bin ‘Aas foi para Damasco, onde tornou Amir Muawiya Califa e todos os seus adeptos e seguidores na Síria o aceitaram como tal. Este foi um triste dia, quando o estado islâmico ou o Califado se partiu em dois.

Ibn Abbas e Shorain foram ao encontro de Amirul Mu’minin ‘Ali (r.a.a.) e descreveram o que tinha acontecido na mesquita de Doumatul Jandal. O Califa ficou bastante chocado ao tomar conhecimento da traição que tinha sido cometida.

‘Ali não tinha dúvida de que não tinha que aceitar tal decisão traiçoeira e por isso começou os preparativos para combater Amir Muawiya.

A Insurreição dos Carijitas

‘Ali (r.a.a.) estava ocupado com os preparativos para enfrentar Amir Muawiya porém, por outro lado, os carijitas começaram a criar dificuldades. Como já vimos antes, quando, por ocasião do *Lailatul Hareer,* o grupo de Muawiya ofereceu a proposta de mandato, ‘Ali não quis aceitar, no entanto um grupo de seus seguidores o obrigou a aceitar aquela oferta. Contudo, uma vez aceita a proposta por ‘Ali, um outro grupo não gostou, fazendo com que surgisse a desunião no seu partido, que acabou tomando um rumo incontrolável. Tendo em vista que a proposta de mandato já estava sendo executada, o grupo que tinha sido contrário considerou um “ato de descrença” de ‘Ali e quis que ele “se arrependesse do pecado”. Segundo o ponto de vista deles, ‘Ali, ao aceitar a proposta de *Tahkim* (mandato), tinha

cometido uma apostasia, o que era inadmissível e, por isso, exigiam que ele se arrependesse e voltasse para as fileiras do Islam de novo. Se ‘Ali não se submetesse ao que estavam querendo, então eles iriam combatê-lo. Por certo que se tratava de uma exigência ridícula com a qual ‘Ali não poderia concordar em absoluto. Em conseqüência, o grupo contrário se separou de ‘Ali e criou uma nova facção, cujos membros passaram a se autodenominar “carijitas”, aqueles que se afastam.

Depois do fracasso da proposta do *Tahkim* (mandato), os carijitas escolheram seu próprio Califa, Abdullah bin Wahab Rasabhi, e, sob sua liderança, começaram uma ferrenha oposição a ‘Ali. Eles achavam que nenhum ser humano poderia se tornar “*Hakam*” em questões religiosas e aqueles que o fizessem eram considerados descrentes. Assim, tornava-se imperativo declarar o *jihad* contra eles. Com esta convicção em mente, eles começaram a convocar as pessoas para o seu movimento e a organizar a nova seita. Porém, esta organização, na verdade, acabou por desorganizar a *Millat*, fazendo surgir uma grande confusão no seio da comunidade muçulmana. O movimento carijita influenciou um considerável número de pessoas em Kufa, Basra, Madain e em outras cidades do Iraque. Quanto aos carijitas da Pérsia, eles passaram a se reunir em Nahrwan.

Convocação aos Carijitas pela Unidade

Todas as atividades praticadas pelos carijitas eram relatadas a ‘Ali que, no entanto, não as levou muito a sério. Ele ainda esperava que os carijitas voltassem para o caminho reto. Portanto, continuou a fazer seus preparativos para combater os sírios. Então, ele escreveu uma carta aos carijitas, em Nahrwan, pedindo-lhes que se unissem a ele e que estivessem prontos para agir contra os sírios. Além disso, ele ainda escreveu que continuava com sua primeira opinião de que a guerra contra os sírios deveria ser

declarada, pois eles queriam transformar o Califado em uma monarquia e escravizar as pessoas.

Em resposta à carta de ‘Ali, os carijitas escreveram perguntando por que razão ele não tinha pensado assim na época do *Tahkim*. Agora, o que quer que ele dissesse seria por sua própria conta. Eles repetiram a mesma exigência, de que se ‘Ali admitisse seu pecado e descrença e se arrependesse, eles ficariam ao seu lado contra os sírios.

Muito embora esta resposta inflexível dos carijitas tivesse decepcionado ‘Ali (r.a.a.), ainda assim ele não achou que eles pudessem representar um problema maior do que os sírios, e continuou preparando-se para enfrentar os sírios. Em pouco tempo conseguiu organizar um exército composto de cerca de oitenta mil homens, provenientes de várias províncias.

Enquanto isso, a discórdia implantada pelos carijitas ia se espalhando por toda a parte. Nenhum muçulmano estava a salvo de suas perseguições e intolerância. Aqueles que não apoiassem suas idéias excêntricas sofriam, podendo até perder a vida. Um grande Companheiro do Profeta (s.a.w.), Abdullah bin Khabbab, foi abatido impiedosamente pelo simples fato de gostar dos quatro Califas e de dar seu apoio a ‘Ali. Nem mesmo a esposa grávida de Abdullah bin Khabbab foi poupada. Seu estômago foi cruelmente dilacerado. Algumas outras mulheres da tribo de Tai também foram mortas. Ao ver essas barbaridades sendo praticadas contra pessoas inocentes e o terrorismo dos carijitas ganhando terreno, algumas pessoas acharam por bem questionar ‘Ali (r.a.a.), dizendo: ”Ó *Amirul Mu’minin*, para onde você está indo, deixando os carijitas livres para semear a discórdia? Em sua ausência eles ficarão mais ousados e agirão de acordo com a vontade deles. Portanto, acabe com eles primeiro e faça com que se submetam a você para que os muçulmanos se livrem deles. Depois disso, você pode partir para a Síria.” Sensibilizado com o que tinha ouvido daquelas pessoas, ’Ali

(r.a.a.) acabou por adiar a campanha na Síria e partiu para Nahrwan, que tinha se tornado um grande centro dos carijitas.

A Batalha de Nahrwan

Os carijitas já estavam de prontidão em Nahrwan, porém a luta não começou assim que ‘Ali (r.a.a.) chegou à cidade. Ele queria oferecer seus argumentos antes de começar a batalha e por isso disse aos carijitas que deveriam entregar a ele as pessoas que tinham cometido as atrocidades contra pessoas inocentes. Contudo, os carijitas não estavam dispostos a fazer a paz em absoluto, e por isso disseram que não iriam cumprir a exigência de ‘Ali porque eles achavam que aquele derramamento de sangue era legítimo e lícito. Ainda assim, ’Ali tentou, por todos os meios, fazer a paz. Ele enviou Abu Ayub Ansari (r.a.a.) e Qais bin Sa’ad Andari (r.a.a.) para tentarem um acordo pacífico. Porém, todos esses esforços se mostraram inúteis e por fim os carijitas atacaram os homens de ‘Ali. O ataque desferido foi bastante violento e eles combateram com grande bravura. No entanto, o exército de ‘Ali acabou por impor uma esmagadora derrota. No início da batalha, os carijitas eram quatro mil, porém, no final, restaram apenas mil e oitocentos, que começaram a fugir, muitos dos quais morreram durante a fuga. As perdas do lado de ‘Ali foram de setecentos soldados no total.

Depois da derrota infligida aos carijitas na Batalha de Nahrwan, ‘Ali (r.a.a.) quis partir imediatamente em direção à Síria. Ash’as bin Qais se opôs sob a alegação de que o exército estava bastante cansado e que, por isso, era melhor retornar para Kufa para um descanso porque depois de algum tempo os soldados estariam em melhores condições para marchar contra o inimigo. ‘Ali concordou e voltou para Kufa.

O Egito é Ocupado por Amir Muawiya

‘Ali indicou Qais bin Sa’d, um Companheiro do Profeta (s.a.w.), como governador do Egito. Ele tomou o juramento de fidelidade dos egípcios em favor de ‘Ali (r.a.a.). Apenas a população de Khartaba não prestou o juramento e Qais não achou que fosse inteligente perturbá-los naquela conjuntura.

Qais bin Sa’d era um daqueles estadistas cautelosos da Arábia e Muawiya queria muito contar com o seu apoio, da mesma forma que tinha conseguido com ‘Amr bin ‘Aas. Porém, não teve êxito porque Sa’d era muito sincero e leal a ‘Ali. Não conseguindo trazê-lo para o seu lado, Amir Muawiya idealizou um outro plano. Ele começou a alardear que Qais era, na verdade, um partidário seu que, aparentemente, estava apoiando ‘Ali apenas para enganá-lo. A prova maior de que o que ele dizia era verdadeiro era o tratamento dispensado por Qais bin Sa’d aos habitantes de Khartaba. Além disso, Muawiya mostrou uma carta esquecida de Qais a algumas pessoas. Os espiões na Síria relataram esses fatos a Muhammad bin Abi Bakr e Muhammad bin Jafar bin Abi Talib que passaram a informação para ‘Ali, que não acreditou naquela propaganda. Enquanto isso, ‘Ali recebia uma carta de Qais bin Sa’d, na qual informava ao Califa o seu comportamento em relação ao povo de Khartaba. Esta carta serviu com um bom pretexto para Muhammad bin Abi Bakr e Muhammad bin Jafar. Eles obrigaram ‘Ali (r.a.a.) a escrever uma carta a Qais para que ele adotasse as medidas cabíveis contra os habitantes de Khartaba. Em resposta, Qais bin Sa’d escreveu “você está me pedindo para declarar guerra contra uma população que ainda está imparcial. Se eles forem molestados tornar-se-ão seus inimigos, portanto, por favor, aceite meu conselho e não os perturbe.”

No entanto, os dois jovens conseguiram convencer ‘Ali e Muhammad bin Abi Bakr foi mandado para o Egito. Qais bin Sa’d naturalmente não gostou disso e renunciou ao cargo. Após a renúncia, ele partiu para Medina não sem

antes passar todas as informações a Muhammad bin Abi Bakr.

Muhammad bin Abi Bakr, sendo um jovem inexperiente e passional, atacou Khartaba sem qualquer hesitação e foi fragorosamente derrotado. Porém, o ataque e a derrota provocaram um grande prejuízo a ‘Ali. Não só Khartaba, mas todo o Egito se voltou contra ele. ‘Ali mandou Ushtur Nakhayi para ajudar Muhammad bin Abi Bakr porém Muawiya o pegou no meio do caminho.

Agora, para Muawiya se apresentava uma oportunidade de ouro para tomar o Egito. Depois de manter uma correspondência confidencial com alguns líderes e pessoas influentes do Egito, ele mandou ‘Amr bin ‘Aas, com um exército de seis mil soldados, para atacar o Egito. ‘Amr bin ‘Aas mandou dizer a Muhammad bin Abi Bakr que abandonasse o país. Muhammad escreveu ao Califa ‘Ali, que ordenou que ele enfrentasse o agressor. Então, Muhammad bin Abu Bakr saiu para enfrentar ‘Amr bin ‘Aas com quatro mil homens, houve uma terrível batalha em que Kinana bin Bashar (r.a.a.), do lado de ‘Ali, lutou com grande valentia e fervor. Porém, assim que ele se afastou de seu exército, uma multidão de sírios o cercou e o martirizou. Depois do martírio de Kinana bin Bashar, o exército de Muhammad bin Abu Bakr não conseguiu mais permanecer no campo de batalha. Os soldados começaram a fugir e até Muhammad teve que se esconder, porém foi preso e trazido diante de ‘Amr bin ‘Aas que ordenou que ele fosse morto. Segundo testemunhas, quando ele estava para ser morto, pediu um pouco de água para beber mas ‘Amr bin ‘Aas não permitiu que lhe dessem água.

E assim, o Egito foi capturado pelo exército de Amir Muawiya e, conforme tinha prometido, ele indicou ‘Amr bin ‘Aas como seu governador.

Esforços para Ocupar Outras Regiões

Depois da conquista do Egito, Amir Muawiya tentou ocupar outras regiões leais a ‘Ali. Até então, ele só tinha Síria e Egito sob seu controle e por isso procurou ampliar as áreas sob seu comando. Ele começou por atacar as regiões dos árabes e dos *ajamis*, uma depois da outra, sem, no entanto, alcançar seu objetivo.

Sem entrar nos detalhes desses ataques, no entanto, pode-se dizer, em resumo, que ele atacou e tentou ocupar Anbar, Madain, Badya, Waqusa,Talbia, Qataqtana, Tadammur, Meca, Medina, Jazira, Doumatul Jandal, e outras. Contudo, o exército de ‘Ali se mostrou mais poderoso em todos esses eventos. No entanto, um homem de nome Basar bin Artat, partidário de Amir Muawiya, ocupou Medina por um curto período e durante este tempo ele aterrorizou as pessoas com seus atos cruéis. Ele chegou a matar crianças pequenas.

O Acordo

Finalmente, ambos os lados se cansaram daquela prolongada guerra civil e, no 40º da Hégira, ‘Ali e Amir Muawiya concordaram em fazer a paz. Houve um acordo entre eles, cujos termos estabeleciam que o Hijaz, o Iraque e toda a região oriental permaneceriam sob o controle de ‘Ali e o resto, que correspondia à Síria, Egito e uma parte das regiões ocidentais, ficaram sob o comando de Amir Muawiya.

O Martírio

Decorridos alguns meses do acordo de paz com Amir Muawiya, aconteceu a tragédia do martírio de ‘Ali, ainda no 40º da Hégira. Conforme lemos nas páginas anteriores, no relato da Batalha de Nahrwan, a força dos carijitas tinha se deteriorado por completo e eles estavam irremediavelmente dispersos. Certo dia, três deles, Abdur Rehman bin Muljim,

Bark bin Abdullah e ‘Amr bin Bakr, estavam sentados e conversavam sobre vingança. Eles concluíram que os três líderes, ‘Ali, Muawiya e ‘Amr bin ‘Aas (r.a.a.) deveriam ser mortos. De acordo com o combinado, Ibn-e-Muljim ficou com a responsabilidade de assassinar ‘Ali, Bark foi escolhido para matar Amir Muawiya e ‘Amr bin Bakr ficou com o encargo de matar ‘Amr bin ‘Aas. Também ficou acordado que o ataque aos três líderes deveria ser simultâneo.

O plano deveria ser executado no 17º dia do mês de Ramadã, na hora da oração da manhã, na mesquita. Ibn-e-Muljim também conseguiu um cúmplice, de nome Shabib bin Bajra Ashjayi.

No dia aprazado, os três homens se prepararam para os ataques, porém felizmente ‘Amr bin ‘Aas se salvou porque naquele dia ele não foi à mesquita para a oração da manhã. Um outro elemento que estava conduzindo a oração foi confundido com ‘Amr bin ‘Aas e foi mortalmente ferido pelo assassino, ‘Amr bin Bakr. Amir Muawiya também foi atacado porém ele foi mais afortunado porque o ferimento não foi fatal. Contudo, Ibn-e-Muljim e Shabib agrediram ‘Ali (r.a.a.) com toda a força e conseguiram o intento.

Assim que recebeu o golpe, ’Ali (r.a.a.) caiu ao chão e as pessoas acorreram rapidamente em seu socorro. Enquanto isso, Shabib fugia mas Ibn-e-Muljim foi capturado. Ja’da bin Bira conduziu a congregação naquele dia. Depois da oração, Ibn-e-Muljim foi levado a ‘Ali que lhe fez algumas perguntas e ordenou que ele deveria ser mantido a salvo e livre. Ele também disse que se viesse a morrer por causa do golpe desferido então, de acordo com o mandamento de Allah, o assassino também deveria ser morto, porém com um só golpe de espada porque ele tinha sido agredido com um só golpe. Contudo, o cadáver do assassino não deveria ser profanado porque o Profeta (s.a.w.) tinha proibido terminantemente que se fizesse isso. Ele também disse que se viesse a sobreviver então ele mesmo pensaria no que fazer com o assassino.

A espada usada estava envenenada e o veneno se espalhou rapidamente por todo o corpo e, aos poucos, seu estado foi piorando. Ele chamou Hasan, Husain e Muhammad bin Hanafia e expressou sua vontade. Pediu que vivessem em harmonia e unidade e também os aconselhou a não buscarem as riquezas mundanas e sim que se preocupassem com a vida depois da morte.

Como não restasse mais qualquer esperança de que ele pudesse sobreviver, Jandab bin Abdullah perguntou: “Podemos prestar nosso juramento de fidelidade a Hasan, depois que você se for?”

“Não ordeno nem proíbo. Esta é uma decisão de vocês”, respondeu ‘Ali (r.a.a.)

No 20º dia do mês de Ramadã, do 40º. ano da Hégira, este grande filho do Islam e quarto Califa do Islam partiu, para se encontrar com o seu Criador. Era noite de domingo.

Inna Lillah-e-Wa-Inna Ilaih-e-Raje-un

Quando morreu, ‘Ali estava com sessenta e três anos e o período de seu Califado foi de quatro anos e nove meses. Hasan e Husain (r.a.a.) lavaram o corpo e Hasan conduziu o cerimonial fúnebre. Ele foi enterrado no cemitério de Kufa, de nome “*Ari*”.

Com Fátima, ‘Ali teve três filhos, Hasan, Husain e Muhsin e duas filhas, Zainab e Umm Kulthum. Depois da morte de Fátima, ele se casou várias vezes e teve muitos filhos, um deles com Khawla, Muhammad bin Ali, mas conhecido pelo nome de Muhammad bin Hanafia. Muhsin morreu ainda criança.

Uma Revisão do Califado de ‘Ali

Como vimos antes, no período de seu Califado, ‘Ali se viu às voltas com guerras civis e conspirações e não teve tempo ou oportunidade para se dedicar às questões administrativas ou de conquistas. Ele enfrentou uma situação completamente adversa no âmbito interno e por isto não há registro de acontecimentos importantes em relação a conquistas e administração. No entanto, ele é digno de admiração pelo que fez e conquistou durante seu curto período de governo, que foi repleto de dificuldades.

Os problemas que ‘Ali (r.a.a.) enfrentou foram, em parte, semelhantes àqueles criados durante os últimos dias de Osman e, em parte, semelhantes aos enfrentados por Abu Bakr Siddiq (r.a.a.).

Quando Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) assumiu o Califado, várias tribos árabes haviam renegado o Islam, muitos oportunistas se apresentaram como profetas, além daqueles que se recusavam a pagar o *zakat*, uma injunção islâmica. Embora ‘Ali não tivesse enfrentado os mesmos problemas, no entanto, suas dificuldades foram semelhantes às de Abu Bakr e, por isso, ele também teve que levantar sua espada contra seus adversários, da mesma forma que Abu Bakr tinha feito. No entanto, houve uma outra diferença. Quando Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) declarou o *jihad* contra os renegados, toda a *Millat* islâmica estava a seu favor.

Por outro lado, ‘Ali enfrentou nada menos do que *Ummul Mu’minin* Aysha (r.a.a.), que tinha ao seu lado pessoas como Talha, Zubair (r.a.a.) e vários outros respeitáveis Companheiros do Profeta (s.a.w.). Realmente, não foi uma tarefa fácil para ele enfrentar essas personalidades. Da mesma forma, quando Amir Muawiya se levantou contra ele, explorando o sangue de Osman, fez surgir uma nova adversidade para ‘Ali. Os muçulmanos se dividiram em dois partidos. A questão do *Tahkim*, ou mandato, também se tornou uma grande dor-de-cabeça para

ele. Quando ele quis rejeitar o *Hakam* surgiram vários muçulmanos que divergiram e quando ele aceitou, vários outros disseram que ele estava cometendo pecado e o acusaram de descrença. Por causa de seu temperamento pacífico, ‘Ali tentou conciliar as duas posições mas não conseguiu e, no final, ele teve que se defrontar com os carijitas na Batalha de Nahrwan.

Os funcionários omíadas indicados no período de Osman criaram certas situações incompatíveis com a retidão, imponência e ensinamentos islâmicos. Por esta razão, logo após assumir o Califado, ‘Ali quis exonerar aquelas pessoas. Não havia nessas exonerações qualquer ressentimento pessoal ou inimizade, e sim que a situação predominante naqueles dias exigia que ‘Ali (r.a.a.) agisse assim. Ele tinha plena consciência de tudo e não se contemporizaria com a situação à custa da retidão, justiça e religião. Ele quis trazer de volta para o Islam o período de ouro de Omar (r.a.a.) e para isso era necessário a investigação de governadores e funcionários. Omar (r.a.a.) também tinha feito isto durante o seu período, mas ele era tão inspirado que ninguém jamais questionou seu comando. Por outro lado, quando ‘Ali quis destituir Muawiya do cargo de governador da Síria, ele não só não aceitou como provocou uma guerra civil.

Alguns historiadores são de opinião que ‘Ali (r.a.a.) deveria ter levado em consideração a situação então predominante. Esta espécie de diplomacia pode ser útil quando se trata de governantes comuns, porém ‘Ali não era um governante qualquer. Ele era um Califa do Islam justo e reto. Ele quis que a forma islâmica de governo e de disciplina prevalecesse, e para isso ele não poderia contemporizar. Talvez se tivesse aceitado, estaria em posição melhor do ponto de vista mundano. Contudo, não era este o mundo que ele queria e sim o outro.

Apesar dos distúrbios e das guerras civis, ‘Ali promoveu algumas reformas que se mostraram úteis. Eis algumas delas:

Administração do Califado

A primeira e mais importante de suas reformas é a que se refere à administração do governo. No final do Califado de Osman, os omíadas exerciam uma grande influência na administração e, como resultado, o Califado tinha se desviado de seu rumo. ’Ali queria o retorno ao caminho reto. Embora não tivesse tido condições de fazer o que pretendia, ele fez até onde foi possível. Ele tentou colocar a administração no caminho mostrado por Abu Bakr Siddiq e Omar (r.a.a.). Ele não fez qualquer modificação nas normas e regulamentos baixados pelos dois primeiros califas. Por exemplo, os judeus de Najran, que Omar (r.a.a.) tinha banido do Hijaz para Najran, quiseram voltar durante o Califado de ‘Ali, porém ele não permitiu. Ele disse “Que decisão poderia ser melhor do que a de Omar (r.a.a.)?” A divisão das províncias permaneceu a mesma que tinha sido feita no período de Omar. No entanto, ele fez duas mudanças, uma a da capital do Califado, de Medina para Kufa e a outra, a exoneração de governadores e funcionários em toda a parte. Ao tomar essas decisões ele não levou em consideração posição social ou posto. Para satisfazer os requisitos legais e de justiça, muitas vezes ele tomou decisões contra seus próprios parentes e até contra ele mesmo.

Exército

Sendo um soldado e guerreiro, ‘Ali tinha plena consciência dos problemas do exército. Por isso, ele prestou muita atenção às suas exigências e necessidades. Embora o prolongamento das guerras civis não lhe desse muito tempo para se dedicar à melhoria do exército, ele procurou fazer o máximo ao seu alcance. Durante o seu governo foram

construídos vários acampamentos militares e fortalezas. O grande forte de Astakhar foi um deles.

Finanças e Receitas

Ele promoveu algumas reformas importantes que resultaram em acréscimo para as receitas do estado. Antes do Califado de ‘Ali, as florestas não eram exploradas em benefício do povo mas ‘Ali decretou que elas seriam taxadas, o que determinou um grande aumento nos rendimentos do estado. Na época do Profeta (s.a.w.), o *zakat* não era calculado sobre os cavalos, porém no Califado de Omar, quando teve início o comércio regular de cavalos, ele passou a cobrar o *zakat* sobre cavalos. No entanto, ‘Ali aboliu essa cobrança.

Ele foi muito rigoroso na prestação de contas de governadores e funcionários. Se houvesse algum atraso na remessa das quantias devidas ele escrevia cartas cobrando.

Como Omar, ele também foi muito rigoroso no uso dos recursos de *Baitul Mal.* Ele não se permitia gastar um centavo sequer em gastos pessoais ou de seus familiares.

Certa vez, chegou de Isfahan a título de recolhimento de tributos mel e gordura, entre outras coisas. Umm Kulthum, uma das filhas de ‘Ali, quis ficar com um pouco do mel e da gordura que o homem tinha trazido. Ele, então, mandou para ela um barril cheio de mel e outro cheio de gordura. Quando ‘Ali (r.a.a.) soube disso ordenou, imediatamente que os barris fossem devolvidos, porém uma parte já tinha sido consumida. Então, ele pagou de seu próprio bolso a quantia correspondente. São inúmeras histórias como essas sobre ‘Ali.

Fiscalização Rigorosa dos Funcionários

Assim como Omar Faruq (r.a.a.), ‘Ali (r.a.a.) também foi capaz de observar e fiscalizar o caráter e a conduta de seus funcionários no tocante à administração da justiça e ao tratamento dispensado às pessoas. Quando ele recebia alguma queixa de qualquer lugar, era feita uma investigação e se o funcionário envolvido fosse considerado culpado, era punido. Algumas vezes, o Califa pedia explicações por escrito e outras nomeava uma comissão de inquérito.

Os Assuntos do Mercado

Ele também costumava fiscalizar as operações no mercado e verificava as mercadorias postas à venda e seus respectivos preços. Nessas ocasiões, ele trazia em sua mão um chicote e ficava verificando pesos, preços, etc. Ele também pedia aos lojistas que fossem honestos e agissem corretamente nas transações comerciais.

Equidade e Igualdade

‘Ali (r.a.a.) foi muito exigente na observância da justiça em todas as esferas da vida. Para ele, qualquer pessoa de qualquer nível social ou credo religioso era igual quanto à aplicação da justiça e da lei. O melhor exemplo para demonstrar esse comportamento foi o caso de sua armadura contra um judeu.

Em resumo, o caso foi que, certa vez, a armadura de ‘Ali (r.a.a.) foi roubada por um judeu. Quando o Califa viu sua armadura com o tal judeu, tratou de arrancá-la à força. No entanto, em lugar de usar a norma aplicável aos casos da espécie, ele levou o caso diretamente ao *qazi* (juiz) que, de acordo com a lei, perguntou se ‘Ali tinha alguma prova que pudesse fundamentar sua queixa. Como ele não tivesse qualquer prova, a queixa foi recusada. O judeu ficou tão

impressionado com essa justiça que aceitou o Islam imediatamente. Para ele, a igualdade mostrada naquele caso era semelhante à adotada pelo Profeta (s.a.w.). *Amirul Mu'minin* 'Ali tinha arrancado a armadura à força, porém apresentou o caso à corte, que também não aceitou a queixa do Califa sem uma evidência concreta. Esta é a prova de que o Islam é a religião da justiça e da igualdade.

Tratamento das Minorias

Na conformidade com os ensinamentos do Islam, 'Ali (r.a.a.) era muito exigente no tratamento dispensados aos *zimmis*, que eram considerados minorias muçulmanas. Ele sempre orientava seus funcionários a tratá-los com gentileza e suavidade. Certa vez, alguns *zimmis* se queixaram da severidade do funcionário 'Amr Muslima. 'Ali lhe escreveu uma carta, na qual o advertia e o aconselhava a tratar os *zimmis* com nobreza e gentileza.

As pessoas de Tran tinham uma impressão tão boa de 'Ali (r.a.a.) que costumavam dizer: "Este homem da Arábia nos fez esquecer de Nowsherwan".

O Erudito 'Ali

'Ali (r.a.a.) também ficou conhecido por sua personalidade erudita. Não há como negar que ele tenha sido um grande estudioso e sábio do Islam, uma vez que foi criado e educado, desde sua infância, à sombra do Profeta (s.a.w.).

'Ali tinha um grande apego ao Alcorão. Ele era um *Hafiz* (memorizador do Alcorão) e tinha aprendido o livro, com todos os seus significados e explicações, diretamente com o Profeta (s.a.w.). 'Ali conhecia tão profundamente o Alcorão que dizia sempre: "Não há um único versículo alcorânico que eu não saiba quando, onde, como e por que ele foi revelado." Depois da morte do Profeta (s.a.w.), 'Ali

também produziu uma cópia do Alcorão que estava de acordo com a ordem da revelação. No tocante ao *Tafsir* (explicação) do Alcorão, ninguém se comparou a ele, exceto Abdullah bin Abbas.

Ele também memorizou as Tradições do Profeta (s.a.w) e podia narrá-las mais do que os outros. No entanto, ele era muito criterioso nesta questão, daí só existirem 586 Tradições do Profeta narradas por ele. ‘Ali foi um dos companheiros do Profeta que sistematizou as coleções de Tradições sob a forma de livro. O nome dessa coleção de ‘Ali é *Sahifa*.

‘Ali também tem um lugar de destaque no *Fiqh* (jurisprudência islâmica). Omar (r.a.a.) era um jurisconsulto e tinha adquirido o conhecimento da jurisprudência no mais alto grau, porém algumas vezes ele procurava ‘Ali (r.a.a.) para resolver alguma questão legal mais complexa. Outros Companheiros do Profeta (s.a.w.), até mesmo Muawiya, seu grande opositor, costumavam procurá-lo para sanarem suas dúvidas.

‘Ali (r.a.a.) decidia até os casos mais embaraçosos com bastante facilidade, segundo a lei islâmica. Ele tinha grande domínio da ciência da herança. O Profeta (s.a.w.) lhe deu o título de “O maior *qazi* entre os companheiros”. Quando a população de Yaman aceitou o Islam, o Profeta (s.a.w.) o nomeou como seu *qazi*.

‘Ali também foi um dos grandes oradores da Arábia. Suas palestras e discursos são exemplos de sua oratória e Sharif Razi os compilou em *Nahjul Balagha*. Muitos de seus sermões ainda fazem parte do curso de literatura árabe. Ele também tinha um gosto refinado pela poesia. Ainda hoje se encontra disponível no mercado um livro de poemas, sob o título *Decwan-e-Ali*, porém as pessoas, de um modo geral, duvidam de sua autenticidade. No entanto, não se pode negar o fato de que ele foi um grande poeta em seu tempo.

‘Ali organizou as normas de conjugação e sintaxe da gramática árabe. Naquela época, eram muito poucas as pessoas que sabiam ler e escrever, e ‘Ali sabia. Ele foi um dos principais escribas do Profeta (s.a.w.). O famoso tratado de Hudaibiya foi escrito por ele. Suas cartas foram de um elevado padrão de escrita e literatura.

O Homem ‘Ali

‘Ali era um homem nobre e virtuoso por natureza. Tendo sido criado sob os cuidados do Profeta (s.a.w.), seu caráter foi um exemplar do caráter do Profeta e dos ensinamentos islâmicos. Devoção e obstinação foram os principais aspectos de sua vida. Freqüentemente dizia: “Este mundo é uma carcaça e aquele que quiser adquiri-lo deve estar pronto para viver com os cachorros.”

Ele provou da pobreza e da riqueza e nunca se sentiu tentado pelas facilidades mundanas. Durante a existência do Profeta (s.a.w.), suas receitas cresceram tanto que ele pagava anualmente quarenta mil como *zakat*. Porém, mesmo naquela época, muitas vezes ele passou fome. Ele morava em uma casa simples, que não possuía móveis ou utensílios em quantidade suficiente para as necessidades diárias. Havia uma pele de carneiro, que era utilizada como cama, e uma manta que mal cobria o corpo inteiro. No entanto, embora pudesse, jamais pensou em construir um palácio ou usufruir um pouco mais de conforto.

Em sua casa não havia servos e Fátima (r.a.a.) fazia todo o serviço pesado da casa. A fome era uma constante na família. A principal causa da pobreza era sua generosidade no caminho de Allah. Nenhum pedinte ou necessitado retornava de sua porta sem levar alguma coisa. Às vezes, acontecia de ele estar começando a comer e batia à sua porta um mendigo pedindo comida. Ele dava seu próprio prato de comida e ia para cama sem comer mais nada.

Como Califa, ele se considerava um tutor da *Ummah* e por isto jamais pegou um centavo sequer de *Baitul Mal.* Certa vez, em uma noite de inverno rigoroso, ele cobriu seu corpo com uma manta ordinária, porém ele ainda tiritava de frio. As pessoas ao vê-lo naquela situação perguntaram: "*Amirul Mu'minin,* por que você não satisfaz essa necessidade com recursos de *Baitul Mal*? Você e sua família também têm o mesmo direito que os outros." Em resposta, ele disse: "Não quero nada para mim que seja do quinhão de vocês. Eu trouxe essa manta de Medina."

Uma outra vez seu servo Qanbar pegou alguns utensílios de ouro e prata em *Baitul Mal* e disse a 'Ali: "Você tem muitos problemas por causa dos outros porém não faz nada por você e seus filhos. Por isso, eu trouxe essas coisas para seu uso. Por favor, aceite." Ao ouvir isto, 'Ali ficou furioso e disse: "Você quer me atirar no fogo do inferno?" E, logo em seguida, distribuiu aqueles utensílios entre os muçulmanos.

A vida de 'Ali era muito simples. Ele não suportava pompa e exibição e gostava da vida simples. Ele comia comidas triviais e se vestia com roupas bem comuns. Sempre evitou comidas sofisticadas e costumava dizer: "Não quero me habituar com comidas sofisticadas." Era ele quem consertava seus sapatos.

Um dia, 'Ali caminhava por um lado da estrada, perto do mercado de Kufa, quando veio um homem que estava do outro lado e, confundindo-o com um trabalhador, pediu-lhe que carregasse sua bagagem. 'Ali fez o que o homem tinha pedido e quando retomaram a caminhada, alguém passou e o reconheceu, cumprimentando-o com as palavras *Amirul Mu'minin*. Só então o estranho ficou sabendo quem estava carregando sua bagagem. Ele ficou muito arrependido e começou a se desculpar. Porém, 'Ali disse: "Não precisa se desculpar, porque penso ser minha obrigação ajudar a quem me pede ajuda." A bravura e nobreza de 'Ali (r.a.a.) ficaram conhecidas não só na história, mas também no espírito de

muita gente. Até hoje, quando alguém pratica um ato de valentia as pessoas se lembram da coragem de ‘Ali (r.a.a.). A História do Islam fornece amplas evidências de sua bravura e coragem.

A adoração a Allah era o que ‘Ali mais gostava de fazer. Segundo alguns narradores, não havia ninguém em Bani Hashim que adorasse mais Allah do que ele. De acordo com Aysha (r.a.a.), ‘Ali ficava a noite inteira acordado para adorar Allah e jejuava durante o dia.

Certa ocasião, Muawiya perguntou a Zirar Sadayi sobre as qualidades de ‘Ali (r.a.a.) e recebeu em reposta:

“Ele era nobre e poderoso. O que quer que dissesse era definitivo. Suas decisões sempre foram baseadas na justiça. A luz do conhecimento revelava-se por todos os lados. Ele odiava o mundo e sua prisão. Ele costumava viver entre nós como o fazemos. Quando nós lhe perguntávamos alguma coisa ele respondia prontamente. Ele nos mantinha perto dele e se mantinha perto de nós. Ele cuidava dos pobres mas nós não ousávamos falar com ele. Ele respeitava as pessoas religiosas. Jamais permitiu que os poderosos tivessem ambição pelas coisas erradas e nunca desapontou os fracos na obtenção da justiça. Várias vezes eu o vi, sozinho, à noite, chorando e dizendo” Ó mundo, tu não me enganas, tu te colocas como se me amasses porém eu sei, eu me divorcio de ti três vezes.""

Ao ouvir essas palavras de Sadayi, Amir Muawiya começou a chorar e disse: “Que Allah tenha misericórdia de Abul Hasan (’Ali). Por Allah, ele era exatamente como você diz.”

CAPÍTULO IX

HASAN BIN ALI (r.a.a.)

(De 40 a 41 da Hégira – 661 a 662 d.C.)

‘Ali não tinha indicado uma pessoa para substituí-lo. Quando lhe perguntaram sobre Hasan, ele não apoiou a idéia e nem a rejeitou e disse que o povo deveria escolher como califa aquele que fosse de sua preferência. Isto mostra que ele apoiava o direito democrático de as pessoas escolherem seus próprios governantes. Porém, no tocante às qualidades e capacidade para o exercício do cargo, Hasan (r.a.a.) era o mais indicado e as pessoas queriam que ele fosse o Califa. Qais bin Sa’d Ansari (r.a.a.) colocou suas mãos nas mãos de Hasan (r.a.a.) para prestar o juramento de fidelidade. Depois de Qais (r.a.a.), todos os outros representantes do povo do Iraque depositaram suas mãos nas mãos de Hasan e assim ele foi eleito Califa do Islam. Era o mês sagrado de Ramadã, do 40º da Hégira (661 d.C.). Após ser eleito Califa, Hasan foi para o púlpito da mesquita e proferiu um sermão.

Hasan era o filho mais velho de ‘Ali (r.a.a.) e Fátima (r.a.a.) e neto do Profeta (s.a.w.). Seu nome era Hasan e o patronímico era ‘Abu Muhammad. Ele também tinha o apelido de “*Raihanatun-Nabi*” , ou *Raihan* (uma flor muito cheirosa) do Profeta (s.a.w.). De rosto, Hasan se parecia muito com o avô. O Profeta cuidou dele por cerca de oito anos. Quando Hasan (r.a.a.) atingiu a maioridade, ele era imbatível em qualquer campo. Quando os desordeiros cercaram a casa de Osman (r.a.a.) ele estava lá para defendê-lo e por causa disto ele sofreu ferimentos.

A Agressão de Amir Muawiya

Desde o martírio de Osman (r.a.a.) que Amir Muawiya sonhava em governar todo o mundo islâmico. No entanto, enquanto ‘Ali (r.a.a.) viveu não foi possível tornar realidade aquele seu sonho. Quando ‘Ali morreu martirizado e Hasan se tornou o Califa, ele achou que tinha surgido a oportunidade de ouro para concretizar seu sonho. Então, passados alguns dias depois de Hasan ter assumido o Califado, ele mandou um exército atacar o Iraque. Este exército foi direto para Madain.

Ao tomar conhecimento disto, Hasan (r.a.a.) enviou Qais bin Sa’ad (r.a.a.), com um efetivo de doze mil soldados, para enfrentar o exército de Muawiya. Ele também seguiu alguns dias depois. Segundo At-Tabari, nesse meio tempo, espalhou-se um boato de que Qais bin Sa’ad (r.a.a.) tinha morrido durante os combates. Este boato criou o caos no exército iraquiano e os soldados começaram a fugir. Como se não bastasse, alguns soldados atacaram o acampamento de Hasan também. A tenda dele foi saqueada e ele recebeu ferimentos. Os carijitas que tinham se infiltrado no exército de Hasan tentaram martirizá-lo. Ferido, Hasan teve que partir e se abrigar em Madain, até o seu completo restabelecimento.

Enquanto isso, Amir Muawiya chegava a Anbar, onde já se encontrava Qais bin Sa’ad para enfrentá-lo. Hasan também partiu para Anbar com o seu exército. Qais preparou-se para o confronto com Amir Muawiya e Hasan para se opor a Ubaidullah bin ‘Aamir. Porém, Ubaidullah disse que, como Amir Muawiya estava presente, ele (Ubaidullah) não tinha intenção de lutar. Ao ouvir isto, o exército iraquiano, sob o comando de Hasan, se recusou a combater Ubaidullah bin ‘Aamir. Hasan, então, naquele momento, entendeu que os iraquianos não eram confiáveis. No entanto, ele ainda estava em condição de combater Amir Muawiya e manter seu Califado. Qais bin Sa’d Ansari (r.a.a.) era leal a ele e estava pronto para lutar até sua última gota

de sangue com seus doze mil bravos soldados. Além disso, havia cerca de quarenta mil pessoas em Kufa que tinham garantido seu apoio e que lutariam por ele até o fim. Com todo esse suporte, Hasan poderia ter enfrentado Amir Muawiya mas ele sabia que isto custaria muitas vidas. Em outras palavras, ele teve que negociar o Califado à custa dos muçulmanos e da desunião da *Millat*. Assim, ele tomou uma decisão, uma grande decisão histórica, que foi a de deixar o Califado em favor de Muawiya.

Tomada a decisão, ele escreveu uma carta a Amir Muawiya onde apresentou algumas condições, dentre as quais, as seguintes:

1. Nenhum iraquiano seria preso em razão de hostilidades passadas.
2. Haveria uma anistia geral para todos.
3. Hasan teria uma quantia em dirhams anualmente e o total dos tributos de Darul Hira deveria ser dado a ele.
4. Banu Hashim deveria ter preferência na distribuição de ordenados.
5. Os xingamentos a ‘Ali (r.a.a.) deveriam parar.

Amir Muawiya aceitou todas as condições apresentadas por Hasan e, de acordo com At-Tabari, ele mandou um papel em branco para Hasan, dizendo que ele poderia escrever qualquer condição que quisesse que todas seriam aceitas.

Uma vez acordadas as condições do tratado, Hasan (r.a.a.) escreveu a Qais bin Sa’d ordenando que parasse com as hostilidades. Agora, só havia dois caminhos para Qais Ansari, ou obedecia a ordem de Hasan e se rendia ou, então, continuava lutando contra a vontade do líder. No então, prevaleceu a primeira opção e ele obedeceu a Hasan (r.a.a.).

Depois de implementados todas as etapas da paz, Hasan (r.a.a.) declarou que estava deixando o Califado com o único objetivo de salvar a *Ummah* do banho de sangue e da desunião. Ele ficou no cargo por seis meses apenas. Depois de abdicar ao trono, Hasan foi para Medina e viveu lá pelo resto de sua vida.

Qais bin Sa'd Ansari (r.a.a.) foi um grande opositor de Amir Muawiya, porém ele não teve outra saída senão fazer a paz com o Amir.

Depois da abdicação, Hasan (r.a.a.) prestou o juramento de fidelidade a Amir Muawiya, no que foi seguido por Sa'd bin Waqqas e vários outros. O Profeta, certa vez disse sobre Hasan: "Este meu filho é *syed* (chefe). Ele fará a paz entre dois partidos de muçulmanos." O prognóstico do Profeta (s.a.w.) tornou-se realidade quando Hasan (r.a.a.) abdicou do trono e os muçulmanos se livraram de mais um banho de sangue.

A abdicação de Hasan realmente provou ser uma bênção para a *Millat* islâmica e a desunião, que tinha fincado raízes profundas desde o martírio de Osman (r.a.a.), chegou ao fim. Agora os muçulmanos, mais uma vez, poderiam cuidar de suas reformas e conquistas. Vendo a desunião entre os muçulmanos, alguns poderes estrangeiros ficaram esperando por uma oportunidade para atacá-los de repente e acabar com o Islam para sempre. Porém, a paz entre Hasan (r.a.a.) e Amir Muawiya não deu a eles a chance que esperavam e por isso ficaram decepcionados. O tratado entre Hasan (r.a.a.) e Amir Muawiya aconteceu no 41º ano da Hégira e, por esta razão, o ano foi denominado de *Aamul Jamah*, ou o ano da unidade e da paz.

Contudo, houve algumas pessoas que criticaram Hasan e se opuseram com unhas e dentes à realização da paz. Porém, Hasan não se preocupou com elas e, em resposta à crítica severa, disse: "Eu salvei a *Ummah* do Profeta (s.a.s.) de um grande perigo."

De fato, Hasan (r.a.a.) estabeleceu um novo exemplo na história. Ele deixou o Califado, que se estendia desde a Arábia até Gibraltar, de um lado e, do outro, até o Sind. Ele deixou este imenso estado por sua própria conta, apenas para livrar a *Ummah* de um banho de sangue e uma guerra civil. Isto não significa que ele não tivesse poder para salvar o Califado. Ele poderia, porém às custas do sangue dos muçulmanos o que, de qualquer forma, teria sido uma perda irreparável para a *Ummah*.

A guerra civil iniciada no último dia de Osman (r.a.a.) não tinha chegado a um fim e era bastante evidente que se continuasse a *Millat* islâmica seria irremediavelmente destruída. Hasan a salvou da destruição iminente, o que deve ser creditado como sua grande conquista. De acordo com os historiadores, desde o início ele não tinha intenção de declarar guerra. Antes pelo contrário, ele quis acabar com a inimizade através de sua atitude pacífica.

Uma Vida Recolhida

Hasan (r.a.a.) viveu uma vida recolhida em Medina (de 41 H a 50H). Freqüentemente ele se ocupava da adoração a Allah e das orações. Depois de fazer a oração da manhã, ele costumava ficar sobre o tapete de orações até o sol se levantar. Depois, ele ia ver os visitantes e, em seguida, após a oração ou o café da manhã, ele ia se encontrar com suas avós – as *Ummaahatul Mu'minin*. Depois desse encontro, ele se dirigia para a Mesquita para a oração do meio-dia e então voltava para casa e descansava. Desta forma, passaram-se nove anos.

A morte

A triste morte de Hasan (r.a.a.) ocorreu no 50º ano da Hégira. De um modo geral, acredita-se que sua morte tenha sido em decorrência de um veneno ministrado por sua

esposa, Ja'da bint Ash'as. A esse respeito, existem também algumas histórias, uma das quais a de que Ja'da teria sido instigada por Amir Muawiya a dar o veneno a Hasan. De acordo com alguns relatos, o plano teria sido de Yazid, filho de Muawiya. Porém, esta história não se confirma. No entanto, o fato é que o veneno ministrado a ele provocou sua morte. Por esta razão, Hasan também é considerado um mártir. O veneno era mortal e ele ficou gravemente doente. Ele chamou seu irmão mais novo, Husain (r.a.a.) e lhe contou o que tinha acontecido. Husain perguntou quem era o responsável por ter dado o veneno mas Hasan não revelou o nome da pessoa que tinha praticado aquela maldade. Ele disse: "Se minha suposição estiver correta, então deixe a questão com Allah. Ele punirá o malfeitor. E se minha suposição estiver errada por que, então, punir um inocente?"

Hasan tinha um grande desejo de ser enterrado ao lado de seu avô, o Profeta (s.a.w.), e, assim, pediu permissão a Aysha (r.a.a.) que imediatamente concordou. Não obstante isso, Hasan (r.a.a.) disse a Husain que, no caso de ser apresentada qualquer objeção por parte dos omíadas quanto ao seu pedido, então que ele fosse enterrado em *Jannatul Baqie*, o cemitério de Medina.

No terceiro dia depois de tomar o veneno, Hasan deu seu último suspiro.

Inna Lillah-e-Wa-Inna Ilaih-e-Raje-un

Depois de sua morte, Husain (r.a.a.), segundo a vontade de Hasan (r.a.a.), foi de novo a Aysha (r.a.a.) para obter sua permissão para o enterro ao lado da sepultura do Profeta e ela permitiu, como, aliás, tinha feito antes. Porém, conforme Hasan esperava, Marwan, da tribo omíada, não aceitou de modo algum e quase dá início a um confronto. Neste momento, o famoso companheiro do Profeta, Abu Huraira, interveio e conseguiu evitar os choques. Sayid bin 'Aas, governador de Medina, conduziu o *Salatul Janaza*

(oração fúnebre) e Hasan foi enterrado em *Jannatul Baqie*, ao lado de sua mãe, Fátima Zahra. Foi um dia de luto para toda a cidade de Medina. O mercado fechou e todos choraram a morte de Hasan. A cidade inteira veio participar dos últimos rituais fúnebres. O féretro do *Janaza* era tão grande como uma imensa procissão jamais vista antes.

Esposas e Filhos

Hasan (r.a.a.) casou-se várias vezes e com essas esposas teve oito filhos, a saber: Hasan, Zaid, Omar, Qasim, Abu Bakr,Talha, Abdur Rahman e Ubaidullah.

O Caráter

O caráter de Hasan era a cópia do caráter de seu avô, o Profeta (s.a.w.). No tocante à riqueza ele não teve problema. Sua outra qualidade era a paciência. Na verdade, ele era o retrato da persistência e moderação. Jamais falou mais asperamente com quem quer que fosse. Depois de sua abdicação, algumas pessoas o repreenderam e passaram a insultá-lo com observações malévolas, porém ele não se importava e não respondia. Marwan o xingava abertamente mas Hasan não queria discussão com ele. Certa vez, Marwan proferiu algumas palavras humilhantes e duras, no entanto Hasan ficou em silêncio. Isto impressionou tanto Marwan que, depois de sua morte, ele (Marwan) chorou amargamente. Husain disse “Agora vocês estão chorando, porém como é que ele foi tratado quando estava vivo?” Em resposta, Marwan, apontando para a montanha, disse “Ele foi mais gentil e tolerante do que esta montanha.”

A generosidade e o uso de seus bens no caminho de Allah foram qualidades herdadas de sua família. Por três vezes em sua vida ele distribuiu metade de seus pertences e fortuna entre os pobres e necessitados. Sua gentileza e generosidade alcançavam tanto os inimigos como os amigos. Uma vez, um homem que era um inimigo de ‘Ali (r.a.a.) precisou viajar mas não dispunha dos recursos

necessários. Ele pediu ao povo de Medina que o aconselhou a se dirigir a Hasan (r.a.a.) Quando ele foi ao encontro de Hasan, conseguiu tudo o que queria. Ele costumava dizer: “Para mim, é mais importante ajudar o pobre e necessitado do que ficar na mesquita durante meses.”

Hasan foi muito criterioso nas questões de religião e fé. No seu tempo, as pessoas começaram a exagerar no louvor a ‘Ali (r.a.a.) e quando Hasan (r.a.a.) soube disso proibiu terminantemente que agissem assim.

CAPÍTULO X

A IMPORTÂNCIA DO CALIFADO JUSTO OU PIO

O primeiro período do Islam acabou no 11º ano da Hégira, com a morte do Profeta (s.a.w.), sendo seguido do segundo período, que passou para a História como o Período do Califado Justo ou dos Califas Justos ou Pios. Este período teve início com Abu Bakr Siddiq (r.a.a.) e terminou com a abdicação de Hasan (r.a.a.). Como esse período teve a sua importância, torna-se necessário dar uma passada de olhos nele.

Foi no período dos califas justos que o Islam alcançou posição internacional e se tornou uma potência mundial. Embora o sistema dos califas tenha existido sobre a face da terra durante um curto período (cerca de trinta e dois anos), seu espírito não pôde ser apagado e muito justificadamente pode-se afirmar que permanecerá vivo para sempre. Ele jamais será extinto por qualquer poder na terra.

Segundo os ensinamentos islâmicos, a vida do homem neste mundo não alcançará a perfeição enquanto ele ignorar a existência de um outro mundo. Assim, o Islam ordena que o homem passe cada momento de sua vida neste mundo, tendo sempre em mente a outra vida. No entanto, o indivíduo pode ter essa vida consciente apenas para si mesmo, sem levar em conta a sociedade. Daí que, para manter a sociedade no caminho reto, é preciso uma ordem social eficaz e uma autoridade que cuide do funcionamento da ordem social de forma harmoniosa. E o Califado Islâmico significa essas obrigações. É por esta razão que este primeiro período do Califado representou não só uma ordem social mas também uma instituição que cuidou dos assuntos da vida do homem neste mundo e no outro.

O papel desempenhado pelos califas em seu curto período de existência foi único. E foi único no sentido de que nenhum outro sistema que já tenha surgido neste mundo teve as metas e objetivos que o Califado teve. Existiram o sistema tribal, o feudalismo, a monarquia e vários outros sistemas, porém nenhum cuidou do bem-estar do homem neste e no outro mundo. Houve religiões que se preocuparam apenas com a adoração e as formalidades religiosas, porém sem qualquer cuidado com as atividades seculares. Da mesma forma, as autoridades administrativas só cuidaram de seus próprios interesses, quando muito de uns poucos escolhidos. Porém o Islam transmitiu a mensagem da igualdade e equidade e sua mensagem foi posta em prática em letra e espírito pelos Califas justos. Seria inteiramente equivocado achar que o Califado tenha sido uma espécie de realeza. Como vimos nas páginas anteriores, nenhum dos califas justos se consideravam pessoas especiais, merecedoras de privilégios. Desde Abu Bakr (r.a.a.) até Hasan (r.a.a.), todos foram tratados pelo povo como seus companheiros e todos puderam criticar o califa livremente como se fossem leigos.

As monarquias sempre se estabeleceram pela força das armas, enquanto os califas foram escolhidos através de consulta aos representantes do povo.

A forma de administração durante o Califado Justo talvez não se assemelha às modernas democracias, no entanto, na prática, o Califado foi muito mais do que a democracia praticada nos dias atuais, principalmente nos países ocidentais. Na democracia islâmica (se é que se pode dizer assim) ninguém pretendia ser soberano ou estar isento de críticas. De acordo com o Islam, a soberania pertence somente ao Criador, Allah, portanto, todos são responsáveis por seus atos. Ninguém, nem mesmo os governantes, estava acima da lei qualquer que fosse sua classe social ou posição. Naquela época, os *qazis* (juízes), embora indicados pelo Califa, eram independentes no exercício de suas funções e não temiam serem forçados a

agirem contra suas consciências. Como exemplo disso, temos o caso de ‘Ali com o judeu que tinha roubado sua armadura, já relatado aqui. E este não é o único exemplo, a história dos califas probos é repleta de casos desse tipo. Na história da humanidade não se conhece exemplos assim. Isto foi possível, e ainda é, por causa do sistema islâmico onde não existe diferença entre os homens, entre o branco e o negro, o senhor e o escravo, o rico e o pobre, o governante e o governado, todos são tratados igualmente.

Os califas justos não só cuidavam da justiça e equidade pessoalmente, como também davam ordens rigorosas a seus governadores e funcionários administrativos para fazerem o mesmo. Omar (r.a.a.) costumava dizer: “Eu não indiquei os funcionários só para governarem as pessoas e sim para administrarem bem e de forma justa as questões do estado e da população. Eles devem ensinar às massas o caminho do Profeta (s.a.w.). Se qualquer um desses funcionários não cumprir com essas obrigações e eu receber alguma queixa, então, por Allah, vou ter que puni-lo.” Havia uma instrução permanente aos governadores e funcionários da administração para que todos os anos, por ocasião do *Hajj*, eles se apresentassem em Meca. Como era nessa época que as pessoas de todos os cantos do Califado acorriam a Meca e o Califa também estava presente, portanto era muito fácil, para quem quisesse, aproximar-se do Califa e apresentar qualquer queixa que tivesse diretamente a ele.

A justiça econômica é uma das necessidades básicas da sociedade humana e por isso o Califado Probo deu a devida atenção a isto. Naquela época, as principais fontes de receitas do estado eram:

1) Tributos;
2) *Jizya*;
3) *Ushr*;
4) *Zakat*; e
5) Espólio de Guerra;

Os dois primeiros eram provenientes dos estados não-muçulmanos dependentes e de não-muçulmanos vivendo em território islâmico, respectivamente. *Ushr* e *Zakat* eram cobrados de muçulmanos. Os espólios de guerra eram divididos em cinco partes iguais, sendo quatro partes distribuídas no exército e a quinta parte pertencente ao estado, sendo recolhida a Baitul Mal, que era considerada um fideicomisso nacional e ninguém, nem mesmo o Califa, tinha a permissão de tirar um único centavo sem justificativa. O Califa recebia uma determinada quantia em dinheiro que mal dava para suprir suas necessidades básicas. Osman (r.a.a.), sendo um homem rico, não quis receber essa ajuda para sua manutenção. Uma vez, a esposa de Abu Bakr conseguiu guardar alguns grãos de sua cota diária e quando ele soube disse: “Isto quer dizer que podemos nos manter sem esses grãos que sobraram.” Então, ele ordenou que da quantidade destinada à sua manutenção fossem descontados aqueles que tinham sobrado. Não se encontra um exemplo assim de uso cuidadoso dos recursos públicos senão nos Califas probos.

As receitas provenientes das províncias eram utilizadas, primeiro, no atendimento das necessidades locais. Se, depois disso, sobrasse alguma quantia em dinheiro, deveria ser remetida para Baitul Mal.

Durante o período do Califado Probo, a distribuição de renda também foi posta em prática com justiça, e sobre as transações comerciais e os negócios em geral não incidiam juros. Os comerciantes cuidavam com bastante escrúpulo para que nenhum dinheiro ilícito fosse incluído em suas receitas. O governo recolhia o *zakat* dos ricos e abastados e o repassava na conformidade com os casos previstos na legislação, isto é, os pobres, os viajantes, estudantes, etc. Omar (r.a.a.) iniciou o sistema de distribuição de estipêndios ao povo. Este sistema continuou até os períodos de ‘Ali e Hasan (r.sa.a.). Isso ajudou bastante a que as pessoas comuns usufruíssem um pouco

da prosperidade. Sob este sistema, qualquer um, liberto ou escravo, homem ou mulher, velhos e crianças, todos recebiam regularmente uma considerável quantia em dinheiro para o seu próprio sustento. Foi um sistema único de bem-estar coletivo, sem qualquer precedente na história da humanidade.

Alguns historiadores são de opinião que o Islam foi divulgado pela força da espada. Porém, aqueles que pensam assim, ou estão equivocados ou agem de má fé. Já vimos nos capítulos anteriores que a mensagem do Islam foi de amor e amizade. Apesar de o Islam querer que os seres humanos adotassem a senda reta do Criador, o Profeta (s.a.w.) jamais teve a intenção de usar a força para convencer quem quer que fosse, ou qualquer comunidade. Foram os não-muçulmanos que obrigaram os muçulmanos a se defenderem. Na época em que o Profeta viveu em Meca, os muçulmanos foram submetidos a uma opressão desumana e no final eles foram obrigados a abandonar seus lares, seus amigos, sua terra natal e partir. Ainda assim, os inimigos do Islam não ficaram satisfeitos e começaram atacar Medina com freqüência, e o Profeta e seus seguidores não tiveram outra alternativa se não combater os inimigos do Islam.

Depois da morte do Profeta (s.a.w.) surgiram uma série de problemas, a discórdia dos renegados, dos falsos profetas e outros. Portanto, o primeiro Califa teve que enfrentar os rebeldes. Enquanto isso, os impérios vizinhos se preparavam para atacar a Arábia com a intenção de erradicar o Islam e os muçulmanos da face da terra. Então, os muçulmanos, mais uma vez, se prepararam para o confronto com o inimigo. Desta vez, eles não deram oportunidade para que fossem atacados para só depois resistir, e tomaram a iniciativa de esmagar os inimigos que estavam tentando e se preparando para atacar os muçulmanos.

O objetivo dos muçulmanos nunca foi impor sua religião a ninguém. É bem verdade que, antes de começarem as lutas, eles apresentavam três condições, a saber:

1) Não haveria confronto se a nação beligerante aceitasse o Islam e se tornasse irmã.
2) A nação beligerante (se não quisesse aceitar o Islam) deveria se submeter ao estado islâmico e pagar a *jizya*. E, naquela época, isto não era considerada uma exigência injusta, porque era o sistema predominante;
3) Se a nação beligerante não concordasse com uma das condições acima, então a guerra seria o último recurso.

Como já foi dito antes, foram as potências não-muçulmanas que tentaram atacar os muçulmanos e erradicar o Islam, o que os obrigou a frustrar aqueles objetivos. Mesmo assim, os muçulmanos ofereciam, em primeiro lugar, propostas de paz. Não se tratava de impor o Islam ou o seu domínio sobre os não-muçulmanos e sim, segundo a ordem vigente naquela época, um esforço para evitar a guerra. Porém, conforme os registros históricos nos dão conta, as propostas de paz nunca foram aceitas e quase sempre a guerra foi desencadeada como um último recurso. Praticamente em quase todas as guerras durante o período dos Califas probos os muçulmanos foram vitoriosos, mas não encontramos um único exemplo de que alguém tenha ingressado nas fileiras do Islam à força. Na verdade, o Islam proíbe terminantemente o uso da força em questões de religião e fé. Aceitar ou não o Islam é uma questão de foro íntimo das pessoas e elas aceitam se quiserem. No Islam, o ser humano goza de liberdade de crença, pensamento e consciência. Por esta razão, os muçulmanos jamais obrigaram ninguém, nem mesmo os prisioneiros de guerra, a aceitar o Islam. A Pérsia, o Iraque, a Síria e o Egito aceitaram o Islam mas não como conseqüência de suas respectivas derrotas para os muçulmanos. Eles aceitaram a religião depois de um século, por vontade própria, quando

ficaram impressionados com os ensinamentos do Islam e o caráter nobre dos muçulmanos. Não há dúvida de que o caráter dos governantes muçulmanos que se seguiram mais tarde não se compara ao dos califas probos, no entanto eles ainda eram melhores do que os que existiam antes da chegada dos muçulmanos. Portanto, o correto é dizer que o Islam se espalhou pelo mundo por suas próprias qualidades e não pela força.

Durante as guerras, a conduta do exército muçulmano era muito superior à dos exércitos não-muçulmanos. Quando os muçulmanos partiam para uma campanha, o Califa em pessoa instruía os soldados: “Não matem velhos, crianças, mulheres e desamparados. Não destruam as habitações ou ponham abaixo as árvores frutíferas. Padres e freiras não devem ser molestados ou mortos.” Essas instruções foram seguidas à risca pelos exércitos islâmicos por onde passaram. Não há registro de qualquer violência ou opressão praticadas por eles. Pode-se compreender o caráter e comportamento do exército muçulmano no seguinte exemplo: quando, depois da queda de Damasco, os muçulmanos entraram na cidade, as cristãs vieram para as varandas de suas casas para verem os soldados passar. Porém, nenhum dos soldados olhou para elas, porque o Alcorão proíbe olhar para mulheres desconhecidas.

Ao tratamento dispensado aos não-muçulmanos, já descrito nos capítulos anteriores, pode-se acrescentar que eles gozavam de plena liberdade em todos os campos. Podiam praticar suas obrigações religiosas e, em hipótese alguma, foram obrigados, ou se sentiram obrigados, a trocar sua religião pelo Islam. Certa vez, Omar (r.a.a.) convidou um escravo seu a aceitar o Islam, porém ele recusou terminantemente e Omar não disse nada. Embora o estado islâmico fosse um estado ideológico, as pessoas que não acreditavam no Islam podiam manifestar suas divergências ideológicas. No sistema educacional, nenhum não-muçulmano foi obrigado a receber os ensinamentos do Islam.

O objetivo da política adotado pelos califas probos em relação à escravidão foi de aboli-la gradualmente. Eles desestimularam a compra de novos escravos e incentivaram a libertação dos escravos mais velhos.

O cuidado com o caráter e conduta dos muçulmanos também foi uma das principais responsabilidades do Califado. O adultério, a bebida, o jogo, etc, eram considerados crimes sociais e aqueles que os cometessem eram punidos de acordo com as normas da *Shariah*.

Em resumo, pode-se dizer que embora o Califado Probo tivesse sido eficaz por um curto período, cerca de trinta e dois anos, no entanto, suas conquistas e espírito ainda permanecem vivos. O que foi alcançado neste curto período, muitos grandes impérios tentaram e não conseguiram, nem mesmo em séculos. A revolução trazida pelo Islam para a vida e o comportamento humanos tomou sua forma prática durante o Califado Probo. Foi, na verdade, uma amostra, um exemplo para a sociedade humana, de que pode ser posto em prática, de que é eficaz. Portanto, o registro do Califado Probo ainda permanece como um convite, um chamado a ser aceito pelo homem que procura a perfeita forma de vida. De acordo com o famoso historiador inglês, H.G. Wales, o Islam obteve a supremacia sobre as demais nações porque foi o melhor sistema social e político de seu tempo.

Às vezes, alguns pensadores políticos e sociais levantam uma questão a respeito do Califado: segundo eles, se o Califado Probo foi o melhor sistema político, social e religioso de seu tempo, por que, então, não sobreviveu a mais de três décadas? A resposta é muito simples. Não sobreviveu por um tempo maior por causa dos erros e imperfeições dos homens e não porque o Islam seja imperfeito ou contenha erros.

Na verdade, naquele tempo, as faculdades mentais do homem não eram maduras o suficiente para apreender a utilidade do sistema. O homem ainda tinha que passar por uma evolução mental. É verdade que no mundo todo as pessoas aceitaram o Islam em grande número, mas mesmo essas pessoas não conseguiram compreender completamente o sistema político islâmico. A maioria das pessoas achava que, como várias outras religiões, o Islam fosse a fonte da salvação e emancipação para a outra vida. Elas ignoraram o fato de que o Islam se preocupa não só com o indivíduo mas também com o coletivo, e enquanto o coletivo não estiver no caminho correto, o indivíduo não tem condições de praticá-lo como deve ser praticado. Portanto, para o Islam não há como deixar a vida coletiva, a vida social e política, por sua própria conta, mas as pessoas fizeram isto. Elas ignoraram o conjunto coletivo da vida organizacional do Islam e adotaram formas seculares, e o sistema do Califado não teve como continuar por mais tempo.

Há, ainda, um outro ponto a ser considerado. Foi apenas o Islam que durou em sua forma ideal por quarenta anos (contando, inclusive, com o período do Profeta). Não há outro sistema, capitalismo, socialismo, comunismo, sionismo ou qualquer outro *ismo* que tenha se estabelecido em sua forma ideal por um único dia. A maior parte do sistema islâmico não só permaneceu intacta como dominou o mundo civilizado por doze séculos. Até hoje, somente o Islam conseguiu ser bem sucedido no enfrentamento de todas as questões do mundo.

O que dizer das pessoas vivendo há quatorze séculos atrás, se mesmo hoje ainda existem pessoas, muçulmanas e não-muçulmanas, que falam sobre a separação entre política e religião. Essas pessoas na verdade desconhecem os verdadeiros ensinamentos do Islam, e são defensoras cegas de correntes políticas com o nome e estilo de “diplomacia”, que não prezam ou apóiam os valores morais.

Elas não querem que a religião ou os valores morais se interponham em seu caminho.

Se o homem deve sobreviver neste planeta e tem o desejo de usufruir a vida humana, ele deve adotar a justiça em todas as esferas da vida, inclusive a política e social. A equidade e a igualdade devem ser os princípios básicos de todas as atividades políticas e sociais. Porém não se alcançam esses objetivos sem o respeito aos valores morais. É verdade que o homem, hoje, tem muitas formas de vida e ideologias, porém como são feitas pelo homem, em lugar de proporcionarem paz mental e satisfação, pelo contrário, só fazem aumentar a cada dia o perigo de destruição total e até de aniquilação total do homem. Para evitar esta catástrofe, o homem deve aproveitar o momento e tentar experimentar a forma de vida que o Criador outorgou a todos nós. Se o homem se dispuser a resgatar isto, deve voltar sua atenção para o Califado islâmico.

OS CALIFAS PROBOS

Abu Bakr Siddiq	– 11 a 13 H.	– 632 a 634 d. C.
Omar Faruq	– 13 a 24 H	– 634 a 645 d. C.
Osman Ghani	– 24 a 35 H	– 645 a 655 d. C.
‘Ali Murtaza	– 35 a 40 H	– 655 a 661 d.C.
Hasan bin ‘Ali	– 40 a 41 H	– 661 a 662 d. C.

BATALHAS IMPORTANTES

Batalha de Yarmuk	13 H	– 634 d.C.
Batalha de Qad’sia	15 H	– 636 d. C.
Conquista do Egito	21 H	– 641 d. C.
Batalha de Nahwand	22 H	– 642 d.C
Batalha do Camelo	26 H	– 656 d. C.
Batalha de Siffin	26, 27 H	– 657 d.C.